UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas

Taynara Ribeiro Pessoa

O LIVRO DE JÓ: Reflexões para uma estética comparada do discurso literário-religioso

Taynara Ribeiro Pessoa

O LIVRO DE JÓ: Reflexões para uma estética comparada do discurso literário-religioso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito a obtenção do grau de Mestre em Ciências Humanas.

Orientadora: Profa. Dra. Adna Candido de Paula.

Diamantina 2017

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM Bibliotecário Anderson César de Oliveira Silva, CRB6 – 2618.

P4751 Pessoa, Taynara Ribeiro

O Livro de Jó: reflexões para uma estética comparada do discurso literário-religioso / Taynara Ribeiro Pessoa. – Diamantina, 2017. 203 p.

Orientadora: Adna Candido de Paula

Dissertação (Mestrado Profissional – Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Literatura e sagrado.
 Crítica literária.
 Livro de Jó.
 Teoria literária.
 I. Paula, Adna Candido de. II. Título. III. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

CDD 223

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

TAYNARA RIBEIRO PESSÔA

O LIVRO DE JÓ: Reflexões para uma estética comparada do discurso literário-religioso

Dissertação apresentada ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS - STRICTO SENSU, nível de MESTRADO como parte dos requisitos para obtenção do título de MAGISTER SCIENTIAE EM CIÊNCIAS HUMANAS

Orientador : Prof.ª Dr.ª Adna Candido De Paula

Data da aprovação : 31/08/2017

Prof.ª Dr.ª CRISTINE GORSKI SEVERO - UFSC

O. 12 - 6 fu

Prof.Dr. GUSTAVO HENRIQUE RUCKERT - UFVJM

Prof.ª Dr.ª ADNA CANDIDO DE PAULA - UFVJM

Prof.ª Dr.ª ADNA CANDIDO DE PAULA - UFVJM

Para Maria Efigênia Caldas Ribeiro Leite e Delmo Ribeiro Leite.

À memória de Jó Neves, que suportou com resiliência as lembranças de uma das maiores barbáries de nossa história moderna, a 2ª Guerra Mundial.

Agradeço a Deus, presença sublime e forte em minha vida, só nós dois sabemos os caminhos tortuosos e difíceis enfrentados durante esse percurso. Não fui eu que escolhi Jó, foi ele quem me escolheu.

À minha querida orientadora Adna Cândido de Paula, faltariam adjetivos para descrever o quanto te admiro, minha profunda gratidão por me ensinar que um caminho só se constrói caminhando. Obrigada por fazer de mim uma pesquisadora, por respeitar o meu processo de amadurecimento na pesquisa e, sobretudo por acreditar em mim.

Ao professor Roberto Penedo Amaral pelas dicas valiosas. Ao professor Gustavo pelas correções e direcionamentos.

Aos meus amigos por compreenderem minhas ausências.

Ao Valdinei Pedro por todo apoio, meu caminho ficou mais leve porque você estava ao meu lado. Obrigada por escutar minhas angústias, pelas noites em claro e pelas palavras de conforto.

Ao Diego pelo carinho e parceria em todos os momentos.

À minha família que continuou depositando toda confiança em meus estudos. Vó Efigênia, Alcione, Tia Eliane, Natália e Thyago. Amo vocês!

À Anna Carolina por me ensinar o sentido da palavra resiliência.

Ao Olivaldo pelo amparo nos momentos difíceis.

O mal e o sofrimento

Leandro Gomes de Barros

"Se eu conversasse com Deus *Iria lhe perguntar:* Por que é que sofremos tanto Quando viemos pra cá? Que dívida é essa Que a gente tem que morrer pra pagar? Perguntaria também Como é que ele é feito Que não dorme, que não come E assim vive satisfeito. Por que foi que ele não fez A gente do mesmo jeito? Por que existem uns felizes E outros que sofrem tanto? Nascemos do mesmo jeito, Moramos no mesmo canto. Quem foi temperar o choro E acabou salgando o pranto?"

RESUMO

A proposta desta pesquisa concentra-se na análise crítica do *Livro de Jó*, a partir de uma que contempla o viés literário e religioso da obra, para tanto, utilizamos um modelo hermenêutico possível para configuração de uma prática interdisciplinar dentro dos estudos da teoria literária, objetivando construir uma teia dialógica entre as teorias, onde cada uma dessas contribui com sua abordagem ou, ao menos, dialoga com as demais. O *corpus* literário desse trabalho é composto, portanto, pelo *Livro de Jó*, lido e analisado por meio da *Bíblia de Jerusalém*. Buscou-se a divisão da análise a partir das próprias demarcações inseridas no texto, são elas: Primeiro Ciclo de Discursos, Segundo Ciclo de Discursos, Terceiro Ciclo de Discursos, Elogio da Sabedoria, Discursos de Eliú e Os discursos de Iahweh. A análise dessas partes cria uma autonomia dentro do texto ao mesmo tempo em que colabora para a compreensão do todo, isso porque elas dialogam em um balanço entre o sagrado, o profano e o sofrimento humano. Finalmente, tendo estabelecido uma série de perspectivas sobre a literatura e o sagrado, e a construção crítica de textos que nos fornecem esse material, este trabalho pretende contribuir com a fortuna crítica de estudos bíblicos no âmbito da academia, assim como somar à produção crítica sobre o *Livro de Jó*.

Palavras-chaves: Literatura e sagrado. Crítica literária. Livro de Jó. Teoria literária

ABSTRACT

The proposal of this research focuses on the critical analysis of the Book of Job, from a perspective that contemplates the literary and religious bias of the work, for that, we use a possible hermeneutic model for the configuration of an interdisciplinary practice within the studies of the theory In order to construct a dialogical web between theories, where each of them contributes with its approach or, at least, dialogues with the others. The literary corpus of this work is therefore composed of the Book of Job, read and analyzed through the Bible of Jerusalem. The division of the analysis was sought from the demarcations inserted in the text, they are: First Cycle of Discourses, Second Cycle of Discourses, Third Cycle of Discourses, Praise of Wisdom, Discourses of Eliú and The discourses of Yahweh. The analysis of these parts creates autonomy within the text while at the same time collaborating to understand the whole, because they dialogue in a balance between the sacred, the profane and human suffering. Finally, having established a series of perspectives on literature and the sacred, and the critical construction of texts that provide this material, this work intends to contribute with the critical fortune of biblical studies within the scope of the academy, as well as to add to the critical production on The Book of Job

Keywords: Literature and sacred. Literature critics. Book of Job. Literary Theory

.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A LITERATURA SAPIENCIAL	18
3 O INIMIGO	29
4 PRIMEIRO CICLO DE DISCURSOS	39
4.1 SEGUNDO CICLO DE DISCURSOS	65
4.2 TERCEIRO CICLO DE DISCURSOS	80
4.3 ELOGIO DA SABEDORIA	89
4.4 CONCLUSÃO DO DIÁLOGO	92
5 DISCURSOS DE ELIÚ	99
6 EU SOU AQUELE QUE É - YAHWEH	104
6.2 EPÍLOGO	109
7 CONCLUSÃO	111
ANEXO A – LIVRO DE JÓ	113
ANEXO B - REI ÉDIPO - SÓFOCLES	159
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	200

1 INTRODUÇÃO

A etimologia da palavra resiliência¹, assim como seu significado, indicam os caminhos pelos quais enveredamos na tentativa de explicar algo que, talvez, seja intraduzível em discurso e para o qual as definições denotativas não sejam suficientes. Sendo assim recorremos a uma perspectiva há muito discutida por Saussure (1970) no âmbito da linguagem, ao estabelecer a ligação entre o signo e a coisa. Que podemos nós diante do mundo e da vida, se não sermos resilientes? Que pôde $J\delta$? Há um caráter filosófico, senão, quase teológico, nessas interrogativas, ao qual acrescentamos a reflexão do literário. Isso porque, dentro da perspectiva que norteia esse trabalho e de todo âmbito da pesquisa que se desenvolveu, especula-se que todas essas disciplinas, se assim couber defini-las nesse momento, estão imbricadas, em pontos que se conectam e se distanciam ao mesmo tempo.

Guimarães Rosa, em entrevista a Günter Lorenz (1991), dizia que a religião é uma temática poética e a poesia surge da modificação da linguagem, dessa forma, na perspectiva roseana, ao formarmos palavras, pode acontecer de criarmos religiões. O autor afirma que, quando escreve, quer se aproximar de Deus, às vezes, demasiadamente. Isso porque acredita que sua escrita é uma metafísica da linguagem, e que essa produção quando considerada a partir dessa premissa, torna-se um conceito blasfemo, colocando o homem no papel de amo da criação.

O homem ao dizer: eu quero, eu posso, eu devo, ao se impor isso a si mesmo, domina a realidade da criação. Eu procedo assim, como um cientista que também não avança simplesmente com a fé e com pensamentos agradáveis a Deus. Nós, o cientista e eu, devemos encarar a Deus e o infinito, pedir-lhes contas, e, quando necessário, corrigi-los também, se quisermos ajudar o homem. Seu método é meu método. O bem-estar do homem depende do descobrimento do soro contra a varíola e as picadas de cobras, mas também depende de que ele devolva à palavra seu sentido original. Meditando sobre a palavra, se descobre a si mesmo. Com isto repete o processo da criação. Disseram-me que isto era blasfemo, mas eu sustento o contrário. Sim! a língua dá ao escritor a possibilidade de servir a Deus corrigindo-o, de servir ao homem e de vencer o diabo, inimigo de Deus e do homem. A impiedade e a desumanidade podem ser reconhecidas na língua. Quem se sente responsável pela palavra ajuda o homem a vencer o mal (LORENZ *apud* COUTINHO, 1991, p. 62-97).

¹De acordo com o dicionário Aurélio, resiliência é substantivo feminino, com significado literal de: propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica. O termo tem, como sentido figurado: capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças. A etimologia da palavra no latim *RESILIRE*, "ricochetear, pular de volta", e do grego *KOUPHÓS*

[&]quot;em relação à luz que se reflete", ou HYGRÓS "no sentido de aquilo que se dobra".

Consideramos a perspectiva roseana, por entender a arte como parte do sublime, pois, de acordo com Karl-Josef Kuschel (1999), não é impossível que elas caminhem juntas, porque a arte não busca ser a procura por outra teologia. A arte não tem a pretensão de substituir Deus pelos poetas, mas ela pode construir por meio da estética um discurso sobre Deus vigente e apropriado. Assim, sob esse aspecto, compreender a literatura como uma expressão do sagrado possibilita reflexões sobre a existência e a comunhão com o divino, intrínseco a todos nós, a partir de uma nova dimensão. Kuschel cita Hermann Hesse como um dos autores que admite essa nova perspectiva, ao dizer: "Deus vive em mim, morre em mim, Deus sofre / em meu peito, e isso é para mim uma meta suficiente / caminho ou descaminho, broto ou fruto,/ tudo é uno, tudo são nomes e só" (HESSE apud KUSHEL, 1999, p. 213).

Compreendemos que existe uma relação entre a linguagem poética e a religiosateológica, e que esta relação ainda vivencia um conflito quando se trata da teoria e crítica de análises de textos de cunho religioso. Percebemos que apesar dos discursos literário-religioso se entrecruzarem, principalmente na linguagem, é também por meio dela que se distanciam, porque a linguagem em sua rede de significados e estruturas possibilita diferentes interpretações de um mesmo objeto. De acordo com Adna C. Paula (2011), a literatura e a religião dialogam, existe entre elas uma semelhança entre seus discursos que autoriza a interdisciplinaridade. A autora ainda explica que a religião apresenta um discurso figurado, alegórico, muito próximo do discurso metafórico da literatura. Porém, a alegoria, no campo dos textos místicos e religiosos, busca o ensinamento da moral, da verdade e dos dogmas. Enquanto a metáfora literária, que também se apropria da alegoria, não tem comprometimento com a verdade, independente de qual noção de "verdade" esteja sendo veiculada. Dessa forma, a diferença entre os discursos literário e religioso não está no âmbito dos sentidos e, sim, no campo de ação de cada um: o religioso, no domínio da moral, na perspectiva deontológica, e o literário, no domínio da ética, na perspectiva teleológica. As obras de ficção não ditam regras comportamentais a serem seguidas, mas elas representam ações que podem ser tomadas como modelos, não como regras.

O trabalho ora apresentado teve seu ponto de partida na pesquisa de iniciação científica *Gramáticas da Criação: Uma relação Interdisciplinar entre Literatura e Religião*, realizada no âmbito da graduação, que teve como objetivo principal observar a pertinência da relação interdisciplinar entre Literatura e Religião a partir da obra de dois críticos literários: George Steiner, autor de *Gramáticas da Criação*, e, Harold Bloom, autor de *Abaixo as verdades sagradas: poesia e crença desde a bíblia até nossos dias*. Essa pesquisa se deu com

a análise teórica metodológica da crítica literária produzida pelos respectivos autores sobre alguns textos literários de cunho religioso, dentre os quais destacou-se a obra *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri.

Considerando-se as análises realizadas à época constatou-se que a crítica literária religiosa-teológica, que vem sendo realizada nas últimas décadas, tem priorizado visões parciais sobre o objeto literário, em sua maioria, voltando-se, exclusivamente, para o conteúdo das obras e pouco, ou nada, refletindo sobre a articulação deste com a estrutura. Sabe-se, ao se considerar as reflexões de pensadores, tais como, Lucien Goldmann, Walter Benjamin, Aristóteles, Friedrich Nietzsche, que estes dois aspectos de uma obra literária são indissociáveis e que deveriam ser analisados em conjunto. Essa perspectiva de entender e abordar a obra como um todo articulado naquilo que comunica e na forma como essa comunicação se dá impulsionou-nos a realizar, no que diz respeito ao Livro de Jó, uma crítica voltada, num primeiro momento, para a própria obra e sua linguagem. Trata-se de apresentar uma perspectiva diferenciada em relação à fortuna crítica produzida sobre o Livro de Jó, que é, frequentemente, estudado naquilo que comunica, mas, raramente, na forma como o faz. Priorizamos realizar essa primeira fase da análise por acordar com a reflexão de Wolfgang Kayser (1976), teórico alemão, que afirma que as frases e as estruturas de uma obra literária têm a capacidade de provocar a sua própria objectualidade, ou seja, seu próprio sentido. O autor afirma dessa maneira que o universo de uma obra seria totalmente diverso se alterássemos sua linguagem, ou seja, as inversões, as pausas, os ritmos, as pontuações. Percebemos, assim, como esses elementos colaboram para a construção e caracterização possível de obras literárias. Porém, não se pretendeu com esta análise encontrar uma interpretação definitiva para a obra literária do Livro de Jó, o que seria um contrassenso para o entendimento de que a obra jamais cessa de comunicar e de que os significados depreendidos de sua materialidade linguística e estrutural exigem a coparticipação do leitor, responsável por desdobrar os níveis semânticos imanentes a fim de manifestá-los. Buscou-se, outrossim, construir, por meio de um exercício hermenêutico de literatura, uma análise que abordasse a estrutura da obra e, dessa forma, oferecesse uma dimensão desta para interpretações outras...

Para compreender a metodologia de análise que priorizamos, faremos uma breve retomada sobre o conceito do objeto literário e a cronologia da crítica literária ao longo dos séculos. Para tanto, recorremos a uma célebre passagem do poetaUlisses na Odisséia: "Demódocos, coloco-te acima de todos os homens mortais!", Ulisses ao elogiar o poeta

Demódocos, relaciona sua capacidade de narrar a um dom concedido pelas divindades e à generosidade de Zeus. A passagem assinalada possibilita uma primeira reflexão sobre a origem da literatura, sua natureza e função. Nessa perspectiva, a criação literária estaria orientada por uma inspiração divina e a natureza da narrativa seria vinculada ao poder de encantamento que ela produz, sua função era cantar os grandes feitos dos heróis, fortalecendo o imaginário coletivo da comunidade. Obviamente, a poesia de Homero não construiu uma teoria que articulou conceitos e métodos sobre o objeto literário, mas as representações de ordem mítica dão início às primeiras observações a respeito da literatura e da análise crítica dos poemas clássicos até sua transformação em objeto de teorização.

A análise literária assume perspectivas mais definidas com Platão (séc. V-IV a.C) e Aristóteles (séc. IV a.C), filósofos gregos, que discutiram o caráter do objeto literário, assim como sua função social para a sociedade na Antiguidade Clássica. Platão se ocupa da reflexão em *A República*, *e* Aristóteles na *Poética*, porém, não pretendemos nos ater às teses defendidas pelos autores, o que se quer é apenas realçar a pertinência da problematização dos estudos literários e seus respectivos métodos críticos, visto que, depois das formulações propostas por estes filósofos, a sociedade ocidental nunca mais abandonou o conjunto de questões que se formularam sobre o objeto literário.

Duas disciplinas, ambas surgidas na Antiguidade Clássica, contribuíram para os estudos da literatura, estabelecendo normas e diretrizes para a produção literária e sua avaliação crítica. A primeira delas, a retórica, tinha como objetivo analisar os recursos possíveis de dotar de eficiência a argumentação e o trato com as palavras. Enquanto a segunda, a poética, reconhecida na obra de Aristóteles, ocupava-se dos estudos dos gêneros. As duas disciplinas caminharam lado a lado durante um longo período, delimitando grande parte das reflexões sobre a literatura, entretanto, na passagem do século XIX para o XX, no período pós-romântico, o historicismo, tendência intelectual do período, entra em cena e modifica e amplia o âmbito das análises literárias, que, a partir desse momento, se veem atreladas às pesquisas históricas.

Essa mudança de paradigma deu início ao surgimento de diversas correntes teóricas que influenciam a produção teórico-crítica de literatura até os dias atuais. Dentre as correntes que se destacaram, a partir do referido período, temos: as teorias semióticas e semiológicas, a teoria formalista, a teoria estruturalista, a teoria fenomenológica, a teoria psicanalítica, a teoria do *new criticism*, a teoria da estética da recepção, a teoria marxista, a teoria genética, a teoria desconstrutivista, a teoria dos estudos culturais e ainda outros estudos

derivados dessa última. É importante ressaltar que apesar de as teorias literárias contemporâneas refutarem os modelos de crítica produzidos no século XIX, tais como as críticas subjetivistas e naturalistas, ainda assim esses modelos exercem grande influência no ensino de literatura e em muitas produções de análises críticas atuais.

Portanto, o que se pretende elucidar com a análise do livro de Jó são as reflexões construídas sobre uma proposição de produção crítica mais pertinente, que coloca em diálogo as teorias literárias e a hermenêutica proposta por Paul Ricoeur², De acordo com Terry Eagleton: "A palavra 'hermenêutica' limitava-se originalmente à interpretação das escrituras sagradas, mas no século XIX ela teve seu âmbito ampliado, passando a compreender o problema da interpretação textual como um todo" (EAGLETON, 2006. p. 101). A tradição dos estudos sobre a hermenêutica vem de longa data, como se pode observar com as obras de W. Dilthey, Friedrich Schleiermacher, E. D. Hirsch, George Gadamer, Martin Heidegger, e Paul Ricoeur, este último pauta a concepção metodológica de análise que utilizamos. Não buscaremos aqui explicar a trajetória de evolução da hermenêutica, mas, sim, contextualizar, de maneira muito sucinta, as contribuições da filosofia ricoeuriana para a teoria e para a crítica literária, na perspectiva da pesquisadora Adna Candido de Paula. De acordo com Paula (2008), Paul Ricoeur dialogou com a tradição hermenêutica e propôs a configuração do arco hermenêutico, que ampliou a compreensão da teoria da interpretação. O arco hermenêutico compreende três momentos da interpretação: (i) o da pré-compreensão, também chamado de conjectura, que representa o primeiro contato com objeto/discurso a ser interpretado; nesta fase o interpretante faz uso de seu conhecimento de mundo, sua perspectiva histórica de interpretação, com tudo que ela compreende, sua dimensão política, social e ideológica; (ii) a da explicação, que representa a segunda fase na qual se utiliza o método fenomenológico, herdado de Edmund Husserl, da epoché; trata-se de colocar entre parênteses todos os elementos externos à materialidade do objeto/discurso a ser interpretado, permitindo que se atente para a complexidade dessa estrutura; (iii) o da compreensão, propriamente dita, no qual os parênteses da segunda fase são retirados e, após se observar e analisar em profundidade a dimensão estrutural, volta-se a inserir no ato interpretativo as dimensões histórica, social, política, ideológica, entre outras. O arco hermenêutico permite que se interprete um objeto/discurso em sua totalidade possível, considerando sua dimensão formal e de conteúdo, além de considerar o importante sentido da historicidade da interpretação, tanto na fase da conjectura quanto na da compreensão.

-

²A pesquisa "Teoria Literária e Hermenêutica Ricoeuriana: Um Diálogo Possível" foi desenvolvida pela pesquisadora Adna Candido de Paula.

O filósofo francês elaborou sua teoria da interpretação a partir da análise de métodos, tais como, o da exegese, passando pelos métodos da história, da psicanálise e da fenomenologia da religião, seu objetivo era propor uma ontologia da compreensão. Paula (2008) denomina a estrutura do discurso filosófico ricoeuriano como teia dialógica e nos apresenta sua proposição da tríplice *mimesis*, elaborada para o estudo dos textos:

A primeira mimesis é a pré-figuração, ou seja, é a pré-compreensão comum do mundo que, em termos literários, representa as escolhas que o escritor faz dos elementos que ele elege no mundo real para serem transformados esteticamente no mundo ficcional da poesia ou da prosa. A segunda mimesis é a configuração, tratase da relação entre escritor e obra, mais especificamente, é o trabalho de configuração estética empreendida pelo autor no tratamento dado ao material colhido na pré-figuração. A configuração é o intermédio entre a pré-figuração e a refiguração que representa a terceira mimesis. É na refiguração que se dá a junção entre o mundo do texto e o mundo do leitor, visto que é no ato de leitura que esse primeiro se manifesta. O texto ganha, na configuração, autonomia em relação ao autor e ao contexto visto que ela constrói um todo heterogêneo que tem por referência o mundo mimetizado, mas que, por outro lado, se distancia dele pela inovação metafórica; nesse sentido, toda narrativa é uma concordância discordante. Como referência primeira que se abre potencialmente para a segunda referência, a narrativa ficcional oferece, à realidade comum, novas possibilidades de ser no mundo (PAULA, 2012, p. 244).

É necessário frisar que os estudos do filósofo não eram direcionados para o estudo e criação de teorias literárias, entretanto o que Paula nos aponta é que sua teoria da interpretação oferece um modelo para se problematizar as teorias literárias. A autora elenca duas contribuições principais: a primeira é de ordem temática, pois ele configura o mundo do texto como um mundo poético e ético, além de tratar de temas como temporalidade, historicidade, representação e o caráter polissêmico da linguagem; a segunda contribuição é de ordem formal e também temática, é uma questão de posicionamento perante o outro, compreendido aqui como o texto, essa contribuição faz parte da prática de se disponibilizar para a leitura, para escutar o que ela de fato tem a nos dizer.

Os estudos de Paula sobre a filosofia ricoeuriana permitiram à pesquisadora elaborar uma proposição de diálogo entre as teorias literárias, baseada no princípio de respeito à manifestação dos sentidos do texto no ato da leitura, o que está na contramão da noção de "aplicação" de teorias literárias no processo de análise das obras. Por compartilhar e acreditar em um processo menos excludente e mais plural de análise crítica literária, nos apropriarmos dessa metodologia, a respeito da qual voltaremos a tratar, com mais detalhes, antes da realização da análise do *Livro de Jó*.

Com relação aos estudos que confluem literatura e religião é importante ressaltar o percurso já instaurado por alguns estudiosos. Essas considerações ganham uma conotação valiosa frente ao questionamento que embalou parte da pesquisa, a necessidade de inserção dos estudos do objeto bíblico no campo da literatura. Antônio Geraldo Cantarela (2014), pesquisador e teórico, apontou dados que colaboram para a compreensão do status da teopoética nos estudos literários brasileiros nas últimas décadas. Cantarela analisou diversos fatores que contribuíram, ou não, para o número de produções no campo de estudo que abordam a conexão entre a literatura e a religião. Alguns dos tópicos foram o gênero, a idade dos pesquisadores, as instituições de filiação, a titulação e a área do conhecimento ao qual são vinculados e, por fim, as produções bibliográficas resultantes das pesquisas, as quais daremos ênfase. Segundo o autor, em pouco mais de dez anos, entre 2002 e 2012, foram listados 103 pesquisadores atuantes na área da teopoética, que, no cumulativo, produziram 512 publicações, entre livros, capítulos de livros, artigos e textos completos publicados em anais, além de teses e dissertações. Dentro dos critérios estabelecidos pela pesquisa de Cantarela, sob o julgamento de volume de publicação, os principais pesquisadores em Teopoética no Brasil são: José Carlos Barcelos, Eli Brandão, Carlos Caldas, Douglas Rodrigues da Conceição, Salma Ferraz, Eduardo Gross, João Leonel, Antonio Magalhães, Antonio Nery, Cleide Oliveira, Alessandro Rocha, Anaxsuell Silva, Suzi Sperber e Waldecy Tenório. Todos esses pesquisadores compartilham um traço em comum, apesar das distintas temáticas nas pesquisas, todas elas têm um fio condutor que estabelece a interface entre a literatura e a religião. Elencamos essas informações a título de reafirmar a importância dos estudos literários vinculados à religião.

Diversas são as perspectivas para se relacionar as interfaces entre a religião e a literatura, porém, sempre se faz necessária a demarcação de qual eixo pretendemos nos ater, isso porque os estudos do sagrado na literatura se enviesaram por mais de um caminho. A perspectiva de nossos estudos é a de compreender e abordar a Bíblia como obra literária, sem desconsiderar seu caráter religioso. Diante disso, partimos da premissa de que a Bíblia é, assim como outros textos, objeto de interpretação, e mesmo aqueles mais descrentes dessa compreensão podem refletir sobre o processo de construção do texto bíblico para entender que lidamos com releituras e interpretações da obra, produzidas por redatores e tradutores ao longo de mais de mil anos.

A associação entre a literatura e a religião emerge no campo do simbólico por meio da linguagem metafórica, é a partir da dimensão da linguagem que o sagrado se manifesta em obras literárias e a literatura traduz a beleza da religiosidade. Ainda vale salientar que a literatura e a religião colaboram para a reflexão dos conflitos do sujeito, por meio delas, confrontamos o desconhecido, diante do sagrado e da poesia alcançamos os níveis mais sublimes da subjetividade, porque assumimos nossa humilde condição humana perante a grandiosidade de Deus e da obra. Por isso, a cumplicidade entre o sagrado e a literatura agem como uma possibilidade de auxílio aos anseios do sujeito, ao que Kuschel afirma:

As obras dos grandes representantes da "literatura cristã" trataram de refletir sobre a problematização da fé e expressar a experiência de fragmentação e insondabilidade da existência piedosa. E isso marca uma distinção profunda entre esses escritores e uma massa de leitores ligados à Igreja, que se limitou muitas vezes a apropriar-se de forma indevida dos autores, com o intuito de apenas confirmar as próprias convições. A "literatura cristã" é melhor do que a fama que tem. (KUSCHEL, 1999. p. 14).

A religião e a literatura ao entrecruzar seus discursos, dialogam com o que há de mais fecundo na linguagem, no caso da religião, o mito, e no caso da literatura, a poesia. Refletindo sobre o caráter transformador da literatura, e a aparente finitude do sujeito frente à religiosidade, é possível entender como os estudos teológicos podem colaborar com a compreensão literária e o quanto a literatura enriquece as narrativas religiosas.

A Bíblia, assim como outros textos literários, é um produto da mente humana. Dito isto, não pretendemos desconsiderar os aspectos simbólicos religiosos que envolvem sua composição narrativa, apenas estamos delimitando que o livro sagrado foi produzido e escrito por pessoas reais que viveram em um período histórico concreto. Como os demais poetas, esses escritores usaram sua linguagem e os recursos literários disponíveis para se expressar, possibilitando, dessa maneira, que a leitura do material produzido possa ser feita a partir das condições que nos valemos para a compreensão e a análise da literatura em geral.

Entretanto, apesar das considerações delimitadas, é necessário refletir que a Bíblia é um legado comum a todo nós, independente de nossas crenças religiosas, por isso, dizer que a Bíblia é literatura não responde a todas as perguntas, será necessário construir uma análise do por que esse livro pertence ao rol do que consideramos literatura. Tratamos de literatura, aqui, em um sentido mais amplo do que se entende tradicionalmente, isso porque a poesia, os contos, os romances, as peças teatrais e os ensaios não são, exatamente, o que compõem a narrativa bíblica, apesar de a Bíblia também conter esse material, ela apresenta genealogias, epístolas, mensagens proféticas, orações, sabedoria proverbial e outros materiais.

A análise do *Livro de Jó* foi feita a partir da *Bíblia de Jerusalém*, livro organizado pela *École Biblique de Jerusalém*.

Os motivos dessa escolha devem-se ao fato de a edição do livro apresentar traduções mais fiéis dos textos bíblicos, tendo alguns inclusive sido traduzidos dos originais hebraico e grego, e, também, devido à autoridade científica que essa edição alcançou no meio acadêmico, sendo utilizada por diversos pesquisadores para realização de seus estudos, por apresentar notas com quadros cronológicos e índices temáticos que ajudam o leitor com referências geográficas, históricas e literárias.

O *Livro de Jó* tem exercido sobre a humanidade, em específico sobre os estudos da literatura, um grande fascínio, devido a dois aspectos centrais da história: o primeiro deles seria o sofrimento sem justificativa do protagonista, e o segundo a impossibilidade humana de entender os desígnios de Deus. A história, nesse sentido, nos conduz a questionamentos filosóficos que oscilam entre a bondade e a perversidade do criador, e entre a busca de uma explicação lógica e a aceitação do mistério da vida.

A religião e a religiosidade no *Livro de Jó* são explícitas devido à obra ser parte da Bíblia, livro de valor sagrado para religiões cristãs, por isso, a temática religiosa está imanente à obra se considerarmos o significado que esse tem para o cristianismo. Nesse sentido, para o compreender enquanto obra literária foi necessário construir, não somente a análise de seu conteúdo, mas, também, a estética da organização do texto. Ou seja, no âmbito do discurso e da linguagem da narrativa de Jó foi preciso nos orientar pela análise que investiga quais seriam as características que autorizam sua leitura e interpretação enquanto obra literária, para além de obra sacra.

O que fica claro na leitura do *Livro de Jó* é que a poética da narrativa é um elemento memorável. Os escritores hebreus apropriaram-se de convenções e técnicas altamente complexas, que, em muitos momentos, passam despercebidos pelos leitores que compreendem a Bíblia estritamente em termos teológicos. Curiosamente, é justo por meio dessa constatação que acreditamos na premissa de que, se a criação da obra de arte perpassa por uma inspiração divina, como afirma George Steiner (2003), o *Livro de Jó*, com certeza nos confirma isso.

Optamos por construir a análise do *Livro de Jó* a partir das divisões elucidadas pela própria obra, porém, antes de adentrarmos no texto, apresentamos no primeiro capítulo uma breve reflexão sobre as especificidades da Literatura Sapiencial e suas características.

O segundo momento do percurso constitui a análise da obra *Livro de Jó*, dividido em seis partes, são elas: Primeiro Ciclo de Discursos, Segundo Ciclo de Discursos, Terceiro Ciclo de Discursos, Elogio da Sabedoria, Discursos de Eliú e Os discursos de Iahweh. Toda essa análise busca ser a consolidação da prática interdisciplinar na produção crítica literária. Ainda é válido dizer que o *Livro de Jó* encontra-se disponível na íntegra nos anexos.

2 A LITERATURA SAPIENCIAL

O termo sapiencial designa aquele ou aquilo que tem sapiência, ou seja, que tem conhecimento. Na Bíblia³, a literatura sapiencial corresponde a cinco livros do Antigo Testamento: Jó, Provérbios, Eclesiastes, Eclesiástico e Sabedoria, esses dois últimos são considerados apócrifos. O que desperta curiosidade particular sobre os livros sapienciais, dentre os quais damos destaque a Jó, é o seu caráter não-bíblico. Explica-se esse conceito dando enfoque às diferenças de construções que essa literatura em especial apresenta em relação às demais narrativas do Antigo Testamento. Enquanto o Antigo Testamento tem como questões principais a lei e a história do povo de Israel, as literaturas sapienciais ocupam-se dos destinos dos indivíduos, da questão da retribuição, dos desígnios de Deus, do sofrimento humano e das experiências do sujeito perante o mundo.

Assim como a maioria dos livros veterotestamentários, quase nada se pode afirmar dos indivíduos que compuseram a literatura sapiencial e o *Livro de Jó*. Porém, embora não se tenha conhecimento de quem foram os autores da história do povo de Israel, ao qual, provavelmente, pertenciam esses escribas, alguns trechos do Antigo Testamento já apontavam para um grupo que ganha destaque na história de *Jó*, *corpus* desta pesquisa, os sábios.

Ainda carecemos de análises antropológicas que determinem, com exatidão, quem foram os sábios do Antigo Israel, porém, alguns pontos do Antigo Testamento demonstram que, provavelmente, havia uma classe distinta de pessoas que aconselhavam as demais, possuindo uma sabedoria particular. Em Reis 1 é descrita a fama de Salomão:

Deus deu a Salomão sabedoria e inteligência extraordinárias e um coração tão vasto como a areia que está na praia do mar. A sabedoria de Salomão foi maior que a de todos os filhos do Oriente e maior que toda a sabedoria do Egito. Foi mais sábio que qualquer pessoa: mais que Etã, o ezraíta, mais que os filhos de Maol, Emã, Cacol e

³De acordo com a Bíblia de Jerusalém, que utilizamos como *corpus* principal da pesquisa, o acréscimo de Salmos e Cânticos dos Cânticos à literatura sapiencial é indevido.

Darda; sua fama se espalhou por todas as nações circunvizinhas. Pronunciou três mil provérbios e seus cânticos foram em número de mil e cinco. Falou das plantas, desde o Cedro que cresce no Líbano até o hissopo que sobe pelas paredes: falou também dos quadrúpedes, das aves, dos répteis e dos peixes. Vinha gente de todos os povos para ouvir a sabedoria de Salomão e da parte de todos os reis da terra que ouviram falar de sua sabedoria. (1 Reis, 5, 9 -14).

O Antigo Israel, também conhecido por Crescente Fértil ou Meia Lua⁴, foi o local onde floresceram, desenvolveram-se e morreram as grandes civilizações antigas da Mesopotâmia e do Egito. Os povos que ali se estabeleceram assimilaram com grandiosidade as várias contribuições de seus antecessores, sem, contudo, perder suas características principais. A literatura sapiencial é fruto dessas tradições, isso porque a sabedoria, tão elucidada pelos antigos escritos, é mais antiga que Israel.

De acordo com José Vílchez Líndez (1999) foram encontrados escritos com traços da literatura sapiencial no Egito e na Mesopotâmia, datados do terceiro e segundo milênios antes de Cristo. Porém, só podemos falar da tradição oral desses livros e não de sua tradição escrita, isso porque ela pode ter ocorrido anterior ou simultaneamente aos livros sapienciais da Bíblia. Inferimos isso porque os ambientes aos quais aludimos pertenciam a povos, nos quais o domínio da leitura e da escrita era privilégio de poucos. O que parece confirmar, entretanto, a origem dos textos é a própria materialidade da narrativa, sua literatura e referências. Falaremos adiante sobre um desses textos que nos interessa singularmente pela semelhança com o nosso objeto de pesquisa.

Com relação à descoberta de textos que se assemelham às narrativas sapienciais, Robert Alter (2007) cita a escavação na cidade de Ugariti, na Síria, onde foram descobertos uma série de textos em idioma semítico, muito semelhante ao hebraico, alguns deles inclusive revelaram semelhanças de estilo e convenções poéticas com detalhes bíblicos, nas palavras do autor:

(...) os textos ugaríticos relatam com detalhes épicos uma batalha entre o deus da Terra, Baal, e Yam, o deus do mar. De um só golpe, uma enxurrada de alusões vagamente percebidas nos Salmos e no Livro de Jó. Ganhou nitidez: uma tradição épica anterior fundira-se nas imagens recorrentes de Deus interrompendo a fúria do mar ou acorrentando um monstro marinho primordial. Assim, quando Jó grita (Jó 7,12) ha- yam' ani 'im tanin, ele não está perguntando retoricamente se é o mar (yam), mas está fazendo uma alusão contundente e sardônica ao mito cananeu, afirmando: "Sou eu Yamm, sou eu o monstro das profundezas para que me ponhas sob guarda?" (ALTER, 2007. p. 30).

⁴O Crescente Fértil ou Meia Lua compreende a imensa região em forma de arco (daí seu nome) que se estende da desembocadura dos rios Eufrates e Tigre, no golfo Pérsico, ao vale do Nilo, circundando o deserto da Arábia pelo norte e pelo oeste. (LÍNDEZ, 1999, p.17).

Os sábios que provavelmente produziram as literaturas sapienciais, como já citamos, ocupavam-se de temas diferentes das demais narrativas do Antigo Testamento. Notase que não era preocupação dos escritos sapienciais o culto, a religião. Em Jó existe apenas uma analogia possível com as atividades cúlticas, que diz respeito aos sacrifícios que Jó realiza a Iahweh, em nome de seus filhos: "Terminados os dias de festa, Jó os mandava chamar para purificá-los, de manhã cedo ele oferecia um holocausto para cada um, pois dizia: Talvez meus filhos tenham cometido pecado maldizendo a Deus em seu coração" (Jó, 1,5). Os escritores sapienciais também não se ocupavam com narrativas de teor nacionalista, não encontramos em Jó uma referência ao povo de Israel, a narrativa se ocupa com a natureza do mundo e com os caminhos traçados para uma vida satisfatória: "Não sabes que é assim desde sempre, desde que o homem foi posto na terra, que o júbilo dos ímpios é efêmero e a alegria do malvado só dura um instante?" (Jó 20,4-5). Por conseguinte, embora fique claro que os sábios acreditavam na existência de um ser divino que criou o mundo e o administrava, nos escritos sapienciais é possível perceber que eles não tinham uma concepção de relacionamento pessoal com Deus. Jó clama a Deus em sua angústia, mas, quando é respondido, recebe uma avassaladora série de questionamentos dispostos a rebaixá-lo a sua condição humana: "Quem é esse que obscurece meus desígnios com palavras sem sentido?" (Jó, 38,2). "Tens, então, um braço como o de Deus e podes trovejar com voz semelhante à sua?" (Jó, 40, 9).

As diferenças aqui elucidadas não pretendem dizer que os escritores sapienciais se opunham aos valores religiosos do período, pode-se inferir que os conselhos de sabedoria dos sábios coexistiam com o saber tradicional e a pregação dos profetas. Porém, a sabedoria de que tanto se fala no Antigo Testamento ganha novos significados nos Livros Sapienciais, com ênfase em Jó, que demarca dois campos de visão nesse aspecto. O primeiro deles pertence aos Sábios, que defendem a concepção de que, quem age bem prospera e quem age mal sofre: "Tal é o destino daqueles que esquecem a Deus, assim desvanece a esperança do ímpio" (Jó, 8, 13). O segundo deles pertence à Jó, que, diante de seu sofrimento sem justificativa, questiona a arbitrariedade dos desígnios de Deus: "Piedade, piedade de mim, amigos meus, pois me feriu a mão de Deus!" (Jó, 19,21). Inferindo algo que parece evidente dentro dos questionamentos do personagem: Deus não é justo!

A sabedoria dos sábios do Oriente é muito citada nas narrativas bíblicas, entretanto, a sabedoria do Antigo Testamento alcança muitos significados e simbologias ao longo das histórias. A Sabedoria Antiga, ou aquela que temporalmente antecede à sabedoria

da crise, expressa em Jó, tem uma visão fixa da realidade e do mundo, ela não duvida ou interroga os desígnios que fogem à compreensão humana. Dessa maneira, os indivíduos que vivem, segundo a sabedoria tradicional do povo de Israel, não questionam o Criador.

O Antigo Testamento, com ênfase nos escritos sapienciais, coloca o homem como o ponto de chegada e de partida de todas as reflexões do mundo, a sabedoria é, portanto, pautada na experiência do sujeito. Não se trata, porém, de uma realidade desvinculada do divino, o homem do Oriente é essencialmente religioso, mas o mundo foi feito ao seu alcance, e, exatamente por isso, ele proclama ao Criador toda sua devoção. No Oriente Antigo dos sábios não há dúvidas sobre a existência do Criador, porém, a crise da sabedoria estabelecida no discurso de Jó inicia o questionamento sobre a interferência de Deus na vida dos homens e no curso da história.

Antes de nos concentrarmos na sabedoria da Literatura Sapiencial, é necessário compreender de onde provém a sabedoria do Povo de Israel, a qual nos referimos aqui como sabedoria antiga. Líndez (1999) cita a sabedoria do Egito Antigo e da Mesopotâmia como fontes importantes que ecoam na literatura sapiencial, na qual incluímos o *Livro de Jó*. É importante considerar que essa sabedoria era expressa por meio de instruções, ensinamentos e pequenos poemas. O poema do justo que sofre⁵, descoberto em 1875, é um dos exemplos dessa antiga sabedoria. O protagonista da história é devoto do antigo Deus mesopotâmico, Marduque, e questiona a divindade sobre o sofrimento injustificável de seus fiéis Lasor, Hubbard e Bush (1999) transcrevem parte desse monólogo⁶:

Meu deus me abandonou e desapareceu, Minha deusa faltou comigo e se mantem distante. O bom anjo que (andava) ao [meu] lado partiu, Meu espirito protetor voou e está procurando outro. Minha força se foi; minha aparência tornou-se sombria; Minha dignidade esvaiu-se, minha proteção fugiu. (1.43-48)

A rejeição divina é seguida pela apatia ou inimizade dos amigos, admiradores e escravos:

Eu, que andava como um nobre, aprendi a passar despercebido.

Ainda que dignitário, tornei-me um escravo.

Para meus parentes, sou como um recluso.

Se ando pela rua, os ouvidos se aguçam;

Se entro no palácio, os olhos reluzem.

⁵De acordo com Lasor, Hubbard e Bush o poema é designado pelas suas primeiras linhas Ludlul Bei Nemeqi ("Louvarei o Senhor da sabedoria" — Marduque, deus principal da Babilonia). (LASOR. W.; HUBBARD. D.; BUSH. F. 1999, p.489)

⁶Decidimos transcrever o texto na íntegra, porque julgamos importante a leitura do poema para a compreensão da definição de sabedoria que aludimos. Os recortes apresentados dentro do texto, não foram construídos durante a transcrição, Lasor, Hubbard e Bush (1999) apresentam o texto dessa maneira, porque a tradução do original não foi possível na íntegra, devido à má condição do texto encontrado.

[...]

Meu amigo tornou-se inimigo,

Meu companheiro tornou-se um infeliz, um demônio.

[...]

Meu amigo íntimo põe em perigo a minha vida;

Meu escravo me amaldiçoou publicamente na assembleia. 20 (1.77-81;84s., 88s.)

O adivinho com sua inspeção não chegou à raiz do problema,

Nem o sacerdote devaneador com sua libação elucidou meu caso.

Busquei o favor do espirito de zaqiqu, mas ele não me iluminou;

E o sacerdote encantador com seu ritual não aplacou a ira divina contra mim.

[...]

Quem conhece a vontade dos deuses no céu?

Quem compreende os planos dos deuses de debaixo da terra?

Onde aprenderam os mortais o caminho de deus?

Quem vivia ontem, hoje está morto.

Há um minuto estava desalentado, de repente está exuberante.

Num momento as pessoas estão cantando exultantes,

No outro gemem como carpideiras profissionais.

[...^{*}

Quanto a mim, exausto, uma tempestade me dirige!

A doença debilitante está solta sobre mim:

Minha figura robusta deita como um papiro,

Sou jogado como um junco de rosto em terra. (2.6-9, 36, 42, 49s., 68-70)

[...]

Pela terceira vez vi um sonho.

E em meu sonho noturno que vi —

... uma jovem de rosto brilhante,

Uma rainha de [...], igual a deus.

[...]

Ela disse: "Seja libertado da própria condição miserável.

Quem quer que tenha tido uma visão no período da noite" [...]

Depois que a mente de meu Senhor se aquietou

E o coração do misericordioso de Marduque foi aplacado,

[...] x-x

Ele fez o vento levar minhas ofensas (3.1s., 29-32, 37s., 50s., 60)

Aquele que espera em seu deus tem um anjo protetor,

O homem humilde que teme sua deusa acumula riqueza.

Tenho olhado para a sociedade, mas a evidência é contrária.

O deus não impede o caminho de um demônio.

Um pai arrasta um barco ao longo do canal,

Enquanto seu primogênito repousa na cama.

[...]

O herdeiro dá passos firmes ao longo do caminho como um valente.

O filho mais novo dará comida ao destituído.

Como me beneficiei de ter me curvado a meu deus?

Tenho de me curvar abaixo do semelhante vil que me encontra;

A ralé da humanidade, como o rico e o opulento, trata-me com desprezo. (243-46,

249-253)

A mente divina, como o centro dos céus, é remota;

Seu conhecimento é difícil; as massas não a conhecem. (256s.)

Deram discurso perverso à raça humana.

Com mentiras, não verdades, dotaram-na para sempre.

Solenemente eles falam em favor de um rico:

"Ele é rei", dizem, "riquezas caminham ao seu lado".

Mas prejudicam o pobre como a um ladrão,

São pródigos em calúnias contra ele e tramam sua morte, Fazendo-o sofrer todo mal como um criminoso, porque não tem *proteção*. De modo aterrador o levam ao fim e o extinguem como uma chama. (279-286)

O poema do justo que sofre parece apontar que os escritos mesopotâmicos se ocupavam de reflexões muito próximas dos escritos sapienciais. Assim como os escritores hebreus no *Livro de Jó*, os antigos sábios ficavam perturbados com o sofrimento sem justificativa dos homens. O sofredor do poema sente que os deuses o abandonaram, ele é rejeitado por todos à sua volta, e não encontra solução para seus problemas. A obra apresenta certa semelhança com o *Livro de Jó*, porém, o personagem pouco fala sobre o porquê do sofrimento do justo. Além disso, o poema conserva caráter politeísta, dando ênfase a rituais, mensageiros, curandeiros que não estabelecem clara conexão com o *Livro de Jó*, que pertencente a uma tradição monoteísta. Jó questiona seu sofrimento e assume as consequências de confrontar o Deus vivo, aprendendo, inclusive, a aceitar os seus desígnios ao final da narrativa: "*Reconheço que tudo podes e que nenhum dos teus desígnios fica frustrado. Quem é aquele que vela teus planos com propósitos sem sentido? Falei de coisas que não entendia, de maravilhas que me ultrapassam*" (Jó, 42, 3). Por fim, o poema não apresenta o verdadeiro relacionamento do justo com Marduque, diferente da relação de Deus e Jó, que é o centro da história.

Apesar das diferenças elucidadas, a descoberta dessa e de outras histórias que representam a Sabedoria que antecedeu a de Israel, colaboram significativamente para a compreensão dos padrões de pensamento dos escritores sapienciais, porque confluem com a estética e temas escolhidos por esses em suas narrativas. A influência da Sabedoria Antiga ecoa, portanto, em toda a narrativa bíblica, que, como já citado, ganha significados vários ao longo das histórias. Portanto, faremos alguns apontamentos de como essa temática surge em diferentes momentos das construções bíblicas, para que nos capítulos seguintes possamos compreender parte da sabedoria de Jó, a qual denominamos em um primeiro momento como a sabedoria da crise.

Para compreendermos os diferentes olhares para a sabedoria, faremos um retorno à compreensão léxica do binômio sábio-sabedoria. Talvez pareça óbvio a significação que ambos os léxicos assumem nos dias atuais, porém essas duas palavras caminharam por campos semânticos distintos ao longo dos tempos, inclusive dentro dos escritos bíblicos. Hoje, julgamos por sábio uma pessoa culta, que tem domínio, ou é especialista em algum campo do saber, entretanto, de acordo com Líndez (1999), no Oriente Antigo a palavra surge

com uma conotação um pouco diferente; sábio era aquele que possuía maestria ou habilidade para realizar atividades em qualquer área, seja ela manual ou intelectual. Diante disso, existem muitas contradições para delimitar quem de fato foram os sábios citados nos livros bíblicos, ao que Líndez afirma:

Constitui um verdadeiro problema entre historiadores e exegetas do antigo Israel determinar quem eram esses homens chamados *sábios* que habitavam principalmente a corte dos reis de Judá e Israel. Os autores os qualificam de sábios de muitas maneiras. Trata-se de profissionais e não profissionais que possuíam boa cultura para aqueles tempos. Cobrem um longuíssimo período, que vai do começo, ou talvez antes, da monarquia em Israel ao final do Antigo Testamento e com certeza depois dele. São identificados com os mestres da corte, educadores dos príncipes, funcionários e oficiais reais: secretários, conselheiros, etc. São os mestres da família de classe alta que vive na corte ou fora dela, ou também os mestres populares, futuros escribas ou peritos da Lei (LÍNDEZ, 1999, p. 30).

Apesar da inconsistência em delimitar quem foram esses sábios, sabemos que a obra "anônima" produzida por eles é um precioso legado, que incide e opera mudanças na percepção da realidade para um grupo considerável de leitores. Quanto à palavra sabedoria, sabemos que seu campo etimológico é vasto, uma vez que transita do sentido popular, não necessariamente formal, ao estabelecido pela dita norma culta, tanto no âmbito religioso quanto no profano. Queremos dizer com isso, que os livros bíblicos não separam muito bem esses campos. A sabedoria em seus primeiros registros corresponde a uma sabedoria popular, chamada de *masal* hebraico⁷, é possível também encontrar alusão à sabedoria associada à transmissão de ensinamentos do progenitor do clã para seus descendentes, à adquirida por meio da experiência, à incorporada por meio do intercâmbio de culturas, à tradição dos antigos sábios e à da crise, que questionava diretamente a sabedoria da tradição.

Para compreendermos melhor essa diferença de significados vejamos alguns trechos da Bíblia Hebraica, nos quais a sabedoria é expressa de diferentes maneiras. Em Êxodo, a sabedoria é uma inspiração divina que concede habilidades técnicas ao homem:

Eu o enchi com o espírito de Deus em sabedoria, entendimento e conhecimento para toda a espécie de trabalho, para elaborar desenhos, para trabalhar o ouro, prata e bronze, para lapidação de pedras de engaste, para entalho de madeira, e para realizar toda espécie de trabalhos (Ex, 31, 3-5).

Em Provérbios, a sabedoria é personificada por meio de um artifício literário. Esse recurso começou a se desenvolver nos escritos hebraicos, em Israel, a partir do Exílio, isso

•

⁷Sentenças e provérbios. De acordo com Líndez : "Com o passar do tempo, ao dito popular e primitivo sucederá a sentença mais estilizada e culta, como a conhecemos, por exemplo, no Livro de Provérbios" (LÍNDEZ, 1999, p. 32).

porque o politeísmo não era mais ameaça para o que eles consideravam como a verdadeira religião. A sabedoria é entendida como uma pessoa, um ser junto da criação.

A Sabedoria criadora ²²Iahweh me criou, primícias de sua obra, de seus feitos mais antigos./ ²³Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes da origem da terra./ ²⁴Quando os abismos não existiam, eu fui gerada, quando não existiam os mananciais das águas./ ²⁵Antes que as montanhas fossem implantadas, antes das colinas, eu fui gerada;/ ²⁶ele ainda não havia feito a terra e a erva, nem os primeiros elementos do mundo./ ²⁷Quando firmava os céus, lá estava eu, quando traçava a abóboda sobre a face do abismo;/ ²⁸quando condensava as nuvens no alto, quando se enchiam as fontes do abismo;/ ²⁹quando punha um limite ao mar: e as águas não ultrapassavam o seu mandamento, quando assentava os fundamentos da terra./ ³⁰Eu estava junto com ele como mestre de obra, eu era o seu encanto todos os dias, todo o tempo brincava com sua presença:/ ³¹brincava na superfície da terra, encontrava minhas delícias entre os homens (Provérbios 8, 22-31).

Em Provérbios, a própria sabedoria revela sua origem, assim como sua parte ativa diante da criação, além de sua função perante os homens. O que se pode inferir como curioso é que a sabedoria personificada como palavra ou espírito, ou mesmo a sabedoria que vem do criador, assim expressa em Êxodo, torna difícil a separação do que é artificio poético dos hebreus, expressões de antigas concepções religiosas ou intuição de novas revelações.

A doutrina sobre a sabedoria do Antigo Testamento será retomada também no Novo Testamento, que dará novos significados ao aplicá-la à pessoa de Cristo. O Novo Testamento não faz parte da Bíblia Hebraica, mas, consideramos importante fazer um contraponto dentro desse recorte de produção. No Novo Testamento, Jesus é designado como Sabedoria e como a sabedoria de Deus. Na qualidade de Sabedoria, Cristo participa da criação e conservação do mundo e da proteção de Israel. O prólogo de João atribui ao verbo traços da sabedoria criadora, e todo o evangelho de João apresenta Cristo como a Sabedoria de Deus. Isto explica porque a tradição cristã reconheceu em Cristo a Sabedoria do Antigo Testamento.

¹No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus./ ²No princípio, ele estava com Deus ./ ³Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito./ ⁴O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens;/ ⁵e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a aprenderam (João, 1, 1-5).

Elucidamos esse pequeno caminho, porque consideramos relevante e necessário estabelecer a diferença entre as sabedorias aqui esclarecidas e a sabedoria inacessível ao homem, aquela à qual Jó faz referência. Esta será explicada no decorrer da análise do livro.

Tecemos considerações sobre o tema e as inspirações que dizem respeito à produção da literatura sapiencial. Inspirados em uma tradição oral e religiosa, os escritores

hebreus produziram uma vasta gama de livros, aos quais nos referimos como textos nesse momento. Textos porque parece óbvio que grande parte das histórias bíblicas, nas quais se inclui o *corpus* da pesquisa, foram construídas como uma colcha de retalhos, o que não diminui a riqueza de sua estrutura, pelo contrário, acreditamos que é exatamente a força desse imbricamento de escritas que parece fortalecer a riqueza dos relatos.

Apresenta-se, então, uma preocupação fundante sobre a análise desses textos, que está pautada na forma, nas convenções escolhidas, na estética da poesia hebraica. Citamos aqui a poesia, devido ao fato da literatura sapiencial corresponder basicamente ao gênero lírico. Cabe aqui ressaltar, que nem sempre a poesia hebraica está expressa em trechos escritos em versos, entretanto, as pesquisas sobre o gênero na Bíblia demonstram que cerca de um terço do Antigo Testamento corresponde ao gênero poesia.⁸

Diante de tal consideração, é preciso estabelecer algumas questões sobre a própria análise do nosso *corpus*. O livro de *Jó* foi analisado a partir de tradução dos idiomas hebraico e grego⁹, assim, existiram limites para a análise das convenções de escrita dos autores do texto, por exemplo, não foi possível realizar a escansão dos poemas que compõe o *corpus*, falaremos com mais detalhes sobre a estrutura da narrativa, que se divide em prosa e verso.

Entretanto, diante das pesquisas que realizamos, consideramos que parte dessas limitações acontecem inclusive em contato com os textos originais, isso porque a obra faz parte de um lugar de produção desconhecido por todos aqueles que se disponibilizam a conhecê-la em sua completude. Não sabemos, por exemplo, com exatidão, qual era a organização da poesia hebraica na época dos seus primeiros registros escritos, e as reconstruções que foram feitas ao longo dos tempos não têm uma autoridade real sobre essas convenções. Porém, isso não torna a compreensão do texto inviável, pois existem outras técnicas que oferecem subsídios para o nosso trabalho, sobre essas falaremos um pouco neste capítulo.

A estrutura mais utilizada na poesia hebraica é o paralelismo, para essa convenção os escritores hebreus utilizaram diferentes artifícios. O mais simples deles, consiste na repetição de um pensamento com palavras diferentes; no *Livro de Jó* encontramos essa estrutura frequentemente: "Sucede-me o que eu mais temia/ o que mais me aterrava acontece-

-

⁸A chave dessa arca do tesouro foi fornecida em 1753 pelo bispo Robert Lowth, em suas *Lectures on the Sacred Poetry of the Hebrews*. Ainda dependemos em larga medida das percepções originais de Lowth. [...]Ele descobriu que o segredo da poesia hebraica é o fato de ela ser antes uma estrutura de pensamento do que de uma forma exterior, e que um poema hebraico é composto mediante a combinação equilibrada de uma série de unidades de sentido segundo certos princípios simples de relação (GABEL E WHEELER, 2003. p. 44).

⁹Bíblia de Jerusalém.

me" (Jó, 3, 25), "porque ele fere e pensa a ferida,/ golpeia e cura com as mãos" (Jó, 5, 18) "No tempo de verão, porém, desaparece,/ ao vir o calor extingue-se em seu leito." (Jó, 6, 17) O que chama a atenção para o uso dessa estrutura é o fato de as formas literárias bíblicas encorajarem, de certo modo, a repetição. O poeta hebreu antigo trabalhava em outra tradição, não apressava a composição, nem mesmo a história ao passo seguinte. Caberia aqui supor que, para ele, uma reflexão que, verdadeiramente merecesse destaque, não poderia se esgotar em uma única afirmação.

Além do paralelismo, outros recursos são utilizados na escrita; descreveremos alguns deles a seguir, exemplificando com trechos do *corpus* do trabalho. A hipérbole é utilizada na linguagem para alcançar um efeito de exagero: "*Era, pois, o mais rico de todos os homens do Oriente*" (Jó, 1, 3). "*Ele faz prodígios insondáveis, maravilhas sem conta (...)*" (Jó, 5, 9). A metáfora utiliza como mecanismo uma palavra proferida em sentido literal em um contexto diferente, o que expande o campo semântico das expressões e histórias: "*Shaddai será tuas barras de ouro e a tua prata entesourada*" (Jó, 22, 25). A personificação que confere ao objeto inanimado, ou a um grupo de pessoas, atributos humanos: "*O céu revelará sua iniquidade, a terra se insurgirá contra ele*" (Jó - 20, 27). Por último, a ironia, nesse caso específico, configurada como ironia dramática.

A ironia dramática apresenta a interação dos personagens sob a perspectiva de um público, isso porque como as narrativas bíblicas são oriundas de relatos orais, ou mesmo, foram pensadas para um público ouvinte, esse tipo de estrutura convida os leitores a participarem da ocasião narrativa. Gabel e Wheeler (2003) afirmam que a estrutura de ironia mais desafiante de toda a Bíblia encontra-se no *Livro de Jó*, e que não seria possível reduzi-la a uma simples fórmula, ou figura de linguagem, como apresentamos aqui. Isso porque o efeito de toda a narrativa depende fundamentalmente da ironia dramática criada no prólogo em prosa. A aposta consolidada entre Deus e o Satã é o que torna possível a existência do livro, é por meio dela que somos direcionados aos questionamentos que Jó estabelece em seu discurso, é ela quem determina o jogo da narrativa.

Na argumentação que apresentamos até aqui, pretendíamos apenas elencar os primeiros passos da análise, é como se tateássemos o universo de Jó, na busca por algo que caminha pela tradição da sabedoria, dança pelas convenções estéticas e se consolida na experiência humana diante do sagrado. Passaremos agora à análise do nosso *corpus*.

O PRINCÍPIO

A metodologia de análise que o próprio *Livro de Jó* indicou ser a mais produtiva para desdobrar os sentidos de sua textualidade, os sentidos do mundo ficcional que o livro manifesta, teve seu embasamento na perspectiva hermenêutica ricoeuriana. Dessa maneira, assim como delimita o título dessa dissertação, a compreensão do texto foi pautada em um percurso pendular que ora se ateve à religiosidade presente na obra, ora refletiu a estética construída pelos escritores hebreus. Citamos, aqui, escritores, porque durante a análise pudemos inferir que a obra assim como as demais histórias bíblicas indicam haver um emaranhado de narrativas, mesmo que estas tenham sido modificadas apenas pelos redatores.

A fim de desdobrar os sentidos possíveis do texto, utilizamos o método formal¹⁰ hermenêutico, que propõe estabelecer uma análise que aborde tanto a perspectiva imanente quanto a transcendente da obra, ou seja, trata-se de um método que busca analisar, mesmo que em fases distintas, a articulação entre o fundo e a forma do objeto literário. Entretanto, é necessário esclarecer que, devido ao fato deste trabalho ter como objeto de pesquisa a tradução do *Livro de Jó*, não foi possível realizar todas as considerações de ordem estrutural sobre a poesia do livro, mas, amparados por alguns teóricos, tecemos considerações sobre a concepção da poesia hebraica, que foge aos moldes do que compreendemos como poesia.

-

¹⁰Método pesquisado e desenvolvido pela pesquisadora Adna Candido de Paula, que pode ser conferido com a leitura do artigo: A Teia Dialógica da Teoria Literária: Uma Proposição Hermenêutica, disponível em:
http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/044/ADNA_PAULA.pdf> Acesso em
20/05/2017

3 O INIMIGO

O título deste capítulo foi inspirado na investigação etimológica que realizamos sobre o nome Jó (*heb 'iyyôb*), da raiz 'Yb. Escolhemos iniciar a análise do livro pelo elemento que primeiro se apresenta ao leitor, o título. De acordo com Lasor, Hubbard e Bush (1999), a etimologia da palavra Jó em hebraico 'Yb aponta para "ser inimigo". Dentro da conjuntura apresentada pela narrativa, a condição de inimigo pode ser interpretada sob dois aspectos: a de ser inimigo ativo de Yahweh, ou a de ser visto como um inimigo por Ele. Decifrar o significado do título do poema já nos apresenta uma primeira conjuntura sobre a narrativa, ao que concluímos que essa escolha não foi aleatória, o nome da personagem principal da história já apontava os caminhos da ficção.

A estrutura do livro de *Jó* se divide em prosa e poesia. O prólogo, o início do discurso de Eliú e o Epílogo são narrativas em prosa, enquanto o conjunto de discursos de Jó, dos Sábios, de Eliú e de Iahweh constituem a poesia do livro. É necessário, ainda, dar destaque ao poema de sabedoria que também faz parte dessa construção. Nesse capítulo, falaremos sobre o prólogo do livro. Faz-se necessário uma consideração importante, optamos por fragmentar a análise apenas por uma questão de organização e tentativa de desmontar, para remontar, a estrutura da narrativa, não pretendemos com essa operação, portanto, diminuir o entendimento da mensagem da história que se faz completa no todo.

A leitura da narrativa e a análise linguística da obra permitiram a associação do Livro de Jó à configuração trágica. Dessa maneira, consideramos a concepção da tragédia tanto em relação ao sentimento trágico da existência que a história suscita quanto às partes necessárias para configuração do gênero tragédia. Entretanto, é necessário compreender que a estrutura do gênero trágico não corresponde à ordem usual da tragédia aristotélica e tampouco o desfecho da narrativa acompanha um encerramento tipicamente trágico, por isso nomearemos a narrativa, quanto ao gênero, como uma tragédia cristã. Essa definição e os elementos identificados serão apresentados ao longo da análise.

Sobre o gênero trágico é importante dizer que o ponto de partida de sua compreensão é a definição aristotélica feita na *Poética* como: "imitação de acontecimentos que suscitam o terror e a piedade, tendo por efeito a purificação dessas emoções." (ARISTÓTELES, 2005. p.33). A essa compreensão acrescentamos a de Nietzsche (1992), segundo o qual o trágico simbolizava ao mesmo tempo o caráter terrífico da existência e a possibilidade de transmutar este caráter. O nascimento do gênero trágico está associado à

improvisação dos autores dos ditirambos, que eram cantos de louvor à Dionísio¹¹. Atrelado a essa concepção e à compreensão do impulso artístico dionisíaco que move o homem e sua relação com o mundo, Nietzsche narra por meio de formas e imagens o mito trágico:

Sob a magia do dionisíaco torna a selar-se não apenas o laco de pessoa a pessoa, mas também a natureza alheada, inamistosa ou subjugada volta a celebrar a festa de reconciliação com seu filho perdido, o homem. Espontaneamente oferece a terra as suas dádivas e pacificamente se achegam as feras da montanha e do deserto. O carro de Dionísio está coberto de flores e grinaldas: sob o seu jugo avançam o tigre e a pantera. Se se transmuta em pintura o jubiloso hino beethoveniano à "Alegria" e se não se refreia a força de imaginação, quando milhões de seres frementes se espojam no pó então é possível acercar-se do dionisíaco. Agora o escravo é homem livre, agora se rompem todas as rígidas e hostis limitações que a necessidade, a arbitrariedade ou a "moda impudente" estabeleceram entre os homens. Agora, graças ao evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só, como se o véu de Maia tivesse sido rasgado e, reduzido a tiras, esvoaçasse diante do misterioso Uno-primordial. Cantando e dançando, manifesta-se o homem como membro de uma comunidade superior: ele desaprendeu a andar e a falar, e está a ponto de, dançando, sair voando pelos ares. De seus gestos fala o encantamento. Assim como agora os animais falam e a terra dá leite e mel, do interior do homem também soa algo de sobrenatural; ele se sente como um deus, ele próprio caminha agora tão extasiado e enlevado, como vira em sonho os deuses caminharem. O homem não é mais artista, tornou-se a obra de arte: a força artística de toda a natureza, para a deliciosa satisfação do Unoprimordial, revela-se aqui sob o frêmito da embriaguez. A argila mais nobre, a mais preciosa pedra de mármore é aqui amassada e moldada e, aos golpes de cinzel do artista dionisíaco dos mundos, ressoa o chamado dos mistérios eleusinos: "Vós vos prosternais, milhões de seres? Pressentes tu o Criador, ó mundo?" (NIETZSCHE, 1992, p. 31-32).

Ainda sobre a estrutura do gênero trágico, Aristóteles (2005) elenca seis elementos de fundo e forma que compõe sua produção, são eles: a fábula, o caráter, as ideias, as falas, o espetáculo e o conto. O primeiro desses se divide em três elementos, que são: a peripécia, o reconhecimento e o patético. O filósofo tece ainda uma consideração sobre a linguagem que deve ser simples, mas não chã, podendo-se empregar termos como a metáfora. Após a apresentação dessas considerações, retomemos a análise do *Livro de Jó*.

A narrativa inicia pelo prólogo, um relato em prosa com características de narrativa popular, ou seja, com traços de oralidade: "Havia na terra de Hus, um homem chamado Jó" (Jó, 1, 1), ao que tudo indica Jó era um homem de posses, "possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois, quinhentas mulas e servos em grande

_

¹¹Dionísio descende de Zeus e de Sêmele, deusa-mãe de origem frígia ou mortal, filha de Cadmos e da Harmonia (...) Poder-se-ia dizer, considerando as consequências sociais e, mesmo, as formas do seu culto, que Dionísio era o deus da libertação, da supressão das proibições e dos tabus, o deus das catarses e da exuberância. O propósito da purificação dionisíaca, diz P. Boyancé, é levar ao paroxismo aquilo de que se quer livrar a alma, (CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p.340).

número" (Jó, 1, 3). Além disso, Jó temia a Deus e honrava seu nome, comportamento que Iahweh reconhecia e valorizava: "Reparastes no meu servo Jó? Na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se afasta do mal" (Jó, 1, 8) Há, ainda, algo de relevante no prólogo que devemos destacar - Jó era morador de Hus, um homem do oriente: "Era, pois, o mais rico de todos os homens do Oriente" (Jó, 1, 3) o que designava um homem sábio, pois as terras de Edom e do Oriente eram consideradas por Israel pátrias da sabedoria, como citado em Reis1: "A sabedoria de Salomão foi maior que a de todos os filhos do Oriente e maior que toda a sabedoria do Egito" (1Rs, 5, 10).

Entretanto, o que instiga e determina o ciclo de ações que impulsionam a trama do livro é demarcado com a audiência dos Filhos de Deus. Os Filhos de Deus são seres superiores aos homens que constituem a corte de Iahweh, são seus conselheiros, poderiam ser aqui chamados: os anjos¹². Entre os Filhos que se apresentaram, veio também, junto deles, o Satã. De acordo com a etimologia hebraica, o termo aqui ainda não poderia ser considerado um nome próprio, entretanto, pela conotação que ganha com o catolicismo, o personagem passa a ser relacionado a outras representações do espírito do mal, como a serpente, em Gênesis. O Adversário, ou o Acusador, seria o significado de Satã, a personagem é distinta dos Filhos de Deus, poderíamos dizer que, no *Livro de Jó*, ele espia o homem na tentativa de encontrar nele alguma culpa, desencadeando atitudes perversas que o levariam ao mal. Se o Adversário não inveja o homem, por outro lado, ele é hostil a Deus porque duvida de Sua criação e do êxito de sua obra, além de ter como característica de personalidade uma ironia malévola, ele é também um ser pessimista, que hostiliza o homem. O texto não apresenta os motivos que instigam Satã em sua atitude, mas nos convida a pensar sobre as origens do mal, discussão que retomaremos adiante.

Podemos, então, afirmar que o nó trágico da narrativa é construído nesse momento. A assembleia dos Filhos de Deus parece desencadear uma contradição irreconciliável, pois ao questionar a conduta de Jó, Satã instiga o elemento possibilitador da tragédia, a oposição homem/imperfeição. É essa separação ontológica que faz do ser um homem trágico. Aqui a contradição trágica se instaura primeiro no mundo divino e em segundo momento entre Deus e o homem, entre Deus e Jó. Paul Ricoeur (2015) acrescenta a

1′

¹²**Anjos*** A expressão "filhos de Deus" e usada poucas vezes no AT com referência a seres celestiais (Gn 6.2,4; Jó 1.6; 2.1; 38.7; SI 82.6; Dn 3.25). Nem todas, porem, são exatamente alusões a ordem angélica, *i.e.*, a integrantes da corte celestial de Javé; como também não está claro se o termo "Deus", no caso, significa sempre o Deus de Israel. "Filhos de deuses" e, por vezes, a melhor tradução. E comum também a referência a outros seres mundanos, a quem e atribuída natureza divina. Não há caso claro de paternidade física (como no panteão greco-romano, onde Zeus/Júpiter e o pai de filhos e filhas). No pensamento hebreu, mantem-se a distinção clara entre Deus e sua criação, mesmo angélica (ABBAGNANO, 2007, p. 436).

essa reflexão do nó trágico o imbricamento de dois temas: a predestinação do mal e a grandeza heroica. O autor explica que é preciso que o herói seja confrontado pelo destino, é necessário que sua liberdade seja tolhida e sua vida arrasada para que nasça a emoção trágica por excelência.

Para Aristóteles (2005) o nó trágico poderia ser construído de duas maneiras: pelos casos que estão fora ou dentro da ação. Após o nó, tudo seria desenlace, ou seja, tudo que é apresentado ao leitor por meio do coro ou de alguma personagem constituiria o ponto de partida para a compreensão e o desenrolar da trama. O nó é o início da tragédia e se configura do início da narrativa até o momento que ocorre o reconhecimento na trama. Para que fique claro a alusão que propomos, o nó trágico em Jó é a aposta feita entre Deus e Satã, da qual o personagem não tem conhecimento. Comparando a estrutura a uma tragédia clássica como Édipo Rei¹³, fica claro essa proposição. Em Édipo Rei de Sófocles, o nó trágico são todos os acontecimentos anteriores ao casamento de Édipo e Jocasta, sua mãe e rainha de Tebas, informação que o personagem não tinha conhecimento. O nascimento de Édipo, seu abandono e resgate por um pastor, a adoção por Políbo, rei de Corinto, e sua consulta ao oráculo de Delfos, todos esses acontecimentos constituem o nó da tragédia.

JOCASTA — Ora, não te preocupes com o que dizes; ouve-me, e fica sabendo que nenhum mortal pode devassar o futuro. Vou dar-te já a prova do que afirmo. Um oráculo outrora foi enviado a Laio, não posso dizer se por Apolo em pessoa, mas por seus sacerdotes, talvez... O destino do Rei seria o de morrer vítima do filho que nascesse de nosso casamento. No entanto – todos sabem e garantem – Laio pereceu assassinado por salteadores estrangeiros, numa encruzilhada de três caminhos. Quanto ao filho que tivemos, muitos anos antes, Laio amarrou-lhe as articulações dos pés, e ordenou que mãos estranhas o precipitassem numa montanha inacessível. Nessa ocasião, Apolo deixou de realizar o que predisse!... Nem o filho de Laio matou o pai, nem Laio veio a morrer vítima de um filho, morte horrenda, cuja perspectiva tanto o apavorava! Eis aí como as coisas se passam, conforme as profecias oraculares! Não te aflijas, pois; o que o deus julga que deve anunciar, ele revela pessoalmente! (SÓFOCLES, Édipo Rei)

Analisamos a seguir a construção do nó trágico no *Livro de Jó*. O encontro de Iahweh e Satã demarcam o início da narrativa. Os elogios que Deus faz ao seu servo fiel são rebatidos por Satã: "É por nada que Jó teme a Deus?" (Jó, 1, 9), o adversário instiga o Senhor ao afirmar que as bênçãos concebidas a Jó são exatamente o que o faz temente, são os muros que Deus construiu eu torno dele que o mantém como um bom servo. Diante disso, Iahweh rebate: "Pois bem, tudo o que ele possui está em teu poder, mas não estendas tua mão

-

¹³O texto completo encontra-se em anexo.

contra ele" (Jó, 1, 12). Está feita a "aposta", Deus permite a Satã colocar Jó à prova, o primeiro ato já determina algo que direciona o leitor, para duas perguntas: Por que concederia Deus poder a Satã? Como compreender o conceito de justiça divina?

No segundo ato da narrativa, Satã sai da presença de Deus e os males se instauram na vida de Jó. Jó perde as posses e os filhos, porém, Jó não amaldiçoa Deus, ele apenas se recolhe em expressão de dor e luto: "rasgou seu manto e raspou sua cabeça" (Jó, 1, 20). Esse rito aparece outras vezes na narrativa bíblica, como no trecho de Gênesis: "Jacó rasgou suas vestes, cingiu os seus rins com um pano de saco e fez luto por seu filho durante muito tempo" (Gn 37, 34). Jó ainda faz uma reflexão sobre a fugacidade da vida e dos bens materiais, em uma alusão possível entre a diferença da vida terrena e a vida espiritual: "Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá. Iahweh o deu, Iahweh o tirou, bendito seja o nome de Iahweh" (Jó, 1, 20).

O terceiro ato que direciona a narrativa é o segundo encontro de Iahweh e os Filhos de Deus com a presença do Satã. Deus conclama a integridade de Jó ao Satã: "Ele persevera em sua integridade, e foi por nada que me instigaste contra ele para aniquilá-lo" (Jó, 2, 3). Satã responde a Deus e, com a proposição de uma nova "aposta", diz: "Pele após pele" (Jó, 2, 4). A locução proverbial, aqui, pode designar que o homem consente em deixarse despojar progressivamente daquilo que tem e possuiu, a fim de salvar a própria vida, entretanto, atingido em seu físico, ele revela quem realmente é. Iahweh cede ao desafio de Satã: "Seja!, disse Iahweh ao Satã, ele está em teu poder, mas poupa-lhe a vida" (Jó, 2, 6). Ao sair da presença de Deus, Satã fere Jó: "Ele feriu Jó com chagas malignas desde a planta dos pés até o cume da cabeça" (Jó, 2, 7). As chagas malignas fazem referência a duas possíveis doenças, ao mal endêmico do Egito, citado também em Deuteronômio "Iahweh te ferirá com úlceras do Egito, com tumores, crostas e sarnas que não poderás curar" (Jó, 28, 27), ou, ao possível início da lepra. Jó torna-se impuro, pois deve se instalar entre as cinzas "Jó apanhou um caco de cerâmica para se coçar e sentou-se no meio da cinza" (Jó, 2, 8).

O conjunto de ações e reações da cena trágica, dentro da intriga narrada, representam o elemento da fábula no gênero trágico, mas além disso representam em uma perspectiva dramática, o próprio movimento da vida, como ela é ou poderia ser. Poderia porque os enredos trágicos não são necessariamente casos verídicos, mas esses produzem, por meio da cena trágica, uma verossimilhança que faz com que a narrativa seja vista como um caso crível, que de fato poderia acontecer ao sujeito. Segundo Aristóteles (2005) essa

verossimilhança é construída por meio dos caracteres dos personagens, que são avaliados a partir dos atos e palavras de cada um.

Em Jó a efetividade e o propósito do drama trágico se cumprem. Porque os leitores são tomados pelo terror e a piedade diante da situação do herói, ou seja, eles alcançam a *catarse* por meio da obra. A narrativa provoca a sensibilização por meio da tragédia que assola o personagem, desenvolvendo assim, um sentimento de compaixão pelo herói, devido ao destino que lhe foi reservado. Os dois elementos que possibilitam essa catarse são a peripécia e o patético, que ocorrem simultaneamente na narrativa. De acordo com Aristóteles (2005), a peripécia é uma viravolta das ações em sentido contrário e o patético consiste em uma ação que produz destruição ou sofrimento. Jó perde todos os seus bens e é ferido na carne, ou seja, há uma mudança na vida do personagem, na qual essa é devastada. É necessário salientar que o elemento do patético será também reconhecido nos trechos seguintes da narrativa, pois o sofrimento de Jó não cessa no prólogo da obra. A narrativa, portanto, não segue a sequência tradicional das tragédias clássicas, nas quais o reconhecimento e a peripécia podem acontecer simultaneamente e o patético ocupa o desenlace da narrativa.

Essa estrutura designada aqui como tradicional é encontrada, por exemplo em Édipo, narrativa na qual o desenlace inicia no momento em que Creonte, cunhado de Édipo, ao consultar o oráculo de Apolo¹⁴ se intera do fato de que a peste que assola Tebas e extermina seus cidadãos ocorre devido a permanência do assassino de Laio em suas terras. A descoberta deste assassino demarca o reconhecimento e a peripécia na tragédia, na qual Édipo descobre que é filho e assassino de Laio, marido e filho de Jocasta. Após essa descoberta segue-se o patético, no qual a personagem Jocasta suicida e Édipo fura os próprios olhos caindo em desespero.

ÉDIPO — (Prosseguindo, em tom de confidência) Meu pai é Políbio, de Corinto; minha mãe, Mérope, uma dória. Eu era considerado como um dos mais notáveis cidadãos de Corinto, quando ocorreu um incidente fortuito, que me devia surpreender, realmente, mas que eu talvez não devesse tomar tanto a sério, como fiz. Um homem, durante um festim, bebeu em demasia, e, em estado de embriaguez, pôs-se a insultar-me, dizendo que eu era um filho enjeitado. Possuído de justa

_

¹⁴ Na literatura, conferem-lhe mais de duzentos atributos que o fazem surgir, sucessivamente, como um deusrato* primitivo dos cultos agrários; como um guerreiro irascível e vingativo; como senhor das feras e, ao mesmo tempo, pastor compassivo que protege os rebanhos e as colheitas; como um benfeitor dos homens, tendo o poder de curá-los e purifica-los, aquele que engendrará Asclépio (Esculápio), o deus-médico; Profeta de Zeus. Cria em Delfos a mântica de inspiração (v.trípode*). Inspira não apenas os profetas, mas também os poetas e artistas; torna-se o deus solar que cruza os céus numa carruagem resplandecente. Em Roma, não é assimilado por nenhum outro deus: só ele consegue, entre os deuses estrangeiros adotados pela cidade e pelo império, permanecer sempre intacto, único, incomparável. (CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p.66).

indignação, contive-me naquele momento, mas no dia imediato procurei meus pais e interroguei-os a respeito. Eles irritaram-se contra o autor da ofensa, o que muito me agradou, pois o fato me havia profundamente impressionado. À revelia de minha mãe, e de meu pai, fui ao templo de Delfos; mas, às perguntas que propus, Apolo nada respondeu, limitando-se a anunciar-me uma série de desgraças, horríveis e dolorosas; que eu estava fadado a unir-me em casamento com minha própria mãe, que apresentaria aos homens uma prole malsinada, e que seria o assassino de meu pai, daquele a quem devia a vida. Eu, diante de tais predições, resolvi, guiando-me apenas pelas estrelas, exilar-me para sempre da terra coríntia, para viver num lugar onde nunca se pudessem realizar – pensava eu – as torpezas que os funestos oráculos haviam prenunciado. Caminhando, cheguei ao lugar onde tu dizes que o Rei pereceu. A ti, mulher, vou dizer a verdade, do princípio ao fim. Seguia eu minha rota, quando cheguei àquela tríplice encruzilhada; ali, surgem-me pela frente, em sentido contrário, um arauto, e logo após, um carro tirado por uma parelha de cavalos, e nele um homem tal como me descreveste. O cocheiro e o viajante empurraram-me violentamente para fora da estrada. Furioso, eu ataquei o cocheiro; nesse momento passava o carro a meu lado, e o viajante chicoteou-me na cara com o seu duplo rebenque. Ah! mas ele pagou caro essa afronta; ergui o bordão com que viajava, e bati-lhe, com esta mão; ele caiu, à primeira pancada, no fundo do carro. Atacado, matei os outros. Se aquele velho tinha qualquer relação com Laio, quem poderá ser mais desgraçado no mundo do que eu? Que homem será mais odiado pelos deuses? Nenhum cidadão, nenhum forasteiro o poderá receber em sua casa, nem dirigir-lhe a palavra... Todos terão que me repelir... E o que é mais horrível é que eu mesmo proferi essa maldição contra mim! A mulher do morto, eu a maculo tocando-a com minhas mãos, porque foram minhas mãos que o mataram... Não sou eu um miserável, um monstro de impureza? Não é forcoso que me exile, e que, exilado, não mais possa voltar à minha pátria de origem, nem ver os que me eram caros, visto que estou fadado a unir-me à minha mãe, e a matar meu pai, a Políbio, o homem que me deu a vida e me criou? Não pensaria bem aquele que afirmasse que meu destino é obra de um deus malvado e inexorável? Ó Potestade divina, não, e não! Que eu desapareça dentre os humanos antes que sobre mim caia tão acerba vergonha! (SÓFOCLES - Édipo Rei)

Retomando a análise do *Livro de Jó*, após ser ferido na carne, Jó então é instigado pela mulher a renegar Deus e morrer: "*Persiste ainda em tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre duma vez!*" (Jó, 2, 9), porém, ele não comete pecado nenhum contra o Senhor. Instaura-se, então, o quarto ato da narrativa, os três amigos de Jó: Elifaz de Temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamat, todos eles das regiões do oriente, Temã. Suás e Naamat, considerados, portanto, sábios, vão ao encontro de Jó para compartilhar de sua dor e consolálo: "*romperam em prantos; rasgaram seus mantos e, a seguir, espalharam pó sobre a cabeça*" (Jó, 2, 12), cumprindo o rito de penitência e, sobretudo, de luto.

A chegada dos sábios não altera, a princípio, a situação de Jó: "sentaram-se no chão ao lado dele, sete dias e sete noites, sem dizer-lhe uma palavra, vendo como era atroz seu sofrimento" (Jó, 2, 13). Os sábios permanecem em silêncio em respeito a Jó, mas, também, ousamos dizer, devido à incapacidade de pronunciar algo que confortasse sua condição. Diante da vida e dos desígnios de Deus, que pode o homem? O que os sábios poderiam explicar? Poderiam encontrar, na sabedoria do Oriente, palavras capazes de provocar o entendimento do servo Jó? Essa falta de sentido, essa resistência que o mal opera

no nível da linguagem, nos faz retomar a noção de resiliência. A resiliência de Jó desaba no primeiro Ciclo de Discursos.

Antes de nos ocuparmos com a análise do Primeiro Ciclo de Discursos, faremos uma abordagem da estética de construção da narrativa em prosa, que encontramos no Prólogo e também será encontrada no discurso de Eliú e no Epílogo. É importante perceber que os escritores hebreus tinham uma maneira muito peculiar de narrar suas histórias, isso porque, se observarmos com precisão a construção em prosa, veremos que a narrativa é secundária em relação à fala dos personagens, isso colabora para a compreensão de que a excelência do diálogo é tão elevada, que mesmo os trechos narrados em terceira pessoa são dependentes do diálogo, quando não repetem ou confirmam afirmações já feitas no diálogo.

Constatamos também, que mesmo no pequeno trecho de prosa do livro as dimensões narrativas são apenas transições mais extensas de discursos diretos, demonstrando que os escritores bíblicos estavam mais interessados nas ações dos personagens e em suas reações do que nos fatos em si, o que reforça o caráter dramático da obra, corroborando para a leitura desta como uma tragédia. Outra inferência possível para a escolha desse estilo está atrelada ao fato de que o uso do discurso direto concebe força ao que é dito, uma vez que a própria construção sintática da declaração surge como uma pressão ao momento dramático. A declaração permite ao leitor inferir as diversas conexões entre as palavras, os sentimentos e as intenções, o que não aconteceria em um discurso indireto, uma vez que o narrador ganha autoridade perante a história. Destacamos com itálico todos os trechos do episódio, da obra em prosa, que podem ser identificados como narração, exceto as fórmulas de introdução do discurso indireto, que comprovam essa observação que tecemos:

Num outro dia em que eu os Filhos de Deus vieram se apresentar a Iahweh, entre eles veio também o Satã. Iahweh então perguntou ao Satã: "De onde vens?" — "Venho de dar uma volta pela terra, andando a esmo", respondeu o Satã. Iahweh disse ao Satã: "reparaste no meu servo Jó? Na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se afasta do mal". Satã respondeu a Iahweh: "É por nada que Jó teme a Deus? Porventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Abençoaste a obra das suas mãos e seus rebanhos cobrem toda a região. Mas estende tua mão e toca nos seus bens; eu te garanto que te lançará maldições em rosto." Então Iahweh disse ao Satã: "Pois bem, tudo o que ele possui está em teu poder, mas não estendas tua mão contra ele." E o Satã saiu da presença de Iahweh (Jó, 2, 1-7).

Ainda sobre o discurso indireto no livro de Jó vemos que o diálogo do primeiro ato descrito entre Deus e o Satã nos apresenta a técnica do diálogo contrastivo, que acaba sendo utilizada no restante da narrativa. O diálogo contrastivo traz para a cena da narrativa bíblica apenas dois personagens, isso será encontrado em outras narrativas, demarcando talvez

um estilo dos escritores hebreus. Na história de Jó, o trecho em prosa, repleto de discursos diretos, apresenta as palavras que Deus dirige ao adversário e as falas que Satã faz uso para convencer Deus da aposta. Se observarmos, veremos que Deus faz uso da repetição simétrica e caracteriza Jó conforme as palavras do narrador: "Era um homem íntegro e reto, que temia a Deus e se afastava do mal" (Jó, 1, 1) (...) é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se afasta do mal" (Jó, 1, 8) (...) é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se afasta do mal" (Jó, 2, 4). Em contrapartida, Satã apresenta falas mais longas e persuasivas: "É por nada que Jó teme a Deus? Porventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Abençoaste a obra das suas mãos e seus rebanhos cobrem toda a região. Mas estende tua mão e toca nos seus bens; eu te garanto que te lançará maldições em rosto" (Jó, 1, 9-11). Satã faz uso de ditos populares e elementos retorcidos: "Pele após pele" (Jó, 2, 3), já as enunciações de Deus são diretas e claras, assumem uma retórica acentuada.

Em geral, podemos afirmar que, na narrativa, quando não há divergência entre uma afirmação registrada na narração e retomada pelos diálogos, a repetição das expressões parece ter o efeito de enfatizar os termos e/ou características escolhidas pelo escritor. Entretanto, no prólogo de Jó a repetição das características da personagem: "Era um homem íntegro e reto, que temia a Deus e se afastava do mal" (Jó, 1, 1) "(...) é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se afasta do mal" (Jó, 1, 8) "(...) é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se afasta do mal" (Jó, 2, 3), ganha novos contornos, isso porque Jó, homem íntegro e reto, após perseverar em sua fé, esmorece diante de tamanho sofrimento, o que nos permite inferir o caráter irônico por trás da afirmação.

Cabe, ainda, elucidar o papel da narração, que, no *Livro de Jó*, podemos chamar de simples informação expositiva. Isso porque o começo do episódio em Jó é composto por frases curtas que nomeiam os personagens principais, situam a história geograficamente e fazem uma sucinta caracterização moral, social e física do protagonista. Jó não ganha traços que se refiram a sua existência em um campo mais amplo, isso porque a narrativa só apresenta pontos definidos que colaboram para o início da ação, os espaços e o tempo não se definem os sentimentos e pensamentos não são expressos.

Em primeira reflexão, poderíamos pensar que a narrativa é falha, pobre em recursos estilísticos, mas, na verdade, é exatamente o contrário que se estabelece a partir das lacunas criadas pelo escritor. Porque é justamente por meio dessas brechas que o relato bíblico nos traduz algo a mais, é por meio delas que diversos planos se abrem para novos caminhos e interpretações. O texto torna-se tão carregado de substância, contém tantas

alusões que se torna âmago latente para diversas compreensões. A história parece ter a intenção de aludir a algo implícito, que deve permanecer no âmbito do não dito. No *Livro de Jó*, Deus dá a ordem, mas nada diz sobre sua intencionalidade ao permitir o acesso de Satã a seu servo amado.¹⁵

A ação trágica representada por Jó se desdobra em vários discursos, como veremos a seguir, que conduzem o leitor ao vislumbre do desenlace trágico: o destino do herói. A compreensão do significado e do sentido do destino para a antiguidade clássica pode ser ancorada nas descrições mitológicas das forças divinas capazes de interferir ou influenciar a vida do homem, a uma dessas forças damos o nome de Moira¹⁶. É significativa contribuição da tragédia para o testemunho da crença politeísta dos antigos nessas forças e a narrativa de Jó também nos presenteia com essa reflexão a partir da crença monoteísta.

-

¹⁵Auerbach faz uma reflexão semelhante no ensaio "A cicatriz de Ulisses" encontrado no livro *Mimesis*. Para ele, os sentidos na narrativa bíblica sempre estariam em um terreno mais profundo, carregados assim de segundos planos, inclusive, os personagens teriam essa característica: "Deus sempre o é na Bíblia, pois não é, como Zeus, apreensível na sua presença; só 'algo' dele aparece em cada caso, ele sempre se estende para as profundidades. Mas os próprios seres humanos dos relatos bíblicos são mais ricos em segundos planos do que os homéricos; eles têm mais profundidade quanto ao tempo, ao destino e à consciência. Ainda que estejam quase sempre envolvidos num acontecimento que os ocupa por completo, não se entregam a tal acontecimento a ponto de perderem a permanente consciência do que lhes acontecera em outro tempo e em outro lugar; seus pensamentos e sentimentos têm mais camadas e são mais intrincados" (AUERBACH, 2001, p. 9).

¹⁶ Em seguida veio Têmis, que é a Lei personificada, ou melhor, a Constância do Mundo. Primeiro ela deu ao rei três filhas, as Estações (ou as Horas, como as denomina impropriamente a tradição), chamadas Irene (a Paz), Eunomia (a Disciplina) e Diké (a Justiça); depois outras três, que foram as Moiras (os Destinos): Átropos, Laquesis e Cloto, as três "Fiandeiras", que tecem nos Infernos o destino de todos os humanos. A união com Têmis é evidentemente um mito filosófico, de pura intenção simbólica. Ele mostra como Zeus, o todo poderoso, é a encarnação da Ordem eterna e como o Destino, ao qual ele obedece, em nada limita sua onipotência, uma vez que o Destino é, em última análise, uma emanação do próprio deus (GRIMAL, 2013, p.36).

4 PRIMEIRO CICLO DE DISCURSOS

O primeiro ciclo de discursos é escrito em versos, tem presença de discurso direto, possui uma linguagem mais rebuscada e metafórica em relação à prosa expressa no prólogo. Optamos por apresentar o monólogo de Jó e de cada um dos sábios separadamente. Como explicado no capítulo anterior, os escritores hebreus fizeram uso de um diálogo contrastivo, no qual cada personagem tem um momento de fala. A estrutura pode ser comparada a de um tribunal de Júri, no qual Jó é o réu e sua própria testemunha de defesa, enquanto os sábios agem como juízes e testemunhas de acusação. Essa alusão ficará mais clara no decorrer da análise.

O primeiro discurso pertence a Jó, depois de permanecer em um silêncio de profunda resignação, Jó profere as primeiras palavras diante de tamanho sofrimento. Essa parte da narrativa chama a atenção porque demarca uma transformação da personagem. Neste primeiro ciclo de discursos, Jó deixa de ser o paciente, o resiliente, e assume uma nova personalidade, agora Jó é impaciente e rígido. Cabe ainda compreendermos que a alteração de comportamento de Jó também é uma marcação trágica, pois Aristóteles (2005) afirma que o jogo trágico não ocorre de acordo com as exigências do caráter do personagem, ao contrário, é o caráter do personagem que se enquadra às exigências da ação, isto é, da fábula. Exatamente por isso é que o autor define a tragédia como imitação (mimesis) de uma ação de caráter elevado, Jó, portanto, é refém das ações.

3 Jó amaldiçoa o dia do nascimento – ¹Enfim. Jó abriu a boca e amaldiçoou o dia do seu nascimento. ²Jó tomou a palavra e disse:

³Pereça o dia que me viu nascer, a noite que disse: "Um menino foi concebido!"b ⁴Esse dia, que se torne trevas, que Deus do alto não se ocupe dele. que sobre ele não brilhe a luz! ⁵Que o reclamem as trevas e sombra espessa, que uma nuvem pouse sobre ele, que um eclipse o aterrorize! ⁶Sim, que dele se apodere a escuridão, que não se some aos dias do ano, d que não entre na conta dos meses! ⁷Que essa noite fique estéril, que não penetrem ali os gritos de júbilo! ⁸Que a amaldiçoem os que amaldiçoam o dia.^e os entendidos em conjurar Leviatã! ⁹Que se escureçam as estrelas da sua aurora, que espere pela luz que não vem,

que não veja as pálpebras da alvorada. ¹⁰Porque não fechou as portas do ventre para esconder à minha vista tanta miséria. ¹¹Por que não morri ao deixar o ventre materno, ou pereci ao sair das entranhas? ¹²Por que me recebeu um regaço e seios me deram de mamar? ¹³Agora dormiria tranqüilo, descansaria em paz. ¹⁴com os reis e os ministros da terra que construíram mausoléus para si; ¹⁵ou como os nobres que amontoaram ouro e prata em seus mausoléus. ¹⁶Que eu fosse como um aborto escondido, que não existisse agora, como crianças que não viram a luz. ¹⁷Ali^h acaba o tumulto dos ímpios, ali repousam os que estão esgotados. ¹⁸Com eles descansam os prisioneiros. sem ouvir a voz do capataz. ¹⁹Lá pequenos e grandes se avizinham, e o escravo livra-se de seu amo. ²⁰Por que foi dada a luz a quem o trabalho oprime, e a vida a quem a amargura aflige. ²¹a quem anseia pela morte que não vem, a quem a procura com afinco como um tesouro, ²²a quem se alegraria em frente do túmulo^c e exultaria ao encontrar a sepultura. ²³Por que este dom ao homem cujo caminho é escondido e que Deus cerca com uma sebe? ²⁴Por alimento tenho soluços, e os gemidos vêm-me como água. ²⁵Sucede-me o que mais temia, o que mais me aterrava acontece-me. ²⁶Para mim, nem tranqüilidade, nem paz, nem repouso: nada além de tormento!

Depois de permanecer em silêncio por dias, Jó toma a palavra e inaugura um discurso, não contra Deus, mas contra ele mesmo: "Pereça o dia que me viu nascer, a noite que disse: 'Um menino foi concebido!'" (Jó, 3, 3). Jó amaldiçoa o dia de seu nascimento e a noite de sua concepção, fazendo alusão ao eclipse "que um eclipse o aterrorize!" (Jó, 3, 5) que nas tradições antigas era um sinal de mau agouro, que anunciava acontecimentos funestos.¹⁷ Ele clama por uma solução, que nesse momento seria extingui-lo do mundo.

_

¹⁷De acordo com o dicionário dos símbolos: "Existem prescrições canônicas no Islã, e há cerimônias búdicas, por ocasião dos eclipses. Eles são com frequência relacionados à morte: significam a morte do astro. Acredita-se que o astro seja devorado por um monstro (o Rahu hindu, que é também kala, o glutão*) (CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p. 355).

Essa condenação de si mesmo também é encontrada no discurso edipiano proferido logo após o reconhecimento da estrutura trágica. Ao tomar conhecimento da sua condição de assassino incestuoso o personagem pronuncia: "Que morra aquele que, na deserta montanha, desprendeu meus pés feridos, e salvou-me da morte, mas salvou-me para minha maior desgraça! Ah! Se eu tivesse então perecido, não seria hoje uma causa de aflição e horror para mim, e para todos!"

Durante o discurso Jó elenca todas as possibilidades de apagar sua existência: "Por que não morri ao deixar o ventre materno, ou pereci ao sair das entranhas?" (Jó, 3, 11). Jó chega a clamar para que a noite da sua concepção seja amaldiçoada: "Que essa noite fique estéril, que não penetrem ali os gritos de júbilo!" (Jó, 3, 7) e ao pedir por maldição ele

faz inferência ao paganismo¹⁸, "Que a amaldiçoem os que amaldiçoam o dia, os entendidos em conjurar Leviatã!" (Jó, 3, 8), a narrativa aqui faz referência aos inimigos da luz, aos que agem nas trevas, aqueles que como Jó amaldiçoam o dia do seu nascimento. Pode ainda ser relacionada aos feiticeiros e adivinhos, capazes, segundo a tradição pagã, de imprecações e sortilégios que alteravam os dias fastos em nefastos, aqueles capazes de atrair os eclipses, quando o Leviatã engolia momentaneamente o sol. O Leviatã na bíblia é o monstro que não deve ser acordado. As representações bíblicas, muitas vezes associam o monstro do caos primitivo¹⁹ à Serpente Fugitiva, como em Isaías "Naquele dia, punirá Iahweh,' com a sua espada dura, grande e forte,' Leviatã, serpente escorregadia,' Leviatã, serpente tortuosa,' matará o monstro que habita o mar" (Jó, 27, 1) ou ao dragão retratado em Apocalipse "Apareceu então outro sinal no céu: um grande Dragão, cor de fogo, com sete cabeças e dez chifres e sobre as cabeças sete diademas: sua cauda arrastava um terço das estrelas do céu, lançando-as para a terra" (Jó, 12, 3) ambos representam a resistência do mal a Deus, o que dialoga com os traços desta serpente caótica.

O discurso de Jó rompe em um jogo de antíteses que se concentram na oposição luz e sombra: "Esse dia, que se torne trevas/ que sobre ele não brilhe a luz!"; (Jó, 3, 4) "Que se escureçam as estrelas da sua aurora, que espere pela luz que não vem", (Jó, 3, 9) e vida e morte: "Por que não morri ao deixar o ventre materno, ou pereci ao sair das entranhas?(Jó, 3, 11) Que eu fosse como um aborto escondido, que não existisse agora, como crianças que

-

¹⁸ O politeísmo, constante forma do antigo paganismo do Oriente Médio e greco-romano que as Escrituras denunciam, pressupõe muitos seres sobrenaturais, limitados uns pelos outros, nenhum deles sendo onipotente, de forma que adoração e a lealdade devem ser divididas entre todos, por nunca se saber a ajuda de qual deles se pode vir a precisar (FERGUSON, S., WRIGHT, D., 2009, p. 291).

¹⁹Seu nome vem da mitologia fenícia, que fazia dele um monstro do caos primitivo; a imaginação popular sempre temia que acordasse, atraído por uma maldição eficaz contra a ordem existente. (CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p.547)

não viram a luz (Jó, 3, 16)". A luz é relacionada com as sombras em uma alternância, que revela a própria condição cambaleante de Jó entre a vida e a morte, o sofrimento do personagem não lhe possibilita mais a segurança, aqui, a luz é metáfora e símbolo. Isso porque a luz é o conhecimento e a presença do divino, a luz é a força que dá e tira a vida, sua ausência é também a ausência do Criador²⁰. Sobre essa perspectiva ainda é possível relacionar o ventre materno e o aborto escondido como as construções que configuram parte dessa oposição registrada no discurso. O ventre, aqui, é refúgio, mas também é destruidor, em uma alusão ao Criador, que concede a vida às criaturas, mas as domina, em uma atitude controladora e cruel²¹.

No decorrer do discurso Jó segue em lamentos a despeito da sua existência: "Que eu fosse como um aborto escondido, que não existisse agora, como crianças que não viram a luz." (3,16) Fazendo inclusive referência ao Xeol e ao descanso na terra dos mortos. "Ali acaba o tumulto dos ímpios" (3,17) Xeol²² é uma palavra de origem desconhecida, que designa as profundezas da terra, onde os mortos "descem" e onde bons e maus se confundem e têm sobrevivência apagada, onde Deus não é louvado. O termo aparece em vários livros bíblicos, com algumas alterações na conotação. O livro de Isaías faz referência ao termo "Nas profundezas, o Xeol se agita por causa de ti, para vir ao teu encontro; para receber-te despertou os mortos, todos os potentados da terra, fez erguerem-se dos seus tronos todos os reis das nações." (14,9) assim como o Gênesis "Todos os seus filhos e filhas vieram para consolá-lo, mas ele recusou toda consolação e disse: "Não é em luto que descerei ao Xeol para junto do meu filho." E seu pai o chorou" (Jó, 37, 35).

Em Jó o Xeol é um lugar esquecido: "Ali acaba o tumulto dos ímpios, ali repousam os que estão esgotados. Com eles descansam os prisioneiros, sem ouvir a voz do capataz. Lá pequenos e grandes se avizinham e o escravo livra-se de seu amo" (Jó, 3, 17-19). Entretanto, compreendemos que esse trecho expressa mais que uma simples vontade de

²⁰ No Egito, o deus Set simbolizava a luz das trevas, maligna e terrível, e o deus Anúbis, a luz vivificadora, favorável e grandiosa, aquela de onde sai o universo e aquela que introduz as almas no outro mundo. A luz simboliza a força que dá e que tira a vida. A natureza e o nível da vida dependem da luz recebida" (CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p. 571).

²¹O ventre é refúgio, mas é também devorador. A *Genetrix* pode revelar-se dominadora e cruel; alimenta os filhos, decerto, mas é possível que os conserve no nível infantil e que lhes impeça o desenvolvimento espiritual que os tornaria autônomos em relação a ela. As Deusas-Mães* em todas as mitologias apresentam esse duplo aspecto de nutriz tirânica, de mão dominadora. (CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p.937)

²²A palavra de origem desconhecida , inspirava terror, mas não correspondia a uma noção muito definida. Significa a vida reduzida e silenciosa, sem qualquer relação com Deus, vivida pelos mortos condenados por seu comportamento na terra. Este lugar de permanência situar-se-ia nas profundezas da terra, onde os mortos descem para uma triste sobrevivência. Seu sofrimento é descrito como irremediável e como a privação de tudo que evoca, simbolicamente, a luz do sol. (CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p.967)

habitar o Xeol, ele é decisivo na narrativa porque, desde o início do diálogo Jô não se dirige à figura de Deus diretamente, entretanto ao falar do Xeol é como se elucidasse um lugar fora do domínio dos céus. Jó quer um local, para estar em paz, sem o capataz, aquele que lidera o grupo, sem o amo, o senhor que dá as ordens. Pela primeira vez Jó deseja estar fora dos domínios e desígnios de Deus.

Ainda sobre a vontade de Jó em habitar o Xeol, é preciso entender que a doutrina das recompensas e das penas de além-túmulo e da ressurreição, preparadas pela esperança dos escritores dos Salmos, não estão presentes na narrativa de Jó, dessa maneira a morte na história designa o fim perpétuo do indivíduo. Porém, tamanha é a desilusão de Jó que ele não vê saída, chegando inclusive a questionar o caráter da vida: "Por que este dom ao homem cujo caminho é escondido e que Deus cerca com uma sebe?", aqui inicia-se os primeiros questionamentos sobre os mistérios da vida e a ineficiência dos homens diante do Criador.

Ainda sobre as estruturas de convenção de escrita, uma das mais utilizadas na narrativa é o paralelismo semântico, nesse trecho em específico, conseguimos identificar várias passagens: "que sobre ele não brilhe a luz! Que o reclamem as trevas e sombra espessa, que uma nuvem pouse sobre ele, que um eclipse o aterrorize!" (Jó, 3, 4-5) "Que eu fosse como um aborto escondido, que não existisse agora" (Jó, 3, 16), essa estrutura concebe mais dramaticidade a narrativa, o tom de lamento ganha ares profundos que se intensificam por meio das repetições, o recurso enriquece o discurso.

Em resposta ao discurso de Jó, Elifaz de Temã, um dos sábios, assume a palavra. É necessário perceber que mesmo os discursos se apresentando sem intervenção, ou seja, sem uma construção dialógica, porque são monólogos em um primeiro momento, existe entre eles um fio condutor, uma linha que alinhava as acusações dos sábios e a defesa de Jó.

4Confiança em Deus^d— ¹Elifaz de Temã tomou a palavra e disse:

²Se alguém se dirigisse a ti, perderias a paciência.

Porém, quem pode refrear-me as palavras?

³Tu que a tantos davas lições
e fortalecias os braços desfalecidos,

⁴com tuas palavras levantavas o trôpego
e sustentavas joelhos cambaleantes.

⁵E hoje que é a tua vez, vacilas?

Perturbas-te, hoje, quando tudo cai sobre ti?

⁶Tua piedade não é tua segurança,
tua esperança não é uma vida íntegra?

⁷Recordas-te de um inocente que tenha perecido?

Onde já se viu que justos fossem exterminados ?

⁸Eu vi bem: Aqueles que cultivam a desgraça
e semeiam o sofrimento são também os que os colhem.

⁹Ao sopro de Deus perecem, são consumidos pelo sopro da sua ira. ¹⁰O rugido do leão e a voz do leopardo, e os dentes dos filhotes são quebrados: ¹¹morre o leão por falta de presa, e as crias da leoa se dispersam. ¹²ouvi furtivamente uma revelação, ^a meu ouvido apenas captou seu murmúrio: ¹³numa visão noturna de pesadelo, quando a letargia cai sobre o homem, ¹⁴um terror apoderou-se de mim e um tremor, um frêmito sacudiu meus ossos. ¹⁵Um sopro roçou-me o rosto e provocou arrepios por todo o corpo. ¹⁶Estava parado − mas não vi seu rosto −, qual fantasma diante dos meus olhos, ¹⁷"Pode o homem ser justo diante de Deus? Um mortal ser puro diante do seu Criador? ¹⁸Dos próprios servos ele desconfia, até mesmo a seus anjos verbera o erro.b ¹⁹Quanto mais aos que moram em casas de barro, cujos fundamentos se assentam sobre o pó! Serão esmagados mais depressa do que a traça; ²⁰esmigalhados entre a manhã e a noite, e morrem sem sabedoria."c

 5^{1} Grita, para ver se alguém te responde. A qual dos santos^d te dirigirás? ²Porque o despeito mata o estulto e o ciúme causa a morte ao imbecil. ³Vi um estulto deitar raízes e num momento eu amaldiçoei sua casa: ⁴que seus filhos sejam privados de socorro, pisados à Porta, e sem que ninguém os defenda. ⁵O faminto comerá a messe dele, e Deus lha arrancará de entre presas, e os sedentos cobiçarão os bens. ⁶Pois a iniquidade não nasce do pó, e a fadiga não brota da terra. ⁷Mas o homem nasceu para o sofrimento, como as faíscas^a sobem para o alto. ⁸Mesmo assim eu recorreria a Deus, a ele exporia minha causa.^b ⁹Ele faz prodígios insondáveis, maravilhas sem conta: ¹⁰Dá chuva à terra,

envia as águas sobre os campos, ¹¹para os humildes poderem erguer-se e os abatidos pôr-se a salvo. ¹²Leva ao malogro os projetos dos astutos, para que fracassem suas manobras. ¹³Apanha os sábios na astúcia deles, e o conselho dos errados torna-se irrefletido. ¹⁴Em pleno dia eles caem nas trevas, e ao meio-dia tateiam como de noite. ¹⁵Ele salva da sua boca o homem arruinado, ^c e o indigente das garras do forte; ¹⁶assim o fraco terá esperança, e a injustica fechará a boca. ¹⁷Ditoso o homem a quem Deus corrige: não desprezes a lição de Shaddai, e ¹⁸porque ele fere e pensa a ferida, golpeia e cura com suas mãos. ¹⁹De seis perigos te salva, e no sétimo não sofrerás mal algum. f ²⁰em tempo de fome livrar-te-á da morte e, na batalha, dos golpes da espada. ²¹Esconder-te-ás do açoite da língua, e, ainda que chegue a pilhagem, não temerás. ²²Zombarás da pilhagem e da fome, E não temerás os animais selvagens. ²³Farás uma aliança com as pedras do campo,^g e o animal selvagem estará em paz contigo. ²⁴Conhecerás paz em tua tenda, Visitarás teus apriscos, onde nada faltará. ²⁵Conhecerás uma descendência numerosa e teus rebentos serão como a erva do campo. ²⁶Baixarás ao túmulo bem maduro, ^h como um feixe de trigo recolhido a seu tempo. ²⁷Foi isto o que observamos. E é de fato assim. Quanto a ti, escuta-o e aproveita-o.

Elifaz responde a Jó, alegando a impossibilidade de ficar calado perante sua fala. O discurso de Elifaz marca um ponto chave entre o diálogo estabelecido por Jó e seus amigos, isso porque todos eles apontam Jó como culpado. Os sábios estão embasados na filosofia da justiça divina como uma justiça distributiva, isto é, uma justiça que pune os pecadores e beneficia o imaculado. Entretanto, a fala de Elifaz, nesse primeiro discurso, possui um tom aconselhador, que sugere a Jó a confiança em Deus, a partir da remissão de seus pecados.

O início do discurso faz alusão ao Jó paciente e temente a Deus, do início da narrativa: "Tu que a tantos davas lições e fortalecias os braços desfalecidos, com tuas palavras levantavas o trôpego e sustentavas joelhos cambaleantes. E hoje que é a tua vez,

vacilas?" (Jó, 4, 3-5). Elifaz questiona Jó sobre sua resiliência e força diante das atribulações. Em seguida, o sábio faz referência à justiça distributiva de Deus: "Recordas-te de um inocente que tenha perecido? Onde já se viu que justos fossem exterminados?" (Jó, 4, 7). A justiça distributiva conflui com a sabedoria da tradição, que acreditava na recompensa e punição de Deus por meio dos atos dos sujeitos.

Algo que merece particular atenção no discurso é o trecho em que Elifaz narra uma revelação da ordem do divino: "Um sopro roçou-me o rosto e provocou arrepios por todo o corpo. Estava parado — mas não vi seu rosto —, qual fantasma diante dos meus olhos 'Pode o homem ser justo diante de Deus? Um mortal ser puro diante do seu Criador?' (Jó, 4, 15-17). Elifaz parece ser surpreendido por uma criatura misteriosa que profere um ensinamento celeste, visando provocar uma reflexão da ordem do sagrado. A passagem chama a atenção porque foge ao princípio racional da doutrina dos sábios, que não se apoiam em concepções sobrenaturais. Aqui, Elifaz parece ter uma visão noturna semelhante ao sonho, essa passagem é definitiva para a construção dos conselhos que o sábio direciona a Jó.

Diante das colocações de Elifaz, compreendemos que a visão estabelecida no discurso da personagem é a de um Deus punitivo, que derrama sua ira sobre os ímpios e corrige seus servos: "Ao sopro de Deus perecem, são consumidos pelo sopro de sua ira" (Jó, 4, 9); "Ditoso o homem a quem Deus corrige: não desprezes a lição de Shaddai" (Jó, 5, 17). Podemos inferir que essa construção do Criador é compatível com uma visão do divino que habitava o imaginário das sociedades antigas, em específico dos escritores hebreus. Ainda em análise ao último trecho, merece destaque o uso do arcaísmo Shaddai, que designa Deus. A primeira ocorrência do termo está em Gênesis: "Eu sou El Shaddai, anda na minha presença e sê perfeito" (Gn, 17, 1). O termo foi mantido pela tradição sacerdotal, entretanto, sua ocorrência é rara fora do Pentateuco, sendo, portanto, uma particularidade seu uso no livro de Jó²³.

Ainda sobre a concepção de Elifaz do divino, para o sábio, Deus é um Ser superior, diante do qual a criação é insignificante: "Pode o homem ser justo diante de Deus? Um mortal ser puro diante do seu Criador?" (Jó, 4, 17). Elifaz estabelece uma hierarquia entre o homem, Deus e seus Servos, entendidos aqui como os anjos do Senhor ao dizer: "Dos próprios servos ele desconfia, até mesmo a seus anjos reverbera o erro. Quanto mais aos que moram em casas de barro, cujos fundamentos se assentam sobre o pó!" (Jó, 4, 18-19). O que

-

²³A tradução comum "Deus todo poderoso" é inexata. O sentido é incerto: propôs-se "Deus da montanha" segundo o acádico *shadû*; seria preferível entender Deus da Estepe", segundo o hebraico *sadeh* e outro sentido do termo acádico. É uma designação divina que corresponde ao modo de vida dos nômades. (Nota Bíblia de Jerusalém, p.54)

posiciona Jó como uma minúscula criatura diante Criador, incapaz, portanto, de questionar seus desígnios.

A propósito da afirmação sobre a insignificância de Jó, o discurso de Elifaz faz uso do recurso da ironia ao perguntar: "Grita, para ver se alguém te responde. A qual dos santos te dirigirás?" (Jó, 5, 1). Reafirmando que a indignação de Jó de nada basta. Outra inferência sobre o trecho é em relação ao hábito de recorrer à intercessão de Deus, junto aos Santos. Isso porque intercessões dessa natureza podem ser associadas a uma remota alusão ao politeísmo, relembrando as histórias de quando um deus intercedia por um mortal nas assembleias dos deuses. Essa inferência parece ficar um pouco mais clara ao analisarmos o conselho que Elifaz dá a Jó: "Mas o homem nasceu para o sofrimento, como as faíscas sobem para o alto. Mesmo assim eu recorreria a Deus, a ele exporia minha causa" (Jó, 5, 7). Elifaz parece se opor àqueles que recorrem aos anjos e não se dirigem diretamente a Deus, por isso, sugere a Jó que retifique sua atitude perante o Senhor, em sinal de clamor e pedido de piedade, pois só, assim, ele será atendido e sua vida restabelecida.

Ainda na ordem da estética, o paralelismo semântico também é verificado em passagens como: "Baixarás ao túmulo bem maduro, como um feixe de trigo recolhido a seu tempo. /porque ele fere e pensa a ferida, golpeia e cura com suas mãos./ Recordas-te de um inocente que tenha perecido? Onde já se viu que justos fossem exterminados?" (Jó, 5, 26).

Sabemos que pode parecer repetitiva a descrição do balanço estabelecido na narrativa entre o personagem principal Jó e os sábios, entretanto, é exatamente esse jogo dentro do diálogo que sinaliza a característica do discurso bíblico, assim como, é também por meio dele que conseguimos compreender as tramas construídas dentro da narrativa, as compreensões do sofrimento da personagem, e a especulação que tanto Jó, quanto os personagens secundários fazem sobre os mistérios da vida. Jó retoma o discurso fazendo alusões às sentenças de Elifaz.

6 Só o homem abatido conhece sua miséria – ¹Jó tomou a palavra e disse:

²Ah, se pudessem pesar minha aflição e pôr na balança meu infortúnio, ³seriam mais pesados que a areia do mar, por isso as minhas palavras são desvairadas. ⁴Levo cravadas as flechas de Shaddai e sinto absorver seu veneno. Os terrores de Deus assediam-me. ⁵Porventura, zurra o asno quando tem erva? Ou muge o boi diante da forragem? ⁶Come-se um manjar insípido, sem sal?

A clara de ovo^a tem algum sabor? ⁷Ora, o que meu apetite recusa tocar. isso é a minha comida de doente.b ⁸Oxalá se cumprisse o que pedi, e Deus concedesse o que espero: ⁹que se dignasse esmagar-me, que soltasse sua mão e me suprimisse. ¹⁰Seria até um consolo para mim: Torturado sem piedade, saltaria de gozo, pois não reneguei as palavras do Santo.^c ¹¹Que forças me sobram para resistir? Que destino espero para ter paciência? ¹²É minha força a força das pedras, ou é de bronze minha carne? ¹³Teria por apoio o nada, e toda ajuda^d não fugiu longe de mim? ¹⁴Recusar^e a misericórdia a seu próximo, é abandonar o temor de Shaddai.f ¹⁵Meus irmãos atraiçoaram-me como uma torrente, como canais de um rio que transborda, ¹⁶tornando-se turvo pelo degelo e arrastando consigo a neve.^g ¹⁷No tempo de verão, porém, desaparece, ao vir o calor extingue-se em seu leito. ¹⁸As caravanas desviam-se de sua rota. penetram no deserto e nele se perdem. ¹⁹As caravanas de Tema procuram-no, e os mercadores de Sabá contam com ele: ²⁰mas fica burlada sua esperança. ao encontrá-lo ficam decepcionados.^h ²¹Tais sois para mim agora:ⁱ à visto da praga, ficais com medo. ²²Porventura disse eu: "Daí-me algo"? "Resgatai-me com a vossa fortuna"? ²³"Arrancai-me da mão de um opressor"? "Resgatai-me da mão dos tiranos"? ²⁴Instruí-me e guardarei silêncio, fazer-me ver em que me equivoquei,^a ²⁵Como são agradáveis as palavras justas! Porém, como podeis censurar-me e repreender-me? ²⁶Pretendeis criticar palavras, considerar como vento as palavras de desesperado? ²⁷Seríeis capazes de leiloar um órfão, de traficar o vosso amigo. ²⁸Agora, voltai-vos para mim: mentiria diante de vós? ²⁹Voltai atrás, por favor: não haja falsidade; voltai atrás, porque justa é a minha causa. ³⁰Há falsidade em meus lábios?

 $7^{\scriptscriptstyle 1}$ Não está o homem condenado a trabalhar forçados $^{\scriptscriptstyle b}$ aqui na terra? Não são seus dias os de mercenário?^c ²Como o escravo suspira pela sombra, como o mercenário espera o salário, ³assim tive por herança meses de ilusão, e couberam-me noites de pesar. ⁴Quando me deito, penso; "Quando virá o dia?" Ao me levantar: "Quando chegará a noite?" E pensamentos loucos invadem-me até ao crepúsculo. ⁵Meu corpo cobre-se de vermes e pústulas, a pele rompe-se e supura. ⁶Meus dias correm mais rápido do que a lançadeira e consomem-se sem esperança. ⁷Lembra-te^e que minha vida é sopro, e que meus olhos não voltarão a ver a felicidade. ⁸Os olhos de quem me via não mais me verão, teus olhos pousarão sobre mim e já não existirei. ⁹Como a nuvem se dissipa e desaparece, assim quem desce ao Xeol não subirá jamais. f ¹⁰Não voltará para sua casa, sua morada não tornará a vê-lo. ¹¹Por isso, não refrearei minha língua, falarei com espírito angustiado e queixar-me-ei com a alma amargurada. ¹²Acaso sou o Mar ou o Dragão.^g para que ponhas um guarda contra mim? ¹³Se eu disser: "Meu leito consolar-me-á e minha cama aliviar-me-á o sofrimento", ¹⁴então me assustas com sonhos e me aterrorizas com visões. ¹⁵Prefiriria morrer estrangulado;^a antes a morte que meus tormentos.^b ¹⁶Eu zombo de mim, não viverei para sempre; deixa-me, pois os meus dias são um sopro! ¹⁷Que é o homem, para que faças caso dele, para que dele te ocupes.c ¹⁸para que o inspeciones cada manhã e o examines a cada momento? ¹⁹Por que não afastas de mim o olhar e não me deixas até que tiver engolido a saliva? ²⁰Se pequei, que mal te fiz com isso, ^d sentinela dos homens? Por que me tomas por alvo? e cheguei a ser um peso para ti?e ²¹Por que não perdoas meu delito e não deixas passar a minha culpa? Eis que vou logo deitar-me no pó; procurar-me-ás e já não existirei. f

O discurso caminha em três direções, nas quais Jó responde e questiona os sábios, profere palavras que justificam sua integridade, e questiona o Criador. Percebemos que Jó comunga do mesmo olhar de Elifaz em relação ao Criador, ele conserva a visão trágica de Deus, de um Deus punitivo: "Levo cravadas as flechas de Shaddai e sinto absorver seu veneno. Os terrores de Deus assediam-me" (Jó, 6, 4). A experiência com o sagrado é, para Jó, terrífica, semelhante à noção de pavor diante do mysterium tremendum²⁴. Jó se encontra diante de um temor religioso, o que Rudolf Otto apud Mircea Eliade (1992) designa como experiência numinosa. Diante da potência do Criador o homem não passa de uma criatura, que, de acordo com os termos expressos por Abraão, em Gênesis: "Eu me atrevo a falar ao meu Senhor, eu que sou poeira e cinza" (Gn, 18, 27). Nessa perspectiva, o ser humano é apenas pó.

Jó afirma não ter abandonado os caminhos de Deus: "Torturado sem piedade, saltaria de gozo, pois não reneguei as palavras do Santo" (Jó, 6, 10). Ele apresenta sua fragilidade demasiadamente humana diante dos infortúnios: "Que forças me sobram para resistir? Que destino espero para ter paciência? É minha força a força das pedras, ou é de bronze minha carne? (Jó, 6, 11-12). A fim de dar ênfase à condição de Jó, o autor faz uso de perguntas retóricas que realçam o pensamento da personagem.

Diante da comparação entre justos e ímpios, para a explicação do sofrimento do personagem, Jó coloca em xeque a justiça distributiva à qual Elifaz faz menção. Nota-se, aqui, um questionamento da personagem a propósito da maneira como se concebe a sabedoria antiga, isso porque Jó não se considerava um ímpio e, mesmo diante de todo seu sofrimento, ainda era julgado como merecedor daquilo. Afinal, se Deus não condena os justos, na visão teológica hebraica, como explicar os sofrimentos de um servo justo e bom, como era Jó? Para tanto, ele suplica aos que lhe apontam o dedo: "Instruí-me e guardarei silêncio, fazei-me ver em que me equivoquei. Como são agradáveis as palavras justas! Porém como podeis censurar-me e repreender-me?" (Jó, 6, 24-25). Jó busca, incansavelmente, por explicação, e diante da falta de explicações ele pede contas a Deus.

O segundo capítulo do discurso de Jó é direcionado ao Criador. Primeiro ele se dirige a Deus em tom de piedade: "Lembra-te que minha vida é sopro, e que meus olhos não

-

²⁴ O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades "naturais". É certo que a linguagem exprime ingenuamente o *tremendum*, ou a *majestas*, ou o *mysterium fascinans* mediante termos tomados de empréstimo ao domínio natural ou à vida espiritual profana do homem. Mas sabemos que essa terminologia analógica se deve justamente à incapacidade humana de exprimir o *ganz andere*: a linguagem apenas pode sugerir tudo o que ultrapassa a experiência natural do homem mediante termos tirados dessa mesma experiência natural (ELIADE, 1992, p. 12).

voltarão a ver a felicidade" (Jó, 7, 7). Em um segundo momento, Jó se dirige a Deus em tom amargurado e intempestivo: "Acaso sou o mar ou o Dragão, para que ponhas um guarda contra mim?" (Jó, 7, 12). Nesse trecho existe uma referência à Tiamat que segundo as cosmogonias babilônicas (CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p.592-593.), depois de ter contribuído para a origem dos deuses, foi vencido e subjugado por um deles. A imaginação popular e poética está presente nesse processo figurativo, atribuindo a Iahweh essa vitória, que seria anterior à organização do caos. Deus mantém em contínua sujeição o mar e os monstros que nele habitam.

Nessa parte da narrativa ainda se faz necessário observar o Deus onipresente apresentado pela história, aquele que tudo vê e tudo pune, um Deus punitivo que espia os humanos, muito semelhante aos Deuses do Olimpo:

Que é o homem, para que faças caso dele, para que dele te ocupes, para que o inspeciones cada manhã e o examines a cada momento? Por que não afastas de mim o olhar e não me deixas até que tiver engolido a saliva? Se pequei, que mal te fiz com isso, sentinela dos homens? Por que me tomas por alvo? E cheguei a ser um peso para ti? (Jó, 7, 17-20).

O autor, com refinada ironia, retoma a condição do Deus onipresente, como um motivo de angústia para o homem. A solicitude de Deus transforma-se em uma exigente vigilância. Para Jó, a presença de Deus não era um motivo de confiança, ele se sentia um inimigo perante o Deus que o observa. Oscilando entre a noção jurídica da culpa e religiosa do pecado, Jó busca no escuro o Deus da misericórdia.

Édipo também se considerava um inimigo dos deuses, um homem desamparado da misericórdia divina: "Que mais posso eu contemplar, ou amar na vida? Que palavras poderei ouvir com prazer? Oh, Levai-me para longe daqui, levai-me depressa para bem longe. Eu sou um réprodo, um maldito, a criatura mais odiada pelos deuses, entre os mortais." O sentimento de desamparo dos personagens é fundamentalmente trágico, pois a condição trágica da existência é atrelada à liberdade do sujeito, a falta de garantia perante a vida é o que nos confere essa vivência.

Baldad de Suás, o segundo sábio, toma a palavra e repreende a Jó, iniciando por condenar sua linguagem e tom perante o Senhor. No discurso de Baldad, percebemos a retomada do conceito de justiça divina e da sabedoria inalcançável ao homem.

8 O curso necessário da justiça divina – ¹Baldad de Suás tomou a palavra e disse:

²Até quando falarás dessa maneira? As palavras de tua boca são um vento impetuoso. ³Acaso Deus torce o direito, ou Shaddai perverte a justica?g ⁴Se teus filhos pecaram contra ele, entregou-os ao poder de sua falta. ⁵Quanto a ti, se buscas Deus, se imploras a Shaddai, ⁶se és irrepreensível e reto, desde agora ele velará sobre ti e restaurará teu lugar e teu direito. ⁷Teu passado parecerá pouca coisa diante da exímia grandeza de teu futuro. ⁸Pergunta às gerações passadas e medita^h a experiência dos antepassados. ⁹Somos de ontem, não sabemos nada. Nossos dias são uma sombra sobre a terra. ¹⁰Eles, porém, te instruirão e falarão contigo, e seu pensamento dará as sentenças.^a ¹¹Acaso brota o papiro fora do pântano, Cresce o junco sem água? ¹²Verde ainda e sem ser arrancado, seca antes de todas as ervas. ¹³Tal é o destino^b daqueles que esquecem a Deus, assim desvanece a esperança do ímpio ¹⁴Sua confiança é fiapo no ar, teia de aranha sua segurança: ¹⁵ao se apoiar em sua casa, ela não se manterá; quando nela se agarrar, ela não resistirá. ¹⁶Cheio de seiva, ao sol, lança rebentos no seu jardim, ¹⁷enreda as raízes ente pedras e vive no meio das rochas.c ¹⁸mas, se o arrancam do lugar, este o renegará: "Nunca te vi." ¹⁹E ei-lo apodrecendo^dno caminho, e do solo outros germinam. ²⁰Não, Deus não rejeita o homem íntegro, nem dá a mão aos malvados: ²¹pode ainda^eencher tua boca de sorrisos e teus lábios de gritos de júbilo. ²²Teus inimigos cobrir-se-ão de vergonha e desaparecerá a tenda dos ímpios.

O início do discurso surge em tom impaciente: "Até quando falarás dessa maneira?" (Jó, 8, 2). Baldad parece pestanejar contra Jó e a sua insistência em justificar sua integridade. Em seguida, o sábio pronuncia exortações para que Jó busque a Deus: "Quanto a

ti, se buscas Deus, se imploras a Shaddai, se és irrepreensível e reto, desde agora ele velará sobre ti e restaurará teu lugar e direito". (Jó, 8, 5-6) Além disso, Baldad faz menção aos limites da compreensão humana: "somos de ontem, não sabemos nada. Nossos dias são uma sombra sobre a terra" (Jó, 8, 9). Afirmando que a vida do ser humano é fugidia e os desígnios do Criador não estão acessíveis.

Dentro do discurso ainda identificamos uma descrição da sina dos perversos, bem como do destino dos justos: "Cresce o junco sem água? Verde ainda e sem ser arrancado, seca antes de todas as ervas. Tal é o destino daqueles que esquecem a Deus, assim desvanece a esperança do ímpio" (Jó, 8, 11-13). Percebe-se que o autor faz uso de analogias para explicar as punições sofridas por todos aqueles que incorrem em atitudes que não louvam ao Senhor.

O discurso finaliza com trechos que direcionam nossa reflexão para o conceito de justiça, estabelecido pela Criação e compreendido pelos sábios: "Não, Deus não rejeita o homem íntegro, nem dá a mão aos malvados" (Jó, 8, 20). É importante, contudo, considerar que o justo, tal qual os sábios o vão construindo em seus discursos, corresponde ao homem perfeito, aquele que parece se assemelhar a um demiurgo, que tudo compreende, organiza e sustenta. Poderia, dentro dessas condições, o homem, imerso nesse campo simbólico, ser justo e íntegro?

Jó parece, em alguma medida, reconhecer que não. Tal é a sua insignificância perante o Senhor, que ele rompe no seu terceiro discurso com a interrogativa: "poderia o homem justificar-se diante de Deus?" (Jó, 9, 2).

9 A justiça divina domina o direito – ¹Jó tomou a palavra e disse:

²Sei muito bem que é assim:
poderia o homem justificar-se diante de Deus?

³Se Deus se dignar pleitear com ele,
entre mil razões não haverá uma para rebatê-lo.

⁴Quem entre os mais sábios e mais fortes
poderá resistir-lhe impunemente?

⁵Ele desloca as montanhas, sem perceberem,
e derruba-as em sua ira;

⁶abala a terra desde os fundamentos
e faz vacilar suas colunas;

⁷manda ao sol que não brilhe,
e guarda sob sigilo as estrelas;^g

⁸sozinho desdobra os céus
e caminha sobre o dorso do Mar;^h

⁹criou a Ursa e o Órion.

as Plêiades e as Câmaras do Sul.i ¹⁰faz prodígios insondáveis. maravilhas sem conta. ¹¹Se cruzar por mim, não posso vê-lo, se passar roçando-me, não o sinto; ¹²se apanha uma presa, quem o impedirá? Quem lhe dirá: "Que fazes?" ¹³Deus não precisa reprimir sua ira, diante dele curvam-se os aliados de Raab.a ¹⁴Quanto menos poderei eu replicar-lhe^b ou escolher argumentos contra ele?c ¹⁵Ainda que tivesse razão, ficaria sem resposta, teria que implorar misericórdia do meu juiz. ¹⁶Ainda que o citasse e ele me respondesse, não creio que daria atenção a meu apelo. ¹⁷Ele me esmaga por um cabelo, ^d e sem razão multiplica minhas feridas. ¹⁸Não me deixa retomar alento e me enche de amargura! ¹⁹Recorrer à força? Ele é mais forte! Ao tribunal? Quem o citará?e ²⁰Mesmo que eu fosse justo, sua boca^fcondenar-me-ia; sefosse íntegro, declarar-me-ia culpado. ²¹Sou íntegro? Eu mesmo já não sei, erejeito minha vida! ²²É por isso que digo: é a mesma coisa! Ele extermina o íntegro e o ímpio! ²³Se uma calamidade semear morte repentina, ele se ri do desespero dos inocentes; ²⁴deixa a terra em poder do ímpio e encobre o rosto aos seus governantes: se não for ele, quem será então?g ²⁵Meus dias correm mais depressa que um atleta e se esvaem sem terem provado a felicidade; ²⁶deslizam como barcas de papiro, como a águia que se precipita sobre a presa. ²⁷Se eu decidir esquecer minha aflição, mudar de fisionomia e fazer rosto alegre, ²⁸eu temo todos os meus tormentos, pois sei que não me terás por inocente.^h ²⁹E se fosse culpado, para que afadigar-me em vão? ³⁰Ainda que me lavasse com sabão e purificasse as mãos com soda,^a ³¹tu me submergirias na imundície^b e as minhas próprias vestes teriam nojo de mim. ³²Ele não é homem como eu a quem possa dizer: "Vamos juntos comparecer em julgamento." ³³Não existe árbitro entre nós, que ponha a mão sobre nós dois

³⁴para afastar de mim a sua vara e rechaçar o medo de seu terror!
³⁵Então lhe falaria e não teria medo, pois eu não sou assim a meus olhos.^c

 10^{1} Já que tenho tédio à vida, darei livre curso ao meu lamento, falarei com a amargura da minha alma. ²Direi a Deus: Não me condenes, explica-me o que tens contra mim. ³Acaso te agrada oprimir-me, rejeitar a obra de tuas mãos e favorecer o conselho dos ímpios? ⁴Porventura tens olhos de carne. ou vês como vêem os homens? ⁵Acaso são os teus dias como os de um mortal e teus anos como os dias do homem, d ⁶para indagares minha culpa e examinares meu pecado, ⁷quando saber que não sou culpado e que ninguém me pode tirar de tuas mãos? ⁸Tuas mãos me formaram e me modelaram, e depois te volves a mim^e para aniquilar-me? ⁹lembra-te de que me fizeste de barro, e agora me farás voltar ao pó? ¹⁰Não me derramaste como leite e me coalhaste como queijo?f ¹¹De pele e carne me revestiste, de ossos e de nervos me teceste. ¹²Deste-me a vida e o amor, e tua solicitude me guardou. ¹³E, contudo, algo guardavas contigo:^g agora sei que tinhas a intenção ¹⁴de vigiar sobre mim para que, se eu pecasse, meu pecado não fosse considerado isento de culpa. ¹⁵Se tivesse incorrido em pecado, ai de mim! Se fosse inocente, não ousaria levantar a cabeca, saturado de afrontas e saciado de misérias.^a ¹⁶Orgulhoso^b como um leão, tu me caças, multiplicas proezas contra mim, ¹⁷renivando teus ataques contra mim, redobrando tua cólera contra mim, lançando tropas descansadas contra mim.^c ¹⁸Então, por que me tiraste do ventre? Poderia ter morrido sem que olho algum me visse, ¹⁹e ser como se não tivesse existido, levando do ventre para o sepulcro. ²⁰Quão poucos são os dias de minha vida! Fica longe de mim, para que eu tenha um instante de alegria, d ²¹antes de partir, sem nunca mais voltar, para a terra de trevas e sombras,
 ²²para a terra sorturna e desordem, de escuridão e desordem, onde a claridade é sombra.^e

Logo nos primeiros trechos do discurso encontramos linhas hínicas, isto é, Jó profere um discurso de louvor à grandiosidade de Deus, ele faz uma série de inferências sobre o poder divino, relacionando a força de Deus à força da natureza: "Ele desloca as montanhas, sem perceberem, e derruba-as em sua ira; abala a terra desde os fundamentos e faz vacilar suas colunas; manda ao sol que não brilhe, e guarda sob sigilo as estrelas; sozinho desdobra os céus e caminha sobre o dorso do Mar" (Jó, 9, 5-8). O trecho nos permite inferir que os hebreus concebiam o Senhor como uma potência máxima, reconhecendo sua soberania. Além disso, o discurso faz referência à onipresença de Deus: "Se cruzar por mim, não posso vê-lo, se passar roçando-me, não o sinto" (Jó, 9, 11) Assim, nota-se uma contradição dentro do discurso que é própria do divino, porque inúmeros são os feitos do Senhor e mesmo assim não podemos vê-lo, nem o tocar, nem o sentir.

O discurso prossegue em citações com referência ao politeísmo: "Deus não precisa reprimir sua ira, diante dele curvam-se os aliados de Raab" (Jó, 9, 13). Raab²⁵ é o monstro do Caos, alternando com Leviatã ou Tannin, ele é a personificação mítica das águas primitivas, do mar (Tiamat). Para afirmar o domínio criador de Iahweh, a imaginação popular e poética celebra o Deus como destruidor de Raab. Por meio dessa alusão, da força personificada do Caos, Jó pretende demonstrar em seu discurso que diante do Criador ele não tem chances, porque Deus é ao mesmo tempo juiz e parte do seu processo. Nesse sentido, não é possível recorrer a formas humanas, ou seja, não adianta requerer um tribunal, ou a aplicação de formas legais, diante daquele que julga: "Recorrer à força? Ele é mais forte! Ao tribunal? Quem o citará?" (Jó, 9, 19).

Jó reconhece, assim, sua ineficiência e chega a duvidar de sua inocência, isso porque se apega às arbitrariedades de julgamento que o Senhor comete e não à sabedoria dos julgamentos de Deus: "Mesmo se eu fosse justo, sua boca condenar-me-ia; se fosse íntegro, declarar-me-ia culpado. Sou íntegro? Eu mesmo já não sei, e rejeito minha vida!" (Jó, 9, 20-21). Entretanto, Jó acredita sem reservas na Providência universal, por isso, não receia lançar diretamente sobre Deus a responsabilidade pelos acontecimentos em sua vida e na vida daqueles que sofrem: "É por isso que digo: é a mesma coisa! Ele extermina o íntegro e o

-

²⁵ (Nota Bíblia de Jerusalém p.813)

ímpio! Se uma calamidade semear morte repentina, ele se ri do desespero do inocente; deixa a terra em poder do ímpio e encobre o rosto aos seus governantes: se não for ele, quem será então?" (Jó, 9, 22-24). Jó parece reconhecer que suas atitudes não alterarão o curso da história, nem as disposições de Deus para o seu problema.

A narrativa esclarece, de muitas maneiras, a insignificância do homem perante os desígnios do Criador, ao que Jó pronuncia: "Ainda que me lavasse com sabão e purificasse as mãos com soda" (Jó, 9, 30). Essa fala parece atestar que apenas Deus pode apagar o pecado, o pecador não tem poder para isso, sua única saída é apelar para a misericórdia divina. Entretanto, Jó não se considera impuro, por isso, partilha desse sentimento de impotência. Deus, de acordo com Jó, é o Senhor do tempo, Ele conhece o íntimo dos corações e não precisa torturar para provar sua inocência, além disso, Ele não tem necessidade de saciar de uma só vez sua vingança, pois pode mostrar sua magnitude pela eternidade: "Acaso são os teus dias como os de um mortal e teus anos como os dias do homem, para indagares minha culpa e examinares meu pecado, quando sabes que não sou culpado e que ninguém me pode tirar de tuas mãos?" (Jó, 10, 5-7).

Jó concebe a solicitude de Deus como dissimulativa: "De pele e carne me revestiste, de ossos e de nervos me teceste. Deste-me a vida e o amor, e tua solicitude me guardou. E, contudo, algo guardavas contigo: agora sei que tinhas a intenção de vigiar sobre mim para que, se eu pecasse, meu pecado não fosse isento de culpa" (Jó, 10, 11-14). A compaixão do Criador é carregada de temíveis exigências, tornando o homem responsável por todos os seus atos perante Deus. A queixa de Jó representa a verdade trágica, porque o homem deveria poder, no uso de sua liberdade, viver em paz com Deus e em harmonia com os seres e as coisas, entretanto, ele se sente dependente da vontade misteriosa dos desígnios do Criador, o que o deixa na incerteza sobre si mesmo e sobre Deus. De maneira negativa, Jó evoca o próprio mistério da fé, porque Deus recusa as garantias nas quais ele desejaria apoiar-se.

Ricoeur (2015) afirma que a visão trágica da existência está ancorada na tragédia grega, isso porque a compreensão do trágico estaria na repetição da experiência trágica clássica, uma vez que ali reside o aparecimento autêntico desse gênero e a essência de seu fenômeno. O que autor demonstra com isso é que o exemplo grego nos revela o âmbito teológico do trágico, ou seja, uma visão trágica do divino, pois é na tragédia que o homem "cego" tem seu destino determinado pelos deuses, ficando a mercê da vontade divina. A essa

compreensão acrescenta-se outra teoria, a de que o trágico representaria uma teologia da predestinação para o mal.

O primeiro e principal tema pré-trágico não é especificamente grego; surge em todas as culturas, sempre que a iniciativa divina é considerada como fraqueza do homem e aparece como possessão divina. Sob essa forma muito diferenciada, este tema tornase indiscernível do tema precedente , uma vez que, num e noutro, o princípio do mal é tão original quanto o princípio do bem; assim, foi possível ver na figura do deus babilônico Enlil, força ambígua de devastação e do bom conselho, o início do primeiro e do segundo tipo. (RICOEUR, 2015, p.231).

A polarização apresentada por Ricoeur (2015) explica o drama da criação quando o mal ocupa o polo oposto ao divino, que nesse caso seria seu Inimigo original, entretanto quando essa polarização não ocorre e esse mesmo poder divino que representa o bom conselho também assume a força que desvia o homem, faz-se uma associação do divino ao diabólico, assumindo assim um caráter trágico, essa analogia podemos constatar em Jó.

O discurso de Jó é finalizado e a narrativa apresenta o terceiro sábio, Sofar de Naamat, que toma a palavra para aconselhar a Jó. Assim como os dois primeiros sábios, Sofar repreende Jó, ele compartilha da compreensão dos demais que Deus não fere o justo, e que Jó está sendo condenado por suas faltas.

11 a sabedoria de Deus desafia a Jó – 1 Sofar de Naamat tomou a palavra e disse:

²O falador ficará sem resposta? Dar-se á razão ao eloquente? ³A tua vã linguagem calará os homens? Zombarás sem que ninguém te repreenda? ⁴Disseste: "Minha conduta é pura, f sou inocente aos teus olhos." ⁵Se apenas Deus falasse, abrisse os lábios por tua causa, ⁶revelar-te-ia os segredos da Sabedoria, que desconcertam toda sensatez! Então saberias que Deus te pede contas da tua falta.^g ⁷Acaso podes sondar a profundeza de Deus, e atingir os limites de Shaddai? ⁸É mais alto que o céu: h que poderás fazer? Mais profundo que o Xeol: que poderás saber? ⁹É mais vasto que a terra e mais extenso que o mar. ¹⁰Se ele intervém para encerrar e convocar a assembléia, quem pode impedi-lo? ¹¹pois ele conhece os fazedores de ilusão, vê o crime e nele presta atenção. ¹²Homens estúpidos deverão começar a ser sábios:

asno selvagem é o homem em seu nascimento! ¹³Se endireitas teus pensamentos, e estendes as mãos para ele,ª ¹⁴se afastares das tuas mãos a maldade E não alojares a injustiça em tua tenda, ¹⁵poderás levantar teu rosto sem mácula, serás inabalável e nada temerás. ¹⁶Esquecerás teus sofrimentos ou recordá-los-ás como a água que passou. ¹⁷Tua vida ressurgirá como o meio-dia, a escuridão será como a manhã. ¹⁸Terás confiança, porque agora há esperança; vivias perturbado, b deitar-te-ás tranquilo. ¹⁹Repousarás sem sobressaltos e muitos acariciarão teu rosto. ²⁰Porém, os olhos do ímpio se turvam, seu refúgio malogra, sua esperança é entregar a alma.c

Sofar inicia o discurso, com uma série de perguntas, que qualificam Jó diante de suas falas como falador, eloquente e zombador. O escritor faz uso do recurso de retomada, no qual o sábio recupera a fala de Jó: "Disseste: "Minha conduta é pura, sou inocente aos teus olhos" (Jó, 11, 4). Cria-se, em seguida, uma proposição irônica para dizer que apenas uma palavra de Deus bastaria para desconcertar toda a especulação de Jó: "Se apenas Deus falasse, abrisse os lábios por tua causa, revelar-te-ia os segredos da Sabedoria, que desconcertam toda sensatez" (Jó, 11, 5-6). Sofar insere, aqui, a perspectiva da sabedoria de Deus, ao que compreendemos, diante dessa passagem, que a sabedora desconcerta o homem e suas especulações, ela é, portanto, inacessível à compreensão humana, pois o homem não pode entender os limites do Senhor.

A sabedoria inacessível ao homem será abordada um pouco mais adiante no poema da sabedoria, que é parte da narrativa, mas o discurso de Sofar, a partir de um jogo metafórico, faz alusão aos mistérios que guardam a sabedoria do Senhor: "Acaso podes sondar a profundeza de Deus, e atingir os limites de Shaddai? É mais alto que o céu: que poderás fazer? Mais profundo que o Xeol: que poderás saber? É mais vasto que a terra e mais extenso que o mar" (Jó, 11, 7-9). O jogo de antíteses que se estabelece é recurso poético fundamental, que cria um jogo subjetivo, diante de tudo aquilo que foge à compreensão humana. O céu que é manifestação direta de transcendência, representa o poder e a perenidade do sagrado, portanto, faz parte daquilo que nenhum sujeito é capaz de alcançar. O Xeol é o local no qual habitam os mortos, porém, mais profundo que ele, local que não alcança os raios

de sol, não seria possível acessar. Mais vasto que a Terra e extenso que o mar, são espaços dentro de uma proposição que o homem não consegue alcançar. Por isso, devido à grandiosidade daquilo, que se sabe, mas não se vê, é que Sofar aconselha Jó a se curvar diante do Criador, pois, mesmo que ele não compreenda seus desígnios, o Senhor tem a razão: "Se endireitas teus pensamentos, e estendes as mãos para ele, se afastares das tuas mãos a maldade e não alojares a injustiça em tua tenda, poderás levantar teu rosto sem mácula, serás inabalável e nada temerás" (Jó, 11, 13-15). Entretanto, Jó não acolhe os conselhos de Sofar e rebate sua concepção de sabedoria divina, afirmando que a sabedoria de Deus se manifesta pela ira e por seu poder de destruição. Jó vê nos conselhos dos sábios apenas máximas confortadoras, porém, essas nada são diante da sabedoria de Deus, elas pertencem à sabedoria humana, elas não se manifestam em obras de poder e confundem, inclusive, o discernimento humano.

$12\,\mathrm{A}$ sabedoria de Deus manifesta-se principalmente por seu poder

destruidor – ¹Jó tomou a palavra e disse: ²Realmente sois a voz do povo^d E convosco morrerá a Sabedoria. ³Mas também eu tenho inteligência, - não sou inferior a vós -; quem ignora tudo isso? ⁴Mas o homem torna-se^e a irrisão do seu amigo quando invoca a Deus para ter resposta. Zombam do justo íntegro. ⁵No infortúnio, o desprezo!, dizem os que estão felizes, Um golpe a mais para quem titubeia! ⁶Nas tendas dos ladrões reina paz, E estão seguros os que desafiam a Deus, pensando que o têm na mão. ⁷Pergunta, pois, ao gado e ensinar-te-á, às aves do céu e informar-te-ão. ⁸Fala à terra, ela te dará lições, os peixes dos mares te hão de narrar: ⁹quem não haveria de reconhecer que tudo isso é obra da mão de Deus?f ¹⁰Em sua mão está a alma de todo ser vivo e o espírito de todo homem carnal.^g ¹¹Não distingue o ouvido as palavras e não saboreia o paladar os manjares? ¹²Está nas venerandas cãs a sabedoria, e o entendimento com os anciãos. ¹³Mas ele possui sabedoria e poder, dele é o conselho e o discernimento.^a ¹⁴O que ele destrói, ninguém o reconstrói; se ele aprisionar, não haverá escapatória;

¹⁵se retiver a chuva, virá a seca; se a soltar, inundar-se-á a terra. ¹⁶Ele possui vigor e sagacidade, com ele estão o enganado e aquele que engana. ¹⁷Torna estúpidos os conselheiros da terra^b e fere os juízes com loucura. ¹⁸Desamarra o cinturão dos reis e cinge-os com uma corda.c ¹⁹Faz andar descalços os sacerdotes e lança por terra os poderes estabelecidos. ²⁰Tira a palavra aos confiantes e priva de sensatez os anciãos. ²¹Derrama o desprezo sobre os nobres e afrouxa o cinturão dos fortes; ²²desvela o que há de mais recôndito nas trevas e traz à luz as sombras espessas; ²³engrandece as nações e arruínas-as: expande povos, e depois os suprime;^d ²⁴tira o espírito dos chefes do povo de um país e deixa-os errar num deserto sem estradas, ²⁵cambalear nas trevas, sem luz, e titubear como bêbado.

13¹Tudo isso meus olhos viram e meus ouvidos ouviram e entenderam. ²O que vós sabeis, eu também o sei, e não sou em nada inferior a vós. ³Mas é a Shaddai que eu falo, a Deus eu quero apresentar minhas queixas. ⁴Vós não sois senão embusteiros, todos vós meros charlatães. ⁵Quem, portanto, vos imporá silêncio, a única sabedoria que vos convém! ⁶Por favor, escutai os meus argumentos, atendei às razões de meus lábios.e ⁷É para Deus que proferis palavras injustas, para ele esses propósitos mentirosos? ⁸Tomais assim seu partido? É para Deus que pleiteais? ⁹Oue tal se ele vos examinasse? Iríeis abusar dele como se abusa de homem? ¹⁰Ele vos infligiria severa reprimenda, se fordes parciais às escondidas. ¹¹Não vos aterroriza sua majestade? Não desce sobre vós seu terror? ¹²Vossas lições aprendidas são cinzas, e vossas defesas, defesas de barro. ¹³Silenciai, agora sou eu quem fala, venha o que vier.

¹⁴Porei minha carne entre os meus dentes, levarei nas mãos minha vida.^a ¹⁵Ele pode me matar: mas não tenho outra esperança senão defender diante dele minha conduta.^b ¹⁶Isto já seria minha salvação, pois o ímpio não ousaria comparecer diante dele. ¹⁷Escutai, escutai, minhas palavras, daí ouvido ao que vou declarar. ¹⁸Eis que procederei com justiça.^c e sei que sou inocente. ¹⁹Quem quer disputar comigo?^d De antemão, estou pronto para calar-me e para morrer! ²⁰Faze-me apenas duas concessões, ^e e não me esconderei de tua presença: ²¹afasta de mim a tua mão e não me amedrontes com teu terror. ²²Depois me acusarás e te responderei, ou falarei eu e tu me replicarás: ²³Quantos são os meus pecados e minhas culpas? Prova meus delitos e pecados. ²⁴Por que ocultas tua face^f e me tratas como teu inimigo? ²⁵Queres, então, assustar uma folha levada pelo vento e perseguir a palha seca? ²⁶Pois rediges contra mim sentenças amargas, obrigas-me a assumir os pecados de minha juventude, ²⁷e prendes meus pés ao cepo; vigias todos os meus passos e examinas as minhas pegadas. ²⁸ O homem^g consome-se como a madeira apodrecida, como veste roída pela traça.

> $\mathbf{14}^{h_1}\mathrm{O}$ homem, nascido de mulher, tem a vida curta e cheia de tormentos. ²É como a flor que se abre e logo murcha, foge como sombra sem parar. ³E é sobre alguém assim que cravas os olhos e o levas^a a julgamento contigo? ⁴Quem fará sair o puro do impuro? Ninguém!b ⁵Se os seus dias já estão determinados e saber o número de seus meses, se lhe fixaste um limite intransponível, ⁶desvia dele teus olhos e deixa-o, para terminar o seu dia como o assalariado. ⁷A árvore tem esperança, pois cortada poderá renascer, e seus ramos continuam a crescer. ⁸Ainda que envelheçam suas raízes na terra

e seu tronco esteja amortecido no solo, ⁹ao cheiro da água reverdece e produz folhagem, como planta tenra. ¹⁰O homem, porém, morre e jaz inerte; expira o mortal, e onde está ele? ¹¹As águas do mar podem sumir, baixar os rios e secar: ¹²jaz, porém, o homem e não pode levantar-se, os céus se gastariam^c antes de ele despertar ou ser acordado de seu sono.d ¹³Oxalá me abrigasses no Xeol e lá me escondesses até se aplacar tua ira, e e me fixasses um dia para te lembrares de mim: ¹⁴pois, se alguém morrer, poderá reviver? Nos dias de minha pena eu esperaria, até que chegasse o meu alívio ¹⁵Tu me chamarias e eu responderia; desejarias rever a obra de tuas mãos, ¹⁶ – enquanto agora contas todos os meus passos – , e não observarias mais meu pecado, ¹⁷selarias em uma urna meus delitos e cobririas a minha iniquidade. ¹⁸Mas, como o monte que acaba por desmoronar, ^f ¹⁹a água que desgasta as pedras, a tormenta^a que arrasta a poeira do solo, assim é a esperança do homem que tu destróis. ²⁰tu continuamente o abates e ele se vai, transtornas o seu semblante e o repeles. ²¹Seus filhos adquirem honras, mas não o chegará a saber; caem em desonra, mas ele não o percebe. ²²Só sente o tormento de sua carne, só sente a pena de sua alma.^b

Jó inicia o discurso dirigindo-se aos sábios: "Realmente sois a voz do povo e convosco morrerá a Sabedoria" (Jó, 12, 2). Ele prossegue na fala, afirmando que seu clamor, pedindo contas a Deus, tornou-se objeto de zombaria. Porém, Jó não parece esmorecer diante disso, porque ele tem a inteligência e reconhece, assim como os sábios, o que é a sabedoria humana: quem não haveria de reconhecer que tudo isso é obra da mão de Deus?"Por isso mesmo, que Jó deseja falar ao Criador: "Mas é a Shaddai que eu falo, a Deus eu quero apresentar minhas queixas" (Jó, 13, 3). Jó quer interrogar pessoalmente a Deus, ele não quer intercessores, como os falsos sábios, que atrevidamente se apresentam como advogados. Jó pretende ter mais que sua felicidade restaurada, ele pretende vingar sua honra diante dos homens e, principalmente, diante de Deus, pois não se considera um ímpio: "Ele pode me

matar: mas não tenho outra esperança senão defender diante dele minha conduta" (Jó, 13, 15).

Jó propõe então um tribunal entre ele e o Criador: "Eis que procederei com justiça, e sei que sou inocente" (Jó, 13-18). Jó lança um desafio jurídico a Deus: "Quem quer disputar comigo? De antemão, estou pronto para calar-me e para morrer! Faze-me apenas duas concessões, e não me esconderei de tua presença: afasta de mim a tua mão e não me amedrontes com teu terror" (Jó, 13, 19-21). Nesse momento do discurso, Jó fala a Deus e desafia as condutas do Senhor. Ele aceita de antemão ser confundido e castigado, isso porque está seguro do seu direito e não acredita que sairá perdendo. Além disso, Jó apresenta suas condições para o encontro, ele será o primeiro a falar e Deus não esconderá sua face diante dele: "Depois me acusarás e te responderei, ou falarei eu e tu me replicarás: Quantos são os meus pecados e minhas culpas? Prova meus delitos e pecados. Por que ocultas tua face e me tratas como teu inimigo?" (Jó, 13, 22-24).

Ainda é possível identificar no discurso uma elegia sobre a miséria do homem: "O homem, nascido de mulher, tem a vida curta e cheia de tormentos. É como a flor que se abre e logo murcha, foge como sombra sem parar" (Jó, 14, 1-2). O trecho deixa claro que Jó reconhece, em seu infortúnio pessoal, toda a condição humana e nos leva a um questionamento singular: por que Deus, diante de tão frágeis criaturas, age com tamanha rigidez? Além disso, Jó reconhece a impureza inerente do homem: "Quem fará sair o puro do impuro? Ninguém!", (Jó, 14, 4) há no trecho uma alusão ao pecado original, citado em Genêsis: "E Iahweh Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia que delas comeres terás que morrer"²⁶ (Gn, 2, 16-17) utilizado aqui como uma desculpa para as falhas humanas, com ênfase na impureza física, contraída pelo homem, desde sua concepção e nascimento, o que implicou também na fraqueza moral e propensão ao pecado transmitido pela geração.

O discurso de Jó faz, ainda, uma reflexão sobre a fugacidade da vida por meio de uma analogia entre a vida do homem e a dos demais seres que ocupam a terra:

A árvore tem esperança, pois cortada poderá renascer, e seus ramos continuam a crescer. Ainda que envelheçam suas raízes na terra e seu tronco esteja amortecido no

²⁶"O simbolismo da maçã vem afirma o abade E. Bertrand (citado em BOUM, 235), do fato de que ela contém em seu interior, formada pelos alvéolos que encerram as sementes, uma estrela de cinco* pontas...É por isso que os iniciados fizeram dela o fruto do conhecimento e da liberdade. E, assim, comer da mação significa para eles abusar da própria liberdade para praticá-lo." (CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p. 572)

solo, ao cheiro da água reverdece e produz folhagem, como planta tenra. O homem, porém, morre e jaz inerte; expira o mortal, e onde está ele? (Jó, 14, 7-10).

É importante destacar que ao que a narrativa apresenta a morte era algo decisivo, porque a esperança da ressurreição e da vida eterna não faziam parte da perspectiva dos hebreus, essa compreensão é algo que ganha destaque com o Novo Testamento, como em Mateus: "Ele não está aqui, pois ressuscitou, conforme havia dito" (Mat., 28, 6). Essas passagens, portanto, realçam as imagens escatológicas do destino final do gênero humano, ou seja, afastam qualquer possibilidade de despertar do homem. Por isso, Jó clama por abrigo no Xeol: "Oxalá me abrigasse no Xeol e lá me escondesses até se aplacar a tua ira, e me fixasses um dia para te lembrares de mim: pois se alguém morrer, poderá reviver?" (Jó, 14, 13). Ao que tudo indica, esta permanência no Xeol não viria após a morte, a situação apenas evoca a possibilidade de abrigo na única mansão em que se pode pensar fora da terra e do reino dos céus, que está reservado para Deus. Jó gostaria era de se esconder em algum lugar, aguardando que Deus aplacasse sua fúria.

4.1 SEGUNDO CICLO DE DISCURSOS

O segundo ciclo de discursos do livro é iniciado pelo discurso de Elifaz, assim como no primeiro ciclo são apresentados os argumentos de Jó e a tentativa dos sábios em persuadirem seus pensamentos, que na concepção da sabedoria são ofensivos ao Criador. Diferente do primeiro ciclo, aqui, os sábios instigam mais as faltas de Jó. Eles parecem suspeitar que, de fato, Jó incorreu em algum erro. Para tanto, a posição deles se reflete em discursos de acusação e ameaças implícitas a Jó, por meio da descrição do destino dos ímpios. Os sábios pretendem conduzir Jó ao arrependimento.

15 Jó condena-se por sua linguagem—¹Elifaz de Temã tomou a palavra e disse:

²Acaso responde um sábio com razões balofas, e enche seu ventre com vento leste,
³defendendo-se com razões inconsistentes, ou com palavras sem sentido?
⁴Além do mais, suprimes a piedade,
desacreditas os piedosos diálogos^c diante de Deus.
⁵Tua culpa te inspira tais palavras e adotas a linguagem dos astutos.
⁶Tua própria boca te condena, e não eu, teus próprios lábios testemunham contra ti.^d
⁷Foste, porventura, o primeiro homem a nascer, e vieste ao mundo antes das colinas?^e
⁸Acaso foste admitido ao conselho de Deus

e te apropriaste da sabedoria? Que entendes que não entendamos? ¹⁰Há também entre nós anciãos de venerandas cãs, muito mais velhos que teu pai. ¹¹Fazes pouco caso dessas consolações divinas e das palavras suaves que te são dirigidas? ¹²Como te arrebata a paixão! E lampejas os olhos, ¹³quando voltas contra Deus a tua cólera, proferindo teus discursos! ¹⁴Como pode o homem ser puro^f ou inocente o nascido de mulher? ¹⁵Até em seus Santos Deus não confia, e os Céus não são puros aos seus olhos. ¹⁶Quanto menos o homem, detestável e corrompido, que bebe como água a iniquidade! ¹⁷Escuta-me, pois quero instruir-te, vou contar-te o que vi, ¹⁸o que dizem os sábios, o que eles não escondem, e que vem de seus pais, ¹⁹somente a eles foi dada a terra, sem que nenhum estrangeiro tivesse passado entre eles. ²⁰A vida do ímpio é tormento contínuo, e poucos são os anos reservados ao tirano; ²¹escuta ruídos que o espantam; quando está em paz, assalta-o o bandido; ²²ele não crê mais escapar das trevas, pois é espreitado pela espada; ²³é marcado para ser pasto dos abutres e sabe que sua ruína é iminente.^a O dia tenebroso ²⁴o aterroriza, a tribulação e a angústia o acometem, como rei que se prepara ao assalto; ²⁵porque estendeu a mão contra Deus e desafiou Shaddai, ²⁶investindo contra ele de cabeça curvada, com escudo trabalhado em relevos maciços; ²⁷seu rosto estava coberto de gordura, a banha acumulou-se em seus rins. ²⁸Ocupara cidades destruídas, casas desabitadas e prestes a cair em ruínas, ²⁹Não será rico, nem sua fortuna terá consistência, sua sombra^b não cobrirá mais a terra, ³⁰(ele não escapará das trevas). A chama queimará seus rebentos a sua flor será arrebatada pelo vento.c ³¹Não se fie no seu porte grandioso, ^d porque ficaria iludido. ³²Antes do tempo murcharão as suas palmas^e

e seus ramos não ficarão mais verdes.

33 Como uma videira deixará cair seus frutos ainda verdes,
e como a oliveira perderá sua floração

34 Pois a raça do ímpio é estéril,
um fogo devora a tenda do homem enganador.

35 Quem concebe o sofrimento gera a infelicidade
e prepara em si um fruto de decepção.

O discurso de Elifaz retoma o último ciclo de discursos, no qual Jó apresenta total descaso frente aos conselhos dos sábios. Por isso, o sábio questiona Jó em tom irônico, devido a sua pretensão perante os sábios do Oriente: "Foste, porventura, o primeiro homem a nascer, e vieste ao mundo antes das colinas? Acaso foste admitido ao conselho de Deus e te apropriaste da sabedoria? (Jó, 15, 7-8). Além disso, o pseudo-autor faz uso de perguntas retóricas que dão ênfase ao questionamento do personagem.

A fala de Elifaz se divide em dois momentos essenciais, o primeiro é uma pequena instrução de sabedoria que ele insere no discurso, que corresponde, em parte, ao trecho citado acima, ela inicia no versículo 07 e vai até o versículo 16. O segundo momento é destinado à instrução que o sábio pretende dar a Jó, sobre as tribulações sofridas pelo ímpio: "Escuta-me, pois quero instruir-te, vou contar-te o que vi" (Jó, 15, 17). Nesse trecho, conseguimos identificar uma série de inferências às construções do primeiro ciclo de discursos. O pseudo-autor não insere aqui novas ideias, ele apenas reconfigura as construções sobre aqueles que abandonam os caminhos do Senhor. Poderíamos supor que o trecho não acrescenta novas conotações à história, entretanto, é justamente pela repetição que os escritores hebreus estabelecem seus pensamentos. Além disso, a repetição tem uma função na narrativa, a instrução dos sábios visa à redenção de Jó.

Poderíamos ainda inferir que o pseudo-autor faz uso das repetições de modo proposital, justamente, para agregar ironia ao discurso. Essa inferência é possível se atentarmos para o início do discurso de Jó, no qual o personagem ao retrucar Elifaz diz: "Já ouvi mil discursos semelhantes, sois todos consoladores importunos" (Jó, 16, 2).

16 Da injustiça dos homens à justiça de Deus -1Jó tomou a palavra e disse:

²Já ouvi mil discursos semelhantes, sois todos consoladores importunos.
³"Não há limite para discursos vazios?"
Ou ainda: "Que mal te força a te defender?"
⁴Também eu poderia falar como vós, se estivésseis em meu lugar;

poderia acabrunhar-vos^a com discursos levantando sobre vós a cabeça,^b ⁵vos reconfortar com palavras, e depois deixar de agitar os lábios. ⁶Se falo, não cessa minha dor;

se me calo, como ela desaparecerá?^c ⁷Mas agora ela me extenuou; feriste com horror tudo o que me cerca, ⁸e ele me deprime, meu caluniador^d tornou-se minha testemunha, levanta-se contra mim e me acusa diretamente; ⁹sua ira persegue-me para dilacerar-me, range contra mim os dentes, meus inimigos aguçam os olhos contra mim. ¹⁰Abrem contra mim a boca, esbofeteiam-me com suas afrontas. todos se aglomeram em massa contra mim. ¹¹Deus entregou-me a injustos, ^e jogou-me nas mãos dos ímpios. ¹²Vivia eu tranqüilo, quando me esmagou, agarrou-me pela nuca e me triturou. Fez de mim seu alvo. ¹³Suas flechas zuniam em torno de mim, atravessou-me os rins sem piedade, e por terra derramou meu fel. ¹⁴Abriu-me com mil brechas e assaltou-me como um guerreiro. ¹⁵Costurei um saco para cobrir a minha pele e mergulhei meu rosto no pó. ¹⁶Meu rosto está vermelho de tanto chorar e a sombra pesa sobre minhas pálpebras, ¹⁷embora não haja violência em minhas mãos e seja sincero minha oração. ¹⁸Ó terra, não cubras meu sangue, ^f não encontre meu clamor um lugar de descanso! ¹⁹Tenho, desde já, uma testemunha nos céus, e um defensor nas alturas; ²⁰intérprete de meus pensamentos junto a Deus, diante do qual correm as minhas lágrimas;^a ²¹que ele julgue entre o homem e Deus como se julga um pleito entre homens, ²³Porque passarão os anos que me foram contados e empreenderei a viagem se retorno.^b

17¹Meu espírito está quebrantado em mim, e os coveiros se ajuntam para mim, c ²Só as zombarias me acompanham, sobre sua hostilidade pousam meus olhos.

³Guarda contigo uma fiança em meu favor, pois quem, senão tu, me apertará a mão?d ⁴Fechaste-lhes a mente à razão, Também não os deixarás triunfar.e ⁵Como aquele que convida amigos à partilha, quando os olhos de seus filhos enlanguescem, ⁶tornei-me objeto de sátira entre o povo, alguém sobre o qual se cospe no rosto. ⁷Meus olhos se consomem irritados e todos os meus membros são como sombras: ⁸os justos assombram-se^g ao vê-lo, e o inocente indigna-se contra o ímpio; ⁹O justo, porém, persiste em seu caminho, e o homem de mãos puras cresce em fortaleza. ¹⁰Entretanto, voltai-vos todos, vinde; não acharei sequer um sábio entre vós! ¹¹Passaram-se meus dias, com meus projetos, ^h as fibras de meu coração se romperam. ¹²Querem fazer da noite, dia; a luz estaria mais próxima que as trevas. ¹³Ora, minha esperança é habitar no Xeol e preparar minha cama nas trevas. ¹⁴Grito à cova: "Tu és meu pai!": ao verme: "tu és minha mãe e minha irmã!" ¹⁵Pois onde, onde estão, está minha esperança? Minha felicidade, quem a viu? ¹⁶Descerão comigo ao Xeol, baixaremos juntos ao pó?^j

As palavras dos sábios não tocam Jó, porque, diferente de seus confortadores que apenas vivenciam seu caso por palavras, ele sofre sem descanso, quer fale ou se cale, por isso o tom de seu discurso é agressivo: "Também eu poderia falar como vós, se estivésseis em meu lugar" (Jó, 16, 4). O capítulo 16 é composto, basicamente, pela queixa; essa estrutura permitiu ao pseudo-autor descrever o sofrimento da personagem com vigorosa linguagem poética e figurativa: "Sua ira persegue-me para dilacerar-me, range contra mim os dentes, meus inimigos aguçam os olhos contra mim" (Jó, 16, 9). Além disso, a configuração do patético trágico que desponta no epílogo segue na narrativa, pois Jó continua sofrendo na pele todo o sofrimento imputado pela aposta feita entre Deus e Satã.

A partir da perseguição que Jó proclama estar sofrendo por Deus: "Vivia eu tranquilo, quando me esmagou, agarrou-me pela nuca e me triturou. Fez de mim seu alvo" (Jó, 16, 12) e sobre as atribulações que romperam-se na vida do personagem, " mergulhei meu rosto no pó." (Jó, 16, 15) após a aposta divina, da qual ele não tem conhecimento, retomamos ao conceito do destino trágico já elucidado. Na antiguidade clássica os gregos

designavam o Destino²⁷ como uma divindade cega, oriunda da Noite e do Caos. Todas as divindades eram a ele submetidas, o Destino era a fatalidade segundo a qual tudo acontecia. Zeus não podia dobrar o Destino, nem mesmo em favor dos deuses. As leis dessa divindade eram escritas na eternidade, local onde somente os deuses tinham acesso. Segundo Pierre Comellin:

Em Homero, os destinos de Aquiles e de Heitor são pesados na balança de Júpiter e, como o do último pesa mais, sua morte é decidida e Apolo retira o apoio que lhe dera até então. Foram as decisões cegas do Destino que tornaram tantos mortais culpados, apesar de seu desejo de permanecerem virtuosos. (COMMELIN, 2011, p. 6-7).

Acrescentamos a essa reflexão o destino de Jó e do próprio Édipo que aludimos aqui em comparação, pois nenhum deles pode furtar-se a seu destino.

JOCASTA - De que serve afligir-se em meio de terrores, se o homem vive à lei do acaso, e se nada pode prever ou pressentir! O mais acertado é abandonar-se ao destino. A idéia de que profanarás o leito de tua mãe te aflige; mas tem havido quem tal faça em sonhos... O único meio de conseguir a tranqüilidade de espírito consiste em não dar importância a tais temores. (SÓFOCLES, Édipo Rei)

Jó sofre demasiadamente e, por isso, clama por vingança: "Ó terra, não cubras meu sangue, não encontres meu clamor um lugar de descanso! Tenho, desde já, uma testemunha nos céus, e um defensor nas alturas" (Jó, 16, 19). O sangue, aqui, tem um significado particular, pois ele clama a Deus por vingança e pode ser associado ao veículo da alma, enquanto não for coberto pelo pó da terra como em Gênesis: "Iahweh disse: 'Que fizeste! Ouço o sangue de teu irmão, do solo, clamar por mim!' (Gn, 4,10)²⁸." Jó, ferido pelas chagas da morte, quer seu sangue sobre a terra para que ele seja a personificação de sua oração, a prova de sua causa, a oração personificada será, nesse caso, a testemunha de Jó perante o Senhor.

Jó já não espera ser justificado antes da morte, aguarda seu fim próximo, mas pretende que seu sangue testemunhe seu sofrimento. Mesmo assim, ele pede que Deus guarde uma fiança em seu favor: "Guarda contigo uma fiança em meu favor, pois quem, senão tu, me apertará a mão?" (Jó, 17, 3). O gesto elucidado na narrativa faz referência a um pacto

²⁸ O sangue é considerado por certos povos o veículo da alma, o que explicaria, segundo Frazer, os ritos dos sacrifícios, durante os quais todo cuidado era tomado para que o sangue da vítima não se derramasse no chão. (rito das ilhas Salomão, in FRAG 1, p 358) (CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p.800-801)

-

²⁷É representado tendo sob os pés o globo terrestre e carregando nas mãos a urna que encerra a sorte dos mortais. Também lhe é posta uma coroa encimada de estrelas e um cetro, símbolo de seu poder soberano. Para fazer entender que não variava, os antigos figuravam-no como uma roda presa por uma corrente. Em cima da roda, uma grande pedra e, embaixo, duas cornucópias com pontas de dardo. (COMMELIN, 2011, p. 6-7).

jurídico, no qual o devedor é substituído pelo fiador a fim de embargar a penhora, depositando uma garantia. Perante a indiferença daqueles que o cercam, Jó parece pedir a Deus que ele mesmo se constitua seu fiador.

A condição de Jó é tão lastimável que ele se torna objeto de sátira e espanto: "os justos assombram ao vê-lo, e o inocente indigna-se contra o ímpio" (Jó, 17,8). O castigo divino dos culpados provoca pavor naqueles que dele são testemunhas, os sábios amigos de Jó edificam-se na justiça de Deus, conforme as ideias pregadas pela sabedoria, entretanto Jó reprova essa sabedoria e a piedade convencional, sua única esperança continua sendo habitar o Xeol: "Ora, minha esperança é habitar no Xeol e preparar minha cama nas trevas" (Jó, 17, 13).

Baldad de Suás volta a aconselhar Jó, questionando sua furtiva ira contra a sabedoria:

18 A ira nada pode contra a ordem da justiça – ¹Baldad de Suás tomou a palavra e disse:

²Até quando impedireis as palavras? Refleti e depois falaremos.^a ³Por que nos consideras como animais, e passamos por limitados^b aos teus olhos? ⁴Tu, que te desmembras em tua cólera, acaso ficará a terra desabitada por tua causa, ou os rochedos serão mudados de seu lugar? ⁵A luz do ímpio se extingue, e a chama de seu fogo deixará de brilhar. ⁶A luz se obscurece em sua tenda. e acima dele se extingue sua lâmpada. ⁷Seus passos vigorosos encurtam-se, e seus próprios projetos o fazem tropeçar. ⁸Os seus pés jogam-no na armadilha, e ele caminha entre as redes. ^{9a} armadilha prende-o pelo calcanhar, e o laço segura-o firme; ¹⁰a corda está escondida no chão, e a armadilha em seu caminho. ¹¹Rodeiam-no terrores que o amedrontam, perseguindo-o passo a passo. ¹²Em pleno vigor ele fica com fome, ^c e a desgraça se instala a seu lado. ¹³A enfermidade consome-lhe a pele, ^d devora seus membros o Primogênito da Morte.^e ¹⁴Arrancam-no da paz de sua tenda, e tu o conduzes ao rei dos terrores.^f ¹⁵podes habitar a tenda que não é mais sua, e espalham o enxofre sobre o teu redil.^g ¹⁶Por baixo secam suas raízes.

por cima murcham seus ramos.

17Sua memória desaparece de sua terra,
seu nome se apaga na região.

18Lançado da luz às trevas,
ele se vê banido da terra,
19sem prole nem descendência entre seu povo,
sem um sobrevivente em seu território,
20De seu destino espanta-se o Ocidente,
e o Oriente encher-se de terror.
21Não há outra sorte para as moradas da injustiça
e o lugar daquele que não conhece a Deus!

O discurso de Baldad questiona Jó sobre a sua insistência em renegar a sabedoria: "Por que nos consideras como animais, e passamos por limitados aos teus olhos?" (Jó, 18, 3). O sábio lembra Jó de sua insignificância e de que seus lamentos de nada alteram o curso da vida: "Tu, que te desmembras em tua cólera, acaso ficará a terra desabitada por tua causa, ou os rochedos serão mudados de seu lugar?" (Jó, 18, 4).

Em seguida, o discurso rompe em afirmações sobre o destino do ímpio, Baldad parece aqui inferir que esse é o destino de Jó, inclusive ao citar a enfermidade que o assola: "A enfermidade consome-lhe a pele, devora seus membros o Primogênito da Morte. Arrancam-no da paz da sua tenda, e tu o conduzes ao rei dos terrores" (Jó, 18, 13-14). Compara-se a peste ao Primogênito da Morte, personagem da mitologia oriental e grega (Nergal, Plutão), que impera os espíritos infernais, espécie de fúrias que se encarniçam contra os criminosos ainda em vida²⁹. Outro trecho que merece destaque na análise é a seguinte passagem: "podes habitar a tenda que não é mais sua, e espalham o enxofre sobre o teu redil" (Jó, 18, 15). O enxofre, aqui, aparece como um símbolo de esterilidade, semelhante a um desinfetante em contradição a sua simbologia usual que é de princípio gerador³⁰.

O discurso de Baldad então cessa e inicia-se o de Jó. Uma das primeiras solicitações que Jó destina ao sábio é a de que cesse as aflições e mágoas que suas palavras projetam contra ele.

190 triunfo da fé no abandono de Deus e dos homens -1Jó tomou a palavra e disse:

²Até quando continuareis a afligir-me e a magoar-me com palavras? ³já por dez vezes me insultais, e não vos envergonhais de zombar de mim.

²⁹Nota Bíblia de Jerusalém p.824

³⁰ (CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p. 374)

meu erro só diria respeito a mim.^a ⁵Quereis triunfar sobre mim, lançando-me em rosto minha afronta? ⁶Pois sabei que foi Deus quem me transtornou, envolvendo-me em suas redes.b ⁷Grito: "Violência!", e ninguém me responde, peço socorro, e ninguém me defende. ⁸Ele bloqueou meu caminho e não tenho saída, encheu de trevas minhas veredas. ⁹Despojou-me de minha honra e tirou-me a coroa da cabeça. ¹⁰Demoliu tudo em redor de mim e tenho de ir-me, desenraizou minha esperança como uma árvore. ¹¹Acendeu sua ira contra mim, considera-me seu inimigo. ¹²Chegam em massa seus esquadrões, abrem em minha direção seu caminho de acesso e acampam em volta de minha tenda. ¹³Ele afastou de mim os meus irmãos, os meus parentes procuram evitar-me. ¹⁴Abandonaram-me vizinhos e conhecidos, esqueceram-me os hóspedes de minha casa.c ¹⁵Minhas servas consideram-me intruso, a seu ver sou estranho. ¹⁶Se chamo meu servo, ele não responde, quando lhe imploro com minha boca. ¹⁷À minha mulher repugna meu hálito, e meu mau cheiro, aos meus próprios irmãos^d ¹⁸Até as crianças me desprezam e insultam-me, se procuro levantar-me. ¹⁹Todos os meus íntimos têm-me aversão, meus amigos voltam-se contra mim. ²⁰Meus ossos estão colados à minha pele e à minha carne, ah! se eu pudesse me livrar deles com a pele de meus dentes.e ²¹Piedade, piedade de mim, amigos meus, pois me feriu a mão de Deus! ²²Por que me perseguis como Deus, e sois insaciáveis de minha carne? ²³Oxalá minhas palavras fossem escritas, e fossem gravadas numa inscrição; ²⁴com cinzel de ferro e chumbo fossem esculpidas na rocha para sempre! ²⁵Eu sei que meu Defensor^a está vivo e que no fim se levantará sobre o pó:^b ²⁶quando tiverem arrancado esta minha pele, fora de minha carne verei a Deus.c ²⁷Aquele que eu vir será para mim, aquele que meus olhos contemplarem não será um estranho. Dentro de mim consomem-se os meus rins.

⁴Se de fato caí em erro,

²⁸E se disserdes: "Como o perseguiremos, que pretexto encontraremos nele?",

²⁹temei a espada,
pois a cólera queimará^d as faltas
e sabereis que há julgamento!

Em seu discurso, Jó argumenta que o pecado, mesmo se cometido, só diz respeito ao pecador, no caso, ele e mais ninguém: "Se de fato caí em erro, meu erro só diria respeito a mim" (Jó, 19, 4). Contudo, Jó recorre mais uma vez em seu favor e culpa Deus de seus infortúnios: "Pois sabeis que foi Deus quem me transtornou, envolvendo-me em suas redes" (Jó, 19, 6). É, nesse sentido, que Jó clama aos sábios que não o persigam como Deus o fez. O tom de discurso de Jó é de lamento, foi transcrito nesse trecho uma série de infortúnios sofridos pelo personagem.

Jó sente o abandono de Deus e dos homens: "Todos os meus íntimos têm-me aversão, meus amigos voltam-se contra mim" (Jó, 19, 19). Sentindo-se, assim, ele clama por um defensor: "Eu sei que o meu Defensor está vivo e que no fim se levantará do pó" (Jó, 19, 25). Jó clama por um Deus que o ampare, o que foge à perspectiva da religião monoteísta de um único Deus, isso porque na narrativa o Criador é o adversário de Jó, há possibilidade, portanto, de observarmos os traços do politeísmo que aqui ficam implícitos. Jó aguarda por um mediador celeste que assumiria sua defesa e o reconciliaria com Deus. Se pensarmos na perspectiva da tragédia, Édipo também esperou a intercessão, mesmo que não dissesse isso. Os cidadão de Tebas poderiam o ter perdoado, afinal, não foi intencional. A morte de Laio foi um acidente que poderíamos chamar de força trágica do destino. Esse seria a dimensão trágica da existência.

Édipo – Eu não teria sido o matador de meu pai, nem o esposo daquela que me deu a vida! Mas...os deuses me abandonaram: fui um filho maldito, e fecundei no seio que me concebeu! Se há um mal pior que a desgraça, coube esse mal ao infeliz Édipo! (SÓFOCLES, Édipo Rei).

Sofar de Naamat, então, retoma o discurso, para esclarecer como a justiça divina age sobre todos, sem exceção.

20A ordem da justiça não tem exceção – ¹Sofar de Naamat tomou a palavra e disse: ²Sim, meus pensamentos se agitam para replicar, por causa da impaciência que toma conta de mim. ³ouço uma lição que me ultraja,

e agora meu espírito me convida a responder.

⁴não sabes que é assim desde sempre, desde que o homem foi posto na terra. ⁵que o júbilo dos ímpios é efêmero e a alegria do malvado só dura um instante? ⁶Mesmo que seu porte se elevasse até o céu e tocasse as nuvens^e com a fronte, ⁷pereceria para sempre como fantasma, e aqueles que o viam dirão: "Onde está?" ⁸voará como um sonho inatingível, dissipar-se-á como visão noturna. ⁹Os olhos que o viam não mais o verão, nem mais o reconhecerá sua morada. ¹⁰Seus filhos terão que indenizar os pobres, suas próprias mãos terão de restituir suas riquezas. ¹¹Seus ossos, ainda cheios de vigor juvenil, deitar-se-ão com ele no pó. ¹²Se a maldade tinha sabor doce em sua boca e ele a escondia debaixo da língua ¹³e a guardava, sem soltá-la, retendo-a no seu paladar, ¹⁴este manjar se corromperá em seu ventre, nas suas entranhas será veneno de víboras. ¹⁵Vomitará as riquezas que engoliu, Deus as faz regurgitar de seu ventre. ¹⁶Sugará veneno de serpentes e matá-los-ão as presas da áspide. ¹⁷Não mais verá os mananciais de óleo, ^a nem os rios de leite e mel. ¹⁸Perderá seus ganhos sem poder engoli-los, ^b e não fruirá a prosperidade de seus afazeres: ¹⁹porque destruiu as cabanas^cdos pobres e se apropriou de casas que não tinha construído. ²⁰Porque seu apetite mostrou-se insaciável, não salvará nada de seu tesouro. ²¹Nada escapava à sua voracidade, por isso não durará sua prosperidade. ²²Em plena abundância sofrerá o golpe da penúria, com toda a sua força a miséria cairá sobre ele. ²³Deus derrama sobre ele o ardor de sua ira, lança-lhe na carne uma chuva de flechas.d ²⁴Se escapar das armas de ferro, atravessa-lo-á o arco de bronze; ²⁵uma flecha^c sai de suas costas, e um dardo chamejante, do seu fígado. ²⁶todas as trevas escondidas lhe são reservadas. f Devorá-lo-á um fogo não acesog por homem, consumindo o que resta de sua tenda. ²⁷O céu revelará sua iniquidade, a terra se insurgirá contra ele. ²⁸O lucro de sua casa se escorre,

como torrentes no dia da ira.

²⁹Esta é a sorte que Deus reserva ao ímpio, a herança que destina à sua pessoa.

As reflexões de Sofar são apresentadas em uma perspectiva dicotômica que se estabelece do início ao fim do discurso. O sábio alerta Jó sobre a justiça de Deus perante todos os homens: "não sabes que é assim desde sempre, desde que o homem foi posto na terra, que o júbilo dos ímpios é efêmero e a alegria do malvado só dura um instante?" (Jó, 20, 4-5). O que ele faz é apresentar o que Deus reserva ao perverso: "Os olhos que o viam não mais o verão,(...) /Seus ossos, ainda cheios de vigor juvenil, deitar-se-ão com ele no pó /(...)⁴este manjar se corromperá em seu ventre, nas suas entranhas será veneno de víboras.(...) /²Em plena abundância sofrerá o golpe da penúria" (Jó, 20, 9-22). A relação construída pelo escritor parece elencar uma série de punições que o Criador destinaria aqueles que infringem sua lei.

Para além das atribulações direcionadas ao ímpio, encontramos no discurso de Sofar, uma possível alusão ao mito titânico prometeico: "Mesmo que seu porte se elevasse até o céu e tocasse as nuvens^e com a fronte, pereceria para sempre como fantasma, e aqueles que o viam dirão: "Onde está?" voará como um sonho inatingível, dissipar-se-á como visão noturna."(Jó, 20, 6-8). O mito de Prometeu marca a ascensão do homem em relação as divindades. Prometeu roubou de Zeus o fogo para trazê-lo a terra e presenteá-lo aos homens. Por conta disso Zeus o castigou, acorrentando-o a um rochedo e lançando sobre ele uma águia que comia constantemente seu fígado. Foi Héracles quem o livrou das torturas e o Centauro Quirão, que desejava a morte, legou a Prometeu sua imortalidade, fazendo assim com que ascendesse ao nível dos deuses. A relação do mito com o trecho se estabelece por meio da alusão que o discurso faz a ascensão do homem ao céu. O homem em sua busca por intelectualidade pretende se assemelhar de algum modo aos deuses, o ser busca supremacia por meio de instintos poderosos. Essa tradição de cunho mitológico confere também com outras narrativas bíblicas, como a tradição de Gênesis que exemplifica a queda do homem pelo orgulho: "Vinde! Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre os céus! Façamos um nome e não sejamos dispersos sobre toda a terra." (Gn, 11,4)

Jó nessa perspectiva poderia ser considerado, em certa medida, uma personificação de Prometeu. Isso porque de acordo com o mito Prometeu era descendente de titãs e carregava dentro de si, uma tendência a revolta.³¹ A revolta que aqui se infere, é uma

1

³¹CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p.746

revolta do campo do espírito, da vontade que se tem de se igualar à inteligência divina. De acordo com Ricoeur (2015) a ira dos Deuses tem por oposição a ira do homem, nesse sentido é que a figura de Prometeu pode ser associada a figuras heroicas as quais também sofreram um infortúnio transcendente, como Jó.

Prometeu é o benfeitor dos homens; mesmo se a sua autonomia é também a sua falta, ele expressa antes de mais a sua generosidade; porque o fogo que ele ofereceu aos homens é o fogo do lar, o fogo do culto comum; é ainda o fogo das técnicas e das artes, enfim, o fogo da razão, da cultura e do coração; nesse fogo resume-se o ser-homem, rompendo com a imobilidade da natureza e a repetição morna da vida animal, e estendendo o seu império sobre as coisas, os animais e as relações humanas. A este respeito, é notável que o mito tenha atingido a sua maturidade no momento em que Ésquilo, quando o retoma de Hesíodo, eleva a figura de Prometeu acima da traição de uma <<gra>grande malícia rústica>> até a grandeza trágica de um salvador que sofre. É este Prometeu filantropo que é trágico, porquanto é do seu amor que procedem a sua infelicidade e a dos homens. (RICOEUR, 2015, p.241).

A perspectiva ricoeuriana sobre Prometeu divide-se em dois caminhos que confluem para a análise que também construímos sobre Jó. Ricoeur (2015) ao reconhecer a tragicidade do Prometeu herói, não desconsidera o outro lado da ação "inocente" do homem, vítima da perversidade dos deuses, pois a cólera do homem também se ergue à ira de Deus. Jó era impotente perante a força de Iahweh, mas ele possuía a força da palavra e a exigência de uma explicação por não consentir com sua infelicidade. Da mesma maneira, Prometeu também era insignificante perante Zeus, acorrentado a uma rocha, o único recurso que lhe restava era o do discurso. Por esse motivo, ambos os personagens transitam do sofrimento injusto a uma *hybris* perante os deuses, devido a insolência que adquirem ao experimentarem o rancor e o gosto da cólera.

Os sábios insistem em imputar um catálogo de culpas a Jó, como Sofar o faz no último discurso, eles insistem em inferências nas faltas contra a justiça e a caridade para com o próximo, mesmo por omissão. Entretanto, Jó desmente os fatos, e insere um questionamento diante do sofrimento dos justos e da concepção da justiça divina como uma justiça distributiva, aquela que alcança a todos.

210 desmentido dos fatos— ¹Jó tomou a palavra e disse:

²Escutai atentamente minhas palavras, seja este o consolo que me dais. ³Permiti que eu fale, e, quando tiver terminado, zombai à vontade. ⁴É de um homem que me queixo? ⁵Olhai para mim e empalidecei,

ponde a mão sobre a vossa boca,^a ⁶Só em pensar nisso, fico desconcertado, um pavor apodera-se do meu corpo. ⁷Por que os ímpios continuam a viver, e ao envelhecer se tornam ainda mais ricos? ⁸Veem assegurada a própria descendência, e seus rebentos aos seus olhos subsistem.^b ⁹Suas casas, em paz e sem temor, a vara de Deus não as atinge. ¹⁰Seu touro reproduz sem falhar, sua vaca dá cria sem abortar. ¹¹Deixam as crianças correr como cabritos, e seus pequenos saltar.c ¹²Cantam ao som dos tamborins e da cítara e divertem-se ao som da flauta. ¹³Sua vida termina na felicidade, descem^d em paz ao Xeol. ¹⁴Eles que diziam a Deus: e"Afasta-te de nós, que não nos interessa conhecer teus caminhos. ¹⁵Quem é Shaddai, para que o sirvamos? De que nos aproveita invocá-lo?" ¹⁶Acaso não têm eles a prosperidade em suas mãos, o conselho dos ímpios se afastou dele? ¹⁷Vê-se frequentemente a lâmpada do ímpio se extinguir, a infelicidade cair sobre ele. a ira divina distribuir sofrimentos? ¹⁸São como palha diante do vento, como o debulho que o furação arrasta? ¹⁹Deus o puniria em seus filhos?^g Que seus próprios olhos vejam sua ruína^h ele mesmo beba a cólera de Shaddai! ²¹Pois que lhe importam os de sua casa, depois de morto, quando a quota de seus meses estiver preenchida? ²²Acaso se pode ensinar a Deus o conhecimento, Àquele que julga os seres do Alto? ²³Este morre em pleno vigor, de todo tranquilo e em paz,^a ²⁴seus flancos bem rolicos e a medula de seus ossos cheia de seiva. ²⁵Aquele morre com alma amargurada, sem ter saboreado a felicidade. ²⁶E, contudo, jazem no mesmo pó, cobrem-se ambos de vermes. ²⁷Ah, eu conheço vossas idéias, vossos maus pensamentos a meu respeito! ²⁸Dizeis: "Onde está a casa do poderoso, onde a morada dos ímpios?" ²⁹Não interrogais os viajantes, Desconheceis os seus testemunhos? ³⁰No dia do desastre o ímpio é poupado,

no dia do furor é posto a salvo.

31 Quem lhe reprova sua conduta
e quem lhe dá a pagar pelo que fez?

32É conduzido ao sepulcro,
e se monta guarda sobre seu túmulo.

33 Leves lhe são os torrões do vale.
Atrás dele toda a população desfila.

34 Que significam, pois, vossas vãs consolações?
Se nas vossas respostas não há mais que perfídia!

No início do discurso Jó clama pela atenção dos sábios: "Escutai atentamente minhas palavras, seja este o consolo que me dais." (Jó, 21, 2), logo em seguida ele elucida a onipotência do Criador e seu sentimento diante dele, aqui fica claro a experiência do numisoso que se apodera de Jó: "É de um homem que me queixo? Só em pensar nisso, fico desconcertado, um pavor apodera-se do meu corpo." (Jó, 21, 4-6).

Se analisarmos a ação humana do ponto de vista do *numinoso*, é possível dizer que viver é o risco de ser surpreendido pelo imponderável, pela própria falta de sentido que há na vida, assim como alegoriza a história de Jó. A ação humana, nesse sentido, pode ser compreendida como uma espécie de desafio ao futuro. A experiência trágica representa em si, mais do que isso, porque é também um desafio aos deuses e ao destino. Assim, a perspectiva da tragédia delibera o duplo caráter do agir ao herói, isto é, ela o coloca diante do desconhecido, do incompreensível no mundo, fazendo com que ele se aventure em um campo de forças sobrenaturais que atuam arbitrariamente, às vezes a favor do herói, às vezes contra, agindo para seu infortúnio e fracasso. Caberia aqui uma reflexão no campo da ética do agir que conflui para a perspectiva da existência do mal em nós e no mundo, isso porque a liberdade do sujeito não é o que determina sua felicidade. A doutrina aristotélica mostra que a escolha individual não é, em si, o bem absoluto, mas sim, um bem relativo que sempre sacrifica alguma parte desse a outra parte que se apresenta, o mal menor.

Um segundo momento dentro do discurso é direcionado para as comprovações que Jó apresenta sobre os ímpios que prosperam, o que ele parece querer demonstrar é a falha da justiça divina, porque se existem faltas não cobradas, não haveria justificativa para o sofrimento de alguns e a prosperidade de outros: "No dia do desastre o ímpio é poupado, no dia do furos é posto a salvo." (Jó, 21, 30). Além disso, uma estrutura de comparação apresenta de modo singular a desigualdade existente entre os homens em vida, mas que em momento específico é reduzida a nada, já que todos jazem sob as mesmas condições: "Este morre em pleno vigor, de todo tranqüilo e em paz, seus flancos bem roliços e a medula de

seus ossos cheia de seiva. Aquele morre com alma amargurada, sem ter saboreado a felicidade. E, contudo, jazem no mesmo pó, cobrem-se ambos de vermes." (Jó, 21, 23-25). O uso das palavras pó e verme tem uma simbologia especial, porque demarcam a etapa primordial de decomposição e dissolução do homem, não somos mais que cinzas.

Diante das exposições feitas por Jó, os argumentos dos sábios não têm valia: "Que significam, pois, vossas vãs consolações? Se nas vossas respostas não há mais que perfidia!" (Jó, 21, 34). A construção de todo discurso parece ser uma tentativa de desconstruir o conceito de justiça distributiva defendido pelos amigos, e de certo modo Jó alcança esse objetivo. Entretanto, Elifaz insiste na definição da justiça distributiva, no castigo do Criador somente pela justiça, e aconselha Jó a se redimir de seus pecados, pois só assim encontrará a paz. Rompe-se então, o terceiro ciclo de discursos.

4.2 TERCEIRO CICLO DE DISCURSOS

O terceiro ciclo de discursos do livro é iniciado pelo discurso de Elifaz, assim como o segundo ciclo. Percebe-se que à medida que os ciclos de diálogo se rompem, Jó passa de suspeito à culpado. Isso porque no primeiro ciclo os sábios elencam possíveis faltas que o levariam ao infortúnio, no segundo ciclo eles instigam Jó com possíveis acusações e, no terceiro ciclo, como veremos a seguir, é como se os sábios o condenassem, essa estrutura fica clara com o discurso de Sofar. Portanto, a posição deles segue em acusações e ameaças sobre o destino dos ímpios.

22Deus castiga unicamente em nome da justiça—¹Elifaz de Temã tomou a palavra e disse:

²Pode um homem ser útil a Deus, quando o prudente só é útil a si mesmo? ³Que importa a Shaddai que sejas justo: aproveita-lhe a tua integridade? ⁴É por tua piedade que te corrige e entra contigo em julgamento? ⁵Não é antes por tua grande malícia e por tuas inumeráveis culpas? ⁶Exigias sem razão penhores de teus irmãos e despojavas de suas roupas os nus; ⁷não davas água ao sedento e recusavas pão ao faminto; ⁸entregavas a terra a um homem poderoso, para ali se instalar o favorecido; ⁹despedias as viúvas com as mãos vazias, quebravas os braços dos órfãos.d ¹⁰Por isso te encontras preso nos laços, Amedronta-te um terror improviso,

¹¹a luz se obscurece^a e não vês mais nada, e te submerge um turbilhão de água. ¹²Nâo é Deus excelso como os céus? Vê como é alta a abóbada das estrelas! ¹³E tu disseste: "O que Deus conhece?b Pode ele julgar através da nuvem escura? ¹⁴As nuvens enconbrem-no e impedem-no de ver, quando passeia pela abóbada do céu". ¹⁵Queres seguir os velhos caminhos por onde andaram os homens perversos? ¹⁶Foram arrebatados antes do tempo, quando uma torrente se lançou sobre seus fundamentos. ¹⁷Eles diziam a Deus: "Afasta-te de nós. Que pode fazer-nos Shaddai?"^c ¹⁸Ele enchia de bens suas casas, enquanto o conselho do ímpios se afastou dele.^d ¹⁹Os justos vêem isto e se alegram, o inocente zomba deles: ²⁰"Eis destruídos nossos adversários! E que fogo devorou seus bens!" ²¹Reconcilia-te com ele e terás paz: desta maneira a felicidade virá sobre ti. ²²Aceita a instrução de sua boca e guarda seus preceitos em teu coração. ²³Se voltares a Shaddai serás reabilitado, ^e se afastares de tua tenda a injustiça, ²⁴se colocares o teu ouro sobre o pó, o Ofir entre as pedras do riacho, ²⁵Shaddai será tuas barras de ouro e a tua prata entesourada. ²⁶Então, sim, alegrar-te-ás em Shaddai e erguerás para Deus teu rosto. ²⁷Ele ouvirá as tuas súplicas e tu cumprirás teus votos; ²⁸decidir-te-ás por um projeto e realizar-se-á, e a luz brilhará em teu caminho. ²⁹Porque ele abaixa a empresa orgulhosa, ^f e salva o homem de olhar humilde. ³⁰Ele liberta até mesmo aquele que não é inocente:⁹ ele será liberto pela pureza de tuas mãos.

O discurso de Elifaz se divide em três planos, logo no início, ele pronuncia uma acusação a Jó, do versículo 2 ao 11 ele imputa faltas ao sofredor: "É por tua piedade que te corrige e entra contigo em julgamento? Não é antes por tua grande malícia e por tuas inumeráveis culpas?" (Jó, 22, 4-5) acusando Jó diretamente de romper com o padrão de moralidade do Criador. Em seguida o poema nos apresenta uma série de perguntas que

sugerem uma tentativa de se estabelecer um debate entre o sábio e Jó: "Queres seguir os velhos caminhos por onde andaram os homens perversos?" (Jó, 22, 15).

Antes de passarmos ao terceiro plano, é necessário apontar que o versículo 12: "Não é Deus excelso como os céus? / Vê como é alta a abóbada das estrelas!" (Jó, 22, 12) que entremeia as duas primeiras partes que identificamos, pode ser considerado um dístico de louvor a Deus. Na terceira parte do discurso Elifaz pronuncia um discurso eloquente para que Jó se redima de suas faltas: "Reconcilia-te com ele e terás paz: desta maneira a felicidade virá sobre ti. Aceita a instrução de sua boca e guarda seus preceitos em teu coração." (Jó, 22, 21-22).

As palavras de Elifaz não convencem a Jó, que segue em sua revolta. Para ele Deus está longe e o mal triunfa.

23 Deus está longe, e o maltriunfa – 1 Jó tomou a palavra e disse:

²Ainda hoje minha queixa é uma revolta; minha mão comprime meu gemido. ³Oxalá soubesse como encontrá-lo, Como chegar à sua morada. ⁴Exporia diante dele a minha causa, com minha boca cheia de argumentos. ⁵Gostaria de saber com que palavras iria responder-me e ouvir o que teria para me dizer. ⁶Usaria ele de violência ao pleitear comigo? Não, bastaria que me desse atenção. ⁷Ele reconheceria em seu adversário um homem reto, e eu triunfaria sobre meu juiz. ⁸Mas, se for ao oriente não está ali; ⁹Quando ele age no norte, eu não o vejo; se me volto para o meio-dia, ele permanece invisível. ¹⁰E todavia, o meu caminho ele o conhece! Oue me ponha no crisol, dele sairei como ouro puro. ¹¹Meus pés apegaram a seus passos, segui seu caminho sem me desviar. ¹²Não me afastei do mandamento de seus lábios e guardei no peito as palavras de sua boca.^a ¹³Mas ele decide; ^b quem poderá dissuadi-lo? Tudo o que ele quer, ele o faz. ¹⁴Executará a sentença a meu respeito, como tantos outros dos seus decretos. ¹⁵Por isso estou consternado em sua presença, e estremeço ao pensá-lo. ¹⁶Deus abateu-me o ânimo, Shaddai encheu-me de terror. ¹⁷E, todavia, não me dou por vencido por estas trevas; ele, porém, cobriu-me o rosto com a escuridão.^c

24¹Por que Shaddai não marca o tempo e seus amigos não chegam a ver seus dias?d ²Os ímpios mudam as fronteiras, roubam rebanho e pastor.^e ³Apoderam-se do jumento dos órfãos e tomam como penhor o boi da viúva. ⁴Os indigentes devem se afastar do caminho, e os pobres da terra se esconder todos juntos. ⁵Como onagros do deserto, eles saem para o trabalho, procurando desde a aurora uma presa, e, de tarde, o pão para os seus filhos.^f ⁶Ceifam no campo do malvado^g e rebuscam a vinha do ímpio. ^{10a}Andam nus por falta de roupa, famintos carregam os feixes. ¹¹Entre duas muretas^b eles espremem o azeite; Alterados, eles pisam as cubas. ⁷Nus passam a noite, sem roupa e sem coberta contra o frio. ⁸Ensopados pelas chuvas das montanhas, sem abrigo comprimem-se contra o rochedo. ⁹O órfão é arrancado do seio materno e a criança do pobre é penhorada. ¹²Da cidade sobem os gemidos dos moribundos^d e, suspirando, os feridos pedem socorro, e Deus não ouve a sua súplica.^e ¹³Existem também os rebeldes à luz, ^f que não conhecem seus caminhos nem ficam em suas veredas. ¹⁴É noite quando o assassino se levanta para matar o pobre e o indigente. Durante a noite ronda o ladrão, ^g ^{16a}às escuras arromba as casas. ¹⁵O olho do adúltero aguarda o crepúsculo dizendo: "Ninguém me verá", e cobre o rosto com uma máscara. ^{16b}Durante o dia, escondem-se os que não querem conhecer a luz. ¹⁷Para eles todos, a manhã torna-se a sombra da morte, pois eles experimentam os terrores da sombra da morte.^h ²⁵Se não é assim, quem me desmentirá ou reduzirá a nada minhas palavras?

O discurso inaugura o lamento, Jó segue em queixas porque o que ele deseja é um encontro com Iahweh: "Oxalá soubesse como encontra-lo, como chegar à sua morada." (Jó, 23, 3). Pois só assim ele poderia defender-se e provar sua inocência. Para ele Deus é que teria de se redimir quando se colocassem frente a frente: "Ele reconheceria em seu adversário um

homem reto, e eu triunfaria sobre meu juiz." (Jó, 23, 7). A alusão que fizemos ao mito prometeico em passagem anterior retoma aqui com a mesma simbologia. De certa maneira, Jó não quer simplesmente restabelecer sua vida, ele pretende também provar sua inteligência diante do Criador, sua superioridade, em um ato que exprime prepotência.

Porém, o que angustia Jó é que a procura por Deus não o leva até ele, não se pode ter acesso à morada do Senhor. Isso frustra-o diante de sua causa, mas não o abate porque ele persevera em sua revolta: "Deus abateu-me o ânimo, Shaddai encheu-me de terror. E, todavia, não me dou por vencido por estas trevas; ele, porém cobriu-me o rosto com a escuridão." (Jó, 23, 16-17).

Durante o discurso de Jó, podemos perceber a presença de algumas *diatribes*³², discurso ou conversação filosófica, como: "Existem também os rebeldes à luz que não conhecem seus caminhos nem ficam em suas veredas". (Jó, 24, 13). Para o emprego dessa forma o pseudo-autor faz uso de analogias e metáforas que alimentam e retroalimentam as diversas figuras que brotam da narrativa. Os rebeldes à luz são aqueles que evitam o dia, que vivem nas sombras, aqueles que se esquivam do caminho do Senhor.

O discurso que emerge após a fala de Jó pertence a Baldad, é, porém, o único discurso dentro dos três ciclos, em que é sugerida uma interferência de um personagem simultaneamente ao discurso principal, nessa construção Jó parece interromper Baldad com sua fala.

25 *Hino à onipotência de Deus*ⁱ- Baldad de Suás tomou a palavra e disse:

²É um soberano temível,
Aquele que conserva a paz nas suas alturas.^j
³Pode ser contado o número de suas tropas?
E sobre quem não se levanta a sua luz?
⁴Como pode o homem justificar-se diante de Deus?
Ou mostrar-se puro quem nasceu de mulher?
⁵Se até a própria lua não brilha^k
e as estrelas não são puras a seus olhos,
⁶quanto menos o homem, essa larva,
e o filho de homem, esse verme?

26^{5a}As sombras^btremem debaixo da terra, as águas e seus habitantes estão com medo.^c

⁶O Xeol está nu a seus olhos e a perdição^d está sem véu.

⁷Estendeu o setentrião sobre o vazio^e e suspendeu a terra sobre o nada.^f

.

³² **DIATRIBE** Breve tratado ético. Esse termo também aparece como título de obras atribuídas aos estóicos Zenão e Cleantes, bem como a outros filósofos antigos. (ABBAGNANO, 1998, p.275).

⁸Ele prende as águas nas nuvens, sem que estas se rasguem com seu peso.
⁹Encobre a face da lua cheia E estende sobre ela sua nuvem.^g
¹⁰traçou um círculo sobre a superfície das águas,^h onde a luz confina com as trevas.
¹¹As colunas do céu se abalam,ⁱ assustadas com sua ameaça.
¹²Com seu poder aquietou o Mar, com sua inteligência aniquilou Raab.
¹³O seu sopro clareou os Céus e sua mão traspassou a Serpente fugitiva.^j
¹⁴Tudo isso é o exterior das suas obras, e ouvimos apenas um fraco eco.
Quem compreenderá o estrondo do seu poder?

A fala de Baldad Suás corresponde a um hino de louvor ao Criador. Baldad faz refrência a um Deus temível: "É um soberano temível, Aquele que conserva a paz nas suas alturas." (Jó, 25, 2) perante o qual o homem nunca conseguiria se equiparar: "Se até a própria lua não brilha e as estrelas não são puras a seus olhos, quanto menos o homem, essa larva, e o filho do homem, esse verme?" (Jó, 25, 5-6) reduzindo a criatura a um ser insignificante. Perante o Criador "as sombras tremem" (Jó, 26, 5) em referência aos fracos, mortos e incapazes, "as águas e seus habitantes estão com medo" (Jó, 26, 5) em alusão aos monstros do abismo vencidos nas origens, "a perdição está sem véu" (Jó, 26, 6) em menção ao próprio Xeol que também não fugiria aos seus domínios, ou mesmo em insinuação a uma divindade infernal da antiguidade. A grandiosidade do Criador é tamanha que o homem se reduz a nada diante dela.

A essa reflexão assemelha-se o conceito de *Hybris*, que para os gregos é entendido como qualquer violação da norma da medida, ou seja, dos limites que o homem deve encontrar em suas relações com os outros homens, com as divindades e com a ordem do mundo. Nessa perspectiva, a *Hybris* seria a injustiça por meio das transgressões dos limites, para Aristóteles a ofensa gratuita e a insolência aos outros pelo prazer de sentir-se superior configurariam esse aspecto. Portanto, a compreensão dos limites e a dimensão da finitude humana exposta na narrativa de Jó é um reconhecimento da hierarquia entre Deus e o homem.

O hino prossegue contemplando os feitos da Criação. Em um versículo único na Bíblia, o trecho: "e suspendeu a terra sobre nada" faz alusão ao espaço infinito.³³ Deus em sua perfeição "aquietou o mar", "aniquilou Raab", "clareou os céus" e matou o Leviatã,

-

³³ Nota Bíblia de Jerusalém. p.833

referido aqui como "a Sepente fugitiva." E tudo isso é apenas uma pequena demonstração de seu poder.

26*Baldad fala a esmo*– ¹Jó tomou a palavra e disse:

²Como sabes sustentar o fraco e socorrer um braço sem vigor! ³Como sabes aconselhar o ignorante e dar mostras de profundo conhecimento! ⁴A quem dirigiste tuas palavras? E de onde provém o espírito que sai de ti?^k

27 *Jó, inocente conhece o poder de Deus* – ¹ Jó continuou a exprimir-se em sentenças, dizendo:

²Pelo Deus vivo que me nega justiça, por Shaddai que me amargura a alma, ³enquanto em mim houver um sopro de vida e o alento de Deus nas narinas, ⁴meus lábios não dirão falsidades. nem minha língua pronunciará mentiras! ⁵Longe de mim dar-vos razão! Até o último alento manterei minha inocência, ⁶fico firme em minha justica e não a deixo; minha consciência não me reprova nenhum de meus dias. ⁷Tenha o meu inimigo a sorte do ímpio, e meu adversário, a do injusto! ⁸Que proveito pode esperar o ímpio quando Deus lhe retira a vida? ⁹Acaso Deus escuta seus gritos, quando o surpreende a aflição? ¹⁰Encontrará seu conforto em Shaddai, e invocará a Deus em todo o tempo?^a ¹¹Instruir-vos-ei acerca do poder de Deus, não vos ocultarei os desígnios de Shaddai.^b ¹²Todos vós bem o vedes, por que vos perdeis em vãs ilusões?

Jó interrompe o discurso de Baldad, com uma réplica irônica, pois o sábio perdeuse em divagações sem sentido, abandonando o tema preciso da discussão: "Como sabes sustentar o fraco e socorrer um braço sem vigor!" (Jó, 26, 2) ele parece não reconhecer as palavras que foram pronunciadas, assimilando o hino à perda de tempo.

Então, prossegue em sua defesa e não se abate em seus questionamentos: "Longe de mim dar-vos razão! Até o último alento manterei minha inocência, fico firme em minha inocência e não a deixo; minha consciência não me reprova em nenhum dos meus dias." (Jó, 27, 5-6). O discurso de Jó é interrompido pela fala de um de seus amigos. Ao que tudo indica

e pela alternação de falas dentro da narrativa, o discurso seria de Sofar. Essa é uma composição estabelecida na *Bíblia de Jerusalém*, que diante da tradução e da análise dos trechos compreende que a fala não poderia pertencer a Jó. Diante de nossas análises confluímos com as perspectivas dos tradutores.

Discurso de Sofar: o maldito^c

¹³Esta é a porção que Deus reserva ao ímpio, a herança que o tirano recebe de Shaddai:
¹⁴Se tiver muitos filhos, cairão pela espada, seus descendentes não terão o que comer.

¹⁵Quem sobreviver será enterrado pela Peste, ^de suas viúvas não os chorarão.

¹⁶Ainda que acumule prata como pó e amontoe vestidos como barro,

¹⁷ele amontoa, mas é o justo quem os vestirá; quanto à prata, é o inocente quem a herdará.

¹⁸Construiu uma casa como uma teia de aranha, e

construiu uma cabana para a guarda.

¹⁹Deita-se rico – mas será pela última vez^f: - ao abrir os olhos não terá mais nada.

²⁰Em pleno dia^g surpreendem-no terrores, de noite arrebata-o um turbilhão.

²¹O vento leste levanta-o e fá-lo desaparecer

e varre-o de seu lugar.

²²Precipita-se sobre ele sem piedade, enquanto procura fugir de seu alcance.

²³Aplaudem a sua ruína, assobiam contra ele por onde ele vai.

24¹⁸É apenas um feto sobre as á9jguas,

Cai a maldição sobre sua propriedade na terra,

Ninguém mais vai para a sua vinha.

⁹Como o calor estivo absorve as águas da nev

¹⁹Como o calor estivo absorve as águas da neve, assim o Xeol àquele que pecou.

²⁰Dele se esquece o ventre que o formou,

o seu nome não é mais lembrado.^a

Assim é arrancada a iniquidade como uma árvore.

²¹Ele maltratou^b a estéril sem filhos

e maitratou a esterii sem filnos e não socorreu a viúva.

²²Mas Aquele que prende com força os tiranos

aparece e tira-lhe a certeza da vida.

²³Ele o deixava apoiar-me numa falsa segurança;

os seus olhos, porém, observavam os seus caminhos.

²⁴Exaltado por breve tempo, deixa de existir; cai como a erva que se colhe^c e murcha como as espigas

Como o próprio título do trecho sugere, Sofar em seu discurso parece amaldiçoar Jó devido sua insistência sem precedentes contra a sabedoria dos sábios. Fica claro as analogias que o pseudo-autor constrói entre os acontecimentos da vida de Jó e a realidade do que Deus reserva ao ímpio. Os filhos são mortos: "Se tiver muitos filhos, cairão pela espada os filhos morrem", (Jó, 23, 14) como os de Jó: "Estavam teus filhos e tuas filhas comendo e bebendo na casa do irmão mais velho, ¹⁹quando um furação se levantou das bandas do deserto e abalou os quatro cantos da casa, que desabou sobre os jovens e os matou. Só eu pude escapar para trazer-te a notícia.." (Jó, 1, 18-19). São acometidos pela morte trágica: "Quem sobreviver será enterrado pela Peste", (Jó, 23, 15) como Jó o foi "Ele feriu Jó com chagas malignas" desde a planta dos pés até o cume da cabeça." (Jó, 2, 7).

O sofrimento das gerações, ou seja, dos filhos que sofrem pelos pais, também é aludido em Édipo Rei, na narrativa os filhos herdam o "erro" do pai, mesmo que esse não o tenha cometido conscientemente, o que também faz parte da estrutura trágica.

ÉDIPO — Ora bem! Sê feliz, Creonte! Porque as mandastes vir até aqui, que os deuses te protejam, mais do que a mim! Onde estais vós, minhas filhinhas? Vinde ter comigo... Vinde a estas mãos... fraternas! Foram elas que, como vedes, privaram de luz os olhos, outrora tão brilhantes, de vosso pai! Eu nada via... e nada sabia, minhas filhas; mas eu vos dei a vida no mesmo seio do qual eu próprio havia nascido... E choro por vós, porque nunca mais vos verei, e porque penso nas amarguras que tereis de suportar pela vida além... A que assembléias de tebanos, a que festas solenes podereis comparecer, sem que volteis com os olhos banhados de lágrimas, impedidas de vê-las? E quando atingirdes a idade florida do casamento, quem será... sim! Quem será bastante corajoso para receber todos os insultos, que serão um eterno flagelo para vós, e para vossa prole? Que mais falta para vossa infelicidade? Vosso pai? Mas ele matou seu pai, casou-se com sua mãe, e desse consórcio é que vós nascestes. Eis as injúrias com que vos perseguirão... Quem vos quererá por mulher? Ninguém! Ninguém, minhas filhas! Tereis de viver na solidão e na esterilidade. Filho de Meneceu, visto que tu serás doravante o único pai que elas terão – porquanto sua mãe, e eu, que lhes demos a vida, já não viveremos! – não deixes que estas meninas sejam obrigadas a vaguear, mendigando; não consintas que sua desgraça se agrave em consequência da minha. Tem pena delas, vendo-as, tão jovens, privadas de todo o Apolo, exceto o que lhes concederes. Dá-me um sinal de teu assentimento, homem generoso; toca-me com tua mão!... E vós, minhas filhas, se me pudésseis compreender, eu vos daria conselhos; procurai sempre ter uma existência mais feliz do que a de vosso pai, onde quer que possais viver! (Sófocles, Édipo Rei).

O discurso segue em analogias sobre o sofrimento dos ímpios, ao dizer que esses perdem todos os bens: "Deita-se rico – mas será pela última vez^f: - ao abrir os olhos não terá mais nada." (Jó, 23, 19) como também ocorreu a Jó: "Despojou-me de minha honra e tiroume a coroa da cabeça." (Jó, 19, 9). E a sua terra é amaldiçoada: "Cai a maldição sobre sua propriedade na terra", (Jó, 24, 18) como ocorreu com a propriedade de Jó: "Caiu do céu o fogo de Deusⁱ e queimou ovelhas e pastores e os devorou. Só eu pude escapar para trazer-te a notícia." (Jó, 1, 16).

Sofar ainda infere que a abundância de Jó, antes de todas as suas mazelas, era apenas um jogo de Deus, no qual ele deixou a criatura pensar que não o corrigiria: "Ele o deixava apoiar-se numa falsa segurança; os seus olhos, porém, observavam os seus caminhos." (Jó, 24, 23)

4.3 ELOGIO DA SABEDORIA

O lugar e o significado dessa passagem no diálogo não estão muito claros, se observarmos ela não dialoga diretamente com os ciclos de discursos e tampouco é possível destiná-la à fala de algum dos sábios ou mesmo de Jó. Entretanto o poema é de singular beleza e confere profundo significado para os questionamentos que Jó direciona à Criação.

4. ELOGIO DA SABEDORIA

28 A sabedoria inacessível ao homem^d

¹A prata tem as minas, o ouro, um lugar onde é depurado. ²O ferro extrai-se da terra, ao fundir-se a pedra, sai o bronze. ³Impõe-se um limite às trevas, Sonda-se até o extremo limite a pedra escura e sombria. ⁴Estrangeiros perfuram as grutas^e em lugares não frequentados, e suspensos balançam longe dos homens. ⁵A terra, que produz o pão, por baixo é devorada pelo fogo. ⁶Suas pedras são jazidas de safiras, seus torrões encerram pepitas de ouro. ⁷Tais veredas não as conhece o abutre, nem as divisa o olho do falção; ⁸não as percorrem as feras altaneiras, ^f nem as atravessa o leão. ⁹O homem lança mão da pederneira, desarraiga as montanhas pela raiz. ¹⁰Na rocha abre galerias,^a o olhar atento a tudo o que é precioso. ¹¹Explora as nascentes dos rios^b e traz à luz o que está oculto. ¹²Mas a Sabedoria, de onde provém ela?^c Onde está o lugar da Inteligência? ¹³O homem não lhe conhece o caminho, ^d nem se encontra na terra dos mortais. ¹⁴Diz o Abismo: "Não está em mim"; Responde o Mar: "Não está comigo" ¹⁵Não se compra com o ouro mais fino,

nem se troca a peso de prata, ¹⁶não se paga com ouro de Ofir, com ônix precioso ou safiras. ¹⁷Não a igualam o ouro, nem o vidro, não se paga com vasos de ouro fino. ¹⁸Quanto ao coral e ao cristal, nem falar! Seria melhor pescar a Sabedoria do que as pérolas. ¹⁹Não se iguala ao topázio de Cuch, nem se compra com o ouro mais puro. ²⁰Donde vem, pois, a Sabedoria? Onde está o lugar da Inteligência? ²¹Está oculta aos olhos dos mortais e até às aves do céu está escondida. ²²A Perdição e a Morte confessam: "O rumor de sua fama chegou até nós." ²³Só Deus conhece o caminho para ela, só ele sabe o seu lugar. ²⁴(Pois contempla os limites do orbe e vê quanto há debaixo do céu.) ²⁵Quando assinalou seu peso ao vento e regulou a medida das águas, ²⁶quando impôs uma lei à chuva e uma rota para o relâmpago e o trovão, ²⁷ele a viu e avaliou, Penetrou-a^e e examinou-a. ²⁸E disse ao homem: "O temor do Senhor, eis a Sabedoria; Fugir do mal, eis a Inteligência."

Quando no primeiro capítulo fizemos um resgate sobre as concepções de sabedoria encontradas nas civilizações antigas e provavelmente incorporadas pelos sábios hebreus, recuperamos uma reflexão que é possível identificar no poema, a da sabedoria inacessível ao homem. O escritor parece personificar uma sabedoria transcendente, que encarna os mistérios dos caminhos de Deus. Essa inspirou o plano do Criador, explica todas as suas obras e encarna sua Providência, escapando aos ataques do homem, porque este, a despeito de seus esforços e descobertas, choca-se incessantemente com o mistério de uma sabedoria que o ultrapassa.

O poema é composto por 28 versículos, esses se alteram em três versos e dois versos, mesmo que a tradução não nos possibilite compreender com exatidão a métrica utilizada pelo pseudo-autor, ou mesmo que tipo de composição é recorrente, essa estrutura apresenta uma certa regularidade e também aponta para uma reflexão curta, se comparada aos demais discursos que se apresentaram na obra.

Os três primeiros versículos dão ênfase aos elementos de alto valor extraídos da terra, a terra que pode ser considerada a Deusa mãe, aquela que tudo provê. A prata, o ouro, o ferro e o bronze são metais, a simbologia dos metais tem um aspecto duplo, porque de um lado estão associados aos excluídos, que trabalham para sua extração, nesse caso os estrangeiros, que representam os escravos ou prisioneiros de guerra, e de outro são a representação do capital e do poder.

Os metais também se relacionam com o fogo, porque é por meio dele que transmutam, assim assumem uma função cosmológica de transformação. O metal puro ao se desprender do mineral bruto é como um espírito que se desprende da substância. Na perspectiva da conotação impura que eles assumem, devemos recorrer à visão que os hebreus tinham deles, já que eram proibidos dentro de seus altares, sobretudo o ferro. Isso é explicado porque de acordo com as tradições havia uma hierarquia descendente dos símbolos metálicos, que representavam o endurecimento progressivo das idades do mundo, sendo elas: ouro, prata, bronze e ferro.

O poema parece dizer que o homem busca incessantemente, por todos os lugares, os bens e as preciosidades, ele sonda até "a pedra escura e sombria." (Jó, 28, 3) que na tradição bíblica, devido a seu caráter imutável, simboliza a sabedoria. As associações seguem e novamente o pseudo- autor faz referência à terra no versículo 5, que é consumida pelo fogo e produz riquezas em seu seio. Poderíamos ainda dizer que a união do fogo e da terra cumprem uma imagem de força profunda, porque designam algo que os abutres e o olho do falcão não é capaz de ver, tampouco, portanto, seria o homem. O falcão no Egito antigo era considerado um princípio celeste, encarnava o Sol e a Lua como seus olhos e mesmo assim, ao que alude o poema, seus olhos não atingiriam tal feito. Ainda configurando as veredas inacessíveis, o pseudo-autor recorre a símbolos de força e astúcia, como o leão e as feras altaneiras. O leão é a representação do poder e da sabedoria do reino animal, e as feras altaneiras poderiam ser compreendida como os filhos do orgulho, aqueles que fogem aos desígnios do Senhor.

Percebe-se que o pseudo-autor por meio de uma escrita minuciosa, pretende fazer com que o leitor caminhe passo a passo, em uma busca, que se estabelece pelas próprias palavras. O poema rompe a partir do versículo 12 em um segundo momento com uma série de perguntas retóricas. Ao que parece depois de estabelecer minuciosas inferências aos locais que resguardam um mistério, o pseudo-autor apresenta pela repetição da interrogação o não lugar da sabedoria, ou pelo menos, aqueles nos quais ela não foi encontrada. O poema é então

finalizado com um verso que resume essas especulações: "Está oculta aos olhos dos mortais". (Jó, 28, 21). O pseudo- autor ainda completa, fazendo alusão a seres não humanos, como a perdição e a morte, que representam o Xeol ou alguma divindade infernal da antiguidade e o fim último do homem.

Os dois últimos versos do poema: "O temor do Senhor, eis a Sabedoria; Fugir do mal, eis a Inteligência." (Jó, 28, 28) resumem os conselhos que Deus dá ao homem em sua busca incessante pela sabedoria. O trecho é emblemático porque resguarda uma das maiores reflexões do sujeito no âmbito da existência: o problema do mal. Além disso, ele dialoga com a perspectiva da sabedoria da crise, expressa em Jó.

Sobre a natureza do mal, essa é uma preocupação que pautou a reflexão de diversos filósofos como Aristóteles, Sócrates, Tomás de Aquino, Leibniz e outros. A dificuldade enfrentada pela explicação teísta do mal é que, de acordo com o teísmo, Deus é o autor de tudo, dessa maneira o mal seria algo que decorre da criação. Entretanto, os teístas rejeitam a ideia de que o mal seja algo, para eles o mal não é uma substância ou uma coisa. O mal nessa concepção pode ser apenas a ausência do bem ou a imperfeição de algo, como defendia Santo Agostinho. Partindo dessa reflexão, Deus não seria o autor de uma coisa má, porque tudo que ele faz é perfeito. Mas como poderia então suas criaturas serem más? Os teístas então explicam o princípio da criação do homem, que foi feito enquanto uma criatura livre, por isso a causa do mal está no livre arbítrio, porque a imperfeição só pode surgir do que é perfeito. Deus deu ao homem a liberdade, e o homem desempenha esse ato, portanto Deus fez o mal possível, mas só suas criaturas o tornaram real.

A reflexão que o poema elucida a partir disso é tamanha que pode levar o leitor a uma epifania do sentido da vida, talvez seja essa a maior reflexão, não só do poema, mas da história e da experiência humana.

4.4 CONCLUSÃO DO DIÁLOGO

29Queixas e apologia de Jó:

Os tempos antigos — ¹Jó continuou a exprimir-se em sentenças e disse:

²Quem me dera voltar aos meses de antanho,
aos dias em que Deus velava por mim;

³quando sua lâmpada brilhava sobre minha cabeça e à sua luz eu andava na escuridão!

⁴Tal qual eu estava nos dias do meu outono,
quando Deus protegia^a minha tenda

⁵e Shaddai ainda estava comigo
e meus filhos me rodeavam!

⁶Banhava meus pés em creme de leite, e a rocha vertia rios de azeite! ⁷Quando me dirigia à porta da cidade e tomava assento na praça, ⁸os jovens ao ver-me se retiravam, os anciãos se levantavam e ficavam de pé, ⁹os chefes interrompiam suas conversas, pondo a mão sobre a boca; ¹⁰emudecia a voz dos líderes e sua língua se colava ao céu da boca. ^{21b}Ouviam-me com grande expectativa, e em silêncio escutavam meu conselho. ²²Quando acabava de falar, ninguém replicava, minhas palavras ficavam gotejando sobre eles; ²³eles me esperavam como a chuva, como quem abre a boca ávida para a chuva de primavera. ²⁴Sorria para eles, mal o acreditavam e não perdiam nenhum gesto favorável. ²⁵Sentado como chefe, eu escolhi seu caminho; como um rei instalado no meio de suas tropas, guiava-os e eles se deixavam conduzir.c ¹¹Quem me ouvia falar felicitava-me, quem me via dava testemunho de mim: ¹²porque eu livrava o pobre que pedia socorro e o órfão que não tinha auxílio. ¹³A bênção do moribundo pousava sobre mim, e eu alegrava o coração da viúva. ¹⁴A justiça eu vestia como túnica, o direito era meu manto e meu turbante. ¹⁵Eu era olhos para o cego. era pés para o coxo. ¹⁶Era o pai dos pobres e examinava a causa de um desconhecido. ¹⁷Quebrava as mandíbulas do malvado, para arrancar-lhe a presa dos dentes. ¹⁸E pensava: "Morrerei no meu ninho, Depois de dias numerosos como a fênix^d ¹⁹Minhas raízes estendidas até a água, o orvalho pousando em minha ramagem, ²⁰minha honra ser-me á sempre nova, em minha mão o meu arcoe retomará força."

B. A tribulação presente

30¹Mas agora zombam de mim moços mais jovens que eu, a cujos pais teria recusado deixar com os cães do meu rebanho.ª ²Para que me serviriam seus braços, se suas forças se consumiram?

³Mirrados pela penúria e pela fome, ruminavam a estepe, lugar sombrio de ruína e desolação: ⁴colhendo malvas entre os arbustos, fazendo pão com raízes de giesta; ⁵banidos da sociedade dos homens, a gritos, como a ladrões, ⁶morando em barracos escarpados, em covas e grutas do rochedo. ⁷Ouvem-se os seus rugidos entre as moitas, acocorados nas urtigas: ⁸gente vil, homens sem nome, são rejeitados pela terra!^b ⁹E agora sou alvo de suas zombarias, o tema de seus escárnios. ¹⁰Cheios de medo, ficam a distância e atrevem-se a cuspir-me no rosto. ¹¹Porque ele deteve meu arco e me abateu, ¹²À minha direita levanta-se a canalha, eles fazem escorregar meus pés e abrem contra mim seus caminhos sinistros; ¹³desfazem minha senda. trabalham para minha ruína e não há quem os detenha.c ¹⁴Irrompem por uma larga brecha e são jogados sob os escombros. ¹⁵Os terrores estão soltos contra mim, minha segurança se dissipa^d como vento, minha esperança varrida como nuvem. ¹⁶A minha alma agora se dissolve: os dias de aflição apoderam-se de mim. ¹⁷De noite um mal^e penetra meus ossos, minhas chagas não dormem. ¹⁸Ele me agarra^f com violência pela roupa, segura-me pela orla da túnica. ¹⁹Joga-me para dentro do lodo e confundo-me com o pó e a cinza. ²⁰Clamo por ti, e não me respondes; insisto, sem que te importes comigo.^g ²¹Tu te tornaste meu verdugo e me atacas com teu braço musculoso. ²²Levantas-me e me fazes cavalgar o vento e me sacodes com a tempestade. ²³Bem vejo que me devolves à morte. ao lugar de encontro de todos os mortais. ²⁴Acaso não estendi a mão ao pobre, quando, na penúria clamava por justiça?^a ²⁵Não chorei com o oprimido, não tive compaixão do indigente? ²⁶Esperei felicidade, veio-me a desgraça;

esperei luz, veio-me a escuridão.

27 Fervem dentro de mim as entranhas sem parar,
Dias de aflição vêm ao meu encontro.

28 Caminho ensombrecido, sem sol,
e na assembléia levanto-me a pedir auxílio.

29 Tornei-me irmão dos chacais
e companheiro dos avestruzes.

30 Minha pele se enegrece e cai,
meus ossos são consumidos pela febre.

31 minha cítara está de luto
E minha flauta acompanha os pranteadores.

Apologia de Jób

31¹Eu fizera um pacto com meus olhos, para não olhar uma virgem.^c ²Que galardão me reserva Deus lá do alto, que herança o Shaddai lá dos céus? ³Acaso não é o desastre para o criminoso, e o infortúnio para os malfeitores? ⁴Não vê ele os meus caminhos, não conta todos os meus passos? ⁵Caminhei com a ilusão, acertei passo com a fraude?^d ⁶Que Deus me pese numa balança exata e reconhecerá minha integridade. ⁷Se se desviaram do caminho os meus passos, e o meu coração seguiu as atrações dos olhos, se se apegou alguma mancha às minhas mãos, e ⁸que outro coma o que semeei, e que arranquem as minhas plantações! ⁹Se o meu coração se deixou seduzir por mulher e estive à espreita à porta do vizinho, f ¹⁰que minha mulher gire a mó para outrem e outros se debrucem sobre ela! ¹¹Pois isso seria uma infâmia, Um crime digno de castigo,^a ¹²um fogo que devoraria até à perdição, destruindo até à raiz todos os meus bens. ¹³Se deneguei seu direito ao escravo ou à escrava, quando pleiteavam comigo,^b ¹⁴que farei quando Deus se levantar, que lhe responderei quando me interrogar? ¹⁵Ouem me fez a mim no ventre não o fez também a ele? Quem nos formou a ambos não é um só? ³⁸Se minha terra pede vingança contra mim, e os seus sulcos choram com ela; ³⁹se comi o seu produto sem pagar, ^{40a}que nasçam cardos em vez de trigo, no lugar de cevada, a erva fétida!^d

¹⁶Se fui insensível às necessidades dos fracos, ^e se deixei tristes os olhos da viúva. ¹⁷enquanto comi meu bocado sozinho, sem reparti-lo com o órfão; ¹⁸ – na verdade, desde minha infância Deus criou-me como um pai, e desde o seio de minha mãe guio-me; f – ¹⁹se vi um miserável sem roupas, um pobre sem cobertor, ²⁰e não me agradeceram os seus flancos, aquecidos com a lã de minhas ovelhas; ²¹se levantei a mão^g contra o órfão, sabendo-me importante na Porta, ²²que minha espádua se desprenda de minha nuca, e que meu braço se quebre no cotovelo! ²³Porque o castigo de Deus seria meu terror, não subsistia diante da sua majestade. ²⁴Se pus no ouro minha confiança e disse ao ouro mais puro: "És minha segurança":h ²⁵se me comprazi com minhas grandes riquezas, Com a fortuna amontoada por minhas mãos; ²⁶se olhei para o sol resplandecente ou para a lua que caminha com esplendor, ²⁷e meu coração se deixou seduzir secretamente, e minha mão lhes enviou um beijo; f ²⁸também isto seria crime digno de castigo, Pois teria renegado ao Deus do alto. ²⁹Se me alegrei com a desgraça do meu inimigo e exultei com a infelicidade que lhe sobreveio,^a ³⁰ou permiti que minha boca pecasse, e reclamasse a sua vida com uma maldição; ³¹se homens de minha tenda disseram: "oxalá nos deixassem saciar-nos de sua carne!" ³² – Na verdade, o estrangeiro nunca pernoitou à intempérie, abri sempre minha porta ao viandante.^b – ³³Se ocultei meu delito aos homens^c escondendo no peito minha culpa, ³⁴por temor diante da gritaria da multidão e por medo do desprezo dos parentes, a ponto de me manter calado sem pôr os pés fora da porta.^d ³⁵oxalá houvesse quem me ouvisse! Esta é minha última palavra: que me responda Shaddai! O libelo redigido por meu adversário ³⁶levá-lo-ia sobre meus ombros, Atá-lo-ia como um diandema.^f ³⁷Dar-lhe-ia conta de meus passos e aproximar-me-ia dele, como príncipe. ^{40b}Fim das palavras de Jó.^g

O ciclo de discursos é finalizado com uma longa fala de Jó. A conclusão do diálogo se divide em um discurso saudosista do período de glória do personagem, em queixas que discorrem sobre a tribulação presente e em uma apologia à sua condição e sofrimento. Na primeira parte da narrativa, ele relembra os tempos antigos, a glória de sua vida, o respeito de sua comunidade: "Quando acabava de falar, ninguém replicava, minhas palavras ficavam gotejando sobre eles" (Jó, 29, 22) as benfeitorias que praticava aos necessitados: "Eu era olhos para o cego, era pés para o coxo. Era o pai dos pobres e examinava a causa de um desconhecido" (Jó, 29, 15-16) e como sua realidade, era semelhante à de um rei: "Sentado como chefe, eu escolhi seu caminho; como um rei instalado no meio de suas tropas, guiava-os e eles se deixavam conduzir." (Jó, 29, 25)

Jó acreditava finalizar seus dias como uma fênix, "*E pensava: 'Morrerei no meu ninho, Depois de dias numerosos como a fênix.''*" (Jó, 29, 18). A fênix possui uma importante simbologia mítica, pois além de ser dotada de extraordinária longevidade, tem o poder de se consumir em fogueira, de renascer das cinzas.³⁴

Na segunda parte do discurso, Jó discorre sobre suas atribulações no presente. Depois que Iahweh direcionou sua mão para ele, a comunidade ri-se dele e ele ocupa a classe dos indigentes, da escória da sociedade: "E agora sou alvo de zombarias, o tema de seus escárnios." (Jó, 30, 9). Além disso, Jó sente-se abandonado por Deus: "Clamo por Ti, e não me respondes; insisto, sem que te importes comigo." (Jó, 30, 20) porque Ele tornou-se um indivíduo cruel perante Jó, seu carrasco e algoz: "Esperei felicidade, veio-me a desgraça; esperei luz veio-me a escuridão." (Jó, 30, 26).

Na última parte do discurso, Jó inicia sua defesa, esse trecho da narrativa pode ser considerado um protesto de inocência, no qual a moral no Antigo Testamento atinge seu ápice. A forma construída pelos escritores hebreus é a do juramento imprecatório contra si mesmo, que em justiça era exigido ao acusado. Esse tipo de julgamento é citado em Reis 1: "Se alguém pecar contra seu próximo e este pronunciar sobre ele um julgamento imprecatório e o mandar jurar ante teu altar neste Templo, escuta no céu e age; julga teus servos: declara culpado o mau, fazendo recair sobre ele o peso de sua falta, e declara justo o inocente, tratando-o segundo sua justiça." (1Rs, 8,31).

Jó começa pelas faltas mais secretas, os desejos maus e ocultos, que habitam os olhos: "Eu fizera um pacto com meus olhos, para não olhar para uma virgem." (Jó, 31, 1).

_

³⁴A fênix, segundo o que relataram Heródoto ou Plutarco, é um pássaro mítico, de origem etíope de um esplendor sem igual. Quando se aproxima a hora de sua morte, ela constrói um ninho de vergônteas perfumadas onde, no seu próprio calor, se queima. (CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p.421-422)

Seguindo em apologia ele faz uma analogia a lei do talião, pois pede que seja pesado em uma balança exata: "Caminhei com a ilusão, acertei passo com a fraude?" (Jó, 31, 5). Jó afirma que não cobiçou, nem tomou o alheio, tampouco cometeu o pecado do adultério: "Se se desviaram do caminho os meus passos, e o meu coração seguiu as atrações dos olhos, se se apegou alguma mancha às minhas mãos, que outro coma o que semeei, e que arranquem as minhas plantações! (Jó, 31, 7-8). O que Jó deseja é ser punido exatamente pela falta, ou seja, se ele acometeu qualquer pecado que seja tolhido por ele e não em todas as esferas da sua vida.

Nessa perspectiva ele continua seu discurso "Se o meu coração se deixou seduzir por mulher e estive à espreita à porta do vizinho, que minha mulher gire a mó para outrem e outros se debrucem sobre ela!" (Jó, 31, 9-10). Na sequência desse trecho encontramos ainda uma glosa, recurso muito utilizado pelos hebreus, com teor explicativo dentro do poema: "Pois isso seria uma infâmia, um crime digno de castigo (...)" (Jó, 31, 11).

Jó cita ainda a avareza e a soberba do rico: "Se pus no ouro minha confiança e disse ao ouro mais puro: 'És minha segurança': se me comprazi com minhas grandes riquezas, Com a fortuna amontoada por minhas mãos;" (Jó, 31, 24-25) fazendo aqui uma inferência ao culto a Mamon ³⁵termo que na Bíblia é usado para descrever riqueza material ou cobiça, mas que também é a personificação de uma divindade. O discurso ainda faz referência ao culto aos astros: "se olhei para o sol resplandecente ou para a lua que caminha com esplendor, e meu coração se deixou seduzir secretamente, e minha mão lhes enviou um beijo." (Jó, 31, 26-27). Prática não reconhecida pela religião monoteísta e que aqui faz alusão ao paganismo, pois na antiguidade o beijo era gesto antigo de adoração.³⁶

Jó finaliza a apologia clamando por escuta: "oxalá houvesse quem me ouvisse! Esta é minha última palavra: que me responda Shaddai!" (Jó, 31, 35) e instiga o Senhor, para que caso o condene, se o Criador conseguir comprovar sua culpa, ele carregará sobre o seus ombros o rolo da acusação. Acredita-se que Jó é tão seguro que confia que poderá refutar a Deus, dessa maneira a acusação seria uma insígnia de honra: "O libelo redigido por meu adversário leva-lo-ia sobre meus ombros, atá-lo-ia como um diadema." (Jó,, 31, 35-36).

³⁵Mamon representa o terceiro pecado, a Ganância ou Avareza, também o anticristo, devorador de almas, e um dos sete príncipes do Inferno. Sua aparência é normalmente relacionada a um nobre de aspecto deformado, que carrega um grande saco de moedas de ouro, e "suborna" os humanos para obter suas almas. Em outros casos é visto com uma espécie de pássaro negro (semelhante ao Abutre), porém com dentes capazes de estraçalhar as almas humanas que comprara. Na era pré-cristã eram cultuados muitos deuses. Mamon, contudo, não era o nome de uma divindade e sim um termo de origem hebraica que significa dinheiro, ou bens materiais.

³⁶Símbolo de união e de adesão mútuas que assumiu, desde a Antiguidade, uma significação espiritual. (CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p.127)

5 DISCURSOS DE ELIÚ

O discurso de Eliú rompe a narrativa de maneira significativa, a primeira questão é que diferente dos outros três sábios que dialogam com Jó, no primeiro, segundo e terceiro ciclo de discursos, Eliú não é anunciado e tampouco citado na narrativa antes de sua fala. Nesse momento se estabelece a construção de duas hipóteses, a primeira delas faz parte da própria interpretação da narrativa, Eliú como o próprio texto elucida, não era um ancião, não merecendo, portanto, as honras de uma apresentação. A segunda diz respeito ao fato de que o personagem, à primeira vista secundário, talvez estivesse em uma condição onisciente, apenas como observador dos fatos e em momento propício teve oportunidade de fala. Entretanto, em uma perspectiva de análise estrutural de linguagem e de apontamentos, poderíamos supor, assim como Robert Alter (2007), o fez, que o texto foi inserido em momento posterior.

Adentremos na análise para concluir as inferências e demais construções. O discurso de Eliú é precedido de um pequeno trecho em prosa que situa o leitor da intervenção: "Aqueles três homens não responderam mais a Jó, porque ele teimava em considerar-se justo. Então, inflamou-se a ira de Eliú, filho de Baraquel, de Buz, da família de Ram; indignou-se contra Jó, porque pretendia ter razão contra Deus." (Jó, 32, 1-2). Outra estrutura que difere dos demais discursos é que o início da fala de Eliú é composto por uma estrutura de exórdio que não acompanha os discursos dos sábios anteriores. No exórdio o personagem se apresenta como um jovem perante os anciãos, justificando assim, sua espera para se pronunciar: "Sou ainda muito jovem, e vós sois anciãos; por isso, intimidado, não me atrevia a expor-vos o meu conhecimento." (Jó, 32, 6).

Apesar de reconhecer a pouca idade perante os sábios, Eliú apresenta uma nova perspectiva sobre a sabedoria, que nesse caso não seria adquirida com o passar dos anos: "Dizia comigo: 'Que falem os anos, que a idade madura ensine sabedoria.' Mas é o espírito no homem, o alento de Shaddai que dá a Inteligência" (Jó 32, 7-8), ele opõe à sabedoria adquirida a sabedoria carismática, recebida por meio da revelação do Espírito. A sabedoria tradicional, difundida no Oriente pelos sábios de Israel, proclamava a sabedoria divina, aquela relacionada à justiça e a convicção de que é Deus quem dá a sabedoria, como em Provérbios: "Não há sabedoria, nem entendimento, nem conselho diante de Iahweh." (Jó, 21, 30); "Pois é Iahweh quem dá a sabedoria; de sua boca procedem o conhecimento e o entendimento." (Jó, 2, 6). Entretanto, fora do círculo dos Sábios, uma outra sabedoria era reconhecida, uma sabedoria inspirada, como na Sabedoria de Salomão: "A Sabedoria é um espírito amigo dos homens, não deixa impune o blasfemo por seus propósitos;" (Sb, 1, 6) e em Coríntios:

"Cheguei então a Trôade para lá pregar o Evangelho de Cristo e, embora o Senhor me tivesse aberto uma porta grande, não tive repouso de espírito, pois não encontrei Tito, meu irmão." (Cr, 2, 12), na esperança de uma nova revelação do Espírito nos moldes do Novo Testamento. Exatamente por apresentar essa outra característica, dentro da concepção de sabedoria, é que o texto poderia ser analisado como uma inserção posterior dentro da obra. Sigamos na análise para demais constatações.

A construção do discurso de Eliú permite inferir que ele está tomado pela sabedoria do espírito, que é a revelação do espírito do Criador que fala: "Tomarei a palavra por minha vez, mostrarei também o meu conhecimento. Por que estou cheio de palavras, pressionado por um sopro interior. Dentro de mim há como um vinho novo que quer transbordar como odres novos que explodem" (Jó, 32, 17-19)

O primeiro movimento de fala de Eliú é direcionado a Jó: "E agora Jó, escuta minhas palavras, presta atenção ao meu discurso." (Jó, 33, 1) Ele resume as várias declarações de Jó em suas apologias: "Sou puro, não tenho delito; sou limpo e sem falta" (Jó, 33, 9) e em sua especulação sobre a perseguição de Deus: "E contudo, ele encontra queixas contra mim e me considera seu inimigo." (Jó, 33,10) Porém, Eliú discorda de Jó: "Não tens nisto razão, eu te digo, pois Deus é maior do que o homem." (Jó, 33,12), para ele Deus fala aos homens de diferentes maneiras, e é isto que Jó não compreende, isso porque depois das revelações do Senhor, uma segunda maneira pela qual Ele fala aos homens é por meio das provações, como a de Jó: "Deus fala de um modo e depois de outro, e não prestamos atenção." (Jó, 33,14)

Eliú ainda faz referência à intercessão dos justos e a mediação dos anjos diante da falta dos homens, que são citadas em outras narrativas do Antigo Testamento como em Salmos: "(...) pois em teu favor ele ordenou aos seus anjos que te guardem em teus caminhos todos. Eles te levarão em suas mãos, para que teus pés não tropecem numa pedra;" (S1, 91, 11-12) para ele os Anjos são capazes de revelarem aos doentes o sentido do seu mal, abrindolhes os olhos acerca de suas culpas, à luz da concepção cristã, esse anjo mediador pode ser identificado como um anjo da guarda: "a não ser que encontre um Anjo perto de si, um Mediador entre mil, que relembre ao homem seu dever, que tenha compaixão dele e diga: 'Livra-o de baixar à sepultura, pois encontrei resgate';" (Jó, 33, 23-24).

Essa referência a intercessão dos anjos é um equivalente à intercessão dos deuses da epopéia, dialogando assim com a estrutura do gênero épico, pois um dos requisitos da epopeia clássica era a presença do confronto ou diálogo entre os heróis e os seres superiores,

divinos. Os deuses na narrativa constituíam um elemento fundamental para a ação. Como exemplo dessa estrutura, podemos citar a *Ilíada*, de Homero, epopeia clássica que ilustra essa relação entre deuses e mortais, seja combatendo ao lado deles, protegendo-os ou aconselhando-os.

No peito hirsuto do Peleide a angústia assoma. O coração partido em dois hesita. Ou arranca do flanco a espada pontiaguda a afastando os demais abate o Atreide no ato, ou reprime o furor, doma a revolta no ânimo. Tudo isso lhe rodava no íntimo e, entretanto, ia sacando da bainha o gládio enorme. Então, do céu, Atena desce. Enviou-a Hera, dos braços brancos, que ama os dois, por ambos vela. Por trás segura-lhe os cabelos louros, só visível para ele; ninguém mais a vê. Espanta-se o Peleide; gira o corpo, e logo dá com Palas Atena: os olhos terríveis brilham! Dirigindo-se à deusa diz palavras rápidas:

Filha de Zeus tonante, portador de escudo, por que vens? Assistir à audácia de Agamêmnon? Pois declaro o que penso e hei de ver cumprido: seu belicoso orgulho vai causar-lhe a morte.

Brilho de olhos azuis, responde a deusa Atena:

Descendo do alto céu, acalma-te a ira (se acaso me obedeces), vim a mando de Hera, deusa dos braços brancos, que por ambos vela. Vamos, pára essa briga! Deixa em paz a espada! Insulta-o com palavras, sim, o quanto queiras. Agora vou dizer-te o que se cumprirá: um dia hão de pagar-te o triplo dos dons esplêndidos como preço da afronta. Acalma-te e obedece".

Recomeça a falar Aquiles, pés-veloses:

Deusa, em respeito às duas, tenho de ceder, ainda que raive o coração. Melhor assim. "Os deuses dão escuta a quem se curva aos deuses".

Disse, e deixou pesar no punho prateado a mão; o formidável gládio embainhou. Palas, vendo-se obedecida, retornou ao céu, ao Olimpo de Zeus, porta-escudo, entre os deuses. (Ilíada de Homero, Canto I, versos 188 a 222).

O que Eliú pretendia era demonstrar a Jó, por meio de outra sabedoria, a verdade dos desígnios de Deus: "cala-te e ensinar-te-ei a sabedoria." (Jó, 33, 33).

No segundo movimento de fala, Eliú se dirige aos sábios Elifaz, Baldad e Sofar: "Ouvi ó sábios, minhas palavras, e vós, eruditos, prestai atenção." (Jó, 34, 2). Eliú convida aos sábios para uma reflexão perante as atitudes de Jó: "Eis que Jó afirmou: 'Eu sou justo e Deus me nega o direito'." (Jó, 34, 5) para ele Jó faz companhia aos malfeitores e ímpios ao blasfemar contra Deus, isso porque: "Longe de Deus, o mal, de Shaddai, a iniquidade." (Jó, 34, 10). Eliú pretende confirmar a doutrina da retribuição, que de acordo com o Novo Testamento remete à realização da criatura no último Dia: "Ele retribui ao homem segundo suas obras, e dá cada um conforme sua conduta." (Jó, 34, 11). Para ele Deus não pratica o

mal, ele não rege o universo como subordinado, não aplica a justiça elaborada por outrem, portanto é a sua própria onipotência que estabeleceu o direito, desse modo não há como Ele violar a justiça, nem por interesse, nem por coação: "Na verdade, Deus não pratica o mal, Shaddai não perverte o direito." (Jó, 34, 12); "Um inimigo do direito saberia governar? Ousarias condenar o Justo onipotente?" (Jó, 34, 17). O que Eliú pretende ao elucidar o julgamento que Jó faz de Deus e de sua conduta, é que suas suposições estão atreladas a uma concepção rígida da justiça distributiva. Até porque se a lei da retribuição, citada por Eliú, não guardasse exceções, Deus tampouco deveria perdoar os homens. Assim, ao buscar por justificativas para seu sofrimento na Lei de retribuição, Jó não avalia que sua provação ocorre por outras razões. Ao final de sua repreensão Eliú chama atenção para o fato de que aos pecados de Jó serão acrescidos o da rebelião devido a suas respostas dignas de ímpio: "Por que ao seu pecado acrescenta a rebelião, semeia a dúvida em nosso meio e multiplica suas palavras contra Deus." (Jó, 34, 37).

No terceiro ato do discurso, Eliú se direciona aos sábios e a Jó, ele sublinha outras palavras de Jó para corrigi-las: "Já que dizes, 'Que te importa? Que vantagens tenho se tivesse ou não pecado'?" (Jó, 35, 3). Eliú chama atenção para o questionamento de Jó a Deus, por Ele não sancionar equitativamente os atos do homem e agir como se desinteressasse do bem ou do mal praticado pelo homem, porém o que Eliú deixa subentendido é que Deus não está ao alcance das ofensas dos homens: "Contempla os céus e olha, vê como as nuvens são mais altas que tu. Se pecas, que mal lhe fazes?" (Jó, 35, 5-6). Entretanto, a maldade dos homens atinge seus iguais: "A tua maldade só concerne aos que são como tu; tua justiça, só concerne aos mortais" (Jó, 35, 8) Porque Deus não fica alheio aos assuntos humanos, ele acolhe aqueles que sofrem e tem fé nele, aqueles que suplicam por libertação: "Certamente Deus não escuta o que é ilusório, Shaddai a isso não presta atenção." (Jó, 35, 13).

O quarto ato do discurso tem muita similaridade com o discurso de Elifaz: "Ditoso o homem a quem Deus corrige: não desprezes a lição de Shaddai." (Jó, 5, 17); "Se voltares a Shaddai serás reabilitado, se afastares de tua tenda a injustiça, se colocares o teu ouro sobre o pó, o Ofir entre as pedras do riacho, Shaddai será tuas barras de ouro e a tua prata entesourada." (Jó, 22, 23-25), desse modo o discurso de Eliú, este último, não acrescenta uma contribuição muito original ao texto. Porque assim como os demais sábios ele exalta a grandiosidade do Senhor e a necessidade de se reconhecer culpado e se voltar para Deus: "Se o escutarem e se submeterem terminarão seus dias em felicidade e seus anos no bem-estar." (Jó, 36, 11).

Da interpretação dos caminhos de Deus, Eliú passa ao elogio do seu poder e sabedoria, no quinto e último ato do seu discurso: "Deus é grande demais para que possamos conhecer, o número de seus atos é incalculável." (Jó, 36, 26); "Deus troveja a plena voz suas maravilhas e realiza proezas que não compreendemos." (Jó, 37, 5); "Shaddai, nós não o atingimos. Mas ele, na sublimidade de seu poder e retidão, na grandeza de sua justiça, sem oprimir, impõe-se ao temor dos homens: a ele a veneração de todos os corações sensatos." (Jó, 37, 23-24). Fechando assim a compreensão que tem do Criador, essa é muito semelhante à dos sábios e de Jó, pois todos eles reconhecem que o Senhor habita lugares que o homem não alcança.

6 EU SOU AQUELE QUE É - YAHWEH

O título deste capítulo está atrelado ao significado do tetragrama YHWH, a revelação do nome de Deus poderia ser considerada a teofania primeira, aquela que estabelece diretrizes fundantes da nossa busca pelo Criador, pois é pelo verbo que se define o Ser. Não é o primeiro momento que o nome de Deus, tal qual os hebreus o concebiam, aparece na história bíblica, entretanto, é a primeira vez que Deus fala em Jó, é a sua revelação. O nome de Deus não é aqui uma simples designação, ele exprime a realidade profunda de tudo que é, da força que Ele desempenha no universo como um todo, de maneira que não reconhecer o nome é não conceber o Ser supremo.

O tetragrama YHWH é a forma original encontrada nos textos hebraicos para designação de Deus, isso porque a língua admitia apenas a escrita de consoantes, dessa maneira sabe-se que as vogais foram acrescidas tardiamente ao nome, sendo uma construção hipotética de pronúncia real que se perdeu ao longo dos tempos. Além disso, os hebreus consideravam o nome de Deus demasiadamente santo para ser proferido, dessa maneira se dirigiam a Deus pelo termo Senhor. Atrelado a essas considerações é necessário dizer que o *Livro de Jó* faz uso constante dos arcaísmos que nomeiam o Criador, por isso Yahweh e *El Shaddai* são utilizados durante toda a história, o que também pode caracterizar um indício da formação dessa narrativa ao longo dos anos.

A revelação do nome divino aos homens é narrada em Êxodo, em trecho que confirma a tamanha força do tetragrama original: "Moisés disse a Deus: 'Quando eu for aos israelitas e disser: 'O Deus de vossos pais me enviou até vós'; e me perguntarem: 'Qual é o seu nome?' que direi?' Disse Deus a Moisés: 'Eu sou aquele que é,' Disse mais: 'Assim dirás aos israelitas: EU SOU me enviou até vós.'" (Ex, 3, 13-14). No hebraico original "ehyeh asher ehyeh" que designa a raiz original do verbo ser. Dentro dos discursos de Iahweh Deus é! Deus vive! Deus fala aos homens e a Jó!

Os discursos de Iahweh são divididos em dois atos. No primeiro deles Iahweh surge à maneira das antigas teofanias: "Então Iahweh, respondeu a Jó, do seio da tempestade" (Jó, 38, 1), as teofanias³⁷ eram representações nas quais Deus manifestava sua

-

³⁷ Como a etimologia grega sugere, teofania significa o aparecimento de um deus, ou de Deus, ao homem. O AT registra numerosas teofanias, começando pelos primeiros capítulos de Genesis, que registram que Deus, depois de haver falado a Adão, foi ter com ele no jardim do Éden (3.8). Deus se manifesta ao homem, como registram as Escrituras, sob três formas — humana (ver Antropomorfismo*), angélica e não humana e não angélica. A

terrível onipotência frente aos homens, muitos outros trechos no Antigo Testamento retratam essa situação, como Salmos:

E a terra balançou e tremeu, as bases dos montes se abalaram, (por causa do seu furor estremeceram); de suas narinas subiu uma fumaça e da sua boca um fogo que devorava (dela saíam brasas ardentes). (...) Iahweh trovejou do céu, o Altíssimo fez ouvir sua voz, atirou suas flechas e os dispersou, expulsou-os, lançando seus raios. (Salmos, 18, 8-15).

Podemos associar a representação da teofania na narrativa, a noção de deus *ex machina*, um elemento trágico utilizado por alguns autores, como Eurípedes em *Ifigênia*. A expressão latina corresponde literalmente a "deus da máquina" em uma alusão a utilização de um recurso mecânico no qual a tragédia clássica permitia ao divino descer sobre o palco, oferecendo uma resolução para o desenlace da obra. O gênero trágico, como já explicamos, tem porventura a relação entre os planos divino e humano. O destino infeliz do herói trágico, representado pela catástrofe, tem tradicionalmente a sua ação desencadeadora em um erro ou falha do personagem, mesmo quando ele não incorre nessa falta conscientemente, como acontece na narrativa de *Édipo Rei*. Entretanto, em Jó, essa falha não é descrita, a narrativa não apresenta, nem em segundo plano, qualquer indício de falta do personagem. Aqui os infortúnios do herói não passam de um capricho divino.

A utilização do recurso do deus *ex machina* foi criticado pelo mais influente teórico da tragédia, Aristóteles, pois para ele o recurso incorria em uma falta de verossimilhança que poderia prejudicar o desejado efeito trágico.

forma de cada teofania e correlata a sua função. Quando Deus vem para exercer juízo, manifesta-se sob aparência de certo modo temível. Apresentasse, por exemplo, como um guerreiro irresistível imediatamente antes da conquista de Jerico (Js 5.13-15). A teofania de julgamento, no entanto, embora sempre ameaçadora, traz tanto maldição e temor aos inimigos de Deus como benção e conforto a seu povo (Na 1.1-9). A teofania de guerreiro, frequentemente encontrada, demonstra que no AT Deus constantemente aparece em forma de ser humano. Naturalmente, ele assume vários papeis nas muitas teofanias do AT. Em Genesis 18.1-15, por exemplo, uma das passagens em que Deus confirma suas promessas pactuais a Abraão, aparece sob a forma de um mensageiro. Um segundo tipo de teofania ocorre quando Deus se revela sob a forma de um anjo. Manoa e sua esposa recebem, de uma figura angélica, o anuncio do nascimento em breve de Sansão, figura essa que mais tarde reconhecem como a do próprio Deus (Jz 13). Muitos eruditos, se não a maioria deles, creem que o anjo do Senhor seja uma aparição reencarnação da segunda pessoa da Trindade*, o Filho. Isso e verdade também para teofanias em forma humana. Vez por outra, essas teofanias são consideradas de fato, mais especificamente, como "cristofanias". Nem o AT nem o NT identificam Jesus Cristo diretamente com o chamado anjo do Senhor. Estudiosos, porém, raciocinam em ordem inversa, a partir do ensino do NT (Jo 1.18) de que "ninguém jamais viu a Deus", o Pai. O terceiro tipo de teofania e o apresentado na13AZ\Ss Escrituras nas ocasiões em que Deus aparece a homens e mulheres sob forma não humana ou não angelical. No momento crítico do estabelecimento do pacto abraamico, por exemplo, Deus passa por entre pedaços de animais, sob a forma de "um fogareiro esfumaçante, com uma tocha acesa" (Gn 15.17). A teofania por excelência e o advento de Jesus Cristo (Jo 1.1-17; 14.9; Cl 1.15). No NT, a teofania se torna realmente cristofania, ao ser substituída pela real encarnação. Os crentes, hoje, já olham para os últimos dias, quando então "dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta, o próprio Senhor descera dos céus" (ITs 4.16). (FERGUSON S., WRIGHT D., 2009, p.960-961).

O desenredo das fábulas, é claro, deve ocorrer da própria fábula e não, como na Medéia, dum mecanismo e como, na Ilíada, quando se discute o zarpar de volta; à intervenção divina se recorre para fatos fora do drama, quer anteriores, que um homem não possa saber, quer posteriores, que demandem predição e anúncio, pois aos deuses atribuímos o poder de tudo ver. Nas ações não pode haver nada de irracional, ou então, que se situe fora da tragédia, como no Édipo de Sófocles (ARISTÓTELES, 2005, p.35)

Não seria equivocado dizer que em Jó a utilização do deus *ex machina* não insere a narrativa em um campo inverossímil, pois a obra pertence à tradição cristã, na qual a superioridade divina e a compreensão de Deus como o centro de tudo é real e faz pleno sentido para os fiéis. Portanto, a intervenção divina foi a maneira escolhida para resolver uma situação insolúvel e ela é que possibilita a interpretação global da peça. A utilização desse elemento é o que nos faz considerar a obra como uma tragédia cristã, que de certo modo seria uma obra educativa, sob o ponto de vista religioso.

O primeiro discurso de Iahweh inverte os papéis até então estabelecidos dentro da história, agora é Deus quem convida Jó a defender-se: "Quem é esse que obscurece meus desígnios com palavras sem sentido? Cinge-te os rins, como herói, interrogar-te-ei e te me responderás." (Jó, 38, 3). A expressão cinge-te os rins tem um significado relevante para a narrativa bíblica, os "rins" são as sedes das paixões e dos impulsos inconscientes, como citado em Jó: "Aquele que eu vir será para mim, aquele que meus olhos contemplarem não será um estranho. Dentro de mim consomem-se os meus rins." (Jó, 19, 27), é recorrente esse uso, não só no livro de Jó, mas também em outras narrativas da Bíblia, em muitos momentos os rins aparecem associados ao coração, que é a sede da atividade consciente tanto intelectual quanto afetiva, como na Sabedoria de Salomão: "A Sabedoria é um espírito amigo dos homens, não deixa impune o blasfemo por seus propósitos; porque Deus é a testemunha de seus rins, perscruta seu coração segundo a verdade e ouve o que diz a sua língua." (Sb, 1, 6) ambos os órgãos representam aqui o conjunto de potências interiores do homem. Portanto, quando Iahweh ordena Jó a cingir seus rins, ele está ordenando que ele controle seus impulsos, domine seus devaneios.

A interação discursiva entre deuses e humanos no gênero épico configura semelhante relação com o discurso entre Jó e Iahweh. Percebe-se, desse modo, que a narrativa ganha traços épicos em seu desfecho, pois fazia parte da composição do gênero a mistura de personagens humanos com personagens mitológicos ou místicos, na qual era configurado dois

³⁸Na locução fr. sonder les rins et les coeurs ("sondar os rins e os corações"), os rins são entendidos como sede dos desejos secretos, enquanto o coração designaria os pensamentos mais íntimos. Os rins simbolizam frequentemente a força, a potência, seja a potência genética, seja a força de resistência a qualquer espécie de adversidade. (CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p.780)

planos onde as ações se mesclavam e se influenciavam. No caso do *Livro de Jó*, Deus fala ao personagem.

A partir disso Iahweh direciona a Jó inúmeros questionamentos, que elucidam Sua infinita potência e a irrelevância de Jó enquanto simples criatura mortal:

Onde estavas, quando lancei os fundamentos da terra? Dize-mo, se é que sabes tanto. Quem lhe fixou as dimensões? – se o sabes - ou quem estendeu sobre ela a régua? Onde se encaixam suas bases, ou quem assentou sua pedra angular, entre as aclamações dos astros da manhã e o aplauso de todos os filhos de Deus? (Jó, 38, 4-7).

Dentro do discurso de Iahweh há também insistente ironia: "Dize-mo se é que sabes tanto" (Jó, 38, 4); "Deverias sabê-lo, pois já tinhas nascido e grande é o número dos teus anos." (Jó, 38, 21).

As potências e a Sabedoria do Criador são manifestadas por meio de suas obras: "Terá pai a chuva? Quem gera as gotas de orvalho? De que seio saiu o gelo? Quem deu à luz a geada do céu, quando as águas desaparecem, petrificando-se, e se torna compacta a superfície do abismo?" (Jó, 38, 28-30), passa-se da natureza inanimada ao reino animal, Iahweh ainda cita os animais mais selvagens, independentes ou exóticos, porque Ele é Deus e cuida de toda a sua subsistência, ele permite o seu existir: "És tu que caças a presa para a leoa, ou sacias a fome dos leõezinhos, quando se recolhem nos seus covis, ou se põe de embocas da nas moitas?" (Jó, 38,39-40); "Sabes quando parem as camurças? Ou assistes ao parto das corças?" (Jó, 39, 1).

Ao final do discurso, Iahweh dirige-se mais uma vez diretamente a Jó: "O adversário de Shaddai criticará? O censor de Deus responderá?" (Jó, 40, 2) pela primeira vez Jó fala com Deus, alegando não ter argumentos, ele diz ao Criador: "Eis que falei levianamente: que poderei responder-te?" (Jó, 40, 4). Jó quis disputar com Deus, entretanto o Senhor lhe apresentou o mistério de sua sabedoria, manifesto em suas obras, diante disso, ele não poderia argumentar.

Dando prosseguimento ao diálogo, no segundo discurso, Iahweh responde a Jó. O segundo ato de fala de Iahweh é concentrado sobre o domínio que Deus tem sobre as forças do mal. O discurso começa com a repetição de dois versos: "Cinge teus rins como um herói; interrogar-te-ei, e tu me responderás." (Jó, 40, 7). Mais uma vez Deus ordena que Jó controle seu ímpeto, e então Ele questiona: "Atreves-te a anular meu julgamento ou a condenar-me, para ficares justificado?" (Jó, 40, 8), o que Iahweh quer saber é se Jó pode agir como Deus, se ele pode desempenhar feitos semelhantes aos seus: "Tens, então, um braço como o de

Deus e podes trovejar com voz semelhante à sua?" (Jó, 40, 9). Deus questiona Jó e afirma: que se ele for capaz será também venerado: "Então, também te louvarei, porque podes com tua direita garantir-te a salvação." (Jó, 40, 14)

Insere-se então, no segundo ciclo de discurso, como representação do mal, alguns elementos que representam tradições politeístas e que provavelmente conservaram-se no imaginário simbólico dos hebreus. Iahweh em face da representação do mal e do seu combate a ele faz referência ao Beemot³⁹, animal semelhante ao hipopótamo, símbolo de força bruta, que Deus domina, mas o homem não é capaz de domesticar: "Vê o Beemot que eu criei igual a ti! (...) Quem poderá agarrá-lo pela frente ou atravessar-lhe o focinho com um gancho?" (Jó, 40, 24). Ainda em referência aos monstros do imaginário hebraico Deus cita o Leviatã, monstro do caos primitivo que habitava os mares. O Leviatã foi vencido por Iahweh, ele representa as potências hostis ao Senhor: "Poderás pescar o Leviatã com anzol e atar-lhe a língua com uma corda?" (Jó, 40, 25). Deus desafia Jó perante sua coragem, seria ele capaz de enfrentar o monstro que aterroriza a todos? Iahweh o questiona, mas logo o responde: "A tua esperança seria ilusória, pois somente o vê-lo atemoriza." (Jó, 41, 1) e diante dessa constatação acrescenta: "Ninguém é tão feroz para excitá-lo; quem, então, iria me enfrentar?" (Jó, 41, 2). Deus deixa claro sua superioridade perante o homem: "Quem me adiantou algo para que eu o reembolse? Tudo o que há debaixo dos céus me pertence!" (Jó, 41, 3) em analogia aos questionamentos de Jó, o que Deus faz é relembrá-lo de seu lugar perante a Criação, perante um Deus que não lhe deve explicações. Iahweh faz uma longa descrição do Leviatã e o compara aos filhos do orgulho, às feras que apenas Deus é capaz de conter.

Em resposta ao último diálogo de Iahweh, Jó se redime perante o Senhor:

Reconheço que tudo podes e que nenhum dos teus desígnios fica frustrado. Quem é aquele que vela teus planos com propósitos sem sentido? Falei de coisas que não entendia, de maravilhas que me ultrapassam. (Escuta-me, que vou falar; Interrogar-te-ei e tu me responderás.) (Jó, 42, 2-3).

O último trecho do texto é uma glosa que elucida as falas de Iahweh. Jó, que possuía de Deus apenas uma ideia transmitida pela tradição, penetrou no mistério, e inclinouse perante a Onipotência: "Eu te conhecia só de ouvir, mas agora meus olhos te veem." (Jó, 42, 5). Suas interrogações sobre a justiça, porém, permanecem sem resposta. Ele

³⁹ Na verdade, esse boi é um hipopótamo e, se come o feno de mil montanhas não mora nas montanhas, mas sim sob o lótus e as plantas aquáticas dos rios ou dos pântanos. Simboliza o animalesco, o irracional, a força bruta. Foi somente numa tradição posterior que ele passou a simbolizar uma imensa reserva de alimento a ser repartida entre os convivas de futuros festins solenes ou míticos. (CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A, 2016, p.127).

compreendeu que Deus não tem de prestar contas, e que Sua Sabedoria pode conferir um sentido insuspeitado a realidade como o sofrimento e a morte. Para se retratar perante o Criador Jó realiza um clássico gesto de dor e penitência: "por isso, retrato-me e faço penitência no pó e na cinza." (Jó, 42, 6).

6.2 EPÍLOGO

O epílogo é a terceira parte em prosa da narrativa, ele encerra a narrativa direcionando a fala de Iahweh para Elifaz de Temã e os demais sábios: "Estou indignado contra ti e teus dois companheiros, porque não falastes corretamente de mim, como o fez meu servo Jó." (Jó, 42, 7). Iahweh oferece aos sábios animais para que eles o sacrifiquem em favor de Jó e ele interceda por eles, Jó desempenha aqui a função de intercessor como Abraão o faz em Gênesis:

Os homens partiram de lá e foram a Sodoma. Abraão se mantinha ainda diante de Iahweh. Abraão aproximou-se e disse: 'Destruirás o justo com o pecador? Talvez haja cinquenta juntos na cidade. Destruirás e não perdoarás à cidade pelos cinquenta justos que estão em seu seio? Longe de ti fazeres tal coisa: fazer morrer o justo com o pecador, de modo que o justo seja tratado como o pecado! Longe de ti! Não fará justiça o juiz de toda a terra?"Iahweh respondeu: " Se eu encontrar em Sodoma cinquenta justos na cidade, perdoarei toda a cidade por causa deles."

Disse mais Abraão: "Eu me atrevo a falar ao meu Senhor, eu que sou poeira e cinza. Mas talvez faltem cinco aos cinquenta justos: por causa de cinco destruirás a cidade?" Ele respondeu: "Não, se eu encontrar quarenta e cinco justos." Abraão retomou ainda a palavra e disse: "Talvez só existam quarenta." E ele respondeu: "Eu não o farei por causa dos quarenta."

Disse Abraão: "Que meu Senhor não se irrite e que eu possa falar: Talvez ali se encontrem trinta." E ele respondeu: "Eu não o farei se ali encontrar trinta." Ele disse: "Eu me atrevo a falar a meu Senhor, talvez se encontrem vinte." E ele respondeu: "Não destruirei por causa dos vinte." Ele disse: "Que meu Senhor não se irrite e falarei pela última vez: talvez se encontrem dez." E ele respondeu: "Não destruirei por causa dos dez."

Iahweh, tendo acabado de falar com Abraão, foi-se, e Abraão voltou para o seu lugar. (Gn, 18, 22-33).

Ainda na mesma perspectiva, Jó age como o servo, cujo sofrimento é uma expiação em favor do outro. Porém, a narrativa apresenta um nó para a compreensão leitora, no seu desfecho, isso porque Deus corrige os sábios pelas instruções equivocadas que direcionaram a Jó, mas não pune Jó por blasfemar contra Ele. Pode-se inferir aqui duas situações, a primeira delas é que Jó diante de tamanho sofrimento já teria se redimido de seus

pecados, a segunda é que Deus consciente da aposta que fizera com o Satã, não tinha mais motivos para punir Jó.

Ricoeur (2015) faz uma reflexão sobre a libertação do trágico que em muito se relaciona com esse trecho da narrativa. Para o filósofo a representação do trágico é em alguma medida a impulsão para o fim do trágico.

É certo que a tragédia de Ésquilo parece propor uma saída diferente, como se vê na trilogia de Orestes: as Euménides dão uma resposta nova à questão colocada pelo último verso das Coéforas: <<Quando se deterá, quando se deterá, por fim, a cólera de Ate?>>, e a última peça da trilogia respondia: o Terror tem um fim, o encadeamento da vingança pode ser quebrado, Deus é justo, Deus é misericordioso; a sua Justiça exprime-se na purificação de Apolo que põe fim à Vingança divina, e a sua benevolência manifesta-se na lei severa, mas ponderada, da cidade que toma sobre ela s retribuição das faltas criminais (RICOEUR, 2015, p.245).

Assim, o que se depreende da reflexão ricoeuriana é que a epopeia, presente no desfecho da narrativa de Jó, é o que salva a tragédia, libertando o herói da experiência trágica e do deus nefasto. O encontro desses dois gêneros que podemos presenciar aqui com a redenção do personagem e o reestabelecimento de sua vida é o que faz possível na narrativa de Jó a assimilação entre o bem e o mal. Os traços épicos que identificamos são de ordem estrutural e temática. É a persistência de Jó, o seguir em frente apesar do sofrimento e por fim a piedade do Senhor que representam o tom épico na narrativa.

Ainda sobre o desfecho há uma hipótese de ordem estrutural, que está atrelada à construção do escritor, a escrita poética e a inferência dos fatos levou o pseudo-autor ao limite da invenção, e ao limite da própria compreensão humana, chegando ao ponto onde nem a ficção conseguiria ultrapassar, isto é, os limites dos mistérios divinos parecem ter feito o escritor recuar, a imaginação não pode competir com o divino.

Dessa maneira, Deus restabelece a vida de Jó, sem se justificar diante da criatura e sem a presença do Satã: "Iahweh abençoou a Jó pelo fim de sua vida mais do que no princípio; possuía agora catorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentos." (Jó, 42, 12). Jó volta a ser um homem abastado do Oriente, além disso, ele é abençoado com filhos e filhas e morre cheio de dias.

7 CONCLUSÃO

A proposta inicial desse trabalho estava concentrada na proposição de uma análise teórico-crítica do livro de Jó que considerasse seu caráter religioso e literário. Em linhas gerais podemos dizer que alcançamos nosso objetivo, dentro dos limites impostos pela abordagem do texto e o tempo da pesquisa. Porém muitas ideias e conceitos fundamentadores foram sendo descobertas nesse percurso, esses não nos foi possível abraçar nesse primeiro momento.

Tendo em vista essa concepção, destacamos que o fato de realizar em um primeiro momento uma análise sobre a materialidade linguística do *Livro de Jó* foi possível compreender que a estrutura que se manifestava estava de acordo com a noção da "tragicidade da vida", que ao que concluímos era a mistura entre o gênero trágico com um final épico. Por isso, optamos por realizar em partes do texto uma literatura comparada entre a obra e algumas narrativas clássicas, como *Édipo Rei*.

Percebemos ainda a linha tênue que se instaura ao analisar as questões religiosas e literárias da obra, isso porque ao comparar questões que alguns teóricos abordaram sobre o livro encontramos reflexões que de fato se fizeram presentes no texto e outras que não se comprovaram. Diante desse fato, foi possível inclusive confirmar que parte das construções críticas que se produziram tem bases fortemente centradas em questões ideológicas, muitas delas sem engajamento intelectual, isto é, sem um estudo da obra de fato.

Quanto à análise da história, foi importante perceber que ainda que o texto pareça não apresentar uma liberdade ou flexibilidade para ser discutido fora do âmbito, estritamente religioso, ele se desdobra em uma compreensão filosófica da vida, da existência e da relação do homem com o divino, que foge aos conceitos de uma única ideologia e passa a ser matéria vivenciada e cotidiana. Esse aspecto filosófico que citamos pode ser diretamente associado às construções estéticas, estabelecidas pelos escritores hebreus. Isso porque teoricamente dispomos de duas maneiras para falar de Deus, uma delas é a negação e a outra a analogia. Por meio da negação ele é descrito por meio daquilo que não é, ou seja, Deus não é material, não é cognoscível aos seres humanos, essa estratégia é semelhante aos métodos filosóficos gregos. Pela analogia, que também se faz presente na filosofia clássica, Deus é comparado a algo familiar, próximo de todos nós. As construções bíblicas, por meio das figuras e do simbolismo que estabelecem, especialmente na poesia, desenvolvem esse sistema. Em Jó, a escrita poética apesar de aludir o Divino a algo que não é acessível à compreensão humana, compara-o a algo que os homens conhecem, auxiliando os leitores a conhecer a Deus. Dessa

maneira, sem desconsiderar o valor da filosofia, podemos dizer que a construção da narrativa bíblica é superior à filosófica, porque os sentidos aguçados pela narrativa levam o leitor a uma compreensão que tem apelo amplo, pois as estruturas bíblicas não se perdem nem com a tradução.

Optamos por fazer uma análise fragmentada, sem, contudo, deixar de dialogar todas as partes do texto, isso porque o diálogo de todos esses fragmentos é o que nos mostrou as possibilidades de compreensão dessa narrativa. Não é possível, portanto analisar o texto em todas as suas vertentes. Isso porque, mesmo diante de uma análise, que em sua tentativa se mostrou voltada para a corporeidade do texto, as ênfases produzidas não são cristalizadas em princípios rígidos, porque isso seria violar o livro.

Se é que podemos destacar um tema dessa leitura, elencamos tema da liberdade divina, pois é ela que desconcerta o homem. Deus é livre para realizar apostas com satã, para corrigir as façanhas humanas, para não responder aos questionamentos de Jó e para não concordar com a doutrina dos sábios. O Deus de Jó não serve aos interesses humanos, nos ensinando que o homem só encontra a liberdade à medida que reconhece a liberdade divina. Além disso, é essa liberdade que reformula nosso entendimento sobre a retribuição divina, uma vez que os desígnios do Criador e do universo são complexos por demais à compreensão humana e não podem ser reduzidos a um princípio simples de que o justo prospera e o ímpio sofre.

Diante disso, a narrativa parece perante todas as aflições de Jó, preparar o leitor para essa liberdade, que é um exercício de aceitação e de resignação poética e espiritual, isto é a estética da obra, a estrutura de repetição aponta para algo que precisa ser gravado no âmago do sujeito, para que ele se abra aos propósitos misteriosos de Deus. A primeira indagação da obra é a representação de que mesmo diante da dor Deus olha por todos nós "Observaste o meu servo Jó? e sermos resilientes a ela talvez seja uma das formas de estarmos diante do Criador.

ANEXO A – LIVRO DE JÓ

JÓ

I. Prólogo

1 Satã póe Jó à prova — ¹Havia na terra de Hus^b um homem chamado Jó. Era um homem íntegro e reto, que temia a Deus e se afastava do mal. ²Nasceram-lhe sete filhos e três filhas. ³Possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois, quinhentas mulas e servos em grande número. Era, pois, o mais rico de todos os homens do Oriente^c. ⁴Seus filhos costumavam celebrar banquetes, um dia em casa de um, um dia em casa de outro, e convidavam suas três irmãs para comer e beber com eles. ⁵Terminados os dias de festa, Jó os mandava para purificá-los; de manhã cedo ele oferecia um holocausto para cada um, pois dizia: "Talvez meus filhos tenham cometido pecado, maldizendo a Deus em seu coração." Assim costumava Jó fazer todas as vezes.

⁶No dia emque eu os Filhos de Deus vieram se apresentar a Iahweh, entre eles veio também o Satã.^{g7}Iahweh então perguntou ao Satã: "De onde vens?" – "Venho de dar uma volta pela terra, andando a esmo", respondeu o Satã. ⁸Iahweh disse ao Satã: "reparaste no meu servo Jó? Na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se afasta do mal." ⁹⁰ Satã respondeu a Iahweh: "É por nada que Jó teme a Deus? ¹⁰Porventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Abençoaste a obra das suas mãos e seus rebanhos cobrem toda a região. ¹¹Mas estende tua mão e toca nos seus bens; eu te garanto que te lançará maldições em rosto." ¹²Então Iahweh disse ao Satã: "Pois bem, tudo o que ele possui está em teu poder, mas não estendas tua mão contra ele." E o Satã saiu da presença de Iahweh.

¹³Ora, um dia em que os filhos e filhas de Jó comiam e bebiam vinho na casa do irmão mais velho, ¹⁴chegou um mensageiro à casa de Jó e lhe disse: "Estavam os bois lavrando e as mulas pastando ao lado deles, ¹⁵quando os sabeus^hcaíram sobre eles, passaram os servos ao fio da espada e levaram tudo embora. Só eu pude escapar para trazer-te a notícia." ¹⁶Este ainda falava, quando chegou outro e disse: "Caiu do céu o fogo de Deusⁱ e queimou ovelhas e pastores e os devorou. Só eu pude escapar para trazer-te a notícia." ¹⁷Este ainda falava, quando chegou outro e disse: "Os caldeus, formando três bandos, lançaram-se sobre os camelos e levara-nos consigo, depois de passarem os servos ao fio da espada. Só eu pude escapar para trazer-te a notícia." ¹⁸Este ainda falava, quando chegou outro e disse: "Estavam teus filhos e tuas filhas comendo e bebendo na casa do irmão mais velho, ¹⁹quando um furação se levantou das bandas do deserto e abalou os quatro cantos da casa, que desabou sobre os jovens e os matou. Só eu pude escapar para trazer-te a notícia."

²⁰Então Jó se levantou, rasgou seu manto, rapou sua cabeça, a caiu por terra, inclinouse no chão ²¹e disse:

"Nu saí do ventre de minha mãe E nu voltarei para lá.^b Iahweh o deu, Iahweh o tirou, Bendito seja o nome de Iahweh."

 $^{^{22}\}mathrm{Apesar}$ de tudo isso, Jó não cometeu pecado nem imputou nada de indigno contra Deus.

2¹Num outro dia em que os filhos de Deus vieram se apresentar novamente a Iahweh, entre eles^cveio também o Satã. ²Iahweh perguntou ao Satã: "De onde vens?" Ele respondeu a Iahweh: "Venho de dar uma volta pela terra andando a esmo." ³Iahweh disse ao Satã: "Reparaste no meu servo Jó? Na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se afasta do mal. Ele persevera em sua integridade, e foi por nada que me instigaste contra elepara aniquilá-lo." ⁴O Satã respondeu a iahweh e disse: "Pele após pele!d Para salvar a vida, o homem dá tudo o que possui. ⁵Mas estende a mão, fere-o na carne e nos ossos; eu te garanto que te lançará maldições em rosto." ⁶"Seja!", disse Iahweh ao Satã, "ele está em teu poder, mas poupa-lhe a vida." ⁷E o Satã saiu da presença de Iahweh.

Ele feriu Jó com chagas malignas^e desde a planta dos pés até o cume da cabeça. ⁸Então Jó apanhou um caco de cerâmica para se coçar e sentou-se no meio da cinza. ⁹Sua mulher disse-lhe: "Persistes ainda em tua integridade? Amaldiçoa a Deus os bens, não deveríamos receber também os males?" Apesar de tudo isso, Jó não cometeu pecado com seus lábios.

¹¹Três amigos de Jó – Elifaz de Temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamat^f - ao inteirarse da desgraça que havia sofrido, partiram de sua terra e reuniram-se para ir compartilhar sua dor e consolá-lo. ¹²Quando levantaram os olhos a certa distância, não o reconheceram mais. Levantando a voz, romperam em prantos, rasgaram seus mantos e, a seguir, espalharam pó sobre a cabeça. ³¹³Sentaram-se no chão ao lado dele, sete dias e sete noites, sem dizer lhe uma palavra, vendo como era atroz seu sofrimento.

II. Diálogo

1. PRIMEIRO CICLO DE DISCURSOS

3Jó amaldiçoa o dia do nascimento - ¹Enfim. Jó abriu a boca e amaldiçoou o dia do seu nascimento.

²Jó tomou a palavra e disse: ³Pereça o dia que me viu nascer, a noite que disse: "Um menino foi concebido!"b ⁴Esse dia, que se torne trevas, que Deus do alto na se ocupe dele. que sobre ele não brilhe a luz! ⁵Oue o reclamem as trevas e sombra espessa, que uma nuvem pouse sobre ele, que um eclipse o aterrorize! ⁶Sim, que dele se apodere a escuridão, que não se some aos dias do ano, d que não entre na conta dos meses! ⁷Que essa noite fique estéril, que não penetrem ali os gritos de júbilo! ⁸Que a amaldiçoem os que amaldiçoam o dia.^e os entendidos em conjurar Leviatã! ⁹Que se escureçam as estrelas da sua aurora, que espere pela luz que não vem, que não veja as pálpebras da alvorada. ¹⁰Porque não fechou as portas do ventre para esconder à minha vista tanta miséria. ¹¹Por que não morri ao deixar o centre materno, ou pereci ao sair das entranhas?

¹²Por que me recebeu um regaço e seios me deram de mamar? ¹³Agora dormiria tranqüilo, descansaria em paz. ¹⁴com os reis e os ministros da terra que construíram mausoléus para si;^g ¹⁵ou como os nobres que amontoaram ouro e prata em seus mausoléus. ¹⁶Que eu fosse como um aborto escondido, que não existisse agora, como crianças que não viram a luz. ¹⁷Ali^h acaba o tumulto dos ímpios, ali repousam os que estão esgotados. ¹⁸Com eles descansam os prisioneiros. sem ouvir a voz do capataz. ¹⁹Lá pequenos e grandes se avizinham, e o escravo livra-se de seu amo. ²⁰Por que foi dada a luz a quem o trabalho oprime, e a vida a quem a amargura aflige. ²¹a quem anseia pela morte que não vem, a quem a procura com afinco como um tesouro, ²²a quem se alegraria em frente do túmulo^c e exultaria ao encontrar a sepultura. ²³Por que este dom ao homem cujo caminho é escondido e que Deus cerca com uma sebe? ²⁴Por alimento tenho soluços, e os gemidos vêm-me como água. ²⁵Sucede-me o que mais temia, o que mais me aterrava acontece-me. ²⁶Para mim, nem tranqüilidade, nem paz, nem repouso: nada além de tormento!

4Confiança em Deus^d— ¹Elifaz de Temã tomou a palavra e disse:

²Se alguém se dirigisse a ti,^e perderias a paciência.

Porém, quem pode refrear-me as palavras?

³Tu que a tantos davas lições
e fortalecias os braços desfalecidos,

⁴com tuas palavras levantavas o trôpego
e sustentavas joelhos cambaleantes.

⁵E hoje que é a tua vez, vacilas?

Perturbas-te, hoje, quando tudo cai sobre ti?

⁶Tua piedade não é tua segurança,
tua esperança não é uma vida íntegra?

⁷Recordas-te de um inocente que tenha perecido?
Onde já se viu que justos fossem exterminados ?

⁸Eu vi bem: Aqueles que cultivam a desgraça
e semeiam o sofrimento são também os que os colhem.

⁹Ao sopro de Deus perecem, são consumidos pelo sopro da sua ira. ¹⁰O rugido do leão e a voz do leopardo, e os dentes dos filhotes são quebrados: ¹¹morre o leão por falta de presa, e as crias da leoa se dispersam. ¹²ouvi furtivamente uma revelação, ^a meu ouvido apenas captou seu murmúrio: ¹³numa visão noturna de pesadelo, quando a letargia cai sobre o homem, ¹⁴um terror apoderou-se de mim e um tremor, um frêmito sacudiu meus ossos. ¹⁵Um sopro rocou-me o rosto e provocou arrepios por todo o corpo. ¹⁶Estava parado – mas não vi seu rosto –, qual fantasma diante dos meus olhos, ¹⁷"pode o homem ser justo diante de Deus? Um mortal ser puro diante do seu Criador? ¹⁸Dos próprios servos ele desconfia, até mesmo a seus anjos verbera o erro.^b ¹⁹Quanto mais aos que moram em casas de barro, cujos fundamentos se assentam sobre o pó! Serão esmagados mais depressa do que a traça; ²⁰esmigalhados entre a manhã e a noite, e morrem sem sabedoria."c

 5^{1} Grita, para ver se alguém te responde. A qual dos santos^d te dirigirás? ²Porque o despeito mata o estulto e o ciúme causa a morte ao imbecil. ³Vi um estulto deitar raízes e num momento eu amaldicoei sua casa: ⁴que seus filhos sejam privados de socorro, pisados à Porta, e sem que ninguém os defenda. ⁵Ofaminto comerá a messe dele, e Deus lha arrancará de entre presas. e os sedentos cobiçarão os bens. ⁶Pois a iniquidade não nasce do pó, e a fadiga não brota da terra. ⁷Mas o homem nasceu para o sofrimento, como as faíscas^asobem para o alto. ⁸Mesmo assim eu recorreria a Deus, a ele exporia minha causa.^b ⁹Ele faz prodígios insondáveis, maravilhas sem conta: ¹⁰Dá chuva à terra, envia as águas sobre os campos, ¹¹para os humildes poderem erguer-se

e os abatidos pôr-se a salvo. ¹²Leva ao malogro os projetos dos astutos, para que fracassem suas manobras. ¹³Apanha os sábios na astúcia deles, e o conselho dos errados torna-se irrefletido. ¹⁴Em pleno dia eles caem nas trevas, e ao meio-dia tateiam como de noite. ¹⁵Ele salva da sua boca o homem arruinado, ^c e o indigente das garras do forte; ¹⁶assim o fraco terá esperança, e a injustiça fechará a boca. ¹⁷Ditoso o homem a quem Deus corrige: não desprezes a licão de Shaddai, e ¹⁸porque ele fere e pensa a ferida, golpeia e cura com suas mãos. ¹⁹De seis perigos te salva, e no sétimo não sofrerás mal algum. f ²⁰em tempo de fome livrar-te-á da morte e, na batalha, dos golpes da espada. ²¹Esconder-te-ás do açoite da língua, e, ainda que chegue a pilhagem, não temerás. ²²Zombarás da pilhagem e da fome, enão temerás os animais selvagens. ²³Farás uma aliança com as pedras do campo, ^g eo animal selvagem estará em paz contigo. ²⁴Conhecerás paz em tua tenda, visitarásteus apriscos, onde nada faltará. ²⁵Conhecerás uma descendência numerosa e teus rebentos serão como a erva do campo. ²⁶Baixarás ao túmulo bem maduro, ^h como um feixe de trigo recolhido a seu tempo. ²⁷Foi isto o que observamos. E é de fato assim. Quanto a ti, escuta-o e aproveita-o.

6 Só o homem abatido conhece suamiséria – ¹Jó tomou a palavra e disse:

²Ah, se pudessem pesar minha aflição e pôr na balança meu infortúnio,
³seriam mais pesados que a areia do mar, por isso as minhas palavras são desvairadas.
⁴Levo cravadas as flechas de Shaddai e sinto absorver seu veneno.
Os terrores de Deus assediam-me.
⁵Porventura, zurra o asno quando tem erva?
Ou muge o boi diante da forragem?
⁶Come-se um manjar insípido, sem sal?
A clara de ovo^atem algum sabor?
⁷Ora, o que meu apetite recusa tocar, isso é a minha comida de doente.

⁸Oxalá se cumprisse o que pedi, e Deus concedesse o que espero: ⁹que se dignasse esmagar-me, que soltasse sua mão e me suprimisse. ¹⁰Seria até um piedade, saltaria de gozo. pois não reneguei as palavras do Santo.^c ¹¹Que forças me sobram para resistir? Que destino espero para ter paciência? ¹²É minha força a força das pedras, ou é de bronze minha carne? ¹³Teria por apoio o nada, e toda ajuda^d não fugiu longe de mim? ¹⁴Recusar^e a misericórdia a seu próximo, é abandonar o temor de Shaddai.f ¹⁵Meus irmãos atraiçoaram-me como uma torrente, como canais de um rio que transborda, ¹⁶tornando-se turvo pelo degelo e arrastando consigo a neve.g ¹⁷No tempo de verão, porém, desaparece, ao vir o calor extingue-se em seu leito. ¹⁸As caravanas desviam-se de sua rota, penetram no deserto e nele se perdem. ¹⁹As caravanas de Tema procuram-no, e os mercadores de Sabá contam com ele: ²⁰mas fica burlada sua esperança. ao encontrá-lo ficam decepcionados.h ²¹Tais sois para mim agora:ⁱ à visto da praga, ficais com medo. ²²Porventura disse eu: "Daí-me algo"? "Resgatai-me com a vossa fortuna"? ²³"Arrancai-me da mão de um opressor"? "Resgatai-me da mão dos tiranos"? ²⁴Instruí-me e guardarei silêncio, fazer-me ver em que me equivoquei,^a ²⁵Como são agradáveis as palavras justas! Porém, como podeis censurar-me e repreender-me? ²⁶Pretendeis criticar palavras, considerar como vento as palavras de desesperado? ²⁷Seríeis capazes de leiloar um órfão, de traficar o vosso amigo. ²⁸Agora, voltai-vos para mim: mentiria diante de vós? ²⁹Voltai atrás, por favor: não haja falsidade; voltai atrás, porque justa é a minha causa. ³⁰Há falsidade em meus lábios?

7¹Não está o homem condenado a trabalhar forçados^baqui na terra?

Não são seus dias os de mercenário?^c

²Como o escravo suspira pela sombra,

como o mercenário espera o salário, ³assim tive por herança meses de ilusão, e couberam-me noites de pesar. ⁴Quando me deito, penso; "Quando virá o dia?" Ao me levantar: "Quando chegará a noite?" d E pensamentos loucos invadem-me até ao crepúsculo. ⁵Meu corpo cobre-se de vermes e pústulas, a pele rompe-se e supura. ⁶Meus dias correm mais rápido do que a lançadeira e consomem-se sem esperança. ⁷Lembra-te^e que minha vida é sopro, e que meus olhos não voltarão a ver a felicidade. ⁸Os olhos de quem me via não mais me verão, teus olhos pousarão sobre mim e já não existirei. ⁹Como a nuvem se dissipa e desaparece, assim quem desce ao Xeol não subirá jamais. f ¹⁰Não voltará para sua casa, sua morada não tornará a vê-lo. ¹¹Por isso, não refrearei minha língua, falarei com espírito angustiado e queixar-me-ei com a alma amargurada. ¹²Acaso sou o Mar ou o Dragão.^g para que ponhas um guarda contra mim? ¹³Se eu disser: "Meu leito consolar-me-á e minha cama aliviar-me-á o sofrimento", ¹⁴então me assustas com sonhos e me aterrorizas com visões. ¹⁵Prefiriria morrer estrangulado;^a antes a morte que meus tormentos.^b ¹⁶Eu zombo de mim, não viverei para sempre; deixa-me, pois os meus dias são um sopro! ¹⁷Que é o homem, para que faças caso dele, para que dele te ocupes.c ¹⁸para que o inspeciones cada manhã e o examines a cada momento? ¹⁹Por que não afastas de mim o olhar e não me deixas até que tiver engolido a saliva? ²⁰Se pequei, que mal te fiz com isso, ^d sentinela dos homens? Por que me tomas por alvo? e cheguei a ser um peso para ti?e ²¹Por que não perdoas meu delito e não deixas passar a minha culpa? Eis que vou logo deitar-me no pó; procurar-me-ás e já não existirei. f

8 O curso necessário da justiça divina – ¹Baldad de Suás tomou a palavra e disse:

²Até quando falarás dessa maneira?

As palavras de tua boca são um vento impetuoso. ³Acaso Deus torce o direito. ou Shaddai perverte a justica?g ⁴Se teus filhos pecaram contra ele, entregou-os ao poder de sua falta. ⁵Ouanto a ti, se buscas Deus, se imploras a Shaddai, ⁶se és irrepreensível e reto, desde agora ele velará sobre ti e restaurará teu lugar e teu direito. ⁷Teu passado parecerá pouca coisa diante da exímia grandeza de teu futuro. ⁸Pergunta às gerações passadas e medita^h a experiência dos antepassados. ⁹Somos de ontem, não sabemos nada. Nossos dias são uma sombra sobre a terra. ¹⁰Eles, porém, te instruirão e falarão contigo, e seu pensamento dará as sentenças.^a ¹¹Acaso brota o papiro fora do pântano, Cresce o junco sem água? ¹²Verde ainda e sem ser arrancado, seca antes de todas as ervas. ¹³Tal é o destino^bdaqueles que esquecem a Deus, assim desvanece a esperançado ímpio ¹⁴Sua confiança é fiapo no ar, teia de aranha sua segurança: ¹⁵ao se apoiar em sua casa, ela não se manterá; quando nela se agarrar, ela não resistirá. ¹⁶Cheio de seiva, ao sol, lança rebentos no seu jardim, ¹⁷enreda as raízes ente pedras e vive no meio das rochas.c ¹⁸mas, se o arrancam do lugar, este o renegará: "Nunca te vi." ¹⁹E ei-lo apodrecendo^dno caminho, e do solo outros germinam. ²⁰Não, Deus não rejeita o homem íntegro, nem dá a mão aos malvados: ²¹pdoe ainda^eencher tua boca de sorrisos e teus lábios de gritos de júbilo. ²²Teus inimigos cobrir-se-ão de vergonha e desaparecerá a tenda dos ímpios.

9 A justiça divina domina o direito – ¹Jó tomou a palavra e disse:

²Sei muito bem que é assim: poderia o homem justificar-se diante de Deus? ³Se Deus se dignar pleitear com ele, entre mil razões não haverá uma para rebatê-lo. ⁴Quem entre os mais sábios e mais fortes

poderá resistir-lhe impunemente? ⁵Ele desloca as montanhas, sem perceberem, e derruba-as em sua ira; ⁶abala a terra desde os fundamentos e faz vacilar suas colunas; ⁷manda ao sol que não brilhe, e guarda sob sigilo as estelas;^g ⁸sozinho desdobra os céus e caminha sobre o dorso do Mar:h ⁹criou a Ursa e o Órion. as Plêiades e as Câmaras do Sul.i ¹⁰faz prodígios insondáveis. maravilhas sem conta. ¹¹Se cruzar por mim, não posso vê-lo, se passarroçando-me, não o sinto; ¹²se apanha uma presa, quem o impedirá? Quem lhe dirá: "Que fazes?" ¹³Deus não precisa reprimir sua ira, diante dele curvam-se os aliados de Raab.^a ¹⁴Quanto menos poderei eu replicar-lhe^b ou escolher argumentos contra ele?c ¹⁵Ainda que tivesse razão, ficaria sem resposta, teria que implorar misericórdia do meu juiz. ¹⁶Ainda que o citasse e ele me respondesse, não creio que daria atenção a meu apelo. ¹⁷Ele me esmaga por um cabelo, ^d e sem razão multiplica minhas feridas. ¹⁸Não me deixa retomar alento e me enche de amargura! ¹⁹Recorrer à força? Ele é mais forte! Ao tribunal? Quem o citará?e ²⁰Mesmo que eu fosse justo, sua boca^fcondenar-me-ia; sefosse íntegro, declarar-me-ia culpado. ²¹Sou íntegro? Eu mesmo já não sei, erejeito minha vida! ²²É por isso que digo: é a mesma coisa! Ele extermina o íntegro e o ímpio! ²³Se uma calamidade semear morte repentina, ele se ri do desespero dos inocentes; ²⁴deixa a terra em poder do ímpio e encobre o rosto aos seus governantes: se não for ele, quem será então?^g ²⁵Meus dias correm mais depressa que um atleta e se esvaem sem terem provado a felicidade; ²⁶deslizam como barcas de papiro, como a águia que se precipita sobre a presa. ²⁷Se eu decidir esquecer minha aflição, mudar de fisionomia e fazer rosto alegre, ²⁸eu temo todos os meus tormentos, pois sei que não me terás por inocente.h

²⁹E se fosse culpado,
para que afadigar-me em vão?
³⁰Ainda que me lavasse com sabão
e purificasse as mãos com soda,^a
³¹tu me submergirias na imundície^b
e as minhas próprias vestes teriam nojo de mim.
³²Ele não é homem como eu a quem possa dizer:
"Vamos juntos comparecer em julgamento."
³³Não existe árbitro entre nós,
que ponha a mão sobre nós dois
³⁴para afastar de mim a sua vara
e rechaçar o medo de seu terror!
³⁵Então lhe falaria e não teria medo,
pois eu não sou assim a meus olhos.^c

 10^{1} Já que tenho tédio à vida. darei livre curso ao meu lamento, falarei com a amargura da minha alma. ²Direi a Deus: Não me condenes, explica-me o que tens contra mim. ³Acaso te agrada oprimir-me, rejeitar a obra de tuas mãos e favorecer o conselho dos ímpios? ⁴Porventura tens olhos de carne. ou vês como vêem os homens? ⁵Acaso são os teus dias como os de um mortal e teus anos como os dias do homem, d ⁶para indagares minha culpa e examinares meu pecado, ⁷quando saber que não sou culpado e que ninguém me pode tirar de tuas mãos? ⁸Tuas mãos me formaram e me modelaram, e depois te volves a mim^e para aniquilar-me? ⁹lembra-te de que me fizeste de barro, e agora me farás voltar ao pó? ¹⁰Não me derramaste como leite e me coalhaste como queijo?f ¹¹De pele e carne me revestiste, de ossos e de nervos me teceste. ¹²Deste-me a vida e o amor, e tua solicitude me guardou. ¹³E, contudo, algo guardavas contigo:^g agora sei que tinhas a intenção ¹⁴de vigiar sobre mim para que, se eu pecasse, meu pecado não fosse considerado isento de culpa. ¹⁵Se tivesse incorrido em pecado, ai de mim! Se fosse inocente, não ousaria levantar a cabeça, saturado de afrontas e saciado de misérias.^a ¹⁶Orgulho^b como um leão, tu me caças,

multiplicas proezas contra mim,

17 renivando teus ataques contra mim,
 redobrando tua cólera contra mim,
 lançando tropas descansadas contra mim.

18 Então, por que me tiraste do ventre?

Poderia ter morrido sem que olho algum me visse,

19 e ser como se não tivesse existido,
 levando do ventre para o sepulcro.

20 Quão poucos são os dias de minha vida!

Fica longe de mim, para que eu tenha um instante de alegria,

21 antes de partir, sem nunca mais voltar,
 para a terra de trevas e sombras,

22 para a terra sorturna e desordem,
 de escuridão e desordem,
 onde a claridade é sombra.

26 para respectivo de sordem,
 onde a claridade é sombra.

11 a sabedoria de Deus desafia a Jó – $^1\mathrm{Sofar}$ de Naamat tomou a palavra e disse:

²O falador ficará sem resposta? Dar-se á razão ao eloquente? ³A tua vã linguagem calará os homens? Zombarás sem que ninguém te repreenda? ⁴Dissete: "Minha conduta é pura, f sou inocente aos teus olhos." ⁵Se apenas Deus falasse, abrisse os lábios por tua causa, ⁶revelar-te-ia os segredos da Sabedoria, que desconcertam toda sensatez! Então saberias que Deus te pede contas da tua falta.^g ⁷Acaso podes sondar a profundeza de Deus, e atingir os limites de Shaddai? ⁸É mais alto que o céu: h que poderás fazer? Mais profundo que o Xeol: que poderás saber? ⁹É mais vasto que a terra e mais extenso que o mar. ¹⁰Se ele intervém para encerrar e convocar a assembléia, quem pode impedi-lo? ¹¹pois ele conhecer os fazedores de ilusão, vê o crime e nele presta atenção.ⁱ ¹²Homens estúpidos deverão começar a ser sábios: asno selvagem é o homem em seu nascimento! ¹³Se endireitas teus pensamentos, e estendes as mãos para ele,ª ¹⁴se afastares das tuas mãos a maldade enão alojares a injustiça em tua tenda, ¹⁵poderás levantar teu rosto sem mácula, serás inabalável e nada temerás. ¹⁶Esquecerás teus sofrimentos ou recordá-los-ás como a água que passou. ¹⁷Tua vida ressurgirá como o meio-dia,

a escuridão será como a manhã.

¹⁸Terás confiança, porque agora há esperança; vivias perturbado, ^b deitar-te-ás tranqüilo.

¹⁹Repousarás sem sobressaltos e muitos acariciarão teu rosto.

²⁰Porém, os olhos do ímpio se turvam, seu refúgio malogra, sua esperança é entregar a alma.^c

$12\,\mathrm{A}$ sabedoria de Deus manifesta-se principalmente por seu poder

destruidor – ¹Jó tomou a palavra e disse: ²Realmente sois a voz do povo^d econvosco morrerá a Sabedoria. ³Mas também eu tenho inteligência. - não sou inferior a vós -; quem ignora tudo isso? ⁴Mas o homem torna-se^e a irrisão do seu amigo quando invoca a Deus para ter resposta. Zombam do justo íntegro. ⁵No infortúnio, o desprezo!, dizem os que estão felizes, umgolpe a mais para quem titubeia! ⁶Nas tendas dos ladrões reina paz, eestão seguros os que desafiam a Deus, pensando que o têm na mão. ⁷Pergunta, pois, ao gado e ensinar-te-á, às aves do céu e informar-te-ão. ⁸Fala à terra, ela te dará lições, os peixes dos mares te hão de narrar: ⁹quem não haveria de reconhecer que tudo isso é obra da mão de Deus?f ¹⁰Em sua mão está a alma de todo ser vivo e o espírito de todo homem carnal.^g ¹¹Não distingue o ouvido as palavras e não saboreia o paladar os manjares? ¹²Está nas venerandas cãs a sabedoria, e o entendimento com os anciãos. ¹³Mas ele possui sabedoria e poder, dele é o conselho e o discernimento.^a ¹⁴O que ele destrói, ninguém o reconstrói; se ele aprisionar, não haverá escapatória; ¹⁵se retiver a chuva, virá a seca; se a soltar, inundar-se-á a terra. ¹⁶Ele possui vigor e sagacidade, com ele estão o enganado e aquele que engana. ¹⁷Torna estúpidos os conselheiros da terra^b e fere os juízes com loucura. ¹⁸Desamarra o cinturão dos reis e cinge-os com uma corda.c

¹⁹Faz andar descalços os sacerdotes

e lança por terra os poderes estabelecidos.

20 Tira a palavra aos confiantes
epriva de sensatez os anciãos.

21 Derrama o desprezo sobre os nobres
e afrouxa o cinturão dos fortes;

22 desvela o que há de mais recôndito nas trevas
e traz à luz as sombras espessas;

23 engrandece as nações e arruínas-as:
expande povos, e depois os suprime;

24 tira o espírito dos chefes do povo de um país
e deixa-os errar num deserto sem estradas,

25 cambalear nas trevas, sem luz,
e titubear como bêbado.

13¹Tudo isso meus olhos viram e meus ouvidos ouviram e entenderam. ²O que vós sabeis, eu também o sei, e não sou em nada inferior a vós. ³Mas é a Shaddai que eu falo, a Deus eu quero apresentar minhas queixas. ⁴Vós não sois senão embusteiros, todos vós meros charlatães. ⁵Quem, portanto, vos imporá silêncio, a única sabedoria que vos convém! ⁶Por favo, escutai os meus argumentos, atendei às razões de meus lábios.^e ⁷É para Deus que proferis palavras injustas, para ele esses propósitos mentirosos? ⁸Tomais assim seu partido? É para Deus que pleiteais? ⁹Que tal se ele vos examinasse? Iríeis abusar dele como se abusa de homem? ¹⁰Ele vos infligiria severa reprimenda, se fordes parciais às escondidas. ¹¹Não vos aterroriza sua majestade? Não desce sobre vós seu terror? ¹²Vossas lições aprendidas são cinzas, e vossas defesas, defesas de barro. ¹³Silenciai, agora sou eu quem fala, venha o que vier. ¹⁴Porei minha carne entre os meus dentes, levarei nas mãos minha vida.^a ¹⁵Ele pode me matar: mas não tenho outra esperança senão defender diante dele minha conduta.^b ¹⁶Isto já seria minha salvação, pois o ímpio não ousaria comparecer diante dele. ¹⁷Escutai, escutai, minhas palavras, daí ouvido ao que vou declarar. ¹⁸Eis que procederei com justiça.^c

e sei que sou inocente. ¹⁹Quem quer disputar comigo?^d De antemão, estou pronto para calar-me e para morrer! ²⁰Faze-me apenas duas concessões, ^e e não me esconderei de tua presença: ²¹afasta de mim a tua mão e não me amedrontes com teu terror. ²²Depois me acusarás e te responderei, oufalarei eu e tu me replicarás: ²³Quantos são os meus pecados e minhas culpas? Prova meus delitos e pecados. ²⁴Por que ocultas tua face^f e me tratas como teu inimigo? ²⁵Queres, então, assustar uma folha levada pelo vento e perseguir a palha seca? ²⁶Pois rediges contra mim sentenças amargas, obrigas-me a assumir os pecados de minha juventude, ²⁷e prendes meus pés ao cepo; vigias todos os meus passos e examinas as minhas pegadas. ²⁸Ohomem^g consome-se como a madeira apodrecida, como veste roída pela traça.

 $\mathbf{14}^{h_1}\mathrm{O}$ homem, nascido de mulher, tem a vida curta e cheia de tormentos. ²É como a flor que se abre e logo murcha, foge como sombra sem parar. ³E é sobre alguém assim que cravas os olhos e o levas^a a julgamento contigo? ⁴Quem fará sair o puro do impuro? Ninguém!b ⁵Se os seus dias já estão determinados e saber o número de seus meses, se lhe fixaste um limite intransponível, ⁶desvia dele teus olhos e deixa-o, para terminar o seu dia como o assalariado. ⁷A árvore tem esperança, pois cortada poderá renascer, e seus ramos continuam a crescer. ⁸Ainda que envelheçam suas raízes na terra e seu tronco esteja amortecido no solo, ⁹ao cheiro da água reverdece e produz folhagem, como planta tenra. ¹⁰O homem, porém, morre e jaz inerte; expira o mortal, e onde está ele? ¹¹As águas do mar podem sumir, baixar os rios e secar: ¹²jaz, porém, o homem e não pode levantar-se, os céus se gastariam^cantes de ele despertar

ou ser acordado de seu sono.d ¹³Oxalá me abrigasses no Xeol e lá me escondesses até se aplacar tua ira,e e me fixasses um dia para te lembrares de mim: ¹⁴pois, se alguém morrer, poderá reviver? Nos dias de minha pena eu esperaria, até que chegasse o meu alívio ¹⁵Tu me chamarias e eu responderia; desejarias rever a obra de tuas mãos, ¹⁶ – enquanto agora contas todos os meus passos – , e não observarias mais meu pecado, ¹⁷selarias em uma urna meus delitos e cobririas a minha iniquidade. ¹⁸Mas, como o monte que acaba por desmoronar, ^f ¹⁹a água que desgasta as pedras, a tormenta^a que arrasta a poeira do solo, assim é a esperança do homem que tu destróis. ²⁰tu continuamente o abates e ele se vai, transtornas o seu semblante e o repeles. ²¹Seus filhos adquirem honras, mas não o chegará a saber; caem em desonra, mas ele não o percebe. ²²Só sente o tormento de sua carne, só sente a pena de sua alma.^b

2. SEGUNDO CICLO DE DISCURSOS

15 Jó condena-se por sua linguagem—¹Elifaz de Temã tomou a palavra e disse:

²Acaso responde um sábio com razões balofas, e enche seu ventre com vento leste, ³defendendo-se com razões inconsistentes, ou com palavras sem sentido? ⁴Além do mais, suprimes a piedade, desacreditas os piedosos diálogos^c diante de Deus. ⁵Tua culpa te inspira tais palavras e adotas a linguagem dos astutos. ⁶Tua própria boca te condena, e não eu, teus próprios lábios testemunham contra ti.d ⁷Foste, porventura, o primeiro homem a nascer, e vieste ao mundo antes das colinas?e ⁸Acaso foste admitido ao conselho de Deus e te apropriaste da sabedoria? Que entendes que não entendamos? ¹⁰Há também entre nós anciãos de venerandas cãs, muito mais velhos que teu pai. ¹¹Fazes pouco caso dessas consolações divinas e das palavras suaves que te são dirigidas? ¹²Como te arrebata a paixão! E lampejas os olhos, ¹³quando voltas contra Deus a tua cólera,

proferindo teus discursos! ¹⁴Como pode o homem ser puro^f ou inocente o nascido de mulher? ¹⁵Até em seus Santos Deus não confia, e os Céus não são puros aos seus olhos. ¹⁶Quanto menos o homem, detestável e corrompido, que bebe como água a iniquidade! ¹⁷Escuta-me, pois quero instruir-te, vou contar-te o que vi, ¹⁸o que dizem os sábios, o que eles não escondem, e que vem de seus pais, ¹⁹somente a eles foi dada a terra, sem que nenhum estrangeiro tivesse passado entre eles. ²⁰A vida do ímpio é tormento contínuo, e poucos são os anos reservados ao tirano; ²¹escuta ruídos que o espantam; quando está em paz, assalta-o o bandido; ²²ele não crê mais escapar das trevas, pois é espreitado pela espada; ²³é marcado para ser pasto dos abutres e sabe que sua ruína é iminente.^a O dia tenebroso ²⁴o aterroriza, a tribulação e a angústia o acometem, como rei que se prepara ao assalto; ²⁵porque estendeu a mão contra Deus e desafiou Shaddai, ²⁶investindo contra ele de cabeça curvada, com escudo trabalhado em relevos maciços; ²⁷seu rosto estava coberto de gordura, a banha acumulou-se em seus rins. ²⁸Ocupara cidades destruídas, casas desabitadas e prestes a cair em ruínas, ²⁹Não será rico, nem sua fortuna terá consistência, sua sombra^bnão cobrirá mais a terra, ³⁰(ele não escapará das tevas). A chama queimará seus rebentos a sua flor será arrebatada pelo vento.^c ³¹Não se fie no seu porte grandioso, ^d porque ficaria iludido. ³²Antes do tempo murcharão as suas palmas^e e seus ramos não ficarão mais verdes. ³³Como uma videira deixará cair seus frutos ainda verdes, e como a oliveira perderá sua floração ³⁴Pois a raça do ímpio é estéril, um fogo devora a tenda do homem enganador. ³⁵Quem concebe o sofrimento gera a infelicidade e prepara em si um fruto de decepção. f

16 Da injustiça dos homens à justiça de Deus -1Jó tomou a palavra e disse:

²Já ouvi mil discursos semelhantes. sois todos consoladores importunos. ³"Não há limite para discursos vazios?" Ou ainda: "Que mal te força a te defender?" ⁴Também eu poderia falar como vós, se estivésseis em meu lugar; poderia acabrunhar-vos^a com discursos levantando sobre vós a cabeça,^b ⁵vos reconfortar com palavras, e depois deixar de agitar os lábios. ⁶Se falo, não cessa minha dor; se me calo, como ela desaparecerá?^c ⁷Mas agora ela me extenuou; feriste com horror tudo o que me cerca, ⁸e ele me deprime, meu caluniador^d tornou-se minha testemunha, levanta-se contra mim e me acusa diretamente; ⁹sua ira persegue-me para dilacerar-me, range contra mim os dentes, meus inimigos aguçam os olhos contra mim. ¹⁰Abrem contra mim a boca, esbofeteiam-me com suas afrontas. todos se aglomeram em massa contra mim. ¹¹Deus entregou-me a injustos, ^e jogou-me nas mãos dos ímpios. ¹²Vivia eu tranqüilo, quando me esmagou, agarrou-me pela nuca e me triturou. Fez de mim seu alvo. ¹³Suas flechas zuniam em torno de mim. atravessou-me os rins sem piedade, e por terra derramou meu fel. ¹⁴Abriu-me com mil brechas e assaltou-me como um guerreiro. ¹⁵Costurei um saco para cobrir a minha pele emergulhei meu rosto no pó. ¹⁶Meu rosto está vermelho de tanto chorar ea sombra pesa sobre minhas pálpebras, ¹⁷embora não haja violência em minhas mãos e seja sincero minha oração. ¹⁸Ó terra, não cubras meu sangue, ^f não encontre meu clamor um lugar de descanso! ¹⁹Tenho, desde já, uma testemunha nos céus, e um defensor nas alturas; ²⁰intérprete de meus pensamentos junto a Deus, diante do qual correm as minhas lágrimas;^a ²¹que ele julgue entre o homem e Deus como se julga um pleito entre homens, ²³Porque passarão os anos que me foram contados e empreenderei a viagem se retorno.^b

 17^{1} Meu espírito está quebrantado em mim, e os coveiros se ajuntam para mim,^c ²Só as zombarias me acompanham, sobre sua hostilidade pousam meus olhos. ³Guarda contigo uma fiança em meu favor, pois quem, senão tu, me apertará a mão?^d ⁴Fechaste-lhes a mente à razão, tambémnão os deixarás triunfar.^e ⁵Como aquele que convida amigos à partilha, quando os olhos de seus filhos enlanguescem, ⁶tornei-me objeto de sátira entre o povo, alguém sobre o qual se cospe no rosto. ⁷Meus olhos se consomem irritados e todos os meus membros são como sombras: ⁸os justos assombram-se^g ao vê-lo, e o inocente indigna-se contra o ímpio; ⁹O justo, porém, persiste em seu caminho, e o homem de mãos puras cresce em fortaleza. ¹⁰Entretanto, voltai-vos todos, vinde; não acharei sequer um sábio entre vós! ¹¹Passaram-se meus dias, com meus projetos, ^h as fibras de meu coração se romperam. ¹²Querem fazer da noite, dia; a luz estaria mais próxima que as trevas. ¹³Ora, minha esperança é habitar no Xeol e preparar minha cama nas tervas. ¹⁴Grito à cova: "Tu és meu pai!": ao verme: "tu és minha mãe e minha irmã!" ¹⁵Pois onde, onde estão, está minha esperança? Minha felicidade, quem a viu? ¹⁶Descerão comigo ao Xeol, baixaremos juntos ao pó?^j

$18\,\mathrm{A}$ ira nada pode contra a ordem da justiça — $^1\mathrm{Baldad}$ de Suás tomou a palavra e disse:

²Até quando impedireis as palavras?
Refleti e depois falaremos.^a

³Por que nos consideras como animais,
e passamos por limitados^b aos teus olhos?

⁴Tu, que te desmembras em tua cólera,
acaso ficará a terra desabitada por tua causa,
ou os rochedos serão mudados de seu lugar?

⁵A luz do ímpio se extingue,
e a chama de seu fogo deixará de brilhar.

⁶A luz se obscurece em sua tenda,
e acima dele se extingue sua lâmpada.

⁷Seus passos vigorosos encurtam-se,
e seus próprios projetos o fazem tropeçar.

⁸Os seus pés jogam-no na armadilha,

e ele caminha entre as redes. ^{9a} armadilha prende-o pelo calcanhar, e o laço segura-o firme; ¹⁰a corda está escondida no chão, e a armadilha em seu caminho. ¹¹Rodeiam-no terrores que o amedrontam, perseguindo-o passo a passo. ¹²Em pleno vigor ele fica com fome,^c e a desgraça se instala a seu lado. ¹³A enfermidade consome-lhe a pele, ^d devora seus membros o Primogênito da Morte.^e ¹⁴Arrancam-no da paz de sua tenda, e tu o conduzes ao rei dos terrores.f ¹⁵podes habitar a tenda que não é mais sua, e espalham o enxofre sobre o teu redil.^g ¹⁶Por baixo secam suas raízes, por cima murcham seus ramos. ¹⁷Sua memória desaparece de sua terra, seu nome se apaga na região. ¹⁸Lançado da luz às trevas, ele se vê banido da terra, ¹⁹sem prole nem descendência entre seu povo, sem um sobrevivente em seu território, ²⁰De seu destino espanta-se o Ocidente, e o Oriente encher-se de terror. ²¹Não há outra sorte para as moradas da injustiça e o lugar daquele que não conhece a Deus!

190 triunfo da fé no abandono de Deus e dos homens -1Jó tomou a palavra e disse:

²Até quando continuareis a afligir-me e a magoar-me com palavras? ³já por dez vezes me insultais, e não vos envergonhais de zombar de mim. ⁴Se de fato caí em erro, meu erro só diria respeito a mim.^a ⁵Quereis triunfar sobre mim, lançando-me em rosto minha afronta? ⁶Pois sabei que foi Deus quem me transtornou, envolvendo-me em suas redes.b ⁷Grito: "Violência!", e ninguém me responde, peço socorro, e ninguém me defende. ⁸Ele bloqueou meu caminho e não tenho saída, encheu de trevas minhas veredas. ⁹Despojou-me de minha honra e tirou-me a coroa da cabeça. ¹⁰Demoliu tudo em redor de mim e tenho de ir-me, desenraizou minha esperança como uma árvore. ¹¹Acendeu sua ira contra mim, considera-me sei inimigo.

¹²Chegam em massa seus esquadrões, abrem em minha direção seu caminho de acesso e acampam em volta de minha tenda. ¹³Ele afastou de mim os meus irmãos, os meus parentes procuram evitar-me. ¹⁴Abandonaram-me vizinhos e conhecidos, esqueceram-me os hóspedes de minha casa.c ¹⁵Minhas servas consideram-me intruso, a seu ver sou estranho. ¹⁶Se chamo meu servo, ele não responde, quando lhe imploro com minha boca. ¹⁷À minha mulher repugna meu hálito, e meu mau cheiro, aos meus próprios irmãos^d ¹⁸Até as crianças me desprezam e insultam-me, se procuro levantar-me. ¹⁹Todos os meus íntimos têm-me aversão, meus amigos voltam-se contra mim. ²⁰Meus ossos estão colados à minha pele e à minha carne, ah! se eu pudesse me livrar deles com a pele de meus dentes.^e ²¹Piedade, piedade de mim, amigos meus, pois me feriu a mão de Deus! ²²Por que me perseguis como Deus, e sois insaciáveis de minha carne? ²³Oxalá minhas palavras fossem escritas, e fossem gravadas numa inscrição; ²⁴com cinzel de ferro e chumbo fossem esculpidas na rocha para sempre! ²⁵Eu sei que meu Defensor^a está vivo e que no fim se levantará sobre o pó:b ²⁶quando tiverem arrancado esta minha pele, fora de minha carne verei a Deus.c ²⁷Aquele que eu vir será para mim, aquele que meus olhos contemplarem não será um estranho. Dentro de mim consomem-se os meus rins. ²⁸E se disserdes: "Como o perseguiremos, que pretexto encontraremos nele?", ²⁹temei a espada, pois a cólera queimará^d as faltas e sabereis que há julgamento!

20A ordem da justiça não tem exceção -1Sofar de Naamat tomou a palavra e disse:

²Sim, meus pensamentos se agitam para replicar, por causa da impaciência que toma conta de mim.
³ouça uma lição que me ultraja,
e agora meu espírito me convida a responder.
⁴não saber que é assim desde sempre,
desde que o homem foi posto na terra,
⁵que o júbilo dos ímpios é efêmero
e a alegria do malvado só dura um instante?

⁶Mesmo que seu porte se elevasse até o céu e tocasse as nuvens^e com a fronte. ⁷pereceria para sempre como fantasma, e aqueles que o viam dirão: "Onde está?" ⁸voará como um sonho inatingível, dissipar-se-ácomo visão noturna. ⁹Os olhos que o viam não mais o verão, nem mais o reconhecerá sua morada. ¹⁰Seus filhos terão que indenizar os pobres, suas próprias mãos terão de restituir suas riquezas. ¹¹Seus ossos, ainda cheios de vigor juvenil, deitar-se-ão com ele no pó. ¹²Se a maldade tinha sabor doce em sua boca e ele a escondia debaixo da língua ¹³e a guardava, sem soltá-la, retendo-a no seu paladar, ¹⁴este manjar se corromperá em seu ventre, nas suas entranhas será veneno de víboras. ¹⁵Vomitará as riquezas que engoliu, Deus as faz regurgitar de seu ventre. ¹⁶Sugará veneno de serpentes e matá-los-ão as presas da áspide. ¹⁷Não mais verá os mananciais de óleo, ^a nem os rios de leite e mel. ¹⁸Perderá seus ganhos sem poder engol-los, ^b e não fruirá a prosperidade de seus afazeres: ¹⁹poruge destruir as cabanas^cdos pobres e se apropriou de casas que não tinha construído. ²⁰Poruqe seu apetite mostrou-se insaciável, não salvará nada de seu tesouro. ²¹Nada escapava à sua voracidade, por isso não durará sua prosperidade. ²²Em plena abundância sofrerá o golpe da penúria, com toda a sua força a miséria cairá sobre ele. ²³Deus derrama sobre ele o ardor de sua ira, lança-lhe na carne uma chuva de flechas.d ²⁴Se escapar das armas de ferro, atravessa-lo-á o arco de bronze; ²⁵uma flecha^c sai de suas costas, e um dardo chamejante, do seu fígado. ²⁶todas as trevas escondidas lhe são reservadas.^f Devorá-lo-á um fogo não aceso^g por homem, consumindo o que resta de sua tenda. ²⁷O céu revelará sua iniquidade, a terra se insurgirá contra ele. ²⁸O lucro de sua casa se escorre, como torrentes no dia da ira. ²⁹Esta é a sorte que Deus reserva ao ímpio, a herança que destina à sua pessoa.^h

21*o desmentido dos fatos*– ¹Jó tomou a palavra e disse:

²Escutai atentamente minhas palavras, seja este o consolo que me dais. ³Permiti que eu fale, e, quando tiver terminado, zombai à vontade. ⁴É de um homem que queixo? ⁵Olhai para mim e empalidecei, ponde a mão sobre a vossa boca,^a ⁶Só em pensar nisso, fico desconcertado, um pavor apodera-se do meu corpo. ⁷Por que os ímpios continuam a viver, e ao envelhecer se tornam ainda mais ricos? ⁸Veem assegurada a própria descendência, e seus rebentos aos seus olhos subsistem.^b ⁹Suas casas, em paz e sem temor, a vara de Deus não as atinge. ¹⁰Seu touro reproduz sem falhar, sua vaca dá cria sem abortar. ¹¹Deixam as crianças correr como cabritos, e seus pequenos saltar.c ¹²Cantam ao som dos tamborins e da cítara e divertem-se ao som da flauta. ¹³Sua vida termina na felicidade, descem^d em paz ao Xeol. ¹⁴Eles que diziam a Deus: e"Afasta-te de nós, que não nos interessa conhecer teus caminhos. ¹⁵Quem é Shaddai, para que o sirvamos? De que nos aproveita invocá-lo?" ¹⁶Acaso não têm eles a prosperidade em suas mãos, o conselho dos ímpios se afastou dele?f ¹⁷Vê-se frenquentemente a lâmpada do ímpio se extinguir, a infelicidade cair sobre ele, a ira divina distribuir sofrimentos? ¹⁸São como palha diante do vento, como o debulho que o furação arrasta? ¹⁹Deus o puniria em seus filhos?^g Que seus próprios olhos vejam sua ruínah eele mesmo beba a cólera de Shaddai! ²¹Pois que lhe importam os de sua casa, depois de morto, quando a quota de seus meses estiver preenchida? ²²Acaso se pode ensinar a Deus o conhecimento, Àquele que julga os seres do Alto? ²³Este morre em pleno vigor, de todo trangüilo e em paz,^a ²⁴seus flancos bem rolicos,^b e a medula de seus ossos cheia de seiva. ²⁵Aquele morre com alma amargurada, sem ter saboreado a felicidade. ²⁶E, contudo, jazem no mesmo pó,

cobrem-se ambos de vermes. ²⁷Ah, eu conheço vossas idéias, vossos maus pensamentos a meu respeito! ²⁸Dizeis: "Onde está a casa do poderoso, onde a morada dos ímpios?" ²⁹Não interrogais os viajantes, Desconheceis os seus testemunhos? ³⁰No dia do desastre o ímpio é poupado, no dia do furor é posto a salvo. ³¹Quem lhe reprova sua conduta e quem lhe dá a pagar pelo que fez? ³²É conduzido ao sepulcro, e se monta guarda sobre seu túmulo. ³³Leves lhe são os torrões do vale. Atrás dele toda a população desfila.^c ³⁴Que significam, pois, vossas vãs consolações? Se nas vossas respostas não há mais que perfídia!

3. TERCEIRO CICLO DE DISCURSOS

22Deus castiga unicamente em nome da justiça—¹Elifaz de Temã tomou a palavra e disse:

²Pode um homem ser útil a Deus, quando o prudente só é útil a si mesmo? ³Que importa a Shaddai que sejas justo: aproveita-lhe a tua integridade? ⁴É por tua piedade que te corrige e entra contigo em julgamento? ⁵Não é antes por tua grande malícia e por tuas inumeráveis culpas? ⁶Exigias sem razão penhores de teus irmãos e despojavas de suas roupas os nus; ⁷não davas água ao sedento e recusavas pão ao faminto; ⁸entregavas a terra a um homem poderoso, para ali se instalar o favorecido; ⁹despedias as viúvas com as mãos vazias, quebravas os braços dos órfãos.d ¹⁰Por isso te encontras preso nos laços, Amedronta-te um terror improviso, ¹¹a luz se obscurece^a e não vês mais nada, e te submerge um turbilhão de água. ¹²Nâo é Deus excelso como os céus? Vê como é alta a abóbada das estrelas! ¹³E tu disseste: "O que Deus conhece?b Pode ele julgar através da nuvem escura? ¹⁴As nuvens enconbrem-no e impedem-no de ver, quando passeia pela abóbada do céu". ¹⁵Queres seguir os velhos caminhos por onde andaram os homens perversos?

¹⁶Foram arrebatados antes do tempo, quando uma torrente se lançou sobre seus fundamentos. ¹⁷Eles diziam a Deus: "Afasta-te de nós. Que pode fazer-nos Shaddai?"c ¹⁸Ele enchia de bens suas casas, enquanto o conselho do ímpios se afastou dele.d ¹⁹Os justos vêem isto e se alegram, o inocente zomba deles: ²⁰"Eis destruídos nossos adversários! E que fogo devorou seus bens!" ²¹Reconcilia-te com ele e terás paz: desta maneira a felicidade virá sobre ti. ²²Aceita a instrução de sua boca e guarda seus preceitos em teu coração. ²³Se voltares a Shaddai serás reabilitado, ^e se afastares de tua tenda a injustiça, ²⁴se colocares o teu ouro sobre o pó, o Ofir entre as pedras do riacho, ²⁵Shaddai será tuas barras de ouro e a tua prata entesourada. ²⁶Então, sim, alegrar-te-ás em Shaddai e erguerás para Deus teu rosto. ²⁷Ele ouvirá as tuas súplicas e tu cumprirás teus votos; ²⁸decidir-te-ás por um projeto e realizar-se-á, e a luz brilhará em teu caminho. ²⁹Porque ele abaixa a empresa orgulhosa, ^f e salva o homem de olhar humilde. ³⁰Ele liberta até mesmo aquele que não é inocente:^g ele será liberto pela pureza de tuas mãos.

23 Deus está longe, e o maltriunfa – 1 Jó tomou a palavra e disse:

²Ainda hoje minha queixa é uma revolta; minha mão comprime meu gemido. ³Oxalá soubesse como encontrá-lo, Como chegar à sua morada. ⁴Exporia diante dele a minha causa, com minha boca cheia de argumentos. ⁵Gostaria de saber com que palavras iria responder-me e ouvir o que teria para me dizer. ⁶Usaria ele de violência ao pleitear comigo? Não, bastaria que me desse atenção. ⁷Ele reconheceria em seu adversário um homem reto, e eu triunfaria sobre meu juiz. ⁸Mas, se for ao oriente não está ali; ⁹Quando ele age no norte, eu não o vejo; se me volto para o meio-dia, ele permanece invisível. ¹⁰E todavia, o meu caminho ele o conhece! Que me ponha no crisol, dele sairei como ouro puro.

11 Meus pés apegaram a seus passos, segui seu caminho sem me desviar.
12 Não me afastei do mandamento de seus lábios e guardei no peito as palavras de sua boca. a 13 Mas ele decide; b quem poderá dissuadi-lo?

Tudo o que ele quer, ele o faz.

14 Executará a sentença a meu respeito, como tantos outros dos seus decretos.

15 Por isso estou consternado em sua presença, e estremeço ao pensá-lo.

16 Deus abateu-me o ânimo,

Shaddai encheu-me de terror.
17 E, todavia, não me dou por vencido por estas trevas; ele, porém, cobriu-me o rosto com a escuridão. c

24¹Por que Shaddai não marca o tempo e seus amigos não chegam a ver seus dias?d ²Os ímpios mudam as fronteiras, roubam rebanho e pastor.^e ³Apoderam-se do jumento dos órfãos e tomam como penhor o boi da viúva. ⁴Os indigentes devem se afastar do caminho, e os pobres da terra se esconder todos juntos. ⁵Como onagros do deserto, eles saem para o trabalho, procurando desde a aurora uma presa, e, de tarde, o pão para os seus filhos.^f ⁶Ceifam no campo do malvado^g e rebuscam a vinha do ímpio. ^{10a}Andam nus por falta de roupa, famintos carregam os feixes. ¹¹Entre duas muretas^b eles espremem o azeite; Alterados, eles pisam as cubas. ⁷Nus passam a noite, sem roupa e sem coberta contra o frio. ⁸Ensopados pelas chuvas das montanhas, sem abrigo comprimem-se contra o rochedo. ⁹O órfão é arrancado do seio materno e a criança do pobre é penhorada. ¹²Da cidade sobem os gemidos dos moribundos^d e, suspirando, os feridos pedem socorro, e Deus não ouve a sua súplica.e ¹³Existem também os rebeldes à luz, ^f que não conhecem seus caminhos nem ficam em suas veredas. ¹⁴É noite quando o assassino se levanta para matar o pobre e o indigente. Durante a noite ronda o ladrão, g ^{16a}às escuras arromba as casas. ¹⁵O olho do adúltero aguarda o crepúsculo

dizendo: "Ninguém me verá",
e cobre o rosto com uma máscara.

16bDurante o dia, escondem-se
os que não querem conhecer a luz.

17Para eles todos, a manhã torna-se a sombra da morte,
pois eles experimentam os terrores da sombra da morte.

25Se não é assim, quem me desmentirá
ou reduzirá a nada minhas palavras?

25 Hino à onipotência de Deusⁱ- Baldad de Suás tomou a palavra e disse:

²É um soberano temível,
Aquele que conserva a paz nas suas alturas.^j
³Pode ser contado o número de suas tropas?
E sobre quem não se levanta a sua luz?
⁴Como pode o homem justificar-se diante de Deus?
Ou mostrar-se puro quem nasceu de mulher?
⁵Se até a própria lua não brilha^k
e as estrelas não são puras a seus olhos,
⁶quanto menos o homem, essa larva,
e o filho de homem, esse verme?

26^{5a}As sombras^btremem debaixo da terra, as águas e seus habitantes estão com medo.c ⁶O Xeol está nu a seus olhos e a perdição^d está sem véu. ⁷Estendeu o setentrião sobre o vazio^e e suspendeu a terra sobre o nada.^f ⁸Ele prende as águas nas nuvens, sem que estas se rasguem com seu peso. ⁹Encobre a face da lua cheia E estende sobre ela sua nuvem.g ¹⁰traçou um círculo sobre a superfície das águas, h onde a luz confina com as trevas. ¹¹As colunas do céu se abalam, ⁱ assustadas com sua ameaça. ¹²Com seu poder aquietou o Mar, com sua inteligência aniquilou Raab. ¹³O seu sopro clareou os Céus e sua mão traspassou a Serpente fugitiva.^j ¹⁴Tudo isso é o exterior das suas obras, e ouvimos apenas um fraco eco. Quem compreenderá o estrondo do seu poder?

26Baldad fala a esmo- ¹Jó tomou a palavra e disse:

²Como sabes sustentar o fraco e socorrer um braço sem vigor! ³Como sabes aconselhar o ignorante e dar mostras de profundo conhecimento! ⁴A quem dirigiste tuas palavras?

E de onde provém o espírito que sai de ti?k

27 *Jó, inocente conhece o poder de Deus* – ¹ Jó continuou a exprimir-se em sentenças, dizendo:

²Pelo Deus vivo que me nega justiça, por Shaddai que me amargura a alma, ³enquanto em mim houver um sopro de vida e o alento de Deus nas narinas, ⁴meus lábios não dirão falsidades, nem minha língua pronunciará mentiras! ⁵Longe de mim dar-vos razão! Até o último alento manterei minha inocência, ⁶fico firme em minha justiça e não a deixo; minha consciência não me reprova nenhum de meus dias. Tenha o meu inimigo a sorte do ímpio, e meu adversário, a do injusto! ⁸Que proveito pode esperar o ímpio quando Deus lhe retira a vida? ⁹Acaso Deus escuta seus gritos, quando o surpreende a aflição? ¹⁰Encontrará seu conforto em Shaddai, e invocará a Deus em todo o tempo?^a ¹¹Instruir-vos-ei acerca do poder de Deus, não vos ocultarei os desígnios de Shaddai.^b ¹²Todos vós bem o vedes, por que vos perdeis em vãs ilusões?

Discurso de Sofar: o maldito^c

¹³Esta é a porção que Deus reserva ao ímpio, a herança que o tirano recebe de Shaddai: ¹⁴Se tiver muitos filhos, cairão pela espada, seus descendentes não terão o que comer. ¹⁵Quem sobreviver será enterrado pela Peste, ^d e suas viúvas não os chorarão. ¹⁶Ainda que acumule prata como pó e amontoe vestidos como barro, ¹⁷ele amontoa, mas é o justo quem os vestirá; quanto à prata, é o inocente quem a herdará. ¹⁸Construiu uma casa como uma teia de aranha, e construiu uma cabana para a guarda. ¹⁹Deita-se rico – mas será pela última vez^f - : ao abrir os olhos não terá mais nada. ²⁰Em pleno dia^g surpreendem-no terrores, de noite arrebata-o um turbilhão. ²¹O ventoo leste levanta-o e fá-lo desaparecer e varre-o de seu lugar. ²²Precipita-se sobre ele sem piedade, enquanto procura fugir de seu alcance. ²³Aplaudem a sua ruína,

assobiam contra ele por onde ele vai.

 24^{18} É apenas um feto sobre as águas, Cai a maldição sobre sua propriedade na terra, Ninguém mais vai para a sua vinha. ¹⁹Como o calor estivo absorve as águas da neve, assim o Xeol àquele que pecou. ²⁰Dele se esquece o ventre que o formou, o seu nome não é mais lembrado.ª Assim é arrancada a iniquidade como uma árvore. ²¹Ele maltratou^b a estéril sem filhos e não socorreu a viúva. ²²Mas Aquele que prende com força os tiranos aparece e tira-lhe a certeza da vida. ²³Ele o deixava apoiar-me numa falsa segurança; os seus olhos, porém, observavam os seus caminhos. ²⁴Exaltado por breve tempo, deixa de existir; cai como a erva que se colhe^c e murcha como as espigas.

4. ELOGIO DA SABEDORIA

28A sabedoria inacessível ao homem^d

¹A prata tem as minas, o ouro, um lugar onde é depurado. ²O ferro extrai-se da terra, ao fundir-se a pedra, sai o bronze. ³Impõe-se um limite às trevas, Sonda-se até o extremo limite a pedra escura e sombria. ⁴Estrageiros perfuram as grutas^e em lugares não frequentados, e suspensos balançam longe dos homens. ⁵A terra, que produz o pão, por baixo é devorada pelo fogo. ⁶Suas pedras são jazidas de safiras, seus torrões encerram pepitas de ouro. ⁷Tais veredas não as conhece o abutre, nem as divisa o olho do falcão; ⁸não as percorrem as feras altaneiras, ^f nem as atravessa o leão. ⁹O homem lança mão da pederneira, desarraiga as montanhas pela raiz. ¹⁰Na rocha abre galerias,^a o olhar atento a tudo o que é precioso. ¹¹Explora as nascentes dos rios^b e traz à luz o que está oculto. ¹²Mas a Sabedoria, de onde provém ela?^c

Onde está o lugar da Inteligência? ¹³O homem não lhe conhece o caminho.^d nem se encontra na terra dos mortais. ¹⁴Diz o Abismo: "Não está em mim"; Responde o Mar: "Não está comigo." ¹⁵Não se compra com o ouro mais fino, nem se troca a peso de prata, ¹⁶não se paga com ouro de Ofir, com ônix precioso ou safiras. ¹⁷Não a igualam o ouro, nem o vidro, não se paga com vasos de ouro fino. ¹⁸Quanto ao coral e ao cristal, nem falar! Seria melhor pescar a Sabedoria do que as pérolas. ¹⁹Não se iguala ao topázio de Cuch, nem se compra com o ouro mais puro. ²⁰Donde vem, pois, a Sabedoria? Onde esta o lugar da Inteligência? ²¹Está oculta aos olhos dos mortais e até às aves do céu está escondida. ²²A Perdição e a Morte confessam: "O rumor de sua fama chegou até nós." ²³Só Deus conhece o caminho para ela, só ele sabe o seu lugar. ²⁴(Pois contempla os limites do orbe e vê quanto há debaixo do céu.) ²⁵Quando assinalou seu peso ao vento e regulou a medida das águas, ²⁶quando impôs uma lei à chuva e uma rota para o relâmpago e o trovão, ²⁷ele a viu e avaliou, Penetrou-a^e e examinou-a. ²⁸E disse ao homem: "O temor do Senhor, eis a Sabedoria; Fugir do mal, eis a Inteligência."

5. CONCLUSÃO DO DIÁLOGO

29 *Queixas e apologia de Jó:* ^fA. *Os tempos antigos* – ¹ Jó continuou a exprimir-se em sentenças e disse:

²Quem me dera voltar aos meses de antanho,
aos dias em que Deus velava por mim;

³quando sua lâmpada brilhava sobre minha cabeça e à sua luz eu andava na escuridão!

⁴Tal qual eu estava no dias do meu outono,
quando Deus protegia^a minha tenda

⁵e Shaddai ainda estava comigo
e meus filhos me rodeavam!

⁶Banhava meus pés em creme de leite,
e a rocha vertia rios de azeite!

⁷Quando me dirigia à porta da cidade

e tomava assento na praça, ⁸os jovens ao ver-me se retiravam. os anciãos se levantavam e ficavam de pé, ⁹os chefes interrompiam suas conversas, pondo a mão sobre a boca; ¹⁰emudecia a voz dos líderes e sua língua se colava ao céu da boca. ^{21b}Ouviam-me com grande expectativa, e em silêncio escutavam meu conselho. ²²Quando acabava de falar, ninguém replicava, minhas palavras ficavam gotejando sobre eles; ²³eles me esperavam como a chuva, como quem abre a boca ávida para a chuva de primavera. ²⁴Sorria para eles, mal o acreditavam e não perdiam nenhum gesto favorável. ²⁵Sentado como chefe, eu escolhi seu caminho; como um rei instalado no meio de suas tropas, guiava-os e eles se deixavam conduzir.c ¹¹Quem me ouvia falar felicitava-me, quem me via dava testemunho de mim: ¹²porque eu livrava o pobre que pedia socorro e o órfão que não tinha auxílio. ¹³A bênção do moribundo pousava sobre mim, e eu alegrava o coração da viúva. ¹⁴A justiça eu vestia como túnica, o direito era meu manto e meu turbante. ¹⁵Eu era olhos para o cego. era pés para o coxo. ¹⁶Era o pai dos pobres e examinava a causa de um desconhecido. ¹⁷Quebrava as mandíbulas do malvado, para arrancar-lhe a presa dos dentes. ¹⁸E pensava: "Morrerei no meu ninho, Depois de dias numerosos como a fênix^d ¹⁹Minhas raízes estendidas até a água, o orvalho pousando em minha ramagem, ²⁰minha honra ser-me á sempre nova, em minha mão o meu arcoe retomará força."

B. A tribulação presente

30¹Mas agora zombam de mim moços mais jovens que eu, a cujos pais teria recusado deixar com os cães do meu rebanho.ª

²Para que me serviriam seus braços, se suas forças se consumiram?

³Mirrados pela penúria e pela fome, ruminavam a estepe, lugar sombrio de ruína e desolação:

⁴colhendo malvas entre os arbustos, fazendo pão com raízes de giesta: ⁵banidos da sociedade dos homens, a gritos, como a ladrões, ⁶morando em barracos escarpados, em covas e grutas do rochedo. ⁷Ouvem-se os seus rugidos entre as moitas, acocorados nas urtigas: ⁸gente vil, homens sem nome, são rejeitados pela terra!^b ⁹E agora sou alvo de suas zombarias, o tema de seus escárnios. ¹⁰Cheios de medo, ficam a distância e atrevem-se a cuspir-me no rosto. ¹¹Porque ele deteve meu arco e me abateu, ¹²À minha direita levanta-se a canalha, eles fazem escorregar meus pés e abrem contra mim seus caminhos sinistros; ¹³desfazem minha senda, trabalham para minha ruína e não há quem os detenha.c ¹⁴Irrompem por uma larga brecha e são jogados sob os escombros. ¹⁵Os terrores estão soltos contra mim, minha segurança se dissipa^d como vento, minha esperança varrida como nuvem. ¹⁶A minha alma agora se dissolve: os dias de aflição apoderam-se de mim. ¹⁷De noite um mal^e penetra meus ossos, minhas chagas não dormem. ¹⁸Ele me agarra^f com violência pela roupa, segura-me pela orla da túnica. ¹⁹Joga-me para dentro do lodo e confundo-me com o pó e a cinza. ²⁰Clamo por ti, e não me respondes; insisto, sem que te importes comigo.g ²¹Tu te tornaste meu verdugo e me atacas com teu braço musculoso. ²²Levantas-me e me fazes cavalgar o vento e me sacodes com a tempestade. ²³Bem vejo que me devolves à morte. ao lugar de encontro de todos os mortais. ²⁴Acaso não estendi a mão ao pobre, quando, na penúria clamava por justica?^a ²⁵Não chorei com o oprimido, não tive compaixão do indigente? ²⁶Esperei felicidade, veio-me a desgraça; esperei luz, veio-me a escuridão. ²⁷Fervem dentro de mim as entranhas sem parar, Dias de aflição vêm ao meu encontro.

²⁸Caminho ensombrecido, sem sol,
 e na assembléia levanto-me a pedir auxílio.
 ²⁹Tornei-me irmão dos chacais
 e companheiro dos avestruzes.
 ³⁰Minha pele se enegrece e cai,
 meus ossos são consumidos pela febre.
 ³¹minha cítara está de luto
 E minha flauta acompanha os pranteadores.

Apologia de Jób

 $\mathbf{31}^{\scriptscriptstyle 1}$ Eu fizera um pacto com meus olhos, para não olhar uma virgem.c ²Que galardão me reserva Deus lá do alto, que herança o Shaddai lá dos céus? ³Acaso não é o desastre para o criminoso, e o infortúnio para os malfeitores? ⁴Não vê ele os meus caminhos, não conta todos os meus passos? ⁵Caminhei com a ilusão, acertei passo com a fraude?d ⁶Que Deus me pese numa balança exata e reconhecerá minha integridade. ⁷Se se desviaram do caminho os meus passos, e o meu coração seguiu as atrações dos olhos, se se apegou alguma mancha às minhas mãos, e ⁸que outro coma o que semeei, e que arranquem as minhas plantações! ⁹Se o meu coração se deixou seduzir por mulher e estive à espreita à porta do vizinho, f ¹⁰que minha mulher gire a mó para outrem e outros se debrucem sobre ela! ¹¹Pois isso seria uma infâmia, Um crime digno de castigo,^a ¹²um fogo que devoraria até à perdição, destruindo até à raiz todos os meus bens. ¹³Se deneguei seu direito ao escravo ou à escrava, quando pleiteavam comigo,^b ¹⁴que farei quando Deus se levantar, que lhe responderei quando me interrogar? ¹⁵Quem me fez a mim no ventre não o fez também a ele? Quem nos formou a ambos não é um só? ³⁸Se minha terra pede vingança contra mim, e os seus sulcos choram com ela; ³⁹se comi o seu produto sem pagar, ^{40a}que nasçam cardos em vez de trigo, no lugar de cevada, a erva fétida!d ¹⁶Se fui insensível às necessidades dos fracos, ^e se deixei tristes os olhos da viúva, ¹⁷enquanto comi meu bocado sozinho,

sem reparti-lo com o órfão; ¹⁸ – na verdade, desde minha infância Deus criou-me como um pai, e desde o seio de minha mãe guio-me;f -¹⁹se vi um miserável sem roupas, um pobre sem cobertor, ²⁰e não me agradeceram os seus flancos, aquecidos com a lã de minhas ovelhas; ²¹se levantei a mão^g contra o órfão, sabendo-me importante na Porta, ²²que minha espádua se desprenda de minha nuca, e que meu braço se quebre no cotovelo! ²³Porque o castigo de Deus seria meu terror, não subsistia diante da sua majestade. ²⁴Se pus no ouro minha confiança e disse ao ouro mais puro: "És minha segurança":h ²⁵se me comprazi com minhas grandes riquezas, Com a fortuna amontoada por minhas mãos; ²⁶se olhei para o sol resplandecente ou para a lua que caminha com esplendor, ²⁷e meu coração se deixou seduzir secretamente, e minha mão lhes enviou um beijo; f ²⁸também isto seria crime digno de castigo, Pois teria renegado ao Deus do alto. ²⁹Se me alegrei com a desgraça do meu inimigo e exultei com a infelicidade que lhe sobreveio,^a ³⁰ou permiti que minha boca pecasse, e reclamasse a sua vida com uma maldição; ³¹se homens de minha tenda disseram: "oxalá nos deixassem saciar-nos de sua carne!" ³² – Na verdade, o estrangeiro nunca pernoitou à intempérie, abri sempre minha porta ao viandante.^b – ³³Se ocultei meu delito aos homens^c escondendo no peito minha culpa, ³⁴por temor diante da gritaria da multidão e por medo do desprezo dos parentes, a ponto de me manter calado sem pôr os pés fora da porta, d ³⁵oxalá houvesse quem me ouvisse! Esta é minha última palavra: que me responda Shaddai! O libelo redigido por meu adversário ³⁶levá-lo-ia sobre meus ombros, Atá-lo-ia como um diandema.f ³⁷Dar-lhe-ia conta de meus passos e aproximar-me-ia dele, como príncipe. ^{40b}Fim das palavras de Jó.^g

III. Discursos de Eliúh

32 Intervenção de Eliú- ¹Aqueles três homens não responderam mais a Jó, porque ele teimava em considerar-se justo. ¹Então inflamou-se a ira de Eliú, filho de Baraquel, de Buz,

da família de Ram; indignou-se contra os três amigos, porque não acharam resposta, contentando-se em deixar as falhas

A Deus. ^{j4}Eliú tinha esperado para falar com Jó, pois eles eram seus anciãos; ⁵mas ao ver que nenhum dos três tinha algo a mais para responder, encheu-se de indignação. ⁶Então Eliú, filho de Baraquel, de Buz, Interveio dizendo:

Exórdio

Sou ainda muito jovem, e vós sois anciãos: por isso, intimidado, não me atrevia a expor-vos o meu conhecimento. ⁷Dizia comigo: "Que falem os anos, que a idade madura ensine sabedoria." ⁸Mas é o espírito no homem, o alento de Shaddai que dá inteligência.^a ⁹Não é a idade avançada que dá sabedoria, nem a velhice a inteligência do que é justo. ¹⁰Por isso digo escuta-me, porque também eu manifestarei o meu conhecimento! ¹¹Esperei enquanto faláveis, prestei atenção aos vossos argumentos, enquanto trocáveis palavras. ¹²Sobre vós se fixava minha atenção. E vejo que ninguém confundiu Jó, Nenhum de vós desmentiu suas palavras. ¹³não digais: "Encontramos a sabedoria; só Deus pode refutá-lo, não um homem.^b ¹⁴Não é contra mim que ele alinha as palavras, não é com vossas palavras que eu lhe replicarei. ¹⁵Desconcertados, já não respondem, faltam-lhes palavras. ¹⁶Devo aguardar, já que eles não falam, já que estão aí sem responder? ¹⁷Tomarei a palavra por minha vez, mostrarei também o meu conhecimento. ¹⁸Porque estou cheio de palavras, pressionado por um sopro interior. ¹⁹Dentro de mim há como um vinho novo que quer transbordar como odres novos que explodem. ²⁰Falarei para ficar aliviado, abrirei os lábios para responder. ²¹Não tomarei o partido de ninguém, a ninguém adularei. ²²Porque não sei adular, e porque logo me arrebataria o Criador.

A presunção de Jó

 ${\bf 33}^{\scriptscriptstyle 1}$ E agora, Jó escuta as minhas palavras, presta atenção ao meu discurso. ²Eis que abro a boca e minha língua vai falar sob o céu da boca. ³A retidão de meu coração falará, meus lábios exprimirão a verdade. ⁵Contesta-me, se podes; prepara-te, põe-te em frente de mim! ⁶Vê, para Deus eu sou teu igual, como tu, modelado de argila. ⁴Foi o espírito de Deus que me fez, e o sopro de Shaddai que me anima. ⁷Eis que o meu terror não deverá intimidar-te, minha mão não pesará sobre ti. ⁸Disseste em minha presença, ouço ainda o eco de tuas palavras: ⁹"Sou puro, não tenho delito: sou limpo e sem falta.^a ¹⁰E contudo, ele encontra queixas contra mim^b e me considera seu inimigo. ¹¹Coloca meus pés no cepo e vigia todos os meus passos." ¹²Não tem razão nisto, eu te digo, pois Deus é maior do que o homem. ¹³Como te atreves a acusá-lo: é porque não te responde palavra por palavra? ¹⁴Deus fala de um modo e depois de outro, e não prestamos atenção. ¹⁵Em sonhos ou visões noturnas. quando a letargia desce sobre os homens adormecidos em seu leito: ¹⁶então ele abre o ouvido dos humanos e aísela as advertências que lhes dá, ¹⁷para afastar o homem de suas obras e proteger o poderoso do orgulho,^c ¹⁸para impedir sua alma de cair na sepultura e sua vida de cruzar o Canal. ¹⁹Corrige-o também sobre o leito com a dor, ^d quando os ossos tremem sem parar, ²⁰A ponto de aborrecer a comida e repugnar-lhe o manjar. ²¹Quando sua carne desaparece da vista, expõem-se os ossos que estavam escondidos. ²²Sua alma aproxima-se da sepultura, e sua vida do jazigo dos mortos,^e ²³a não ser que encontre um Anjo perto de si, um Mediadorf entre mil, que relembre ao homem seu dever, ²⁴que tenha compaixão dele e diga:

"Livra-og de baixar à sepultura, pois enconteri resgate"; ²⁵e sua carne reencontrará a força juvenil^h e voltará aos dias de sua juventude. ²⁶Suplicará a Deus e será atendido, contemplará com alegria a face daquele que retribui ao homem sua justiça; ²⁷cantará diante dele e dirá: "Pequei e violei a justiça: ele não me devolveu o mesmo. ²⁸Salvou minha alma da sepultura, e minha vida se inunda de luz". ²⁹Tudo isso faz Deus duas ou três vezes ao homem, ³⁰para tirar sua alma de sepultura e iluminá-lo com a luz da vida. ³¹Presta atenção, Jó, escuta-me, guarda silêncio, enquanto eu falo. ³²Se tens algo a dizer, responde-me, fala, pois desejo dar-te razão. ³³Mas, se nada tens, escuta-me: cala-te e ensinar-te-ei a sabedoria.

34o fracasso dos três sábios na tentativa de desculpar a Deus- 1 Eliú prosseguiu dizendo:

²Ouvi, ó sábios, minhas palavras, e vós, eruditos, prestai atenção, ³pois o ouvido distingue as palavras Como o paladar saboreia os alimentos. ⁴Examinemos juntos o que é justo, vejamos o que é bom. ⁵Eis que Jó afirmou: "Eu sou justo e Deus me nega o direito. ⁶Apesar do meu direito, passo por mentiroso, uma flecha me feriu sem que eu tenha pecado."a ⁷Quem há como Jó, que bebe sarcasmos como água,^b ⁸faz companhia aos malfeitores e anda com os ímpios? ⁹Pois ele disse: "Não aproveita ao homem estar em boas graças com Deus." ¹⁰Escutai-me, homens sensatos. Longe de Deus o mal, de Shaddai, a iniquidade! ¹¹Ele retribui ao homem segundo suas obras, e dá a cada um conforme sua conduta.c ¹²Na verdade, Deus não pratica o mal, Shaddai não perverte o direito. ¹³Quem lhe confirmou o governo da terra, quem lhe entregou o universo?^d

¹⁴Se só aplicasse seu pensamento em si mesmo, se concentrasse em si seu sopro e seu hálito. ¹⁵expiraria toda a carne no mesmo instante, e o homem voltaria a ser pó. ¹⁶Se tens inteligência, escuta isto, e presta ouvido ao som de minhas palavras. ¹⁷Um inimigo do direito saberia governar? Ousarias condenar o Justo onipotente? ¹⁸Ele que diz a um rei: "Homem vil!" e trata os nobres como ímpios, ¹⁹não considera os príncipes e nem distingue o fraco e o homem importante. Pois todos são a obra das suas mãos. ²⁰Morrem de repente em plena noite, o povo se agita e eles desaparecem, e sem esforço afasta-se um tirano. ²¹Porque seus olhos acompanham o proceder de cada um e ele olha todos os seus passos. ²²Não há trevas, nem sombras espessas, onde possam esconder-se os malfeitores. ²³Pois ele não fixa ao homem um prazo^a para comparecer ao tribunal divino. ²⁴Ele aniquila os poderosos sem muitos inquéritos E põe outros em seu lugar. ²⁵Conhece a fundo suas obras! Derruba-os como criminosos, e em público lança-lhes cadeias,^b ²⁷porque se afastaram dele e não quiseram conhecer seus caminhos; ²⁸de sorte que chegou a ele o clamor do fraco, E o lamento dos pobres foi por ele ouvido. ²⁹Se fica imóvel, quem o condenará? Se esconde sua face, quem o perceberá? Todavia ele vela sobre as nações e os homens, ³⁰para que não reinem homens perversos, que não haja armadilhas para o povo.^c ³¹Porém, se se diz a Deus: "Eu expirei, não farei mais o mal; ³²o que está fora de minha vista, mostra-me: se cometi injustiça, não recomeçarei mais", ³³será que, a teu ver, deverá ele punir? Mas tu caçoas disso! Como és tu que escolhes, e não eu, Faze-nos conhecer a tua ciência!d ³⁴Homens sensatos dir-me-ão, bem como o sábio que me escuta: ³⁵"Jó não falou com conhecimento, e suas palavras não levam ao bom proceder." ³⁶Pois bem, que Jó seja examinado até o fim, por suas respostas dignas de ímpio!^a ³⁷Porque ao seu pecado acrescenta a rebelião,

semeia a dúvida^b em nosso meio e multiplica suas palavras contra Deus.

35 Deus não fica indiferente aos assuntos humanos — ¹ Eliú prosseguiu dizendo:

²Julgas ter razão,

pretendendo justificar-te diante de Deus?

³Já que dizes: "Que te importa?

Que vantagem tenho se tivesse ou não pecado?"c

⁴Vou responder-te,

a ti e a teus amigos.d

⁵Contempla os céus e olha,

Vê como as nuvens são mais altas que tu.^e

⁶Se pecas, que mal lhe fezes

Se acumulas delitos, que dano lhe causas?

⁷Se és justo, que lhe dás,

o que recebe ele de tua mão?

⁸A tua maldade só concerne aos que são como tu;

tua justiça, só concerne aos mortais.

⁹Uns gemem sob o peso da opressão

epedem socorro contra o braço dos poderosos,

¹⁰mas ninguém diz:

"Onde está o Deus que me criou,

que na noite inspira cantos de alegria, f

¹¹que nos instrui mais do que aos animais da terra,

E nos faz mais sábios do que os pássaros do céu?"

¹²E, então, por mais que gritem, ele não responde, pois vê a arrogância dos maus.

¹³Certamente Deus não escuta o que é ilusório,

Shaddai a isso não presta atenção.

¹⁴Muito menos quando dizes: "Eu não o vejo,

meu processo está aberto diante dele e o espero."g

¹⁵Ou então: "Sua ira não castiga,

ele não tem conhecimento da revolta".h

¹⁶Jó abre a boca para o vazio,

 $e\ insensatamente\ multiplica\ palavras.$

360 sentido verdadeiro dos sofrimentos de Joa — Eliú prosseguiu dizendo:

²Espera um pouco que eu te instruirei,

tenho ainda mais razões em favor de Deus.

³Trarei de longe meu conhecimento

para justificar meu Criador.

⁴Na verdade, minhas palavras não são falazes,

fala contigo um sábio consumado.

⁵Vê, Deus é poderoso, ele não caçoa, ^b

ele é poderoso pela firmeza de seu pensamento.

⁶Não deixa viver o ímpio,

mas faz justiça aos pobres,

⁷e não tira o justo dos olhos.^c

Com os reis, sobre seu trono os instala

para sentar para sempre, e eles são exaltados. ⁸Mas amarra-os com cadeias. e são presos nos laços da aflição. ⁹Ele lhes revela seus atos, as faltas de orgulho que cometeram. ¹⁰Abre-lhes os ouvidos à disciplina e exorta-os a que se afastem do mal. ¹¹Se o escutarem e se submeterem, terminarão seus dias em felicidade e seus anos no bem-estar. ¹²Mas, se não o escutarem, atravessarão o Canal e morrerão como insensatos. ¹³Sim, os endurecidos, que manifestam sua cólera, e não pedem auxílio quando os aprisiona, ¹⁴morrem em plena juventude, e sua vida é entre os prostitutos.^d ¹⁵Mas ele salva o pobre por sua pobreza, Adverte-o^e em sua miséria. ¹⁶Também a ti ele quer arrancar da angústia num lugar espaçoso em que nada incomoda, e a mesa preparada para ti transbordará de gordura. ¹⁷Se tu não instruis o processo do ímpio, assegurar-se-á um processo equitativo. f ¹⁸Toma cuidado, g para que não te seduza a fartura e não te perverta um rico suborno. ¹⁹Faze comparecer tanto o importante quanto o que nada tem, tanto o homem forte quanto o fraco. ²⁰Não esmagues os que te são estrangeiros, Para colocar no seu lugar a tua parentela.^a ²¹cuida que não voltes à iniquidade, pois, por causa dela, foste provado pela aflição.

Hino à sabedoria onipotente^b

²²Vê como Deus é sublime em seu poder.
Qual é o mestre que se lhe pode comparar?
²³Quem lhe prescreve sua conduta?
Quem pode dizer-lhe: "Fizeste mal"?
²⁴Pensa, antes, em glorificar sua obra,
que tantos homens celebram em seus cantos.
²⁵todos os homens as contemplam,
admiram-nas de longe os mortais.
²⁶Deus é grande demais para que o possamos conhecer,
o número de seus anos é incalculável.
²⁷Faz subir as gotas d'água
e destila a chuva em neblina.
²⁸E as nuvens derramam-se em chuviscos,
e a chuva cai sobre a multidão humana.
³¹Com ela^c alimenta os povos,

dando-lhes comida abundante.

²⁹Quem compreenderá as ondulações da sua nuvem, o ribombar ameaçador da sua tenda?^d

³⁰Espalha diante dele seu clarão, submerge os fundamentos do mar.

³²Suas duas palmas ele as recobre com o clarão e lhe fixa o fim a atingir.

³³Seu trovão anuncia sua vinda, inflamando a cólera contra a iniqüidade.^e

37¹À vista disto, treme meu coração e me salta fora do lugar.
²Atenção! Ouvi o trovão de sua voz, e o estrondo que sai de sua boca.
³Ele o envia pela vastidão dos céus, e seus raios aos confins da terra.
⁴A seguir ressoa o seu bramido e reboa seu fragor majestoso; tão logo se faz ouvir sua voz.
⁵Deus troveja a plena voz suas maravilhas e realiza proezas que não compreendemos.
⁶Diz à neve:

"Cai sobre a terra",
e ao aguaceiro:
"Desce com violência!"

⁷Suspende a atividade dos homens,
para que reconheçam que é obra sua.

⁸As feras também entram em seu covil
e permanecem em suas tocas.

⁹Da Câmara austral sai o furação,

⁹Da Câmara austral sai o furacão, os ventos do Norte trazem o frio.^b ¹⁰Ao sopro de Deus forma-se o gelo, congelando a superfície das águas.

¹¹Carrega de umidade o nimbo, as nuvens da tempestade expelem o raio. ²¹Ele os faz circular

e preside a sua alternância.^c Em tudo executam as suas ordens, sobre a superfície do seu mundo terrestre. ¹³É para castigar os povos da terra,

ou para uma obra de bondade que os envia.^d

14Ouve isto, Jó, para,

e considera as maravilhas de Deus!

15 Sabes como Deus comanda as nuvens?
E como a sua nuvem lampeja o raio?

16 Sabes algo do equilíbrio das nuvens,
prodígio de conhecimento consumado?

17 Tu, que te abafas em tua roupa,
quando a terra enlanguesce pelo vento sul?

¹⁸Podes tu como ele estender^e a nuvem, endurecida como uma placa de metal fundido? ¹⁹ensina-me o que é preciso dizer-lhe; é melhor não discutir mais por causa das nossas trevas. ²⁰Têm minhas palavras valor para ele, é ele informado por ordens de um homem? ²¹Por um tempo a luz torna-se invisível, quando as nuvens se escurecem; depois o vento passa e as leva, ²²e do Norte chega a claridade. ^f Deus envolve-se em assombrosa majestade ²³Shaddai, nós não o atingimos. Mas ele, na sublimidade de seu poder e retidão, na grandeza de sua justiça, sem oprimir, ²⁴impõe-se ao temor dos homens; e ele a veneração de todos os corações sensatos.^g

IV. Os discursos de Iahweh

PRIMEIRO DISCURSO

38 A sabedoria criadora confunde Jó – ¹Então Iahweh respondeu a Jó, do seio da tempestade, ª e disse:

²Quem é esse que obscurece meus desígnios com palavras sem sentido?

³Cinge-te os rins, como herói, interrogar-te-ei e tu me responderás. b

⁴Onde estavas, quando lancei os fundamentos da terra?

Dize-mo, se é que sabes tanto.

⁵Quem lhe fixou as dimensões? – se o sabes - , ou quem estendeu sobre ela a régua?

⁶Onde se encaixam suas bases, ou quem assentou sua pedra angular, ⁷entre as aclamações dos astros da manhã e o aplauso de todos os filhos de Deus? ⁸Quem fechou^c com portas o mar, quando irrompeu jorrando do seio materno; ⁹quando lhe deu nuvens como veste

e espessas névoas como cueiros; ¹⁰Quando lhe impus os limites

e lhe firmei porta e ferrolho,

¹¹e disse: "Até aqui chegarás e não passarás: aqui se quebrará^d a soberba de tuas vagas"?

12Alguma vez deste ordens à manhã, ou indicaste à aurora um lugar, 13para agarrar as bordas da terra e sacudir dela os ímpios? 14Transforma-se como argila debaixo do sinete,^e

e tinge-se como argila debaixo do sinete, e tinge-se como um vestido.

¹⁵Ele retira a luz^f aos ímpios e quebra o braço rebelde. ¹⁶Entraste pelas fontes do mar.^g ou passaste pelo fundo do abismo? ¹⁷Foram-te indicadas as portas da morte, ou viste as portas da sombra da morte?^h ¹⁸Examinaste a extensão de terra? Conta-me, se sabes tudo isso. ¹⁹De que lado mora a luz, i e onde residem as trevas, ²⁰para que as conduzas à sua terra e distingas os acessos de sua casa? ²¹Deverias sabê-lo, pois já tinhas nascido e grande é o número dos teus anos. ²²Entraste nos depósitos de neve? Visitaste os reservatórios do granizo, ²³que reservo para o tempo da calamidade, para os dias de guerra e de batalha? ²⁴Por onde se divide o relâmpago, ou se difunde o vento leste sobre a terra? ²⁵Quem abriu um canal para o aguaceiro e o caminho para o relâmpago e o trovão, ²⁶para que chova em terras despovoadas, na estepe inabitada pelo homem, ²⁷para que se sacie o deserto desolado e brote erva na estepe?^a ²⁸Terá pai a chuva? Quem gera as gotas do orvalho? ²⁹De que seio saiu o gelo? Quem deu à luz a geada do céu, ³⁰quando as águas desaparecem, petrificando-se, e se torna compacta a superfície do abismo? ³¹Podes atar os laços das Plêiades, ou desatar as cordas de Órion? ³²Podes fazer sair a seu tempo a Coroa, ou guiar a Ursa com seus filhos?^b ³³Conheces as leis dos céus, Determinas o seu mapa na terra? ³⁴Consegues elevar a voz até as nuvens, e a massa das águas te obedece?c ³⁵Despachas os raios e eles vêm e te dizem: "Aqui estamos"? ³⁶Quem deu sabedoria ao íbis, e ao galo a inteligência?^d ³⁷Quem enumera as nuvens com exatidão e quem entorna os cântaros do céu, ³⁸quando o pó se funde numa massa e os torrões se conglutinam? ³⁹És tu que caças a presa para a leoa, ^e ou sacias a fome dos leõezinhos,

⁴⁰quando se recolhem nos seus covis,
ou se põem de emboscada nas moitas?
⁴¹Quem prepara ao corvo o seu alimento,
quando gritam a Deus seus filhotes
e se levantam por falta de alimento?

39¹Sabes quando parem as camurças?ª Ou assististes ao parto das corças? ²Contas os meses de sua prenhez, ou conheces o momento do parto? ³Elas se abaixam, forçam saída às crias, e livram-se de suas dores. ⁴Seus filhotes crescem e ficam fortes, saem para o campo aberto e não voltam mais. ⁵Quem pôs os asno selvagem em liberdade e soltou as rédeas do onagro? ⁶Dei-lhe por habitação a estepe e por morada o deserto salgado. ⁷Ele se ri do barulho das cidades e não ouve os gritos do arrieiro. ⁸Ele explora as montanhas, seu pasto, à procura de lugares verdejantes. ⁹Consentirá o búfalo em servir-te e passar a noite em teu estábulo? ¹⁰Podes com uma corda atrelar um boi ao sulco, grandeará os terrões atrás de ti?b ¹¹Podes fiar-te nele por ser grande a sua força, e lhe confiarás os teus labores? ¹²Contarás com ele na colheita e na armazenagem dos cereais de tua eira? ^{13c}A asa do avestruz bate alegremente, e não tem as penas da cegonha e do falcão?^d ¹⁴Abandona à terra seus ovos, para que a areia os incube, ¹⁵sem pensar que um pé possa quebrá-los e uma fera pisoteá-los. ¹⁶É cruel com seus filhotes, como se não fossem seus, e não lhe importa que malogre sua fadiga. ¹⁷É porque Deus o privou da sabedoria e não lhe concedeu inteligência. ¹⁸Mas, quando se ergue batendo os flancos, ri-se de cavalo e cavaleiro. ¹⁹És tu que dás ao cavalo seu brio, ^e e lhe revestes de crinas o pescoço? ²⁰És tu que o ensinas a saltar como gafanhoto e a relinchar com majestade e terror? ²¹Pateando escava o chão, ufano de sua força, e se lança ao encontro das armas. ²²Ri-se do medo e nada o assusta,

e não recua diante da espada. ²³Sobre ele ressoam a aliava. a lança faiscante e o dardo. ²⁴Com ímpeto e estrondo devora a distância e não para, ainda que soe o clarim. ²⁵Ao toque da trombeta ele relincha! Fareja de longe a batalha, a voz trovejante dos chefes e o grito de guerra. ²⁶É por tua sabedoria que o falção levanta voo e estende suas asas para o sul?^a ²⁷Acaso é sob tua ordem que a água remonta o voo e constrói seu ninho nas alturas? ²⁸Habita nos rochedos e lá pernoita, o penhasco é seu baluarte. ²⁹De lá espia sua presa, que de longe os seus olhos percebem. ³⁰Seus filhotes sorvem o sangue; onde houver cadáver, lá está.

40¹Iahweh falou a Jó, e disse:^b

²O adversário de Shaddai criticará?

³Jó respondeu a Iahweh:

⁴Eis que falei levianamente: que poderei responder-te?

Porei minha mão sobre a boca;

⁵falei uma vez, não repetirei;
duas vezes, nada mais acrescentarei.

SEGUNDO DISCURSO

O domínio de Deus sobre as forças do mal – ⁶Iahweh respondeu a Jó do meio da tempestade e disse:

⁷Cinge teus rins como um herói: interrogar-te-ei, e tu me responderás. ⁸Atreves-te a anular meu julgamento, ou a condernar-me, para ficares justificado? ⁹Tens, então, um braço como o deu Deus e podes trovejar com voz semelhante à sua? ¹⁰Reveste-te, pois, de glória e majestade, cobre-te de fausto e esplendor. ¹¹Derrama o ardor de tua ira e, com simples olhar, abate o arrogante. ¹²Humilha com o olhar o soberbo^c e esmaga no chão os ímpios; ¹³enterra-os todos juntos no pó e amarra-os cada qual na prisão.d ¹⁴Então também te louvarei, porque podes com tua direita garantir-te a salvação.

Beemot^a

¹⁵Vê o Beemot que eu criei igual a ti! Alimenta-se de erva como o boi. ¹⁶Vê a força de suas ancas, o vigor de seu ventre musculoso, ¹⁷quando ergue sua cauda como um cedro, trançados os nervos de suas coxas. ¹⁸Seus ossos são tubos de bronze; sua carcaça, barras de ferro. ¹⁹É a obra-prima de Deus. O seu Criador o ameaça com a espada, ²⁰proíbe-lhe a região das montanhas, ^b onde as feras se divertem. ²¹Deita-se debaixo do lótus, esconde-se entre o junco do pântano. ²²Dão-lhe sombra os lótus, e cobrem-no os salgueiros da torrente. ²³Ainda que o rio se desencadeie, ^c não se assusta, fica tranquilo, mesmo que o Jordão borbulhe até sua goela. ²⁴Quem poderá agarrá-lo pela frente, ou atravessar-lhe o focinho com um gancho?d

Leviatã^e

²⁵Poderás pescar o Leviatã com anzol e atar-lhe a língua com um corda? ²⁶Serás capaz de passar-lhe um junco pelas narinas, ou perfurar-lhe as mandíbulas com um gancho? ²⁷Virá a ti com muitas súplicas, ou dirigir-te-á palavras ternas? ²⁸Fará uma aliança contigo, para que faças dele o teu criado perpétuo? ²⁹Brincarás com ele como um pássaro, ou amarrá-lo-ás para as tuas filhas? ³⁰Negociá-lo-ão os pescadores, ou dividi-lo-ão entre si os negociantes?f ³¹Poderás crivar-lhe a pele com dardo, ou a cabeca com arpão de pesca? ³²Põe-lhe em cima a mão: pensa na luta, não o farás de novo.

41¹A tua esperança seria ilusória,
Pois somente o vê-lo atemoriza.ª
²Ninguém é tão feroz para excitá-lo;
quem, então, iria me enfrentar?
³Quem me adiantou algo para que eu o reembolse?
Tudo o que há debaixo dos céus me pertence!b
⁴Não quero calar seus membros,
o detalhe de suas façanhas, a belezac de seus membros.

⁵Quem abriu sua couraça e penetrou por sua dupla armadura?^d ⁶Quem abriu as portas de suas fauces, rodeadas de dentes terríveis? ⁷Seu dorso são fileiras de escudos, soldados com selo de pedra,^e ⁸tão unidos nuns sopro por ali passa. que nem um sopro por ali passa. ⁹Ligados estreitamente entre si e tão bem conexos, que não se podem separar. ¹⁰Seus espirros relampejam faíscas, f e seus olhos são como arrebóis da aurora. ¹¹De suas fauces irrompem tochas acesas e saltam centelhas de fogo. ¹²De suas narinas jorra fumaça, como de caldeira acesa e fervente.g ¹³Seu hálito queima como brasas, e suas fauces lançam chamas. ¹⁴Em seu pescoço reside a força, diante dele corre o pavor. ¹⁷Quando se ergue, as ondas temem e as vagas do mar se afastam.h ¹⁵Os músculos de sua carne são compactos, são sólidos e não se movem. ¹⁶Seu coração é duro como rocha, sólido como uma pedra molar. ¹⁸A espada que o atinge não resiste, nem a lança, nem o dardo, nem o arpão. ¹⁹O ferro para ele é como palha; o bronze, como madeira carcomida. ²⁰A flecha não o afugenta, as pedras da funda são felpas para ele. ²¹A maça é para ele como lasca, ri-se do sibilo dos sardos. ²²Seu ventre coberto de cacos pontudos é uma grade de ferro que se arrasta sobre o lodo. ²³Faz ferver o abismo como uma caldeira, e transforma o mar em queimador de perfumes. ²⁴Deixa atrás de si uma esteira brilhante, como se o oceano tivesse cabeleira branca.^a ²⁵Na terra ninguém se iguala a ele, pois foi feito para não ter medo. ²⁶Afronta os mais altivos, ele é rei sobre todos os filhos do orgulho.^b

42 *Última resposta de Jó* – ¹Jó respondeu a Iahweh: ²Reconheço que tudo podes e que nenhum dos teus desígnios fica frustrado. ³Quem é aquele que vela teus planos

com propósitos sem sentido?^c
Falei de coisas que não entendia,
de maravilhas que me ultrapassam.

⁴(Escuta-me, que vou falar;
Interrogar-te-ei e tu me responderás.)^d

⁵Eu te conhecia só de ouvir,
mas agora meus olhos te veem:^e

⁶por isso, retrato-me
e faço penitência no pó e na cinza,

V. Epílogo

Ianhweh repreende os três sábios – ⁷Quando Iahweh acabou de dirigir a Jó essas palavras, disse a Elifaz de Temã: "Estou indignado contra ti e teus dois companheiros, porque não falastes corretamente de mim, como o fez meu servo Jó. ⁸Tomai, pois, sete novilhos e sete carneiros e dirigi-vos ao meu servo Jó. Oferecei-os em holocausto, e ele intercederá por vós. Em atenção a ele, ^g não vos tratarei como merece vossa temeridade, por não terdes falado corretamente de mim, como o fez meu servo Jó." ⁹Elifaz de Temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamat fizeram como Iahweh lhes ordenara e ele atendeu às orações de Jó.

Iahweh restaura a felicidade de Jó – ¹⁰Então Iahweh mudou a sorte de Jó, quando intercedeu por seus companheiros, e duplicou todas as suas posses. ¹¹Vieram visita-lo seus irmãos e irmãs e os antigos conhecidos; almoçaram em sua casa, consolaram-no e confortaram-no pela desgraça que Iahweh lhe tinha enviado; cada um ofereceu-lhe uma soma de dinheiro^h e um anel de ouro. ¹²Iahweh abençoou a jó pelo fim de sua vida mais do que no pricípio; possuía agora catorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentas. ¹³Teve sete filhos^a e três filhas: ¹⁴a primeira chamava-se "Rola", a segunda "Cássia", e a terceira "Azeviche". ¹⁵Não havia em toda a terra mulheres mais belas que as filhas de Jó. Seu pai lhes repartiu heranças como a seus irmãos. ^b

¹⁶Depois desses acontecimentos, Jó viveu cento e quarenta anos, e viu seus filhos e os filhos de seus filhos até à quarta geração. ¹⁷E Jó morreu velho e cheio de dias.

ANEXO B - REI ÉDIPO - SÓFOCLES

PERSONAGENS

O REI ÉDIPO
OSACERDOTE
CREONTE TIRESIAS
JOCASTA
UM MENSAGEIRO
UM SERVO
UM EMISSÁRIO

CORO DOS ANCIÃOS DE TEBAS

A ação passa-se em *Tebas (Cadméia)*, diante do palácio do rei ÉDIPO. Junto a cada porta há um altar, a *que se sobe* por três degraus. O povo está ajoelhado em tomo dos altares, *trazendo ramos de* louros *ou de* oliveira. Entre os anciãos está um *sacerdote de* Júpiter. Abre-se a porta central; ÉDIPO aparece, contempla o povo, e fala em tom paternal.

ÉDIPO

Ó meus filhos, gente nova desta velha cidade de Cadmo, por que vos prosternais assim, junto a estes altares, tendo nas mãos os ramos dos suplicantes? Sente-se, por toda a cidade, o incenso dos sacrifícios; ouvem-se gemidos, e cânticos fúnebres. Não quis que outros me informassem da causa de vosso desgosto; eu próprio aqui venho, eu, o rei Édipo, a quem todos vós conheceis. Eia! Responde tu, ó velho; por tua idade veneranda convém que fales em nome do povo. Dize-me, pois, que motivo aqui vos trouxe? Que terror, ou que desejo vos reuniu? Careceis de amparo? Quero prestar-vos todo o meu socorro, pois eu seria insensível à dor, se não me condoesse de vossa angústia.

O SACERDOTE

Édipo, tu que reinas em minha pátria, bem vês esta multidão pros- ternada diante dos altares de teu palácio; aqui há gente de toda a condição: crianças que mal podem caminhar, jovens na força da vida, e velhos curvados pela idade, como eu, sacerdote de Júpiter. E todo o restante do povo, conduzindo ramos de oliveira, se espalha pelas praças públicas, diante dos templos de Minerva, em torno das cinzas proféticas de Apolo Ismênio! Tu bem vês que Tebas se debate numa crise de calamidades, e que nem sequer pode erguer a cabeça do abismo de sangue em que se submergiu; ela perece nos germens fecundos da terra, nos rebanhos que definham nos pastos, nos insucessos das mulheres cujos filhos não sobrevivem ao parto. Brandindo seu archote, o deus maléfico da peste devasta a cidade e dizima a raça de Cadmo; e o sombrio Hades se enche corri os nossos gemidos e gritos de dor. Certamente, nós não te igualamos aos deuses imortais; mas, todos nós, eu e estes jovens, que nos acercamos de teu lar, vemos em ti o primeiro dos homens, quando a desgraça nos abala a vida, ou quando se faz preciso obter o apoio da divindade. Porque tu livraste a cidade de Cadmo do tributo que nós pagávamos à cruel Esfinge; sem que tivesses recebido de nós qualquer aviso, mas com o auxilio de algum deus, salvaste nossas vidas. Hoje, de novo aqui estamos, Édipo; a ti, cujas virtudes admiramos, nós vimos suplicar que, valendo-te dos conselhos humanos, ou do patrocínio dos deuses, dês remédios aos nossos males; certamente os que possuem mais longa experiência é que podem dar os conselhos mais eficazes! Eia, Édipo! Tu, que és o mais sábio dos homens, reanima esta infeliz cidade, e confirma tua glória! Esta nação, grata pelo serviço que já lhe prestaste, considera-te seu salvador; que teu reinado não nos faça pensar que só fomos salvos por ti, para recair no infortúnio, novamente! Salva de novo a cidade; restitui-nos a tranquilidade, ó Édipo! Se o concurso dos deuses te valeu, outrora, para nos redimir do perigo, mostra, pela segunda vez, que és o mesmo! Visto que desejas continuar no trono, bem melhor será que reines sobre homens, do que numa terra deserta. De que vale uma cidade, de que serve um navio, se no seu interior não existe uma só criatura humana?

ÉDIPO

Ó meus filhos, tão dignos de piedade! Eu sei, sei muito bem o que viestes pedir-me. Não desconheço vossos sofrimentos; mas na verdade, de todos nós, quem mais se aflige sou eu. Cada um de vós tem a sua queixa; mas eu padeço as dores de toda a cidade, e as minhas próprias. Vossa súplica não me encontra descuidado; sabei que tenho já derramado

abundantes lágrimas, e que meu espírito inquieto já tem procurado remédio que nos salve. E a única providência que consegui encontrar, ao cabo de longo esforço, eu a executei imediatamente. Creonte, meu cunhado, filho de Meneceu, foi por mim enviado ao templo de Apolo, para consultar o oráculo sobre o que nos cumpre fazer para salvar a cidade. E, calculando os dias decorridos de sua partida, e o de hoje, sinto-me deveras inquieto; que lhe terá acontecido em viagem? Sua ausência já excede o tempo fixado, e sua demora não me parece natural. Logo que ele volte, considerai-me um criminoso se eu não executar com presteza tudo o que o deus houver ordenado.

O SACERDOTE

Realmente, tu falas no momento oportuno, pois acabo de ouvir que Creonte está de volta.

ÉDIPO

Ó rei Apolo! Tomara que ele nos traga um oráculo tão propício, quanto alegre se mostra sua fisionomia!

O SACERDOTE

Com efeito, a resposta deve ser favorável; do contrário, ele não viria assim, com a cabeça coroada de louros.

ÉDIPO

Vamos já saber; ei-lo que se aproxima, e já nos pode falar. O príncipe, meu cunhado, filho de Meneceu, que resposta do deus Apoio tu nos trazes?

Entra CREONTE

CREONTE

Uma resposta favorável, pois acredito que mesmo as coisas desagradáveis, se delas nos resulta algum bem, tomam-se uma felicidade.

ÉDIPO

Mas, afinal, em que consiste essa resposta? O que acabas de dizer não nos causa confiança, nem apreensão.

CREONTE

(*Indicando o povo ajoelhado*.) Se queres ouvir-me na presença destes homens, eu falarei; mas estou pronto a entrar no palácio, se assim preferires.

ÉDIPO

Fala perante todos eles; o seu sofrimento me causa maior desgosto do que se fosse meu, somente.

CREONTE

Vou dizer, pois, o que ouvi da boca do deus". O rei Apoio ordena, expressamente, que purifiquemos esta terra da mancha que ela mantém; que não a deixemos agravar-se até tornar-se incurável.

ÉDIPO

Mas, por que meios devemos realizar essa purificação? De que mancha se trata?

CREONTE

Urge expulsar o culpado, ou punir, com a morte, o assassino, pois o sangue maculou a cidades.

ÉDIPO

De que homem se refere o oráculo à morte?

CREONTE

Laio, o príncipe, reinou outrora neste país, antes que te tornasses nosso rei.

ÉDIPO

Sim; muito ouvi falar nele, mas nunca o vi.

CREONTE

Tendo sido morto o rei Laio, o deus agora exige que seja punido o seu assassino, seja quem for.

ÉDIPO

Mas onde se encontra ele? Como descobrir o culpado de um crime tão antigo?

CREONTE

Aqui mesmo, na cidade, afirmou o oráculo. Tudo o que se procura, será descoberto; e aquilo de que descuramos, nos escapa.

ÉDIPO fica pensativo por um momento ÉDIPO

Foi na cidade, no campo, ou em terra estranha que se cometeu o homicídio de Laio?

CREONTE

Ele partiu de Tebas, para consultar o oráculo, conforme nos disse, e não mais voltou.

ÉDIPO

E nenhuma testemunha, nenhum companheiro de viagem viu qualquer coisa que nos possa esclarecer a respeito?

CREONTE

Morreram todos, com exceção de um único, que, apavorado, conseguiu fugir, e de tudo o que viu só nos pôde dizer uma coisa.

ÉDIPO

Que disse ele? Uma breve revelação pode facilitar-nos a descoberta de muita coisa, desde que nos dê um vislumbre de esperança.

CREONTE

Disse-nos ele que foram salteadores que encontraram Laio e sua escolta, e o mataram. Não um só, mas um numeroso bando.

ÉDIPO

Mas como, e para que teria o assassino praticado tão audacioso atentado, se não foi coisa tramada aqui, mediante suborno?

CREONTE

Também a nós ocorreu essa idéia; mas, depois da morte do rei,ninguém pensou em castigar o criminoso, tal era a desgraça que nos ameaçava.

ÉDIPO

Que calamidade era essa, que vos impediu de investigar o que se passara?

CREONTE

A Esfinge, com seus enigmas, obrigou-nos a deixar de lado os Fatos incertos, para só pensar no que tínhamos diante de nós.

ÉDIPO

Está bem; havemos de voltar à origem desse crime, e pô-lo em evidência. É digna de Apoio, e de ti, a solicitude que tendes pelo morto; por isso mesmo ver-me-eis secundando vosso esforço, a fim de reabilitar e vingar a divindade e o país ao mesmo tempo. E não será por um estranho, mas no meu interesse que resolvo punir esse crime; quem quer que haja sido o assassino do rei Laio bem pode querer, por igual forma, ferir-me com a mesma audácia. Auxiliando-vos, portanto, eu sirvo a minha própria causas. Eia, depressa, meus filhos! Ergueivos e tomai vossas palmas de suplicantes; que outros convoquem os cidadãos de Cadmo; eu não recuarei diante de obstáculo algum! Com o auxilio do Deus, ou seremos todos felizes, ou ver-se-á nossa total ruína!

O SACERDOTE

Levantemo-nos, meus filhos! O que ele acaba de anunciar é, preci- samente, o que vínhamos pedir aqui. Que Apoio, que nos envia essa predição oracular, possa-nos socorrer, também, para pôr um fim ao flagelo que nos tortura!

Saem ÉDIPO, CREONTE, O SACERDOTE. Retira-se o POVO.

Entra O CORO, composto de quinze notáveis tebanos.

O CORO

Doce palavra de Zeus, que nos trazes do santuário dourado de Delfos à cidade ilustre de Tebas? Temos o espírito conturbado pelo terror, e o desespero nos quebranta. Ó Apoio, nume tutelar de Delos, tu que sabes curar todos os males, que sorte nos reservas agora, ou pelos anos futuros? Dize-nos tu, filha da áurea Esperança, divina voz imortal! Também a ti recorremos, ó filha de Zeus. Palas eterna, e a tua divina irmã, Diana, protetora de nossa pátria, em seu trono glorioso na Ágora imensa; e Apoio, que ao longe expede suas setas; vinde todos vós em nosso socorro; assim como já nos salvastes outrora de uma desgraça que nos ameaçava, vinde hoje salvar-nos de novo! Ai de nós, que sofremos dores sem conta! Todo o povo atingido pelo contágio, sem que nos venha à mente recurso algum, que nos possa valer! Fenecem os frutos da terra; as mães não podem resistir às dores do parto; e as vítimas de tanta desgraça atiram-se à região do deus das trevas. Privada desses mortos inúmeros, a cidade perece, e, sem piedade, sem uma só lágrima, jazem os corpos pelo chão, espalhando o contágio terrível; as esposas, as mães idosas, com seus cabelos brancos, nos degraus dos altares para onde correm de todo os pontos, soltam gemidos pungentes, implorando o fim de tanta desventura. E a lamúria dolorosa se juntam os sons soturnos do péan. Dileta filha dourada de Júpiter, envia-nos, sorridente, o teu socorro!E o poderoso Marte, que ora nos inflama sem o bronze dos escudos, ferindo-nos no meio destes gritos de

horror, afungentai-o para bem longe de nossa terra, ou para o vastíssimo leito de Anfitrite, ou para as ondas inóspitas dos mares da Trácia porque o que a noite não mata, o dia imediato com certeza destrói. Ó Júpiter, nosso Pai, senhor das faíscas ofuscantes, esmaga esse Marte impiedoso sob teus raios terríveis! Ó rei Lício, nós pedimos que de teu arco de ouro tuas flechas invencíveis fossem lançadas para nos socorrer, para nos proteger, bem como as tochas ardentes de Diana, com as quais ela percorre as colinas de tua terra. Invocamos também o deus de dourada fiara, que usa o nome de nosso país, Baco, de rubicundas faces, o deus da alegria, para que, com seu cortejo de ninfas, corra também em nosso auxílio, com seu flamejante archote, contra esse deus cruel, que ninguém venera!

Reaparece GRIPO, que sai do palácio durante a última estrofe

ÉDIPO

(Ao Corifeu.) Tu ergues tua súplica; e o que vens pedir aos deuses, a proteção e o alívio a teus males, tu obterás, sem demora, se quiseres ouvir minhas palavras, e agir como se faz mister, em face do flagelo. Estas palavras, dirijo a todos vós, cidadãos, sem que nada saiba acerca do assassínio: sou estranho ao crime, e a tudo o que dele se conta; assim, ouvi o que tenho a vos recomendar. Pouco avançaremos em nossas pesquisas, se não me fornecerdes alguns indícios. Só depois desse atentado é que fui admitido como cidadão entre vós; e por isso a todos vós, tebanos, declaro o seguinte: Quem quer que saiba quem matou Laio, filho de Lábdaco, fica intimado a vir à minha presença para mo dizer; mesmo que receie alguma consequência da denúncia, o criminoso que fale, antecipando uma acusação de outrem, pois nenhuma outra pena sofrerá, senão a de ser exilado do país, sem que sua vida corra perigo. Se alguém sabe que o homicida não é tebano, mas estrangeiro, não deve ocultar essa revelação, pois terá uma recompensa e o meu reconhecimento. Mas, se vós silenciais, ou se alguém, por mero temor, deixar de indicar um amigo, ou de se denunciar, eis o que ordeno que se faça, e o que ele deve saber de mim: Que nenhum habitante deste reino, onde exerço o poder soberano, receba esse indivíduo, seja quem for; e não lhe dirija a palavra, nem permita que ele participe de preces ou de holocaustos, ou receba a água lustral. Que todos se afastem dele, e de sua casa, porque ele é uma nódoa infamante, conforme acaba de nos revelar o oráculo do deus. Eis aí como quero servir à divindade, e ao finado rei. E, ao criminoso desconhecido, eu quero que seja para sempre maldito! Quer haja cometido o crime só, quer tenha tido cúmplices, que seja rigorosamente punido, arrastando, na desgraça, uma vida miserável... E se algum dia eu o recebi voluntariamente no meu lar, que sobre mim recaia essa maldição e os males que ela trará! Eu vos conjuro, cidadãos! Atendei a tudo o que vos digo, por mim, pelo deus Apolo, e por este país que perece na esterilidade e na cólera divina! Ainda que essa purificação não nos fosse prescrita pelo deus, não seria possível deixar que a cidade continuasse poluída, visto que o morto era um homem bom, e era o rei! Ao contrário, deveríamos realizar todas as pesquisas possíveis! Para tanto esforçar-me-ei agora, eu, que herdei o poder que Laio exercia, eu que tive o seu lar, que recebi sua esposa como minha esposa, e que teria perfilhado seus filhos, se ele os tivesse deixado! Sim! Por todas essas razões, como se ele fosse meu pai, tudo farei para descobrir o assassino desse filho de Lábdaco, digno descendente de Polidoro, de Cadmo e do lendário Agenor. A todos quantos se recusem a me obedecer, desejo que os deuses lhes neguem todo e qualquer fruto da terra, e prole de suas esposas; e quero que para sempre padeçam de todos os males que ora sofremos, e de outros ainda mais cruéis. E a vós tebanos, que, certamente, aprovais meus desígnios, que a Justiça vos proteja, e que todos os deuses vos sejam propícios!

CORIFEU

Eu te falarei, ó rei, conforme determinas com tuas tremendas maldições. Nenhum de nós foi o

matador de Laio; nenhum de nós sabe indicar quem o tenha sido! Que o deus Apolo, que ordenou essa pesquisa, possa revelar-nos quem teria, há tanto tempo já, cometido esse horrendo crime!

ÉDIPO

É justo o que dizes; mas não está em nosso poder coagir a divindade a proceder de forma contrária à sua vontade.

CORIFEU

Nova idéia proporei, além da que já disse.

ÉDIPO

E, se tens uma terceira, fala! Não deixes de a formular!

CORIFEU

Conheço alguém que, quase tanto como Apolo, sabe dos mistérios profundos! É Tirésias. Se o interrogarmos, ó príncipe, ele nos dirá claramente o que se passou.

ÉDIPO

Não esqueci esse recurso; a conselho de Creonte mandei dois emissários procurá-lo. Admira-me que ainda não tenham chegado.

CORIFEU

Todos os rumores que outrora circulavam eram frívolos e antiquados.

ÉDIPO

Que rumores? Eu estimaria conhecer tudo o que então se acreditava.

CORIFEU

Diziam que Laio foi morto por uns viajantes.

ÉDIPO

Também isso ouvi dizer; mas não apareceu uma só testemunha ocular.

CORIFEU

Por muito pouco sensível que o assassino seja ao temor, quando souber da maldição terrível que proferiste, não resistirá! .

ÉDIPO

Quem não receou cometer um crime tal, não se deixará impressio- nar por simples palavras.

O CORO

Acaba de chegar quem tudo nos vai descobrir! Trazem aqui o divino profeta, o único, entre todos os homens, que sabe desvendar a verdade!

Entra TIRÉSIAS, velho e cego, guiado por um menino. Escoltam-no dois servidores de ÉDIPO.

EDIPO

Ó Tirésias, que conheceis todas as coisas, tudo o que se possa averiguar, e o que deve permanecer sob mistério; os signos do céu e os da terra... Embora não vejas, tu sabes do mal que a cidade sofre; para defendê-la, para salvá-la, só a ti podemos recorrer, ó Rei!" Apolo, con- forme deves ter sabido por meus emissários, declarou a nossos mensageiros que só nos libertaremos do flagelo que nos maltrata se os assas- sinos de Laio forem descobertos nesta cidade, e mortos ou desterrados. Por tua vez, Tirésias, não nos recuses as revelações oraculares dos pássaros, nem quaisquer outros recursos de tua arte divinatória; salva a cidade, salva a ti próprio, a mim, e a todos, eliminando esse estigma que provém do homicídio. De ti nós dependemos agora! Ser útil, quando para isso temos os meios e poderes, ë a mais grata das tarefas!

TIRÉSIAS

Oh! Terrível coisa é a ciência, quando o saber se toma inútil! Eu bem assim pensava; mas creio que o esqueci, pois do contrário não teria consentido em vir até aqui.

ÉDIPO

Que tens tu, Tirésias, que estás tão desalentado?

TIRÉSIAS

Ordena que eu seja reconduzido a minha casa, ó rei. Se me atenderes, melhor será para ti, e para mim.

ÉDIPO

Tais palavras, de tua parte, não são razoáveis, nem amistosas para com a cidade que te mantém, visto que lhe recusas a revelação que te solicita.

TIRÉSIAS

Para teu benefício, eu bem sei, teu desejo é inoportuno. Logo, a fim de não agir imprudentemente...

ÉDIPO

Pelos deuses! Visto que sabes, não nos ocultes a verdade!

Todos nós, todos nós, de joelhos, te rogamos!

TIRÉSIAS

Vós delirais, sem dúvida! Eu causaria a minha desgraça, e a tua!

ÉDIPO

Que dizes?!... Conhecendo a verdade, não falarás? Por acaso tens o intuito de nos trair, causando a perda da cidade?

TIRÉSIAS

Jamais causarei tamanha dor a ti, nem a mim! Por que me interrogas em vão? De mim nada ouvirás!

ÉDIPO

Pois quê! Ó tu, o mais celerado de todos os homens! Tu irritarias um coração de pedra! E continuarás assim, inflexível e inabalável?

TIRÉSIAS

Censuras em mim a cólera que estou excitando, porque ignoras ainda a que eu excitaria em outros! Ignoras... e, no entanto, me injurias!

ÉDIPO

Quem não se irritaria, com efeito, ouvindo tais palavras, que provam o quanto desprezas esta cidade!

TIRESIAS

O que tem de acontecer, acontecerá, embora eu guarde silêncio!...

ÉDIPO

Visto que as coisas futuras fatalmente virão, tu bem podes predizê-Ias!

TIRÉSIAS

Nada mais direi! Deixa-te levar, se quiseres, pela cólera mais violenta!

ÉDIPO

Pois bem! Mesmo irritado, como estou, nada ocultarei do que penso! Sabe, pois, que, em minha opinião, tu foste cúmplice no crime, talvez tenhas sido o mandante, embora não o tendo cometido por tuas mãos. Se na fosse cego, a ti, somente, eu acusaria como autor do crime.

TIRÉSIAS

Será verdade? Pois EU! EU é que te ordeno que obedeças ao decreto que tu mesmo baixaste, e que, a partir deste momento, não dirijas a palavra a nenhum destes homens, nem a mim, porque o ímpio que está profanando a cidade ÉS TU!

ÉDIPO

Quê? Tu te atreves, com essa impudência, a articular semelhante acusação, e pensas, porventura, que sairás daqui impune?

TIRÉSIAS

O que está dito, está! Eu conheço a verdade poderosa!

ÉDIPO

Quem te disse isso? Com certeza não descobriste por meio de arti-fícios!

IRESIAS

Tu mesmo! Tu me forçaste a falar, bem a meu pesar!

ÉDIPO

Mas, que dizes, afinal? Não te compreendo bem! Vamos! Repete tua acusação!

TIRESIAS

Afirmo QUE ÉS TU o assassino que procuras!

ÉDIPO

Oh! Não repetirás impunemente tão ultrajante acusação!

TIRÉSIAS

Será preciso que eu continue a falar, provocando ainda mais tua cólera?

ÉDIPO

Fala o quanto quiseres... O que dizes, de nada valerá.

TIRÉSIAS

Pois eu asseguro que te uniste, criminosamente, sem o saber, àqueles que te são mais caros; e que não sabes ainda a que desgraça te lançaste!

ÉDIPO

Crês tu que assim continuarás a falar, sem consequências?

ÉDIPO

Crês tu que assim continuarás a falar, sem consequências?

TIRÉSIAS

Certamente! Se é que a verdade tenha alguma força!

ÉDIPO

Sim! Ela a tem; mas não em teu proveito! Em tua boca, ela já se mostra fraca... Teus ouvidos e tua consciência estão fechados, como teus olhos.

TIRÉSIAS

E és tu, ó rei infeliz! - que me fazes agora esta censura... mas um dia virá, muito breve, em que todos, sem exceção, pior vitupério hão de formular contra ti!

ÉDIPO

Tu vives na treva... Não poderias nunca ferir a mim, ou a quem quer que viva em plena luz.

TIRÉSIAS

Não é destino teu cair vítima de meus golpes. Apolo para isso bastará, pois tais coisas lhe competem.

ÉDIPO

Isso tudo foi invenção tua, ou de Creonte?

TIRÉSIAS

Creonte em nada concorreu para teu mal; tu somente és teu pró- prio inimigo.

ÉDIPO

Ó riqueza! Ó poder! Ó glória de uma vida consagrada à ciência, quanta inveja despertais contra o homem a quem todos admiram! Sim! Porque do império que Tebas pós em minhas mãos sem que eu o houvesse pedido, resulta que Creonte, meu amigo fiel, amigo desde os primeiros dias, se insinua sub-repticiamente sob mim, e tenta derrubar-me, subornando este feiticeiro, este forjador de artimanhas, este pérfido charlatão que nada mais quer, senão dinheiro, e que em sua arte é cego. Porque, vejamos: dize tu, Tirésias! Quando te revelaste um adivinho clarividente? Por que, quando a Esfinge propunha aqui seus enigmas, não sugeriste aos tebanos uma só palavra em prol da salvação da cidade? A solução do problema

não devia caber a qualquer um; tomava-se necessária a arte divinatória. Tu provaste, então, que não sabias interpretar os pássaros, nem os deuses. Foi em tais condições que eu aqui vim ter; eu, que de nada sabia; eu, Édipo, impus silêncio à terrível Esfinge; e não foram as aves, mas o raciocínio o que me deu a solução. Tentas agora afastar-me do poder, na esperança de te sentares junto ao trono de Creonte!... Quer me parecer que a ti, e a teu cúmplice, esta purificação de Tebas vai custar caro. Não fosses tu tão velho, e já terias compreendido o que resulta de uma traição!

CORIFEU

A nosso ver, ó Rei, tanto tuas palavras, como as de Tirésias, foram inspiradas pela cólera. Ora, não se trata agora de julgar esses debates; o que urge é dar cumprimento ao oráculo de Apoio.

TIRÉSIAS

Se tu possuis o régio poder, ó Édipo, eu posso falar-te de igual para igual! Tenho esse direito! Não sou teu subordinado, mas sim de Apoio; tampouco jamais seria um cliente de Creonte. Digo-te, pois, já que ofendeste minha cegueira, - que tu tens os olhos abertos ã luz, mas não enxergas teus males, ignorando quem és, o lugar onde estás, e quem é aquela com quem vives. Sabes tu, por acaso, de quem és filho? Sabes que és o maior inimigo dos teus, não só dos que já se encontram no Hades, como dos que ainda vivem na terra? Um dia virá, em que serás expulso desta cidade pelas maldições maternas e paternas. Vês agora tudo claramente; mas em breve cairá sobre fi a noite eterna. Que asilo encontrarás, que não ouça teus gemidos? Que recanto da terra não vibrará com tuas lamentações quando souberes em que funesto consórcio veio terminar tua antiga carreira? Tu não podes prever as misérias sem conta que te farão igual, na desdita, a teus filhos. E agora... podes lançar toda a infâmia sobre mim, e sobre Creonte, porque nenhum mortal, mais do que tu, sucumbirá ao peso de ta- manhas desgraças!

ÉDIPO

Quem poderá suportar palavras tais? Vai-te daqui, miserável! Retira-te, e não voltes mais!

TIRESIAS

Eu não teria vindo, se não me chamasses!

ÉDIPO

Nunca pensei que viesses aqui dizer tantas tolices; do contrário, não te mandaria buscar!

TIRÉSIAS

Tu me consideras tolo; mas para teus pais -- os que te deram a vida - eu sempre fui ajuizado.

ÉDIPO

Que pais? Espera um momento!... Dize: quem me deu a vida?

TIRÉSIAS

Este dia mesmo far-te-á sabedor de teu nascimento, e de tua morte!

ÉDIPO

Como é obscuro e enigmático tudo o que dizes!

TIRÉSIAS

Não tens sido hábil na decifração de enigmas?

ÉDIPO

Podes insultar-me... Hás de me engrandecer ainda.

TIRÉSIAS

Essa grandeza é que causa tua infelicidade!

ÉDIPO

Se eu já salvei a cidade... O mais, que importa?

TIRÉSIAS

Eu me retiro. Ó menino! Vem guiar-me!

ÉDIPO

Sim... é prudente que ele te leve! Tua presença me importuna; longe daqui não me molestarás.

TIRÉSIAS

Vou-me embora, sim; mas antes quero dizer o que me trouxe aqui, sem temer tua cólera, porque não me podes fazer mal. Afirmo-te, pois: o homem que procuras há tanto tempo por meio de ameaçadoras proclamações, sobre a morte de Laio, ESTA AQUI! Passa por estrangeiro domiciliado, mas logo se verá que é tebano de nascimento, e ele não se alegrará com essa descoberta. Ele vê, mas tomar-se-á cego; é rico, e acabará mendigando; seus passos o levarão à terra do exílio, onde tateará o solo com seu bordão. Ver-se-á, também, que ele é, ao mesmo tempo, irmão e pai de seus filhos, e filho e esposo da mulher que lhe deu a vida; e que profanou o leito de seu pai, a quem matara. Vai, Édipo! Pensa sobre tudo isso em teu palácio; se me convenceres de que minto, podes, então, declarar que não tenho nenhuma inspiração profética.

(Sai TIRÉSIAS)

ÉDIPO entra no palácio

O CORO

Quem será o infeliz a quem o rochedo fatídico de Delfos designa como autor dos mais monstruosos crimes? Eis o momento em que ele deveria fugir, mais veloz que os rápidos cavalos, e mais impetuoso que a tempestade! Porque, armado com os raios fulminantes, Apolo, filho de Júpiter, já se atira contra ele, perseguido pelas inexoráveis Fúrias. Do nevoento Parmaso acaba de chegar até nós um brado horrível: que todos persigam, pelo rasto que deixa, esse criminoso desconhecido; ele vagueia pelas florestas, esconde-se nas cavernas, ou galga as montanhas como um touro acuado. Infeliz, sua corrida insana isola-o cada vez mais dos homens; em vão procura fugir aos oráculos que nos vêm, do centro do mundo, e que, eternamente vivos, esvoaçam em tomo dele...

ÉDIPO

Terríveis, - sim! - terríveis são as dúvidas que me causam as palavras do hábil adivinho. Não sei se ele está, ou não, com a verdade; não atino o que deva pensar a respeito... Meu espírito vacila, incerto, sem compreender o passado, nem o presente. Que conflito pode haver entre os filhos de Lábdaco e os de Políbio? Nem outrora, nem hoje, nada soubemos que forneça uma prova contra a honorabilidade de Édipo, e que nos leve a vingar, em favor dos

Labdácidas, um crime cujo autor se ignora!Mas Júpiter e Apoio são clarividentes; eles conhecem as ações dos mortais; que um adivinho saiba, a tal respeito, mais do que nós, isso é que nada nos garante; só pela inteligência pode um homem sobrepujar a outro. Enquanto não se justificar a afirmação do adivinho, não apoia- rei os que acusem Édipo. Porque foi perante todos que outrora veio contra ele a virgem alada"; vimos bem o quanto ele é inteligente, e foi mediante essa prova magnífica que ele se tomou querido pela cidade. Assim, meu espírito nunca o acusará de um crime!

Entra CREONTE, possuído de forte irritação CREONTE

Cidadãos! Acabo de saber que Édipo formulou contra mim gravís- simas acusações, que eu não posso admitir! Aqui estou para me defen- der! Se, no meio da desgraça que nos aflige, ele supõe que eu o tenha atacado, por palavras ou atos, não quero permanecer sob o vexame de semelhante suspeita, pois para mim isso não seria ofensa de somenos valor, mas sim uma profunda injúria, qual a de ser por vós, e por meus amigos, considerado um traidor!

CORIFEU

Talvez essa acusação injuriosa lhe tenha sido ditada pela cólera momentânea, e não pela reflexão.

CREONTE

Quem teria insinuado a lúdipo que por meu conselho o adivinho proferiu aquelas mentiras?

CORIFEU

Realmente, ele assim declarou, mas não sei com que fundamento. `

CREONTE

E foi com olhar sereno e raciocínio seguro que ele ergueu tal de-núncia?

CORIFEU

Não sei dizer... Não posso penetrar no íntimo dos poderosos; mas... ei-lo que sai do palácio.

Entra ÉDIPO, bruscamente ÉDIPO

Que vieste fazer aqui? Tens coragem de vir a minha casa, tu, que

conspiras contra minha vida, e pretendes arrancar-me o poder? Vamos! Dize-me, pelos deuses! pensas tu, por acaso, que eu seja um covarde, ou um demente, para conceberes tais projetos? Supunhas que eu nunca viesse a saber de tuas ações secretas, e que não as punisse logo que fossem descobertas? Não será intento de um louco pretender, sem riqueza e sem prosélitos, uma autoridade que somente nos podem dar o povo e a fortuna?

CREONTE

Sabes o que importa fazer? Deixa-me responder a tuas palavras de igual para igual, e só me julgues depois de me teres ouvido!

ÉDIPO

Tu és hábil em manobrar a palavra; mas eu não me sinto disposto a ouvir-te, sabendo que tenho em ti um inimigo perigoso.

CREONTE

A tal respeito, ouve o que te quero dizer.

ÉDIPO

Sim; ouvirei; mas não insistas em afirmar que não és culpado.

CREONTE

Tu te enganas, se crés que a teimosia seja uma virtude.

ÉDIPO

E tu não te iludas pensando que ofenderás a um parente, sem que recebas o devido castigo.

CREONTE

De acordo; tens razão nesse ponto; mas dize-me qual foi a ofensa que te fiz!

ÉDIPO

Foste tu, ou não, quem me aconselhou a mandar vir esse famoso profeta?

CREONTE

Sim; e mantenho minha opinião acerca dele.

ÉDIPO

Há quanto tempo Laio. Morreu?

CREONTE

Mas que fez ele? Não compreendo!...

ÉDIPC

Desapareceu, vítima de um assassino?

CREONTE

Já lá se vão muitos anos!

ÉDIPO

E já nesse tempo Tirésias exercitava sua ciência?

CREONTE

Sim; ele já era, então, sábio e respeitado.

ÉDIPO

E, nessa época, disse ele alguma coisa a meu respeito?

CREONTE

Nunca! pelo menos em minha presença.

ÉDIPO

E vós não fizestes pesquisas a fim de apurar o crime?

CREONTE

Fizemos, certamente, mas nada se descobriu.

ÉDIPO

Como se explica, pois, que esse homem tão hábil, não tivesse dito então o que diz hoje?

CREONTE

Não sei; e, quando desconheço uma coisa, prefiro calar-me!

ÉDIPO

Tu não ignoras, no entanto, e deves em plena consciência confes- sar...

CREONTE

Que devo eu confessar? Tudo o que souber, direi!

ÉDIPO

...Que, se ele não estivesse de conluio contigo, nunca viria dizer que a morte de Laio foi crime por mim cometido.

CREONTE

Que ele disse, tu bem sabes. Mas também eu tenho o direito de te dirigir algumas perguntas.

ÉDIPO

Pois interroga-me! Tu não me convencerás de que haja sido eu o assassino.

CREONTE

Ora vejamos: tu desposaste minha irmã?

ÉDIPO

É impossível responder negativamente a tal pergunta.

CREONTE

E reinas tu neste país com ela, que partilha de teu poder supremo?

ÉDIPO

Sim; e tudo o que ela deseja, eu imediatamente executo.

CREONTE

E não serei eu igualmente poderoso, quase tanto como vós?

ÉDIPO

Sim; e por isso mesmo é que pareces ser um pérfido amigo.

CREONTE

Não, se raciocinares como eu. Examina este primeiro ponto: acreditas que alguém prefira o trono, com seus encargos e perigos, a uma vida tranqüila, se também desfruta poder idêntico? Por minha parte, ambiciono menos o título de rei, do que o prestígio real; e como eu pensam todos quantos saibam limitar suas ambições. Hoje alcanço de ti tudo quanto desejo: e nada tenho a temer... Se fosse eu o rei, muita coisa, certamente, faria contra a minha vontade... Como, pois, iria eu pretender a realeza, em troca de um valimento que não me causa a menor preocupação? Não me julgo tão insensato que venha a cobiçar o que não seja para mim, ao mesmo tempo honroso e proveitoso. Atualmente, todos me saúdam, todos me acolhem com simpatia; os que algo pretendem de ti, procuram conseguir minha intercessão; para muitos é graças a meu patrocínio que tudo se resolve. Como, pois,

deixar o que tenho, para pleitear o que dizes? Tamanha perfídia seria também uma verdadeira tolice! Não me seduz esse projeto; e, se alguém se propusesse a tentá-lo, eu me oporia à cua realização. Eis a prova do que afirmo: vai tu mesmo a Delfos e procura saber se eu não transmiti fielmente a resposta do oráculo. Eis outra indicação: se tu pro vares que eu estou de concerto com o adivinho, condenar-me-ás à morte não por um só voto, mas por dois: o teu e o meu. Não me acuses baseado em vagas suspeitas, sem me ouvir primeiro. Não é lícito julgar levianamente como perversos, os homens íntegros, assim como não é justo considerar íntegros os homens desonestos. Rejeitar um amigo fiel, penso eu, equivale a desprezar a própria vida, esse bem tão precioso! O tempo fará com que reconheças tudo isso com segurança, pois só ele nos pode revelar quando os homens são bons, ao passo que um só dia basta para evidenciar a maldade dos maus.

CORIFEU

Para quem, sinceramente, quer evitar a injustiça, ele muito bem te falou, ó rei. É sempre falível o julgamento de quem decide sem ponde- ração!

ÉDIPO

A fim de revidar um ataque às ocultas urdido contra mim, devo estar pronto, sempre, para a defesa. Se eu esperar tranquilamente, os planos deste homem serão realizados, e os meus fracassarão.

CREONTE

Que pretendes tu, nesse caso? Exilar-me do país?

ÉDIPO

Não!; tua morte, e não apenas o desterro o que eu quero.

CREONTE

Mas... quando puderes comprovar que eu conspiro contra ti!

ÉDIPO

Falas como quem se dispõe a não obedecer?

CREONTE

Sim, porque vejo que não estás deliberando com discernimento.

ÉDIPO

Só eu sei o que me convém fazer, no meu interesse.

CREONTE

Mas, nesse caso, também o meu interesse deve ser atendido!

ÉDIPO

Mas tu és um traidor!

CREONTE

E se o que afirmas não for verdade?

ÉDIPO

Seja como for, eu devo ser obedecido!

CREONTE

Não, se ordenares o que não for justo!

ÉDIPO

Ó cidade de Tebas!

CREONTE

Também eu posso convocar a cidade; ela não é tua, exclusivamente!

O CORO

Acalmai-vos, ó Príncipes! Muito a propósito vem ter convosco a rainha Jocasta; vejo-a neste momento sair do palácio: Ela dará, certamente, a vosso dissídio, feliz solução.

Entra JOCASTA

Por que provocastes, infelizes, esse imprudente debate? Não vos envergonhais em discutir questões íntimas, no momento em que atroz calamidade cai sobre o país? Volta a teu palácio, Édipo; e tu, Creonte, a teus aposentos. Não exciteis, com palavras vãs, uma discórdia funesta.

CREONTE

Édipo, teu marido, ó minha irmã, julga acertado tratar-me cruelmente, impondo-me ou o desterro para longe da pátria, ou a morte.

ÉDIPO

É verdade, minha esposa. Acusei-o de conspirar contra a minha pessoa.

CREONTE

Que seja eu desgraçado! Que morra maldito se cometi a perfídia de que me acusas!

JOCASTA

Pelos deuses, Édipo, - cré no que ele te diz! E crê, não só pelo juramento que proferiu, mas também em atenção a mim e a todos quantos estão presentes!

O CORO

Deixa-te persuadir, rei Édipo! Nós te pedimos!

ÉDIPO

Como, e em quê, desejais que eu ceda?

O CORO

Este homem não é criança, Édipo! Se prestou tão solene juramento, respeita-o!

ÉDIPO

Sabeis, acaso, o que ele pretende?

CORIFEU

Eu sei!

ÉDIPO

Explica-te, pois!

CORIFEU

Não acuses por uma vaga suspeita, e não lances à desonra um amigo que se votou, ele próprio, à eterna maldição!

ÉDIPO

Sabes que tal pedido equivale a querer minha morte, ou meu exílio para país distante?

CORIFEU

Não! Pelo Deus supremo! Por Hélios! Que eu morra, detestado pelos deuses e pelos homens se tiver semelhante pensamento! Mas a desgraça que me aflige, e a todo o povo de Tebas, já é bastante; não queiramos acrescentar-lhe novos motivos de desgosto!

ÉDIPO

Que ele se retire, pois, ainda que disso resulte minha morte, ou meu desterro! Cedo a vosso pedido, ó tebanos! - e não ao dele; só o vosso me comoveu! Creonte, esteja onde estiver, serme-á sempre odioso!

CREONTE

Cedeste contra a vontade, vê-se bem; mas sentirás remorsos, quando tua cólera se extinguir. Um caráter como o teu é uma fonte de dissabores.

ÉDIPO

Não me deixarás, finalmente, em paz? Queres, ou não, sair de Tebas?

CREONTE

Sim! Eu partirei! Doravante não me verás, nunca mais! Para os tebanos, porém, serei sempre o mesmo!

(Sai CREONTE)

CORIFEU

Ó rainha, por que não conduzes teu marido para o palácio?

JOCASTA

Farei o que pedes, quando souber o que se passou.

CORIFEU

Fúteis palavras provocaram vagas suspeitas; ora, mesmo o que carece de fundamento muita vez nos corrói o coração.

JOCASTA

E as ofensas foram recíprocas?

CORIFEU

Oh! Certamente que sim.

JOCASTA

E que diziam eles?

CORIFEU

Melhor fora, ó rainha, encerrar este conflito no ponto em que ficou, pois já nos amargura demais o infortúnio de nosso país.

ÉDIPO

Vês tu a que situação chegamos, apesar de tuas boas intenções? E tudo porque descuraste de meus interesses, e deixaste diminuir a afeição que tinhas por mim.

O CORO

Já muitas vezes te dissemos, ó príncipe, que nós seríamos em nossa própria opinião, loucos e imprudentes se te abandonássemos agora, a ti, que nos puseste no bom caminho quando a pátria sucumbia! Sê, pois, hoje como outrora, o nosso guia!

Momento de silêncio

JOCASTA

Mas, pelos deuses, Édipo, diz-me: por que razão te levaste a tão forte cólera?

ÉDIPO

Vou dizer-te, minha mulher, porque te venero mais do que a todos os tebanos! Foi por causa de Creonte, e da trama que urdiu contra mim.

JOCASTA

Explica-me bem o que houve, para que eu veja se tuas palavras me convencem.

ÉDIPO

Ele presume que tenha sido eu o matador de Laio!

JOCASTA

Mas... descobriu ele isso, ou ouviu de alguém?

ÉDIPO

Ele insinuou isso a um adivinho, um simples impostor, porquanto ele próprio nada se atreve a afirmar.

JOCASTA

Ora, não te preocupes com o que dizes; ouve-me, e fica sabendo que nenhum mortal pode devassar o futuro. Vou dar-te já a prova do que afirmo. Um oráculo outrora foi enviado a Laio, não posso dizer se por Apoio em pessoa, mas por seus sacerdotes, talvez... O destino do rei seria o de morrer vítima do filho que nascesse de nosso casamento. No entanto, - todo o mundo sabe e garante, - Laio pereceu assassinado por salteadores estrangeiros, numa encruzilhada de três caminhos. Quanto ao filho que tivemos, muitos anos antes, Laio amarrou-lhe as articulações dos pés, e ordenou que mãos estranhas o precipitassem numa montanha inacessível. Nessa ocasião, Apoio deixou de realizar o que predisse!... Nem o filho de Laio matou o pai, nem Laio veio a morrer vítima de um filho, morte horrenda, cuja perspectiva tanto 0 apavorava! Eis aí como as coisas se passam, conforme as profecias oraculares! Não te aflijas, pois; o que o deus julga que deve anunciar, ele revela pessoalmente!

Momento de silêncio

ÉDIPO

Como esta narrativa me traz a dúvida ao espírito, mulher! Como me conturba a alma!...

JOCASTA

Que inquietação te pode causar esta lembrança do nosso passado?

ÉDIPO

Suponho que disseste ter sido Laio assassinado numa tríplice encruzilhada?

JOCASTA

Sim; disseram então, e ainda agora o afirmam.

ÉDIPO

E onde se deu tamanha desgraça?

JOCASTA

Na Fócida, no lugar exato em que a estrada se biparte nos caminhos que vão para Delfos e para Dáulis.

ÉDIPO

E há quanto tempo aconteceu isso?

JOCASTA

A notícia aqui chegou pouco antes do dia em que foste aclamado rei deste país.

ÉDIPO

Ó Júpiter! Que quiseste fazer de mim?

JOCASTA

Dize-me, Édipo, que é que tanto te impressiona assim?

ÉDIPO

Não me perguntes nada, ainda. Como era então Laio? Que idade teria?

JOCASTA

Era alto e corpulento; sua cabeça começava a branquear. Parecia-se um pouco contigo.

ÉDIPO

Ai de mim! Receio que tenha proferido uma tremenda maldição contra mim mesmo, sem o saber!

JOCASTA

Que dizes tu? Teu semblante causa-me pavor, ó príncipe!

ÉDIPO

Estou aterrado pela suposição de que o adivinho tenha acertado... Mas tu me elucidarás melhor, se acrescentares algumas informações.

JOCASTA

Também eu me sinto inquieta... mas responderei imediatamente a tuas perguntas.

ÉDIPO

Viajava o rei Laio com reduzida escolta, ou com um grande nú- mero de guardas, como um poderoso soberano que era?

JOCASTA

Ao todo eram cinco os viajantes, entre os quais um arauto. Um só carro conduzia Laio.

ÉDIPO

Ah! Agora já se vai esclarecendo tudo... Mas quem te forneceu estas minúcias, senhora?

JOCASTA

Um servo que voltou, o único que conseguiu salvar-se.

ÉDIPO

E vive ainda no palácio, esse homem?

JOCASTA

Não. Quando voltou a Tebas, e viu que tu exercias o poder real, em substituição ao falecido rei Laio, ele me pediu, encarecidamente, que o mandasse para o campo, a pastorear os rebanhos, para que se visse o mais possível longe da cidade. E eu atendi a esse pedido, pois na verdade, mesmo sendo ele um escravo, merecia ainda maior recompensa.

ÉDIPO

Seria possível trazê-lo imediatamente ao palácio?

JOCASTA

Certamente. Mas... para que chamá-lo?

ÉDIPO

É que eu receio, senhora, já ter descoberto muita coisa do que ele me vai dizer.

JOCASTA

Pois ele virá. Mas também eu tenho o direito de saber, creio eu, o que tanto te inquieta.

ÉDIPO

Não te recusarei essa revelação, visto que estou reduzido a uma última esperança. A quem poderia eu, com mais confiança, fazer uma confidência de tal natureza, na situação em que me encontro?

Momento de silêncio

ÉDIPO

(Prosseguindo, em tom de confidência.) Meu pai é Políbio, de Corinto; minha mãe, Mérope, uma dória. Eu era considerado como um dos mais notáveis cidadãos de Corinto, quando ocorreu um incidente fortuito, que me devia surpreender, realmente, mas que eu talvez não devesse tomar tanto a sério, como fiz. Um homem, durante um festim, bebeu em demasia, e, em estado de embriaguez, pôs-se a insultar-me, dizendo que eu era um filho enjeitado. Possuído de justa indignação, contive-me naquele momento, mas no dia imediato procurei meus pais e interroguei-os a respeito. Eles irritaram-se contra o autor da ofensa, o que muito me agradou, pois o fato me havia profundamente impressionado. À revelia de minha mãe, e

de meu pai, fui ao templo de Delfos; mas, às perguntas que propus, Apoio nada respondeu, limitando-se a anunciar-me uma série de desgraças, horríveis e dolorosas; que eu estava fadado a unir-me em casamento com minha própria mãe, que apresentaria aos homens uma prole malsinada, e que seria o assassino de meu pai, daquele a quem devia a vida. Eu, diante de tais predições, resolvi, guiando-me apenas pelas estrelas, exilar-me para sempre da terra coríntia, para viver num lugar onde nunca se pudessem realizar -pensava eu - as torpezas que os funestos oráculos haviam prenunciado. Caminhando, cheguei ao lugar onde tu dizes que o rei pereceu. A ti, mulher, vou dizer a verdade, do princípio ao fim". Seguia eu minha rota, quando cheguei àquela tríplice encruzilhada; ali, surgem-me pela frente, em sentido contrário, um arauto, e logo após, um carro tirado por uma parelha de cavalos, e nele um homem tal como me descreveste. O cocheiro e o viajante empurraram-me violentamente para fora da estrada. Furioso, eu ataquei o cocheiro; nesse momento passava o carro a meu lado, e o viajante chicoteou-me na cara com o seu duplo rebenque. Ah! mas ele pagou caro essa afronta; ergui o bordão com que viajava, e bati-lhe, com esta mão; ele caiu, à primeira pancada, no fundo do carro. Atacado, matei os outros". Se aquele velho tinha qualquer relação com Laio, quem poderá ser mais desgraçado no mundo do que eu? Que homem será mais odiado pelos deuses? Nenhum cidadão, nenhum forasteiro o poderá receber em sua casa, nem dirigir-lhe a palavra... Todos terão que me repelir... E o que é mais horrível é que eu mesmo proferi essa maldição contra mim! A esposa do morto, eu a maculo tocando-a com minhas mãos, porque foram minhas mãos que o mataram... Não sou eu um miserável, um monstro de impureza? Não é forçoso que me exile, e que, exilado, não mais possa voltar à minha pátria de origem, nem ver os que me eram caros, visto que estou fadado a unir-me à minha mãe, e a matar meu pai, a Políbio, o homem que me deu a vida e me criou? Não pensaria bem aquele que afirmasse que meu destino é obra de um deus malvado e inexorável? Ó Potestade divina, não, e não! Que eu desapareça dentre os humanos antes que sobre mim caia tão acerba vergonha!

CORIFEU

Também a nós, ó rei! também a nós tudo isso emociona; mas tem esperança, aguardando a testemunha que tudo esclarecerá!

ÉDIPO

Oh! Sim! É a única esperança que me resta, a palavra desse pastor que aí vem.

JOCASTA

E por que a presença desse homem te poderá tranquilizar?

ÉDIPO

Vou dizer-te já: se o seu depoimento coincidir com o que disseste, eu estou salvo!

JOCASTA

Que revelação teria sido essa, tão importante, que ouviste de mim?

ÉDIPO

Conforme declaraste há pouco, esse homem dissera que Laio foi assassinado por salteadores. Se ele persistir em tal afirmativa, não teria sido eu o assassino, pois ninguém confunde um homem só com vários. Mas se ele se referir a um só agressor, é evidente que fui eu o autor do crime!...

JOCASTA

Sim! Certamente! Ele o disse, e não poderá agora negar seu testemunho! Todo o povo 0 ouviu, então; não fui eu a única. No entanto, ainda que mude agora sua narração, nunca poderá provar que a morte de Laio foi obra tua, visto que pelo oráculo de Apolo o rei devia morrer às mãos de meu filho; ora, esse filho infeliz não poderia ter ferido a Laio, porque morreu antes dele. Em tal caso, eu não daria mais nenhum valor aos oráculos! ...

ÉDIPO

Tens razão. Mande, pois, chamar esse escravo, sem demora.

JOCASTA

Vou mandar, imediatamente! Mas entremos no palácio. Nada quero fazer, que te desagrade.

(Saem ÉDIPO e JOCASTA)

O CORO

Possa eu conservar a mais santa pureza quer em minhas palavras quer em minhas ações! Possa eu obedecer na vida, às leis sublimes, instituídas pela Providência Divina, da qual é o Olimpo o supremo pai! Não as criou a natureza mortal dos humanos, e nunca as apagará o sono do esquecimento; vive nelas uma potestade divina, a que a velhice não pode atingir. O orgulho é que produz o tirano; e quando tiver em vão acumulado excessos e imprudências, precipitar-se-á do fastígio de seu poder num abismo de males, de onde não mais poderá sair! Mas suplicamos ao deus que não cesse a campanha pela salvação da cidade; a divindade será sempre a nossa protetora. A todo aquele que se mostrar prepotente por suas ações ou por suas palavras: que não venera santuários, nem respeita a Justiça, que uma funesta morte o castigue, punindo-o por sua insolência! Se ele fizer fortuna, pelo sacrilégio e pela impiedade, quem mais quererá manter o domínio de sua alma? Se tão nefandos crimes merecem honrarias, de que vale entoar cânticos em louvor dos deuses? Não mais iremos ao santuário central da terra a fim de prestar culto ao deus, nem ao templo de Abê, nem a Olímpia, se esses oráculos não mais se realizarem, de modo que possam ser citados como exemplo a todos os homens. Ó deus todo-poderoso, se mereces esse título, Zeus, senhor supremo, que isso não passe despercebido a teu poder imortal; se de nada valeram os oráculos enviados a Laio, serão desprezados; Apolo não mais será honrado com o devido esplendor, e o culto dos deuses desaparecerá!

Entra JOCASTA

acompanhada por suas damas de companhia

JOCASTA

Senhores desta cidade, tive a idéia de levar aos templos dos deuses estas coroas, e estes perfumes. Édipo continua perturbado por inquietação terrível... Recusa-se a interpretar de modo sensato os oráculos novos de acordo com os antigos; ao contrário, confia em quantos lhe venham dizer coisas apavorantes! Visto que por minhas súplicas nada consegui de ti, Apolo Lício, que és o deus mais próximo de nós, irei, como suplicante, com estes dons votivos, para que, dissipando todas as sombras do terror, nos tragas a tranqüilidade. Todos nós nos sentimos amedrontados, como marinheiros que vêem o seu piloto em desafino.

Enquanto ela depõe suas oferendas, surge um MENSAGEIRO

MENSAGEIRO

Poderíeis dizer-me, ó estrangeiros, onde fica o palácio do rei Édipo? Dizei-me, sobretudo: - onde está o rei?

CORIFEU

Seu palácio, ei-lo aqui. O rei está em seus aposentos. Aqui está a rainha, sua esposa e mãe de seus filhos.

MENSAGEIRO

Que viva sempre feliz, a esposa legítima desse homem!

JOCASTA

E que o mesmo aconteça a ti, peregrino, porque bem o mereces, por tuas bondosas palavras. Mas dize por que vieste, e que notícias nos queres anunciar.

MENSAGEIRO

Coisas favoráveis para tua casa, e teu marido, senhora.

JOCASTA

De que se trata? De onde vens tu?

MENSAGEIRO

De Corinto. A notícia que te trago ser-te-á muito agradável; sem dúvida que o será; mas pode também causar-te alguma contrariedade.

JOCASTA

Mas que notícia será essa, que produz, assim, um duplo efeito?

MENSAGEIRO

Os cidadãos do Istmo resolveram aclamar rei a Édipo, segundo dizem todos.

JOCASTA

Quê? O venerando Políbio já não exerce o poder?

MENSAGEIRO

Não... A morte levou-o à sepultura.

JOCASTA

Que dizes tu? Morreu Políbio?

MENSAGEIRO

Que eu pereça já, se não for a pura verdade!

JOCASTA

Mulher, corre! Vai, ligeira, dar esta notícia ao rei. Oh! Que será dos oráculos sagrados! Foi com receio de matar a esse homem, que Édipo se exilou; e agora se vê que não foi morto por Édipo, mas sim pelo destino!

Entra ÉDIPO

Jocasta, minha querida esposa, por que me mandaste chamar?

JOCASTA

Ouve o que diz este homem, e vê de que valem os oráculos do deus!

ÉDIPO

Quem é ele, e que novas nos traz?

JOCASTA

Acaba de chegar de Corinto, e comunica-nos que Políbio, teu pai, deixou de viver.

ÉDIPO

Que dizes, estrangeiro?! Fala tu mesmo!

MENSAGEIRO

Se deve ser essa a minha primeira declaração, eu a confirmo; sabe que teu pai faleceu.

ÉDIPO

Foi vítima de alguma traição, ou por enfermidade?

MENSAGEIRO

Por pequeno que seja, um abalo moral pode matar um homem idoso.

ÉDIPO

Pelo que vejo, ele morreu em consequência de alguma doença.

MENSAGEIRO

Ele já não era jovem!

ÉDIPO

Ora eis aí, minha mulher! Para que, pois, dar tanta atenção ao solar de Delfos, e aos gritos das aves no ar? Conforme o oráculo, eu devia matar meu pai; ei-lo já morto, e sepultado, estando eu aqui, sem ter sequer tocado numa espada... A não ser que ele tenha morrido de desgosto, por minha ausência... caso único em que eu seria o causador de sua morte! Morrendo, levou Políbio consigo o prestígio dos oráculos; sim! os oráculos já não têm valor algum!

JOCASTA

E não era isso o que eu dizia, desde muito tempo?

ÉDIPO

Sim; é a verdade; mas o medo me apavorava.

JOCASTA

Doravante não lhes daremos mais atenção.

ÉDIPO

Mas... não deverei recear o leito de minha mãe?

JOCASTA

De que serve afligir-se em meio de terrores, se o homem vive à lei do acaso, e se nada pode

prever ou pressentir! O mais acertado é abandonar-se ao destino. A idéia de que profanarás o leito de tua mãe te aflige; mas tem havido quem tal faça em sonhos... O único meio de conseguir a tranquilidade de espírito consiste em não dar importância a tais temores.

ÉDIPO

Terias toda a razão se minha mãe não fosse viva; mas, visto que ela vive ainda, sou forçado a precaver-me, apesar da justiça de tuas palavras.

JOCASTA

No entanto, o túmulo de teu pai já é um sossego para ti!

ÉDIPO

Certamente! Mas sempre receio aquela que vive.

MENSAGEIRO

E quem é a mulher que te causa esses temores?

ÉDIPO

É Mérope, ó velho; que era casada com Políbio.

MENSAGEIRO

E que tem ela, para provocar tantas apreensões?

ÉDIPO

É um oráculo dos deuses, estrangeiro! Um oráculo terrível.

MENSAGEIRO

Podes revelar-me esse oráculo, ou é vedado a outros conhecê-lo?

ÉDIPO

Pois vais saber: Apoio disse um dia que eu me casaria com minha ípria mãe, e derramaria o sangue de meu pai. Eis aí por que resolvi, muitos anos, viver longe de Corinto... Tive razão; mas é tão agradável contemplar o rosto de nossos pais!

MENSAGEIRO

E foi por causa desses receios que te exilaste de lá?

ÉDIPO

Também porque não queria ser o assassino de meu pai, ó velho!

MENSAGEIRO

Oh! Por que não te livrei eu de tais cuidados, eu, que sempre te s bem?

ÉDIPO

Seguramente, eu te recompensaria por tamanho benefício, como ia de justiça!

MENSAGEIRO

E foi precisamente por isso que aqui vim ter, para que, depois de regresso a Corinto, eu possa colher algum proveito.

ÉDIPO

Mas eu não irei residir com os meus parentes, em caso algum!

MENSAGEIRO

Meu filho, vê-se bem que não sabes o que fazes!

ÉDIPO

Por que dizes isso, velho? Pelos deuses, explica-te!

MENSAGEIRO

Se é por esse motivo que não queres retomar a tua casa...

ÉDIPO

Receio que Apoio venha a ser um deus que realmente diga a verdade.

MENSAGEIRO

Temes, pois, praticar um crime de incesto em teu lar?

ÉDIPO

É isso, tão-somente, ó velho, o que me assusta!

MENSAGEIRO

Sabes, por acaso, que esse receio absolutamente não se justifica?

ÉDIPC

Como não? Pois se eles foram meus progenitores...

MENSAGEIRO

Políbio nenhum parentesco de sangue tinha contigo!

ÉDIPO

Que dizes?!... Políbio não era meu pai?

MENSAGEIRO

Era-o tanto como eu; nem mais, nem menos!

ÉDIPO

E como se explica que meu pai tenha sido para mim o que é um estranho qualquer?

MENSAGEIRO

É que ele não era teu pai, como eu não sou!

ÉDIPO

E por que me considerava, então, seu filho?

MENSAGEIRO

Porque há muitos anos ele te recebeu, de minhas mãos!

ÉDIPO

E apesar de me ter assim recebido, queria-me tanto bem!

MENSAGEIRO

Eu explico: até então ele não tinha tido filhos...

ÉDIPO

E tu me tinhas achado, ou comprado, quando fui por ti entregue a ele?

MENSAGEIRO

Eu te havia encontrado na grota do Citéron.

ÉDIPO

Que fazias tu nesses lugares?

MENSAGEIRO

Eu apascentava ali um rebanho montanhês.

ÉDIPO

Eras, então, pastor, e trabalhavas por conta de alguém?

MENSAGEIRO

Sim... e fui o teu salvador, meu filho!

ÉDIPO

E de que mal sofria eu, quando me encontraste, em tão miserável situação?

MENSAGEIRO

As articulações de teus pés poderiam dar a prova disso...

ÉDIPO

Que antiga dor tu me recordas assim!

MENSAGEIRO

Eu te desamarrei; tu tinhas as extremidades dos pés furadas.

ÉDIPO

Oh! Que horrível cicatriz eu conservei, desses primitivos anos!

MENSAGEIRO

Daí proveio o nome que te demos.

ÉDIPO

Dize-me - pelos deuses! - quem ordenou tal coisa: meu pai, ou minha mãe?

MENSAGEIRO

Não sei dizer; mas aquele que te deixou em minhas mãos certa- mente saberá.

ÉDIPO

Tu me recebeste, então, de outro? Não me encontraste abandonado?

MENSAGEIRO

Não; foi um pastor que te entregou a mim.

ÉDIPO

Quem é ele? Podes indicá-lo?

MENSAGEIRO

Ele se dizia servo de Laio.

ÉDIPO

Do antigo rei deste país?

MENSAGEIRO

Precisamente! Era um pastor desse rei.

ÉDIPO

Vive ainda esse homem? Ser-me-á possível vê-lo?

MENSAGEIRO

(Aos Coreutas.) Vós, que viveis nesta cidade, certamente podereis responder melhor do que eu!

ÉDIPO

(Aos Coreutas.) Há, entre vós, quem conheça o pastor a quem ele se refere, ou que o tenha visto no campo, ou na cidade? Respondei, pois é este o momento em que deve ser esclarecido esse caso.

O CORO

Suponho que se trata do camponês que tu queres ver; mas Jocasta é quem pode certificar-te a respeito.

ÉDIPO

(A Jocasta.) Senhora, acreditas que o homem a quem mandamos há pouco chamar, seja o mesmo a quem este mensageiro se refere?

JOCASTA

De quem te falou ele? Ora... não penses nisso; o que ele diz não tem importância alguma.

ÉDIPO

É impossível que com tais indícios eu não descubra, afinal, a verdade acerca de meu nascimento.

JOCASTA

Pelas divindades imortais! Se tens amor a tua vida, abandona essa preocupação. (À parte.) Já é bastante o que eu sei para me torturar.

ÉDIPO

Tranquiliza-te! Mesmo que eu tivesse sido escravo desde três gerações, tu não serás humilhada por isso!

JOCASTA

Não importa! Escuta-me! Eu te suplico! Não insistas nessa indagação!

ÉDIPO

Em caso algum desistirei de elucidar esse mistério.

JOCASTA

No entanto, é para teu bem que assim te aconselho.

ÉDIPO

Acredito... mas esses conselhos teus há muito me importunam!

JOCASTA

Infeliz! Tomara que tu jamais venhas a saber quem és!

ÉDIPO

(Aos Coreutas.) Afinal, vai, ou não vai, alguém procurar esse pastor? Deixemo-la orgulharse de sua opulenta hieerarquia!

JOCASTA

Ai de ti, mísero infeliz! Eis o único título que te posso dar; e nunca mais te tratarei de outra forma!

Sai JOCASTA. Momento de silêncio.

CORIFEU

Por que razão, ó rei, tua esposa se retira, possuída de tamanho desespero? Receio bem que dessa estranha atitude possam provir no- vos dissabores.

ÉDIPO

Que venha o que vier, mas minha origem, por humilde que seja, eu quero conhecer! Ela, sem dúvida, orgulhosa como mulher, envergonha-se por meu baixo nascimento. Eu, porém, considero-me um protegido da Fortuna, e por isso não me sentirei amesquinhado. Sim, ela é que é minha mãe; e os anos, que foram passando, ora me diminuíam, ora me exaltavam... Tal é minha origem; nada mais poderá modificá-la. Por que, pois, haveria eu de renunciar a descobrir o segredo de meu nascimento?

O CORO

Se eu posso devassar o futuro, e se tenho lúcido o espírito, ó Citéron, tu não verás a próxima lua cheia sem que te veneremos, a ti, como compatriota de Édipo, como seu protetor e pai; nós te festejaremos em danças sagradas, como benfeitor de nossos soberanos. Ó Febo complacente, que minhas palavras te agradem! Qual teria sido, ó meu filho, destas virgens imortais, a que te con- cebeu, depois de se ter unido a Pari, teu pai, que erra nas montanhas, ou depois de ter sido amada por Lóxias? Todas as plantas silvestres lhe são queridas! Talvez Mercúrio que domina o Cilênio, ou o deus Baco, que vive nas colinas, te haja recebido como filho por algumas das nin- fas do Hélicon, com as quais eles costumam folgar!

Aproxima-se o velho pastor de Laio, conduzido por dois servos de ÉDIPO

ÉDIPO

Amigos, se me é lícito fazer conjeturas acerca de um homem a quem nunca vi, creio que vem ali o pastor a quem há tanto tempo procuramos. Sua idade está de acordo com a do mensageiro; os dois homens que o acompanham, eu os reconheço; são servos meus. (Ao Corifeu.) - Tu, porém, que o deves ter visto anteriormente, deves saber mais do que eu.

CORIFEU

Sim; eu o conheço, fica-o sabendo. Ele pertencia a Laio; e era o seu mais dedicado servidor.

ÉDIPO

(Ao Mensageiro.) Quero que me digas agora, ó mensageiro de Co- rinto; é esse o homem de quem falavas?

MENSAGEIRO

É ele mesmo! Ei-lo diante de ti!

ÉDIPO

Ó velho, olha bem para mim, e responde a todas as perguntas que te vou propor. Pertenceste outrora a Laio?

O SERVO

Sim; eu era seu escravo; mas ele não me adquiriu; eu fui criado em seu palácio.

ÉDIPO

Que fazias tu? Qual era tua ocupação?

O SERVO

Por quase toda a minha vida tenho sido pastor.

ÉDIPO

Em que sítios permanecias com mais frequência?

O SERVO

Ora andava pelo Citéron, ora pelas terras próximas.

ÉDIPO

Lembras-te de já ter visto este homem?

O SERVO

Mas que fazia ele? De quem me falas tu?

ÉDIPO

Deste, que aqui está! Já o encontraste alguma vez?

O SERVO

Não posso responder já... Não me recordo bem...

MENSAGEIRO

Isso não me surpreende, senhor! Ele não se recorda, mas eu vou reavivar sua lembrança. Estou certo de que ele me conheceu no Cité- ron, ele com dois rebanhos, e eu com um só,

fomos vizinhos durante três semestres inteiros, da Primavera até reaparecer o Arcturo25. Depois, voltei para meus estábulos, e ele foi para os apriscos de Laio. Está certo? Não foi isto mesmo?

O SERVO

Dizes bem... Mas isso foi já há muito tempo!

MENSAGEIRO

Vejamos agora: lembras-te de me haver confiado uma criança para que eu a criasse, como meu próprio filho?

O SERVO

Que dizes tu? Por que me perguntas isso?

MENSAGEIRO

Eis aqui, meu amigo, aquele que era então um menino pequenino!

O SERVO

Desgraçado! Por que não te calas?

ÉDIPO

Não te irrites contra ele, meu velho! São as tuas palavras, e não as dele, que merecem a nossa indignação.

O SERVO

Que mal fiz eu, bondoso rei?

ÉDIPO

Não respondeste o que devias a propósito do menino a quem ele se refere.

O SERVO

Ele fala sem saber, e perde seu tempo.

ÉDIPO

Pois se não responderes por bem, responderás à força!

O SERVO

Eu te suplico, - pelos deuses! - não faças mal a um velho!

ÉDIPO

Que um de vós lhe amarre imediatamente as mãos às costas!

O SERVO

Que desgraçado que sou! Por que me fazes isso? Que queres tu saber?

ÉDIPO

A criança de quem se trata, tu lhe entregaste?

O SERVO

Sim! Melhor fora que nesse dia eu morresse!

ÉDIPO

Pois é o que te acontecerá hoje, se não confessares a verdade!

O SERVO

Mas... com mais certeza ainda, se eu disser a verdade, estou perdi- do!

ÉDIPO

Quer me parecer que este homem procura evasivas.

O SERVO

Não! Eu te disse, ó rei; que realmente eu lhe dei a criança.

ÉDIPO

E de quem a recebeste? Era tua? Foi-te entregue por alguém?

O SERVO

Não... Não era minha... Eu a recebi de uma pessoa...

ÉDIPO

De que cidadão tebano? De que família?

O SERVO

Em nome dos deuses eu te peço, ó rei, não me perguntes mais nada!

ÉDIPO

Tu és um homem morto se eu tiver de repetir essa pergunta!...

O SERVO

Pois bem! Aquele menino nasceu no palácio de Laio!

ÉDIPO

Era um escravo? Era um descendente dele, ou de sua família?

O SERVO

Ai de mim! Isso é que me será horrível dizer!

ÉDIPO

E para mim será horrível ouvir! Fala, pois! Assim é preciso!

O SERVO

Diziam que era filho dele próprio. Mas aquela que está no interior de tua casa, tua esposa, é quem melhor poderá dizer a verdade.

ÉDIPO

Foi ela que te entregou a criança?

O SERVO

Sim, rei.

ÉDIPO

E para quê?

O SERVO

Para que eu a deixasse morrer.

ÉDIPO

Uma mãe tez isso! Que desgraçada!

O SERVO

Assim fez, temendo a realização de oráculos terríveis...

ÉDIPO

Que oráculos? O SERVO

Aquele menino deveria matar seu pai, assim diziam...

ÉDIPO

E por que motivo resolveste entregá-lo a este velho?

O SERVO

De pena dele, senhor! Pensei que este homem o levasse para sua terra, para um país distante... Mas ele o salvou da morte para maior desgraça! Porque, se és tu quem ele diz, sabe que tu és o mais infeliz dos homens!

ÉDIPO

Oh! Ai de mim! Tudo está claro! Ó luz, que eu te veja pela derradeira vez! Todos sabem: tudo me era interdito: ser filho de quem sou, casar-me com quem me caseie e eu matei aquele a quem eu não poderia matar!

Desatinado, ÉDIPO corre para o interior do palácio; retiram-se os dois pastores; a cena fica vazia por algum tempo.

O CORO

Ó gerações de mortais, como vossa existência nada vale a meus olhos! Qual a criatura humana que já conheceu felicidade que não seja a de parecer feliz, e que não tenha recaído após, no infortúnio, finda aquela doce ilusão? Em face de seu destino tão cruel, ó desditoso Édipo, posso afirmar que não há felicidade para os mortais! Tuas ambições, ergueste-as bem alto, e chegaste a possuir a mais promissora riqueza. Ó Júpiter! Só ele pôde vencer a horrenda Esfinge, de garras aduncas e de cantos enigmáticos26; e assim apresentou-se diante de nós como uma torre de defesa contra a morte. Desde então, ó Édipo, nós fizemos de ti nosso rei, e, consagrado pelas mais altas honrarias, foste o senhor supremo da poderosa Tebas.

E agora, quem pode haver no mundo, que seja mais miserável? Quem terá sofrido, no decurso da vida, mais rude abalo, precipitando-se no abismo da mais tremenda ignomínia? Ilustre e querido Édipo, tu que no leito nupcial de teu pai foste recebido como filho, e como esposo dize: como por tanto tempo esse abrigo paterno te pôde suportar em silêncio? Só o tempo, que tudo vê, logrou, enfim, ao cabo de tantos anos, condenar esse

himeneu abominável, que fez de ti pai, com aquela de quem eras filho! Filho de Laio, prouvera aos deuses que nunca te hou- véramos visto! Condoído, eu choro tua desgraça, com lamentações da mais sincera dor! No entanto, para dizer-te a verdade, foi graças a ti que um dia pudemos respirar tranqüilos e dormir em paz!

Entra um EMISSÁRIO, que vem do interior do palácio

EMISSÁRIO

Ó vós, que sereis sempre os chefes mais respeitados deste país, se ainda prezais a família de Lábdaco, ides ouvir tristes notícias, receber profundos golpes e sofrer lutuosos desgostos! Creio que nem as águas do íster, nem as do Fásio seriam bastantes para purificar esta casa, tais e tantos são os crimes que nela se praticaram! Sabereis de novas des- graças, voluntárias, e não impostas; e os males que nós próprios nos causamos são precisamente os mais dolorosos!

CORIFEU

Nada falta, ao que já sabemos, para que nos sintamos todos profundamente penalizados. No entanto, dize: que novas calamidades nos anuncias?

EMISSÁRIO

Uma coisa fácil de dizer, como de ouvir: Jocasta, a nossa rainha, já não vive!

CORIFEU

Oh! Que infeliz! Qual foi a causa de sua morte?

EMISSÁRIO

Ela resolveu matar-se... E o mais doloroso vos foi poupado: vós não vistes o quadro horrendo de sua morte. Dir-vos-ei, no entanto, como sofreu a infeliz. Alucinada, depois de transpor o vestíbulo, atirouse em seu leito nupcial, arrancando os cabelos em desespero. Em seguida, fechou violentamente as portas, e pôs-se a chamar em altos brados por Laio, recordando a imagem do filho que ela teve há tantos anos, o filho sob cujos golpes deveria o pai morrer, para que ela tivesse novos filhos, se é que estes merecem tal nome! Presa da maior angústia, ela se lastimava em seu leito, onde, conforme dizia tivera uma dupla e criminosa geração. Como teria morrido, não sei dizer, pois Édipo, aos gritos, precipitou-se com tal fúria, que não pude ver a morte da rainha. Todos os nossos olhares voltaram-se para o rei, que, desatinado, corria ao acaso, ora pedindo um punhal, ora reclamando notícias da rainha, não sua esposa, mas sua mãe, a que deu à luz a ele, e a seus filhos. No seu furor invocou um deus, - não sei dizer qual, pois isto foi longe de mim! Então, proferindo imprecações horríveis, como se alguém lhe indicasse um caminho, atirou-se no quarto. Vimos então, ali, a rainha, suspensa ainda pela corda que a estrangulava... Diante dessa visão horrenda, o desgraçado solta novos e lancinantes brados, desprende o laço que a sustinha, e a mísera mulher caiu por terra. A nosso olhar se apresenta, logo em seguida, um quadro ainda mais atroz: Édipo toma seu manto, retira dele os colchetes de ouro com que o prendia, e com a ponta recurva arranca das órbitas os olhos, gritando: "Não quero mais ser testemunha de minhas desgraças, nem de meus crimes! Na treva, agora, não mais verei aqueles a quem nunca deveria ter visto, nem reconhecerei aqueles que não quero mais reconhecer!" Soltando novos gritos, continua a revolver e macerar suas pálpebras sangrentas, de cuja cavidade o sangue rolava até o queixo e não em gotas, apenas, mas num jorro abundante. Assim confundiram, marido e mulher, numa só desgraça, as suas desgraças! Outrora gozaram uma herança de felicidade; mas agora nada mais resta senão a maldição, a morte, a vergonha, não lhes faltando um só dos males que podem ferir os mortais.

CORIFEU

E o desgraçado rei está mais tranquilo agora?

EMISSÁRIO

Ele grita que lhe abram as portas; que mostrem a todos os tebanos o parricida, o filho que... nem posso repetir-vos, cidadãos, as palavras sacrílegas que ele pronuncia... Quer sair, em rumo do exílio; não quer continuar no palácio depois da maldição terrível que ele mesmo proferiu. No entanto, ele precisa de um guia, e de um apoio, pois seu mal é grande demais para que sozinho o suporte. Ele aí vem, e vo-lo mostrará. Ides ver um espetáculo que comoveria o mais feroz inimigo...

Entra ÉDIPO, ensangüentado, e com os olhos vazados

CORIFEU

Ó sofrimento horrível de *ver-se! Eis* o quadro mais horripilante que jamais tenho presenciado em minha vida! Que loucura, - ó infeliz! -caiu sobre ti? Que divindade levou ao cúmulo o teu destino sinistro, esmagando-te ao peso de males que ultrapassam a dor humana? Oh! Como és infeliz! Não tenho coragem, sequer, para volver meus olhos e contemplar-te assim; no entanto, eu quereria ouvir-te, interrogar-te, e ver-te! Tal é o arrepio de horror que tu me causas!

ÉDIPO

(Caminhando sem rumo certo.) Pobre de mim! Para onde irei? Para que país? Onde se fará ouvir a minha voz? Ó meu destino, quando acabarás de uma vez?!...

CORIFEU

Numa miséria extrema, que não poderemos ver, nem imaginar!

ÉDIPO

Ó nuvem sombria, execrável treva que caiu sobre mim, escuridão pavorosa e sem remédio! Ai de mim! Como me traspassam as dores do meu sofrimento e a lembrança de meu infortúnio!

CORIFEU

No meio de tanta amargura é natural que te lamentes, infeliz, como vítima de duas desgraças.

ÉDIPO

Tu és o único amigo que me resta, visto que tens pena deste mísero cego... Eu sei que estás aí... Na escuridão em que estou, reconheço tua voz!

CORIFEU

Que horrível coisa fizeste, ó Édipo! Como tiveste coragem de ferir assim os olhos? Que divindade a isso te levou?

ÉDIPO

Foi Apoio! Sim, foi Apoio, meus amigos, o autor de meus atrozes sofrimentos! Mas ninguém mais me arrancou os olhos; fui eu mesmo! Desgraçado de mim! Para que ver, se já

não poderia ver mais nada que fosse agradável a meus olhos?

CORIFEU

Realmente! É como dizes!

ÉDIPO

Que mais posso eu contemplar, ou amar na vida? Que palavra poderei ouvir com prazer? Oh! Levai-me para longe daqui, levai-me depressa para bem longe. Eu sou um réprobo, um maldito, a criatura mais odiada pelos deuses, entre os mortais!

CORIFEU

Como inspiras piedade, pelo sentimento, que tens, de tua sorte infeliz! Ah! Bom seria que eu nunca te houvesse conhecido!

ÉDIPO

Que morra aquele que, na deserta montanha, desprendeu meus pés feridos, e salvou-me da morte, mas salvou-me para minha maior desgraça! Ah! Se eu tivesse então perecido, não seria hoje uma causa de aflição e horror para mim, e para todos!

CORIFEU

Também eu assim preferiria!

ÉDIPO

Eu não teria sido o matador de meu pai, nem o esposo daquela que me deu a vida! Mas... os deuses me abandonaram: fui um filho maldito, e fecundei no seio que me concebeu! Se há um mal pior que a desgraça, coube esse mal ao infeliz Édipo!

CORIFEU

Teria sido razoável tua resolução, ó Édipo? Não sei dizer, na ver- dade, se te seria preferível a morte, a viver na cegueira.

ÉDIPO

Não queiras convencer-me de que. eu deveria ter agido de outra forma! Não me dês conselhos! Não sei como poderia defrontar-me, no Hades, com meu pai, ou com minha infeliz mãe, porque cometi contra eles crimes que nem a forca poderia punir! E o semblante de meus filhos, nascidos como foram, como me seria possível contemplar? Não! Nunca mais poderia eu vê-los, nem ver a cidade, as muralhas, as está- tuas sagradas dos deuses! Pobre de mim! Depois de ter gozado em Tebas uma existência gloriosa, dela me privei voluntariamente, quando a todos vós ordenei que expulsassem da cidade o sacrílego, aquele que os deuses declararam impuro, da raça de Laio! Descoberta, em mim mesmo, essa mancha indelével, ser-me-ia lícito contemplar os cidadãos tebanos, sem baixar os olhos? Ah! certamente que não! E se fosse pos- sível evitar que os sons nos penetrassem pelos ouvidos, eu privaria também da audição este miserável corpo, para que nada mais pudesse ver, nem ouvir, - pois deve ser um alívio ter o espírito insensível às próprias dores!...

Momento de silêncio

Ó Citéron, por que me recolheste? Por que, quando me deste abrigo, não me tiraste a vida? Assim eu nunca revelaria aos homens o segredo do meu nascimento. Ó Políbio, ó cidadão de

Corinto, velho palácio que eu supunha ser o meu lar paterno, quantos opróbrios deixastes crescer comigo, sob a aparente beleza que os ocultava! Porque hoje sou um criminoso e descendente de criminosos, todo o mundo o sabe! Ó tríplice encruzilhada! Vale sombrio, bosques de carvalhos, vós que absorvestes o sangue que era meu, - o sangue de meu pai! - que eu próprio derramei, lembrai-vos acaso dos crimes que então cometi, e dos que pratiquei mais tarde? Ó funesto himeneu, a que devo a vida, e que me facultou germinar pela segunda vez a mesma semente; por que mostraste um dia um pai irmão de seus filhos, filhos irmãos de seu pai, e uma esposa que era também mãe de seu marido?! Quanta torpeza pôde ocorrer entre criaturas humanas! Vamos! Não fica bem relembrar o que é hediondo fazer-se; apressai-vos - pelos deuses! -em esconder-me longe daqui, seja onde for! Matai-me, atirai-me ao mar, ou num abismo onde ninguém mais me veja! Aproximai-vos: não vos envergonheis de tocar num miserável; crede, e não temais; minha desgraça é tamanha, que ninguém mais, a não ser eu, pode sequer imaginá-la!

CORIFEU

Aí vem Creonte! no momento oportuno, para fazer certamente o que tu pedes, ou dar-te conselhos mais prudentes. Só ele, com efeito, resta, para te substituir no governo da cidade.

ÉDIPO

Que lhe hei de dizer? Que posso eu dele esperar, eu, que fui tão injusto para com ele?

Entra CREONTE

Não venho aqui para te insultar, Édipo, nem para censurar teus erros de outrora. Mas vós, tebanos, se não respeitais a hierarquia dos homens, ao menos em consideração pela chama sagrada de Hélio, que anima a natureza, não deveis exibir assim sem um manto, este ser impuro, a quem nem a chuva, nem a luz podem beneficiar. Conduzi este homem, imediatamente, ao interior do palácio; só entre os parentes, e deles tão-somente é que há sentimentos de piedade ao ver e ouvir os males dos que lhes são caros.

ÉDIPO

Em nome dos deuses! Visto que, contra minha expectativa, mostras tanta generosidade para com o maior dos criminosos, escuta-me! É no teu interesse que vou falar.

CREONTE

E que queres tu obter de mim?

ÉDIPO

Manda-me para fora deste país o mais depressa possível! Para um lugar onde ninguém me veja, nem possa dirigir a palavra a nenhum ser humano!

CREONTE

Eu já teria agido assim, fica-o sabendo, se não preferisse, antes de tudo, consultar o deus acerca do que convém que se faça.

ÉDIPO

Mas a resposta é perfeitamente conhecida; o parricida, o ímpio, é urgente matar.

CREONTE

Sim; é o que se diz... mas na situação em que nos achamos, é melhor saber exatamente o que

se deve fazer.

ÉDIPO

Resolveste, então, consultar o oráculo por causa de um miserável?

CREONTE

E desta vez tu hás de dar crédito à sua resposta!

ÉDIPO

Pois bem: eu te peço agora que tu mesmo dês sepultura, como julgares conveniente, àquela que jaz no palácio... Certamente cumprirás esse dever piedoso para quem tinha o mesmo sangue teu... Quanto a mim, não queiras que a cidade de meu pai me tenha como habitante, enquanto eu vivo for; ao contrário, deixa-me ir para as montanhas, para o Citéron, minha triste pátria, que meus genitores escolheram para meu túmulo, - para que eu morra por lá, como eles queriam que eu morresse. Aliás, eu bem compreendo, que não será por doença, ou coisa semelhante, que terminarei meus dias; nunca foi alguém salvo da morte, senão para que tenha qualquer fim atroz. Mas, que meu destino siga seu curso! Quanto a meus filhos, Creonte, não te preocupes com os rapazes; são homens, e, onde quer que estejam, não lhes faltarão meios de vida. Mas, de minhas infelizes filhas, tão dignas de piedade, para quem nunca foi posta a mesa sem que eu estivesse ao lado, e que de minhas mãos recebiam sempre um pouco do alimento que para mim se preparava, oh! tem pena delas, eu te peço, e consente que eu ainda as acaricie com estas mãos, e que ainda deplore com elas a nossa desdita! Eu te conjuro, ó rei, de tão nobre raça! Tocando-lhes com as mãos, eu acreditarei que as vejo, como no tempo em que as via realmente... Mas... que estou dizendo? Creio ouvir, ó deuses! o choro de minhas filhas!... Creonte, foi de pena de mim que mandaste chamar minhas filhas? Será verdade?

CREONTE

Sim... fui eu que as mandei chamar; compreendi o desejo que sentes, e que tanto te preocupava.

Entram ANTÍGONE e ISMENIA, muito jovens, conduzidas por uma escra- va. Elas se aproximavam do pai.

ÉDIPO

Ora bem! Sê feliz, Creonte! Porque as mandastes vir até aqui, que os deuses te protejam, mais do que a mim! Onde estais vós, minhas filhinhas? Vinde ter comigo... Vinde a estas mãos... fraternas! Foram elas que, como vedes, privaram de luz os olhos, outrora tão brilhantes, de vosso pai! Eu nada via... e nada sabia, minhas filhas; mas eu vos dei a vida no mesmo seio do qual eu próprio havia nascido... E choro por vós, porque nunca mais vos verei, e porque penso nas amarguras que tereis de suportar pela vida além... A que assembléias de tebanos, a que festas solenes podereis comparecer, sem que volteis com os olhos banhados de lágrimas, impedidas de vê-las? E quando atingirdes a idade florida do casamento, quem será... sim! - quem será bastante corajoso para receber todos os insultos, que serão um eterno flagelo para vós, e para vossa prole? Que mais falta para vossa infelicidade? Vosso pai? Mas ele matou seu pai, casou-se com sua mãe, e desse consórcio é que vós nascestes. Eis as injúrias com que vos perseguirão... Quem vos quererá por esposa? Ninguém! Ninguém, minhas filhas! Tereis de viver na solidão e na esterilidade. Filho de Meneceu, visto que tu serás doravante o único pai que elas terão, - porquanto sua mãe, e eu, que lhes demos a vida, já não viveremos! - não deixes que estas meninas sejam

obrigadas a vaguear, mendigando; não consintas que sua desgraça se agrave em conseqüência da minha. Tem pena delas, vendo-as, tão jovens, privadas de todo o apoio, exceto o que lhes concederes. Dá-me um sinal de teu assentimento, homem generoso; tocame com tua mão!... E vós, minhas filhas, se me pudésseis compreender, eu vos daria conselhos; procurai sempre ter uma existência mais feliz do que a de vosso pai, onde quer que possais viver!

CREONTE

Já choraste demais; volta agora ao palácio!

ÉDIPO

Sou forçado a obedecer, bem a meu pesar!

CREONTE

Tudo aquilo que se faz a tempo, dá bom resultado.

ÉDIPO

Sabes sob que condição eu irei?

CREONTE

Dize, pois! Quando as ouvir, ficarei sabendo.

ÉDIPO

Tu me banirás deste país.

CREONTE

O que pedes, só o deus te pode conceder.

ÉDIPO

Mas eu sempre fui odiado pelas divindades!

CREONTE

Em tal caso, alcançarás o que desejas.

ÉDIPO

O que dizes é verdade?

CREONTE

Não me agrada dizer o que não penso.

ÉDIPO

Leva-me para longe daqui!

CREONTE

Vem, pois... Deixa estas crianças!

ÉDIPO

Oh! não me prives disso, não! Eu te peço!

CREONTE

Não queiras satisfazer todas as tuas vontades, Édipo! Bem sabes que tuas vitórias anteriores não te asseguraram a felicidade na vida!

ÉDIPO, *conduzido por* CREONTE, entra, vagarosamente, no palácio; acompanham-no as duas meninas e os servos do rei.

CORIFEU

Habitantes de Tebas, minha Pátria! Vede este Édipo, que decifrou os famosos enigmas! Deste homem, tão poderoso, quem não sentirá inveja? No entanto, em que torrente de desgraças se precipitou! Assim, não consideremos feliz nenhum ser humano, enquanto ele não tiver atingido, sem sofrer os golpes da fatalidade, o termo de sua vida.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 436

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de. Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALCARAZ, Rafael Camorlinga. **A fé dos crentes literários**. In: *IH Uon-line Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. N°. 251, Ano VIII, 17/03/2008. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2008, p. 14-16.

ALIGHIERI, Dante. **Divina Comédia**. 12ª Edição. São Paulo: Editora Martin Claret. 2002.

ALTER, Robert. A Arte da Narrativa Bíblica. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<u>Um mergulho na narrativa bíblica</u>. In: *IHUon-line Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. N°. 251, Ano VIII, 17/03/2008. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2008, p. 12-14.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**.. Introdução Roberto de Oliveira Brandão; tradução Jaime Bruna. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

AUERBACH, Erich. Mimesis. Princeton: Princeton University Press, 2001.

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2015.

BLOOM, Harold. **Abaixo as verdades sagradas: poesia e crença desde a Bíblia até os nossos dias**. Trad. Alípio Correa de Franca Neto e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANTARELA, Antonio G. A pesquisa em teopoética no Brasil: pesquisadores e produção bibliográfica. Horizonte: revista de estudos de teologia e ciências da religião da PUC Minas, Belo Horizonte, v. 12, n. 36, p. 1228-1251,out./dez.2014.Disponível em:http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n36p1228 Acesso em: 20/05/2017.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain, **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números,** 7ª edição, Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 2016.

COMMELIN, P. Nova Mitologia Grega e Romana. Belo Horizonte: Martins Fontes, 2011.

ECO, Umberto; MARTINI, Carlo Maria. **Em que crêem os que não crêem?** 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: Uma Introdução. São Paulo: Martins Fontes,

2006.
, Terry. Marxismo e crítica literária . São Paulo: Editora Unesp, 2011.
FRYE, Northrop. O Código dos Códigos: A Bíblia e a Literatura . São Paulo: Boitempo, 2004.
GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. A Bíblia como Literatura . São Paulo: Loyola, 2003.
GRIMAL, Pierre. Dicionário de mitologia grega e romana . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 5. ed. 2013.
HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade , DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, 102 páginas, tradução: tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro)
Homero; VIEIRA, Trajano; CAMPOS, Haroldo de. Ilíada de Homero : volume 1. São Paulo Mandarim, 2001. Canto I, versos 188 a 222.
KAYSER, Wolfgang. Análise e Interpretação da Obra Literária . Trad. Paulo Quintela. Coimbra: Armênio Amado, 1976.
KUSCHEL, Karl-Josef. Os escritores e as Escrituras: retratos teológico-literários . Trad. Paulo Astor Soethe. São Paulo: Loyola, 1999.
LASOR, W., HUBBARD, D. e BUSH F. Introdução ao Antigo Testamento . São Paulo: Vida Nova, 1999.
LÍNDEZ, José Vílchez. Sabedoria e sábios de Israel . São Paulo, Loyola, 1999.
NIETZSCHE, Friedrich. O Nascimento da Tragédia (tradução de J. Guinsburg); São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
LORENZ, Günter W. Diálogo com Guimarães Rosa . In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). <i>Guimarães Rosa</i> . 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 62-97.
PAULA, Adna Candido de. Explicar e compreender: por uma teoria literária teológica-religiosa. In: SPERBER, Suzi Fankl (Org.). Presença do sagrado na literatura — Questões teóricas e de hermenêutica. Campinas: UNICAMP-IEL-Setor de Publicações, 2011, p. 21-31
A Teoria da Interpretação e a Hermenêutica Bíblica de Paul Ricoeur . In: <i>Teoliterária</i> : Revista de Literaturas e Teologias. Vol 2, N°. 4. São Paulo: PUC-SP, 2012, p. 240-252.
A Teia Dialógica da Teoria Literária: Uma Proposição
Hermenêutica, disponívelem: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/044/ADNA_PAULA.pdf Acesso em 20/05/2017

RICOEUR, Paul. **A simbólica do mal**. Tradução: Hugo Barros e Gonçalo Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2015.

SAUSSURE, F. **Natureza do signo lingüístico** In: *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1970, pp. 79-

SEVERO, Cristine Gorski & PAULA, Adna Cândido de. **No mundo da linguagem: Ensaios sobre identidade, alteridade, ética, política e interdisciplinaridade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 222 p.

SOETHE, Paulo. **Teologia e Literatura: a cena alemã**. In: *IHUon-line Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. N°. 251, Ano VIII, 17/03/2008. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2008, p. 25-26.

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de, Teoria da literatura/ 10. ed. São Paulo : Ática, 2007

SÓFOCLES. **Édipo Rei de Sófocles**. Traducao por Trajano Vieira. Sao Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2001.

SPERBER, Suzi Frankl (Org.). **Presença do sagrado na literatura. Questões teóricas e de hermenêutica.** Campinas: PUBLIEL, 2011.

STEINER, George. **Gramáticas da criação**. Trad. Sérgio Augusto Andrade. São Paulo: Globo, 2003.

TILGHMAN, B.R. Introdução à filosofia da religião. São Paulo: Loyola, 1996.